

AUTORA BEST-SELLER DO *USA TODAY*

alice clayton

"Romance vaporoso, personagens espirituosos, e uma história cheia de situações hilárias."

– *The Book Vixen*



A  
ruiva  
revelada

UNIVERSO DOS LIVROS



*Alice Clayton*

# **A ruiva revelada**

São Paulo

2014



**UNIVERSO DOS LIVROS**

**© 2014 by Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

**Título original:** *The Redhead Revealed*

Copyright © 2010, by Alice Clayton  
All Rights Reserved.

Published by arrangement with the original publisher,  
Gallery Books, a Division of Simon & Schuster, Inc.

**Diretor editorial: Luis Matos**

**Editora-chefe: Márcia Batista**

**Assistentes editoriais: Cássio Yamamura, Nathália  
Fernandes, Rafael Duarte e Raíça Augusto**

**Tradução: Thiago Dias e César Faustino**

**Preparação: Paula Fazzio**

**Revisão: Mariane Genario e Rodolfo Santana**

**Arte e adaptação de capa: Francine C. Silva e  
Valdinei Gomes**

**Foto: YuriyZhuravov/Shutterstock**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(CIP)**

**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

**C558a**

**Clayton, Alice**

**A ruiva revelada / Alice Clayton; tradução de**

Thiago Augusto.

— — São Paulo : Universo dos Livros, 2014.

256 p.

ISBN: 978-85-7930-704-1

Título original: *The Redhead Revealed*

1. Literatura americana 2. Literatura erótica 3.  
Ficção

I. Título II. Halcsik, Angélica Beatriz

14-0171

CDD 813.6

**Universo dos Livros Editora Ltda.**

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

[www.universodoslivros.com.br](http://www.universodoslivros.com.br)

e-mail: [editor@universodoslivros.com.br](mailto:editor@universodoslivros.com.br)

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

# um

Puxei meu cachecol laranja um pouco mais confortavelmente em volta do pescoço e o preendi novamente para que ficasse enfiado debaixo do meu queixo. O ar estava frio naquela manhã e as primeiras folhas do outono caíam delicadamente à minha volta, sopradas por uma brisa tempestuosa. Felizmente, eu estava protegida da maior parte do vento e aproveitei a oportunidade para olhar mais uma vez para a cena diante de mim.

Tijolos vermelhos. Concreto. Táxis amarelos. Uma padaria ofertando *pastrami* e *falafel*.

Tomei um gole de café e fiquei pensando na minha vida, e em onde tinha chegado. Estava maravilhada, eu amava Nova York.

As últimas semanas tinham sido incríveis e difíceis. Já estávamos no final de setembro e o outono estava



oficialmente começando em Manhattan. O ar estava cristalino, os adiantadinhos já tinham colocado abóboras na frente das casas, e eu estava curtindo a vida como nunca. Literalmente. Eu estava incrivelmente feliz.

A não ser por uma coisa: estava sentindo muita saudade do meu inglesinho.

Bom, vamos voltar um pouco no tempo.

Quando cheguei a Nova York, comecei imediatamente os ensaios para o musical em um pequeno estúdio no West Side. Depois de conhecer o elenco, vi o quanto esse show era único e especial, e me peguei mais uma vez muito agradecida por fazer parte dele. A música era mágica e a construção da personagem que Michael havia criado, Mabel (*estrelando Grace*), era emocionante. Ela estava na casa dos trinta, como uma rainha da beleza envelhecendo, em uma crise de meia-idade precoce enquanto lutava para encontrar a si mesma depois de um casamento fracassado. O musical era alegre, irreverente e genial. Nós tínhamos participado de

*workshops* por apenas algumas semanas, mas os investidores e produtores já estavam discutindo a possibilidade de montar uma produção completa.

Eu estava prestes a estreiar meu primeiríssimo musical *off-Broadway*! Era uma peça *ensemble*, ou seja, sem um protagonista e, com um elenco de menos de dez pessoas, nós estávamos extremamente íntimos. Quando um novo espetáculo está sendo montado, todos interpretam personagens que nunca ganharam vida, é um processo de muita introspecção e análise.

Aprendendo, trabalhando, crescendo... eu estava vivendo disso.

Passava os dias ensaiando e as noites explorando as ruas de Manhattan. Estava completamente encantada com Nova York, achava que conhecia muito bem o lugar, já tinha visitado a cidade algumas vezes a negócios ao longo dos anos. Mas não, senhora. Não há nada igual a chamar Nova York de seu lar. E embora eu não soubesse por quanto tempo ficaria por aqui, estava determinada a aproveitar ao

máximo o meu tempo. Assim que cheguei, comecei a usar minhas caminhadas diárias como passeios turísticos, eu mesma era minha guia. Corri pelo Village (East e West), Noho, Soho, Bowery e me senti completamente em casa no Central Park. Agora já me sentia profundamente familiarizada com minha nova cidade e minha bunda estava ficando com sua melhor forma para o show.

Fui a museus, lojas, parques e assisti a musicais pelo menos duas vezes por semana. Eu ainda sentia a mesma coisa de quando os amigos da minha cidade me levaram para ver *Rent* meses atrás: ficava emocionada, a ponto de chorar, meu coração disparava e as palmas das mãos suavam. Mas dessa vez, quando via os atores no palco e ouvia a música e os aplausos, ficava toda orgulhosa. Tinha conseguido voltar para a comunidade que, no fundo do coração, eu nunca tinha abandonado.

Além disso, Michael O'Connell (roteirista, criador da peça – o amigo que partiu meu coração na faculdade) e eu estávamos passando muito tempo

juntos. Depois de não nos falarmos por anos, resultado de uma relação infeliz de apenas uma noite e do joguinho não-posso-ser-amigo-de-alguém-com-quem-transe, que ele jogava com maestria, estávamos indo devagar, mas certamente começando a nos conhecer novamente. Ele ainda era deliciosamente engraçado e fez minha transição para Nova York ser perfeita. Quando os colegas de elenco descobriram que estudamos juntos na faculdade, ficaram fascinados. Saíamos todos juntos à noite, pelo menos uma ou duas vezes por semana, tomando *drinks* em diferentes bares ao redor da região dos teatros e contando histórias sobre nossos dias mais loucos. Michael e eu sequer comentamos sobre nossa noite juntos. Falar sobre isso em frente aos outros era obviamente impensável, mas, o assunto também nunca surgiu em particular, simplesmente não tocávamos nele. Isso foi bom para mim. Adorava ter meu bom amigo de volta e ele era um fantástico guia turístico. Além dos meus passeios autoguiados, ele me dava sugestões, e eu estava

conhecendo a cidade como um local. Era apaixonante. Passar tempo com Michael tornou mais fácil lidar com o fato de estar longe de casa, e ele definitivamente me ajudou a ter concentração na peça e na personagem.

E quanto ao Jack? Bom, isso era um pouco mais complicado...

Conversávamos pelo telefone pelo menos uma vez por dia, mas normalmente até mais que isso. Enviávamos milhares de mensagens de texto um para o outro, geralmente com obscenidades suficientes para nos deixar vermelhos, caso aquilo fosse lido perto de outras pessoas.

Ele tentou várias vezes vir me ver, mas com todos os compromissos na MTV, inúmeras entrevistas e reuniões, não conseguimos fazer dar certo. Tentei viajar para Los Angeles algumas vezes também, mas minha agenda de ensaios era tão corrida que era impossível para mim. Ambos compreendíamos as exigências de nossas carreiras, porém isso não tornava as coisas mais fáceis.

Relacionamentos a distância normalmente funcionam melhor (quando funcionam) se o casal estava junto há muito mais tempo do que nós estávamos. Passamos de um universo de carinho, sexo e amor para zero contato ao vivo, e isso estava sendo muito mais difícil do que tínhamos imaginado.

Mas mantivemos as coisas quentes da melhor maneira possível. Sexo no telefone, sexo on-line, fotos enviadas no *iPhone*: delícia. Se alguém roubasse meu celular... meu Deus. As fãs dele iriam surtar.

Passar as noites era o mais difícil. Eu sentia muita falta de ter meu Doidinho ao meu lado na cama, aquecendo minha pele com seu hálito doce enquanto me beijava, com as mãos em volta dos meus seios enquanto se aconchegava para dormir. Isso era o que eu mais sentia falta, e estava tendo dificuldade para pegar no sono, mesmo estando exausta depois dos ensaios.

Eu fiz alguns amigos novos e me conectei instantaneamente com Leslie, que fazia minha inimiga

na peça. A personagem dela era tudo o que eu costumava ser: jovem, bonita, jovem, talentosa, jovem e uma vaca. Ela também era hilária na vida real, e quando percebemos que éramos ambas viciadas no mundo das celebridades, achamos mais uma coisa em comum. Era muito difícil não contar para ela quem era o “Jack”, mas eu sabia que ainda era melhor manter nosso relacionamento em segredo. O máximo que o elenco sabia é que eu estava ficando com um ator que morava em Los Angeles. Só o Michael sabia a verdade, mas estranhamente não falava do assunto.

Porém algo estava acontecendo com o meu inglesinho.

Ele estava saindo – bastante. O que era bom, porque francamente, aos vinte e quatro anos, é isso o que se faz. Ele fazia uns saraus aqui e ali, e eu ia enlouquecendo por não poder assistir. Sentia muita falta de ouvi-lo tocando, especialmente a trilha sonora de ação que ele compunha todas as manhãs enquanto eu me arrumava. Com a diferença de fuso

horário de três horas, conversávamos à noite, antes de eu ir dormir e de ele sair. Eu também falava de vez em quando com a Rebecca, que coestrelava com ele no filme *Tempo*, que estava prestes a sair e prometia torná-los famosos. Nós trocávamos mensagens de vez em quando e ela me disse que, apesar de continuar sempre atenta, as massas de fãs rodeavam Hamilton freneticamente.

Jack estreou como Joshua, um cientista que viaja no tempo, cujas aventuras cinematográficas foram baseadas histórias eróticas muito populares. Fãs dos contos começaram a transferir seu afeto para Jack, e elas estavam muito... hmm... *excitadas*. As mulheres realmente se interessavam muito por ele, o que eu entendo completamente. O fato de ele compartilhar minha cama fazia com que eu entendesse melhor ainda.

*Hehe, você transa com ele.*

Sim, sim, eu transo.

Ele estava sempre lidando com as fãs e, pelo que me disse, elas eram geralmente educadas e



simpáticas, mas a perseguição constante estava começando a incomodá-lo. Uma noite ele me ligou tarde, muito tarde. Ou devo dizer muito cedo. Eram mais de quatro da manhã, horário da Costa Leste.

– Alô – eu murmurei.

– Alô para você – ele sussurrou com a voz grossa.

Rolei na cama para olhar o relógio.

– Você está bem? Aconteceu alguma coisa? – eu perguntei sentando-me na cama.

– Não aconteceu nada. Precisa acontecer alguma coisa pra eu procurar minha namorada no meio da noite? – ele perguntou com a voz um pouco áspera.

– Não, claro que não, é que é cedo pra caramba aqui, Jack. Tem certeza de que não há nada errado? – insisti enquanto me deitava de novo.

– Não... errado não. Estranho sim, com certeza – ele disse, com a voz ainda estranha.

– O que aconteceu, amor? – perguntei tentando segurar um bocejo.

– Uma menina agarrou minha bunda hoje à noite! E depois outra menina... Caramba, Grace. Tem

certeza que quer ouvir isso?

– Hmmm, sei lá... Mas me conta, você não agarrou a bunda dela também, agarrou? – dei risada, tentando mostrar pra ele que eu estava bem e que ele podia me contar tudo sem medo de julgamento.

– Eu estava indo para o carro depois de sair da boate, e estava cheio de câmeras, é claro – ele murmurou.

Esse tipo de coisa era relativamente novo. Ele estava sendo cada vez mais reconhecido, e não apenas pelos fãs. Os *paparazzi* estavam tirando mais fotos dele, e não era raro eu vê-lo no E! ou no TMZ pelo menos uma vez por semana. Era estranho ver a cara dele no *Entertainment Tonight*, mas é assim que as coisas funcionam pra gente.

– Tá, então havia câmeras. Você puxou seu boné para baixo? – eu perguntei, tentando fazê-lo rir. Ultimamente ele saía com o boné de beisebol todo maldito dia, e quando as câmeras clicavam-no de boné, eu tirava muito sarro dele.

– Haha. Eu estava com ele, sim. Mas, então, eu

estava andando para o carro e veio uma menina do nada e tentou... bom... ela tentou...

– Ela te beijou?

– É, ela tentou. Mas não beijou. Grace, eu juro que *não* a beijei – ele afirmou com firmeza.

– Ei, relaxa, George. Eu sei como as fãs ficam histéricas. Você precisava ver a primeira vez que encontrei o New Kids na época do colégio. Eu e minhas amigas seguimos o ônibus até o outro lado da cidade antes de perceber que, na verdade, estávamos seguindo um grupo de idosos viajando pra Branson – eu ri, lembrando como ficamos tristes quando estacionamos atrás deles num posto de caminhoneiros e vimos o time de bocha desembarcando.

– Você seguiu o ônibus de turnê do New Kids? Por que fãs são assim? – ele perguntou, rindo comigo. Vi que estava se acalmando, mesmo pelo telefone. Jack não gostava de multidões, e quando havia um monte de gente olhando, ele ficava extremamente desconfortável. Essa noite parecia que

precisava ouvir a minha voz, e eu adorava poder acalmá-lo.

– Se desse pra explicar... – eu disse. – Tudo que sei é que, quando vimos eles tocando no começo do ano, eu e a Holly gritamos como se tivéssemos catorze anos de novo. Eles mexem com a gente de um jeito difícil de explicar. Eu me senti exatamente do mesmo jeito de quando os vi pela primeira vez, como se nada tivesse mudado. Acho que é por isso que você tem tantas fãs mais velhas, e porque você está dominando tanto o mercado adulto quanto o adolescente – dei risada. – Vocês fazem a gente se lembrar de quando éramos jovens o suficiente para espremer sem culpa.

– Hmm, e já chamaram *você* de papa-anjo, Grace. Você está me usando só pelo sexo? – ele brincou, com a voz sedosa e encorpada ao mesmo tempo.

– Ainda não sou bem uma papa-anjo, amor, mas tenho certeza de que só uso você pelo sexo – provoqueei de volta.

– Sabia que era por isso – ele respondeu rindo.

Ficamos em silêncio por um momento, e então ele suspirou.

– O que foi? – eu perguntei, escorregando mais pra baixo do cobertor.

– É que estou com saudades. Saudades de estar na mesma cama que você – ele disse baixinho, percebi o desespero em sua voz. Eu também tinha saudades. Não só da presença física do amor que ele me dava, mas dos toques simples que tínhamos quando podíamos nos ver sempre. Sentia falta de ele lavando meu cabelo quase tanto quanto dos orgasmos intensos que ele me proporcionava diariamente.

– Eu também, meu amor. Tenho saudades do jeito que você me abraça, especialmente de onde suas mãos sempre acabam parando – dei risada.

– Você quer dizer em seus belos peitos? – sussurrou. Ele falou brincando, mas deu para perceber seu desejo aumentando, assim como meu próprio desejo, que ele conseguia sempre despertar

rapidamente.

– Hmmm, sim, por favor. Adoro como você sabe exatamente onde me tocar – gemi um pouco no telefone, minha outra mão começando a passear inquieta sob os lençóis.

– Ah, você adora, é? – perguntou com o sotaque ficando mais pronunciado e encorpado.

– Nossa, sim. Você tem as mãos tão perfeitas. Adoro seus dedos, em especial. São tão grossos! – eu sussurrei, apoiando o telefone no meu ombro.

– Onde você quer que eu te toque, Grace? – ele perguntou, agora com a respiração mais rápida. Dava para imaginar onde as mãos dele estavam.

– Adoro quando você tira minha roupa devagar e depois passa os dedos bem de leve nos meus mamilos. Hmmm – eu gemi, e o ouvi gemer também. – E quando você me toca com a língua, indo de um seio para o outro, meu Deus, que sensação incrível – eu disse, agora com a minha própria respiração acelerando. Minhas mãos estavam dentro da minha calcinha, sentindo o quanto eu já estava molhada, só

de imaginar as mãos dele em mim.

– Grace, onde está a sua mão agora? – ele perguntou com o sotaque completamente evidente.

– Onde você quer que ela esteja, amor? – perguntei maliciosamente.

– Hmm, Grace, se eu estivesse aí, estaria passando os dedos onde você é mais quente e molhada, bem na sua... – e ele falou gemendo a palavra que me fez delirar. Ele fez essa palavra deslizar da sua língua doce.

Eu gemia alto no telefone, ouvindo ele gemer de volta.

– Então, é bem aí que está minha mão. Enquanto estou me tocando, fico imaginando todas as coisas safadas e obscenas que você faz comigo que me fazem gritar – eu ronronei.

– Caramba, Grace, você me dá muito tesão – ele sussurrou, e dava para ouvi-lo começar a sair do controle. A imagem de suas mãos fortes segurando firmemente enquanto falava sacanagens pra mim era quase demais para suportar.

– Adoro deixar você com tesão. Queria muito ver você com tesão por mim, só por mim, Jack. – eu gemia e comecei a esfregar meu próprio sexo com os dedos, furiosamente, imaginando seu rosto enterrado entre minhas pernas.

– Nada me dá mais tesão do que ver você gozar, fazer você gozar com meus lábios e com a minha língua. Não há nada tão saboroso quanto minha menina doce.

– Puta merda, Jack, você está me deixando muito molhada. Se estivesse aqui, nossa, você ia me comer tão gostoso – eu ofegava, debatendo-me na cama enquanto meu orgasmo começava a se anunciar, arrebatador.

– Grace, eu penso em você o dia todo, e às vezes, sinto seu sabor doce em minha língua e o jeito que você me olha quando fica louca. Meu Deus, Grace, você fica linda quando goza... – Ele gemeu, mal conseguindo falar, percebi que ele estava quase lá também.

*Caramba, ele é bom nisso...*



Eu não aguentava mais, tinha de terminar logo com isso para nós dois.

— Hmm, eu adoro quando você goza dentro de mim, quando dá pra ouvir e sentir você dentro de mim... quando... você enfia... bem lá no fundo... dentro de mim... puta merda... Jack... é tão bom! — Perdi a noção, finalmente mergulhei os dedos dentro de mim e imaginei ele entrando, preenchendo-me.

Ele gemeu comigo enquanto eu gritava seu nome, os meus dedos e sua voz me trazendo o alívio que precisava. Ouvi sua respiração ficar mais pesada e, então, ele gozou também. Sua voz era como uma melodia no meu ouvido. Eu o via na minha mente: com os olhos fechados, a testa franzida, a mandíbula cerrada.

Nossa, como eu sentia falta dele.

Eu tremia enquanto empurrava as cobertas para baixo. Estava toda excitada e quente, molhada de suor doce.

— Cacete, Grace, você é incrível — ele sussurrou, ainda respirando com dificuldade.

– Ah, amor, queria estar aí. Ia fazer um cafuné e deixar você pegar no sono sobre mim – eu disse, quase sentindo o seu peso.

– Será que você me deixaria segurar seus peitos?  
– ele riu.

– Não precisa nem pedir, Jack. Meus peitos são seus – provoqueei, sentindo finalmente meu coração bater em um ritmo normal.

– Claro que são! Vou fazer uma plaquinha escrita: "Estes peitos têm dono", aí você usa e todos saberão que eles são meus.

– Hmm, adoro quando você fica todo selvagem. Então você vai me jogar por cima do ombro e me levar para sua caverna?

– Sim, e vou acabar com você antes de fazê-la assar um T-Rex para mim. – Ele riu.

– Parece maravilhoso, Doidinho, maravilhoso – eu falei ironicamente, engasgando com um bocejo.

– Merda, Grace. Esqueci de como aí é cedo. Vou te deixar dormir de novo. Desculpa. Te liguei no meio da noite – ele disse preocupado.

– Está se sentindo melhor?

– Ah, estou. Estou mesmo – ele disse timidamente.

– Então, você pode me ligar quando quiser. É pra isso que estou aqui. Pra isso e pelo sexo incrível no telefone.

Nós rimos.

– Eu sinto sua falta pra caramba, Grace – ele disse em voz baixa.

– Eu sei, Jack. Eu sinto falta de você também – e sorri ao telefone.

– Tá certo. Vou deixar você dormir. Te amo.

– Eu também te amo. Boa noite.

Eu desliguei o telefone, suspirando e sem fôlego, e virei para o lado. A essa altura, se eu estivesse com meu inglesinho, meus peitos estariam em suas mãos, sussurraríamos palavras doces, e até daria para ver um ou dois episódios de *Golden Girls*. Uma pontada de solidão me invadiu, mas rapidamente desviei o pensamento. Concentrei-me na cena que eu iria fazer no dia seguinte. Mabel iria se encontrar com o ex-marido pela primeira vez desde o divórcio, e eu sabia

que estar longe de Jack me ajudaria a acessar os sentimentos de solidão de Mabel. Eu sentia saudades do Jack, mas faria disso uma vantagem.



E assim foi indo. Dias viraram semanas. Ensaiaava e às vezes saía com meus novos amigos. Jack dava entrevistas, fazia sessões de fotos e saía com os amigos. Nós conversávamos o tempo todo, e sempre rolava sexo por telefone. Ele fazia muitas perguntas sobre o musical e queria saber tudo sobre os meus novos amigos, o elenco e como as coisas estavam indo. Eu contava tudo para ele, apesar de evitar tocar no assunto sobre quanto tempo eu passava com Michael fora dos ensaios.

Algumas noites nos encontrávamos para trabalhar em cenas que ele estava reescrevendo, mas geralmente acabávamos conversando, lembrando dos velhos tempos e rindo, mais do que qualquer outra coisa. Ele disse que passar tempo comigo ajudava a escrever, e eu me via cada vez mais aparecendo nas

cenas novas. Ele admitiu uma vez que baseou alguns dos traços da personalidade da Mabel em mim, especialmente as cenas do começo, quando a Mabel está na faculdade e se apaixona só pelos caras errados.

Uma noite ficamos até tarde depois do ensaio para trabalhar em uma nova cena e, quando o barulho da minha barriga começou a competir em altura com nossa conversa, que já estava alta, sugeri voltar para minha casa e pedir algo para comer. Eu tinha acabado de me mudar do Hotel W para um pequeno apartamento no West Side. Ele era limpo, perto do local do ensaio e já mobiliado: tudo que eu precisava em um lar temporário. Desde que me mudei, tinha pegado o hábito de encomendar comida chinesa gordurosa, e o restaurante na esquina do meu apartamento foi nossa primeira escolha.

Secretamente, às vezes ficaria um pouco nervosa com isso. Desde que lutei para perder uma boa quantidade de peso extra anos atrás, eu tinha me dedicado a fazer escolhas alimentares inteligentes.

Mas o macarrão... meu Deus, o macarrão. Eu me permitia comer como uma porca de vez em quando, porque sabia que agora eu saberia me controlar. Eu comia muito bem na maioria das vezes, exercitava-me como uma doida, e estava muito orgulhosa do meu novo corpo. Era essa a aparência que queria ter. Mas quando o macarrão chamava, eu respondia. Depois só precisava correr um quilômetro extra para eliminá-lo. Valia a pena. Sério, o melhor macarrão com alho que existe.

Pegamos a comida e nos sentamos nos lugares de sempre: eu no sofá, ele no chão ao meu lado. Ele costumava fazer uma sujeira, então agora eu o fazia usar um babador ou sentar-se no chão, onde sua boca ficava mais perto da tigela de macarrão. Ele preferia o chão.

— Quem era aquele cara com quem você saía no segundo ano? Um que tinha as partes sem pelos. — Ele perguntou, engolindo o macarrão como se alguém fosse arrancar dele.

— Hum, acho que era o Jason... Nossa, eu não

lembrava dele! Ele era estranho, não foi um dos meus melhores momentos. Mas era fantástico na cama, devo dizer. – Eu suspirei, pensando em como ele me fazia feliz, mas só na horizontal. Ele depilava os pelos do peito, das pernas, axilas e até mesmo suas partes. E isso antes de homens depilados serem moda. Ele tinha zero pelos no corpo e, infelizmente, também zero personalidade. Graças ao criador, ele era equipado com vinte e dois centímetros de magia. Isso compensava seus outros pequenos pecados.

– Sim, eu lembro que você começou a fazer aula de ioga nessa época... Tinha algo a ver com se manter ágil – Michael piscou maliciosamente, e eu dei um tapa na cabeça dele.

– Michael! Caramba! Não posso acreditar que você se lembra de tudo isso. Foi há o quê, doze anos atrás? – Eu ri, espetando um brócolis e mordiscando enquanto pensava o quanto aquilo fazia tempo. Sair com o Michael agora dava a sensação de estar de volta ao meu apartamento antigo da faculdade. Ele trazia as roupas para lavar, e a gente assistia filmes

até dormir juntos no sofá.

– Grace, eu lembro de tudo. – Ele disse suavemente, sorrindo para mim.

– Sério? Aposto que você não se lembra da primeira vez que nos encontramos – eu o desafiei, apontando para ele com o brócolis.

– Aposto o último rolinho primavera que eu me lembro e você não. – Ele respondeu, com o rosto sério.

– Apostado, seu besta. Agora, se você não se importa, vou me adiantando e preparando o molho agridoce pro meu rolinho primavera. – Passei o braço por cima dele para pegar o saquinho com os temperos. Ele segurou minha mão.

– Por que não esperamos, já que vou obviamente ganhar essa aposta? – ele disse empurrando minha mão de volta para o meu lado.

– Hmmpf, tá certo. Ok, quando nos conhecemos: primeiro ano, primeiro dia de aula. Estávamos na aula do Professor Miller, de Atuação 1, no andar mais baixo do teatro, sala 301. Fizemos uma dupla para o



trabalho de cena. Eu estava usando um shorts cáqui, tênis Keds e uma camiseta da Sigma Nu. Você estava usando um boné preto, uma camiseta da Ministry, jeans e seus tênis Vans. Lembro bem porque no começo achava que na camiseta estava escrito "ministério". Eu pensei "Caramba, mas que merda. Não posso trepar com um homem do clero". – Fiquei vermelha, lembrando de como eu tinha me sentido atraída por ele desde o começo. – É isso. – eu terminei, mostrando a língua pra ele.

Ele sorriu, e eu estendi meu braço de novo para pegar meu rolinho. Ele me parou mais uma vez.

– Ei, eu ganhei! Me dá meu rolinho, seu idiota. Não seja um mau perdedor – reclamei.

– Essa não foi a primeira vez em que nos encontramos – ele disse, com um grande sorriso.

– O quê? O cacete que não. Eu lembro como se fosse ontem, O'Connell. – lutava com ele para pegar o rolinho. Ele continuou segurando minhas mãos para trás, agora rindo.

– A primeira vez que nos encontramos foi na

semana antes das aulas começarem. Eu estava na fila da matrícula e você estava na minha frente. Ouvi você falando com o funcionário que queria mudar a sua aula de Atuação 1 para um horário diferente pra poder assistir a uma aula de astronomia. Quando saiu da fila, você tropeçou na corda e caiu.

Senti meu rosto ficar vermelho com a lembrança.

– Merda, tá certo! Eu caí de cara no chão, e um cara teve de me ajudar a pegar todas as minhas tranqueiras. Eu estava com muita vergonha porque meu anticoncepcional caiu da bolsa, e ele devolveu pra mim com um sorriso enorme.

Eu ri, corando novamente. Saí correndo de lá depois disso, tinha certeza de que toda a minha carreira universitária ficaria marcada por esse incidente. Mas nem lembrava mais disso, até agora.

– E você viu isso? Que humilhante! – ri.

– Eu era o cara que lhe entregou suas pílulas, sua lesada! E depois garanti minha matrícula na sua aula de atuação – ele disse, usando aquele mesmo sorriso da matrícula. – E você não estava usando uma

camiseta Nu Sigma no primeiro dia de aula, foi uma camisa da SAE. E não eram shorts cáqui, eram shorts jeans cortados – ele completou calmamente.

Olhamos um para o outro por um momento, perdidos naquela memória.

– Pegue o rolinho, porra – eu finalmente disse. – Você super ganhou.

Ele sorriu e pegou o rolinho, enfiando metade na boca em uma mordida. Ele ofereceu o resto para mim.

– Vamos dividir. Não acredito que você lembrou da camiseta da Ministry – ele riu.

– Sabe, a Holly estava nessa turma também, mas nós só nos conhecemos depois, quando todos decidiram tomar uma cerveja. Não lembro o que ela estava usando naquele dia – eu disse, pensativa, mastigando a minha metade do rolinho.

– Nem eu, Grace – Michael disse em voz baixa, me fitando com os olhos.

Meus olhos fixaram os dele.

Mordi o rolinho.

Ele coçou o nariz.

O cachorrinho alegre da Sra. Kobritz latiu no andar de cima.

Nossos olhos continuavam presos.

Meu celular tocou. E tocou. E tocou.

Nossos olhos continuavam presos.

*Atenda o telefone, Grace.*

O meu telefone? Merda, meu telefone!

Saí do transe, indo atrás do meu telefone, consegui atender antes que caísse na caixa postal.

– Alô? Alô? – Eu gritei desnecessariamente ao telefone. Michael riu e encostou-se no sofá.

– Grace? Ei, eu estava prestes a deixar uma mensagem pervertida – ouvi meu inglesinho dizer.

– Bom, você quer que eu desligue pra você poder deixá-la? – perguntei, um pouco sem fôlego. Levantei do sofá e fui para o quarto, onde não pudesse ser ouvida.

– Não... Prefiro dizer o que eu queria estar fazendo com você, assim posso ouvir sua reação. – Eu ouvi sua voz mudando para o modo Johnny

Mordidinha. Eu nunca conseguia resistir quando ele mordiscava o lábio inferior – era digno de um desmaio, com certeza.

– Quer ouvir minha reação, é? – Eu perguntei, andando pra lá e pra cá, me perguntando como ia fazer para mandar o Michael embora antes de o Jack me fazer gozar. Eu estava prestes a voltar para a sala, quando Michael apareceu na porta, encostado no batente.

– Vou indo nessa, Grace. Te vejo amanhã – ele murmurou, gentilmente mantendo a voz baixa. Eu disse tchau e o acompanhei até a porta, ainda ouvindo Jack.

– Sim, amor, estou louco pela sua reação aos meus talentos sexuais, enquanto faço minha mágica com seus dedos – Jack continuou em voz baixa.

Meu corpo respondeu, como sempre fazia quando ouvia a voz dele. Caramba, ele conseguia me deixar com tesão em 2,3 segundos. Quase 5 mil quilômetros não abalavam nem de longe seu *sex appeal*. Quando queria uma reação minha, ele conseguia, mesmo do

outro lado do país.

– Você está louco, é? – Eu ri, enquanto abria a porta para o Michael.

Ele parou e olhou para mim como se fosse dizer algo, mas em seguida ergueu a mão em despedida. Eu acenei de volta, sorrindo, e ele desapareceu pelo corredor.

– Mas, primeiro, Doidinha, tenho uma grande notícia – ele disse enquanto eu trancava a porta, encostando-me contra ela. Vi comida chinesa por toda parte e suspirei. Que bagunça que eu tinha feito.

– Você está bem, querida? – ele perguntou, forçando-me a me concentrar.

– Estou bem. Só sinto sua falta – eu sussurrei, sentindo um nó na garganta. De repente, eu sentia tanta falta dele que literalmente doía.

– Então você vai ficar feliz quando ouvir a notícia, amor.

– O que é? – eu perguntei, sem me atrever a ter esperança que fosse o que eu queria.

– Estou indo ver você – ele sussurrou.

Fechei os olhos, apoiei a cabeça contra a porta e disse um silencioso obrigado.

– Grace? Ainda está aí? – ele perguntou rindo.

– Estou, Jack – eu sussurrei com a garganta apertada.

– O que acha disso?

– Eu não poderia ter recebido notícia melhor.

Estou muito feliz! – Suspirei, com um sorriso de orelha a orelha que rivalizava com o Coringa de Jack Nicholson. Então explodi em um ataque de risos, sem conseguir parar. Eu ri tanto que comecei a chorar, imaginando como eu devia estar soando no outro lado da linha. Jack ria comigo, esperando meu desabafo com a paciência de um santo. Na verdade, nenhum outro homem de vinte e quatro anos no planeta teria essa tolerância, especialmente para me aturar.

Quando finalmente me acalmei o suficiente para formar frases de novo, suspirei profundamente, saindo de onde eu tinha caído, em frente à porta em direção ao sofá. Na verdade eu não consegui sair do

chão, minha barriga doía muito do ataque de riso para conseguir me levantar. Tinha mesmo ficado em posição fetal.

– Que diabos foi isso, Sheridan? – ele perguntou rindo de novo quando me ouviu gemer abruptamente, pois finalmente consegui escalar o sofá.

– Só um pequeno colapso emocional, Hamilton. Acontece de vez em quando, você sabe. Quando você chega aqui? Não me diga que está no corredor! Eu não aguentaria isso. – Eu sorri para o telefone, meu coração pulando ao pensar que ele poderia estar tão perto.

– Não, desculpe. Mas estarei aí na noite de sexta. Rápido o suficiente pra você?

Nessa hora meu coração pulou para fora do meu peito. Rapidamente fiz as contas:

– Você vai estar aqui em quatro dias? – Eu gritei, levantando minha bunda do sofá conforme todos os músculos do meu corpo se contraíam involuntariamente.

– Sim, senhora. Está pronta para todo o meu



amor? – ele brincou, sua voz ficando mais baixa.

– Nossa, Doidinho, vou te cansar tanto, que você não vai conseguir voltar pro avião. Quanto tempo você vai ficar aqui? – eu perguntei, com minha voz também ficando rouca.

– E se eu dissesse que você pode ficar comigo até terça à noite?

Eu literalmente fechei os olhos e mordi os dedos para não gritar.

– Cinco dias? Você tem ideia do que podemos fazer um com o outro em cinco dias?

– Eu tenho uma ideia. O que você quer que eu faça primeiro? – Ele perguntou, indicando o início do sexo a distância. Sorri agradecida, imaginando todas as maneiras que poderia responder a essa pergunta. E todas prometiam ser espetaculares.

# dois

– Então, o que vocês dois planejam fazer nesse fim de semana – como se eu já não soubesse? – A voz de Holly me fazia sorrir, mesmo que por telefone, de Los Angeles.

– Acredite ou não, nós realmente temos alguns planos. Vamos ver um musical sábado à noite e a nova exposição do MoMA [Museu de Arte Metropolitana de Nova York] no domingo. E com a minha agenda de ensaios e as entrevistas dele, não vamos ter quase nenhum momento de tranquilidade – eu suspirei, espreguiçando-me por todo o sofá velho no fundo do estúdio de ensaio.

Holly telefonava pela manhã. Ser, ao mesmo tempo, minha melhor amiga e empresária – pra não falar empresária do Jack – era um papel multifacetado que ela estava executando muito bem

até o momento. Ela era ótima no trabalho, especialmente com novos talentos como Jack. Ela gerenciava a carreira dele com precisão, deixando-o visível, mas sem superexposição.

E por falar em Jack, ele viria naquela noite! Seu voo chegaria por volta das cinco horas e fiquei de encontrá-lo no hotel. Essa era nossa estratégia, não queríamos perder tempo. Eu esperava que nossas saudações fossem rapidamente seguidas pela remoção da minha calcinha.

— Por que será que acho que momentos de silêncio não estão no menu para este fim de semana? É mais provável que sejam momentos de gritaria. — Ela riu, lembrando-se, sem dúvida, das gritarias que ela teve de suportar toda semana em sua casa em Los Angeles.

Corei. Ele conseguia me fazer gritar mais alto do que qualquer outro homem antes dele, e também havia as noites em que ele me deixava paralisada em silêncio. Ah, Deus. *Tem como o tempo passar mais rápido?*

– Então, como está indo a peça? Você e Michael ainda estão se dando bem, ou você já furou os olhos dele?

– Não, na verdade as coisas estão indo surpreendentemente bem. Eu tinha me esquecido de como ele é engraçado, e nós estamos mesmo curtindo muito nosso tempo juntos. É como se nunca tivéssemos deixado de ser amigos – eu disse. Eu estava tão feliz de termos deixado o passado para trás.

– Aham – ela disse.

– O que quer dizer com isso?

– Nada. “Aham” é suficiente – disse com o sorriso de volta em sua voz.

– Holly, você nunca diz nada sem alguma intenção. Bota logo pra fora, vadia.

– Não é nada. Estou feliz por vocês serem amigos novamente. Não é nem um pouco estranho?

Nenhuma química antiga surgindo de novo, nada acontecendo entre vocês dois? – ela perguntou.

– Não, nenhuma. Mas obrigado por perguntar, sua

barraqueira. – Eu ri, na esperança de mudar de assunto rapidamente. Não tinha nada acontecendo. Mas, apesar de Michael e eu passarmos muito tempo relembrando os velhos tempos, não tínhamos tocado nos sentimentos que tivemos um com o outro naquela época, ou qualquer impacto que isso poderia ter sobre o presente. Lembrei brevemente de seus olhos fixados nos meus durante o impasse do rolinho primavera, mas deixei pra lá.

– Então, quando você vem me visitar, sua vaca idiota? – Continuei suavemente.

– Pois é. Estou tentando chegar aí antes da Ação de Graças. E por falar nisso, onde você está pensando em passar o feriado? Você poderia voltar para cá, ou ainda vai estar no ensaio?

– Não sei, mas acho que estarei aqui. Vou poder ver o desfile de perto e ao vivo. Isso vai ser bem legal! – falei. Eu realmente não tinha pensado nas próximas férias.

– Acho que vou esperar e ir para aí então. Não posso deixar minha melhor amiga sozinha num dia de

banquete – disse ela, rindo.

– Ah, que fofa, querida. Você sabe que não há ninguém com quem eu goste mais de dividir meus inhames do que você. – Eu ri.

– Então, quando ele dará o prazer de sua visita? – perguntou.

Ignorei o duplo sentido óbvio.

– Por volta das cinco. Preciso ficar aqui o dia todo para o ensaio, mas isso é bom. Distrai minha cabeça das coisas. Estou absurdamente animada! Eu realmente não esperava sentir a falta que estou sentindo dele.

Eu suspirei, recostando-me no sofá novamente enquanto bebia meu café. Ainda era cedo, o almoço tinha nem chegado, e eu sabia que esse dia iria se arrastar.

*Seis horas até tcharan ...*

– Eu sabia que você ia sentir muita falta dele, e, devo dizer, ele parece um cachorrinho perdido sem você.

– Sério? Por que diz isso? – perguntei,

encolhendo-me um pouco com a imagem.

– Dá pra perceber o quanto ele sente sua falta. Ele está fazendo uma tonelada de publicidade e está começando a ser mesmo reconhecido, o que é um pouco estranho para ele. Eu sei que ele sai bastante com os amigos à noite, mas eu ainda acho que preferia estar com você, assistindo ao seu terrível *Golden Girls* – ela disse, gemendo de desgosto.

– Claro, tenho certeza de que ele prefere ficar enfiado em casa assistindo a Bea Arthur do que saindo pela cidade – ironizei.

– Grace, você é uma idiota. O rapaz está apaixonado. Deixe-o sentir sua falta – disse ela.

Mordi meu lábio, pensativa.

– Eu sei que ele sente falta de mim. Eu sinto falta dele também. Bastante – murmurei.

Nessa hora Michael entrou no estúdio com o diretor musical.

– Ei, Holly, tenho que ir. Eu te ligo no fim de semana – disse, rolando para fora do sofá e indo até o piano.

– Não se atreva a ligar pra essa pessoa aqui quando deveria estar transando à exaustão com seu britânico gostoso! Eu te amo, tchau" – disse ela, e desligou.

Sorri enquanto desligava o telefone.

– Era a Holly? – perguntou Michael, sorrindo para mim.

– Sim, ela estava me perturbando – eu ri enquanto folheávamos as partituras.

– Sobre este fim de semana? – ele perguntou com o sorriso apertado.

– Sim, ela está sempre querendo me dar conselhos. Você sabe como ela é – eu disse, acenando para o músico acompanhante começar.

Trabalhamos juntos na música, identificando as batidas mais emocionantes e criando um contexto. Assim que terminamos, Michael arrumou suas coisas para sair, exatamente quando Leslie chegou do estúdio ao lado.

– Então, ouvi que seu namorado está chegando neste fim de semana. Você está ansiosa? – ela



perguntou, entrando na sala e se aconchegando no sofá ao meu lado.

– Ele *vem* mesmo. Como você sabe disso? – perguntei.

– Michael me disse – respondeu, fuçando em sua bolsa e puxando algumas revistas.

– Que revistas são essas? – perguntei enquanto ela as espalhava no sofá.

– Minha paixão favorita, Jack Hamilton, deve estar nessas revistas. Pensei que a gente podia folheá-las e começar um pequeno altar para o nosso camarim! – ela gritou, saltando como uma menina colegial.

Estava começando a me perguntar se deveria contar a ela sobre Jack. Não tive a intenção de manter isso em segredo por tanto tempo, mas estava seguindo as instruções da Holly de manter nossa relação em privado, fora dos jornais e da internet, mesmo sabendo que Jack era contra. Mas ele confiava na Holly e sabia que estávamos apenas tomando conta de sua carreira. Não que fosse um segredo, nós apenas não éramos públicos. E o fato

de eu estar na outra costa resolvia uma série de problemas com a imprensa, especialmente agora que Jack estava dando muitas entrevistas.

Holly havia lhe ensinado a frase: "Não estou namorando ninguém no momento", e ele se mantinha fiel a ela nas entrevistas. Enquanto aquelas poucas fotografias que tiraram de nós em Los Angeles ficassem em segundo plano, estaríamos bem. Ainda assim, eu sabia que Leslie acabaria por descobrir, e eu não queria que ela pensasse que eu estava escondendo as coisas dela.

– Uau ... ele é muito gostoso – ela suspirou, achando a primeira foto.

Era em uma revista de adolescente, mas meu inglês parecia bem mesmo assim. Eu me permiti dar uma olhadinha, o que naturalmente fez meu coração disparar, então olhei para ela.

– Então, Leslie... – eu comecei.

– Não, tipo, esse menino tá pegando fogo! Preciso me concentrar em arrumar mais trabalhos em Los Angeles. Será que ele é solteiro? – continuou

folheando as páginas da próxima revista.

– Então, escuta, tem uma coisa que quero te contar. Sabe meu namorado, aquele que mora em Los Angeles – comecei a falar de novo, até ser interrompida por outro grito.

– Meu Deus! Veja esses olhos! Tipo, eles simplesmente gritam sexo, né? – ela arrancou outra foto e colocou na pilha.

– Sim, sim, eles gritam. Mas então, como eu estava dizendo... – continuei, mais uma vez determinada a terminar logo com isso.

– Puta merda, Jack Gostoso Hamilton – ela disse suavemente. Ouvi ela rasgar outra foto.

– Nossa, Leslie, cale a boca! Estou tentando te falar algo sobre o meu namorado! – Vi-a sentada lá com uma foto rasgada na mão. Parecia atordoada. Devia ser uma foto muito sexy mesmo.

– O que tem seu namorado? – ouvi uma voz sexy atrás de mim, com um sotaque distintamente britânico. Meus olhos se arregalaram enquanto me virava lentamente, percebendo o que Leslie estava

dizendo.

*Putá merda, Jack Gostoso Hamilton!*

Ele estava na porta do estúdio, encostado no batente. Carregava uma sacola sobre o ombro. Seus olhos estavam vermelhos, a roupa amarrotada, e o cabelo precisava de uma boa ajuda. Ele sorriu para mim, e fiquei paralisada.

– Você não estava falando algo sobre seu namorado? – ele perguntou novamente. Seus olhos brilharam, o verde ficando perigosamente escuro. Então ele mordeu o maldito lábio.

Saltei do sofá, atravessei a sala em poucos segundos e pulei em cima dele. Jack me pegou no ar, deixando cair a sacola, e o meu peso nos empurrou para o corredor. Pressionei-me contra ele, envolvendo minhas pernas ao redor de sua cintura e meus braços em volta de seu pescoço. Ele tropeçou para trás, rindo das minhas exuberantes boas-vindas, e bateu com as costas na parede.

Não vi os outros membros do elenco no corredor. Não vi os alunos de balé em suas tutus a caminho de

um ensaio no palco principal. Não vi Leslie, ainda estupefata no sofá, com a boca aberta, cercada de fotos do meu próprio Doidinho. Não vi Michael em pé no final do corredor, assistindo.

Eu não via nada além da camiseta de Jack, enquanto me agarrava com força a ele, as cores começavam a borrar conforme eu piscava para conter as lágrimas súbitas e quentes. Só podia sentir os cheiros do tabaco quente de cachimbo, fumaça de chaminé, chocolate e Hamilton. Não sentia nada além de seus braços fortes me envolvendo, e suas mãos subindo e descendo por minhas costas, acalmando meu corpo que tremia. Não ouvia nada além de seu riso silencioso, e então sua voz perfeita sussurrou: "Ah, Grace, eu também senti sua falta."

E então só podia sentir seus lábios doces, pressionados firmemente contra os meus, enquanto o beijava como se fosse o meu trabalho.

Depois de as coisas quase terem saído do controle, eu finalmente me desgrudei do meu inglês e o trouxe de volta para o estúdio, onde Leslie ainda

estava sentada esperando.

– Não acredito que você chegou mais cedo e não me disse, seu traste! – gritei esmurrando-o.

– Eu sei. Foi de última hora. Mas terminei o que precisava em LA ontem e me pareceu besteira esperar até hoje de manhã para rir. Não aguentava mais esperar, Doidinha – ele disse, bagunçando meu cabelo e me aconchegando ao seu lado como sempre fazia.

Olhei para Leslie e, apesar de ter se recuperado um pouco, seus olhos ainda estavam do tamanho de pratos de jantar.

– Então, Leslie, esse é o meu namorado que eu estava tentando te falar. Este é o Jack.

Ele estendeu a mão e, para seu espanto, ela o cumprimentou, começando a perceber que era tudo de fato realidade. Ela estava conhecendo sua paixão-celebridade.

– Leslie, prazer em conhecê-la. Grace sempre fala de você. Parece que vocês duas são bem próximas, né? – ele sorriu maliciosamente para ela.

*Ele estava fazendo isso de propósito... esse xavequeiro de merda. As fãs estavam mesmo perdidas.*

– Oi.. ahn... Oi – ela gaguejou e rapidamente se controlou. – Desculpe, não sou geralmente tão ridícula, mas é que a gente tava recortando fotos suas, e aí você está aqui de pé, e Grace pulando em você no corredor... É demais para assimilar. Prazer em conhecê-lo – ela finalizou.

Ouvi alguém entrar e, quando me virei, vi Michael.  
– Fiquei sabendo que estava rolando uma pornochanchada no corredor – ele disse. Notei que seus punhos estavam cerrados.

– Oi, Michael. Desculpe por isso. Jack meio que me surpreendeu. Você se lembra do Michael, certo?  
– perguntei virando-me pro Jack.

Eles se entreolharam por um segundo, em seguida Michael estendeu a mão.

– Oi, cara, é bom ver você de novo. Foi uma grande surpresa. Grace esperava você chegar só à noite – ele disse, apertando a mão de Jack duas

vezes, depois soltando-a.

– Bom ver você também. Pois é, eu gosto de surpreender. Sou bom nisso – disse Jack, passando a mão em minhas costas e abraçando minha cintura.

Todos nos olhamos por um momento, e então Michael deu uma tossida.

– Então, é claro, Grace, por que você não deixa de lado o ensaio de hoje à tarde? Podemos pular a parte da sua personagem. Por que não vai nessa?

– Tem certeza? Com certeza Jack tem coisas para fazer... – comecei a falar, mas Michael me interrompeu.

– Não, nós estamos bem. Vá, Grace – disse ele, acenando com a cabeça em direção à porta.

– Bem, se você tem certeza, acho que vamos nessa – disse emocionada com esta mudança de planos repentina. Jack sorriu para mim. Eu sabia que estava feliz também.

– Que legal, cara. Valeu – disse Jack, pegando nossas bolsas e jogando-as sobre o ombro.

Dei um abraço de despedida em Leslie. Ela ainda



estava um pouco atordoada. Dei um abraço em Michael também.

– Obrigada, O'Connell, obrigada mesmo. Vejo você amanhã?

– Sim, divirta-se. – Ele acenou com a cabeça vigorosamente, com os olhos distantes, enquanto Jack me puxava pela mão e me levava para a porta.

Acenei por cima do ombro e fomos embora. Sorrimos um para o outro por todo o caminho enquanto descíamos juntos. Poder vê-lo, tocá-lo e respirá-lo. Uau. Tinha sentido falta dele.

Quando chegamos lá fora, Jack tinha um carro esperando por nós. Não era bem uma limusine, mas era mais do que um carro comum da cidade. Era grande o suficiente para ter uma divisória entre a parte da frente e a de trás.

Olhei para ele, olhei para o carro, e sabia que estávamos em apuros. Simplesmente não chegaríamos ao hotel a tempo. Quando o motorista abriu a porta para nós, pedi para nos levar para o Túmulo de Grant. Ele balançou a cabeça, subimos e

saímos.

Achei rapidamente o botão da divisória e nos isolei em nosso próprio mundo decorado em couro.

– Túmulo de Grant, Grace? O que é isso? – ele perguntou, com as mãos começando a vaguear pelos meus ombros.

– Simples. É lá na zona norte. Vai levar um bom tempo para subir até lá. – Dei de ombros, passando a perna por cima dele e sentando em seu colo.

– Certo, mas por que lá em cima, amor? – ele perguntou novamente, afastando meu cabelo de cima do pescoço para poder beijá-lo.

Gemi quando senti seus lábios quentes acariciarem minha pele. Fazia muito tempo.

– Bem, eu poderia ter pedido para o motorista que apenas rodasse por aí enquanto você me fodia até eu desmaiar, mas ao menos quis manter um mínimo de decência – ronronei em seu ouvido, minhas mãos mergulharam em seus cachos sedosos.

Ele gemeu quando entendeu, e seus olhos brilhavam como esmeralda líquida.

– Grace, você quer que eu te foda no carro? Que menina má... – sua voz sumiu quando enterrou o rosto em meu pescoço, começando a morder. Podia me sentir ficando mais quente a cada segundo.

– Jack, você não tem ideia do quão ruim essa menina quer ser – suspirei quando ele achou aquele ponto perfeito no meu pescoço. Ele estava determinado a descobrir.

Ele me puxou de volta para que pudesse olhar nos meus olhos. O verde estava em chamas.

– Seja minha menina má, Grace – ele sussurrou. Era como se uma represa tivesse se rompido.

Eu perdi todo o controle. Estava valendo. Arranquei a camisa brutalmente de seu corpo, e minhas mãos se moviam por sua pele quente, desesperadas para senti-lo. Abri os botões da minha própria camisa, sem nem mesmo me preocupar em removê-la, apenas deixando-a cair aberta para os lados. Soltei o fecho frontal do meu sutiã, peguei suas mãos e as trouxe para mim.

Suas mãos cercaram meus seios, e eu gemia com

seu toque. Ele inclinou a cabeça para meu colo e deu lambidas longas por toda a minha pele, me fazendo tremer. Ouvi-o gemer enquanto sua boca encontrava meu mamilo, e minha cabeça caía para trás conforme mergulhava na sensação de sua boca em mim. Comecei a rebolar meus quadris, sentindo-o debaixo de mim, desejando-me.

Isso não seria papai e mamãe. Estava com muito tesão.

Eu deslizei de joelhos para o chão do carro, em um frenesi Hamiltoniano. Precisava saboreá-lo. Precisava que ele me preenchesse. Abri seu botão, seu zíper, e logo já o tinha em minha boca.

Suas mãos pegaram meu cabelo e me guiavam para cima e para baixo enquanto o chupava furiosamente. Ouvia seus gemidos, e conforme ele dizia meu nome, eu me empolgava mais. Dei uma última chupada forte, e então o soltei suavemente. Olhei para ele por entre meus cílios, paralisada novamente com sua beleza, especialmente quando estava quase gozando para mim. Uau.

Puxei minhas calças de ioga para baixo, arranquei meus sapatos e me sentei ao seu lado.

– De joelhos, amor – ordenei, e seus olhos se arregalaram. Um sorriso perverso abriu-se em seu rosto.

Ele abaixou-se e puxou meus quadris, posicionando-me na borda do banco.

– Arranque – eu disse, passando os dedos pela alça de minha calcinha de renda branca, que já estava completamente encharcada.

Ele obedeceu, manobrando por meus quadris, coxas, joelhos e, finalmente, meus tornozelos. Ele jogou a calcinha por cima do ombro, então observou a situação. Eu segurei meus joelhos juntos, e quando o vi começar a ofegar fortemente com o que eu estava escondendo dele, lentamente separei minhas pernas, expondo-me. Senti uma rajada de ar fresco, e vi seu rosto mudar para algo muito próximo de total adoração.

Envolvi minhas mãos em seus cabelos e trouxe-o para mim, para onde eu queria que fosse.

– Preciso gozar ao menos três vezes antes de você me foder. Você dá conta disso? – perguntei, com minha respiração começando a engasgar na garganta enquanto esperava o trabalho que ele estava prestes a fazer para me levar ao paraíso.

Menina Má e Mandona Grace estava em pleno vigor. Meu Jack adorava um desafio.

– Já está dado, Doidinha – ele sussurrou, dando aquele meio sorriso sexy. Então ele me puxou de forma selvagem pra mais perto de sua boca. Minhas mãos seguraram firmemente seu cabelo quando me beijou, primeiro no interior das coxas, e, em seguida, beijou-me bem no botão do paraíso.

Eu rebolava descontroladamente. Sentir sua boca em mim depois de tanto tempo era quase insuportável. Seus dedos me abriam para que ele pudesse se concentrar mais profundamente no meu centro, e sua língua se agitava levemente contra mim, levando-me à loucura rapidamente. Talvez tivesse sido apenas a seca, ou talvez fossem todas aquelas noites imaginando exatamente isso, mas em poucos

segundos de sua língua mágica me tocando, eu estava gozando em sua boca. Eu gritei, e toda a tensão que vinha crescendo nas últimas semanas se derramou em uma onda que deixava meu cérebro em transe e meu sexo pulsando.

– O primeiro já foi – ele sussurrou, imediatamente começando a trabalhar novamente. Sem me deixar descansar, pressionou sua língua contra mim, lambendo-me de cima a baixo, e seus lábios me procuravam. Ele me chupou muito, cercando-me com os lábios enquanto sua língua trabalhava febrilmente o pequeno feixe de nervos projetados com a finalidade exclusiva de prazer.

Isso é que é *design* inteligente.

Sentia a tensão aumentando de novo, e conforme eu apertava seu rosto em mim, ele gemia, mandando a vibração diretamente para mim. Joguei minha cabeça para trás contra o encosto quando gozei novamente, me debatendo debaixo da sua língua. Ele se inclinou um pouco para trás, lambendo os lábios.

– Melhor dizendo, o segundo, amor – disse ele,

piscando para mim.

– Mudei de ideia, venha agora. Preciso de você – eu disse, tentando fazê-lo subir por meu corpo.

– Claro que não! Preciso que você esteja realmente preparada para mim, Grace – provocou. Seus dedos agora começavam a dançar em volta de mim, e quando me arranhou, foi eletrizante. Minhas costas se arquearam sobre seus dedos conforme um, e depois dois, entraram.

– Caramba, como você é apertadinha – disse ele, sua voz tornando-se irregular e rouca. Eu ofegava, e ele viu quando comecei a tremer. Seus dedos, fortes e seguros, acariciavam-me, e ao descobrirem o Ponto J, me levaram a outro orgasmo violento.

– E esse é o terceiro – disse ele com um sorriso triunfante.

– Inacreditável como sempre. Agora suba aqui, por favor. Preciso de você dentro de mim agora – rosnei, meu rosto inflamado de paixão.

– Acho que minha menina má merece mais um, não acha? – perguntou ele, voltando para baixo.



Enquanto seus dedos mergulharam de volta para mim, sua língua me encontrou mais uma vez. Seus dentes me mordiscavam levemente, e eu quase saí do meu corpo. Seus dedos me acariciavam por dentro, manipulando meu Ponto J enquanto sua língua me trazia outro orgasmo feroz. Dava pra sentir dessa vez. Foi muito forte. A combinação das texturas, ele esfregando e chupando, e lambendo, e acariciando, e empurrando e a fantástica invasão eram demais. Deixei escapar um grito longo e vigoroso, que se transformou em seu nome, de novo e de novo.

– Caralho, Jack! Ahhhh! – gritei, caindo contra o banco. Ele beijou o interior de ambas as minhas coxas, e quando seus lábios encontraram meu local especial, ele mordeu, marcando-me mais uma vez como dele. Eu suspirei e o arrastei de volta para mim.

Empurrei-o para o banco, passei a perna por cima dele e me sentei. Sentia cada centímetro, cada centímetro perfeito dele conforme entrava em mim, e nós dois gritamos.

– Nossa, como senti sua falta, George – disse

enquanto sentia meu corpo pressionar para baixo em torno dele, sem querer deixá-lo ir.

– Caraaaalho – foi tudo o que ele conseguiu falar quando comecei a mexer os quadris, estimulando-o a mergulhar mais em meu corpo. Ele metia em mim enquanto eu saltava em cima dele, sua boca envolvendo meu mamilo e me provocando com os dentes. Rebolava os quadris para trás e para a frente, deixando-o me sentir por completo, enquanto seu pau me explorava por dentro. Suas mãos ásperas nos meus quadris me guiavam, empurrando-me para cima e para baixo cada vez mais forte à medida que ambos sentimos a explosão se aproximar.

– Senti muito a sua falta, Jack. Senti falta de sentir você dentro de mim – eu cantava enquanto me movia para cima e para baixo.

– Meu Deus, Grace, você é incrível. Você é tão quente e molhada, e apertada em torno de mim – gemeu. Ele acelerou, e eu acompanhava seu ritmo. Ele me olhou nos olhos, com a testa franzida, a mandíbula apertada. Conhecia bem essa cara. Meu

Jack ia gozar.

Apertei-o com toda minha força, sentindo meu próprio orgasmo me despedaçar enquanto minhas paredes desabavam em torno dele, levando-o comigo.

Gritei alto.

Ele gemeu lascivamente.

E gozamos juntos. Na banco de trás de um carro no meio de Manhattan. O que exatamente o pobre motorista devia estar pensando?

Meniná Má Mandona e seu Johnny Mordidinha. Este longo fim de semana seria uma loucura.

# três

Agora que Jack estava em Nova York, as coisas pareciam certas. Estavam boas. Sei que para minha buceta estavam boas, com certeza ...

Após o incidente no carro, fomos para o hotel de Jack. Tenho certeza de que o motorista estava levemente curioso sobre por que não passamos um tempo no Túmulo de Grant, uma vez que fizemos todo o caminho até lá, mas não importa.

Chegamos ao Four Seasons, na Fifty-seven e, quando saíamos, lembrei-me de repente que não podíamos ser vistos em público. Especialmente em um *check-in* de hotel. Má ideia.

– Ei, por que você não faz o *check-in* e em seguida me liga avisando em que quarto está, aí eu chego? – eu disse em voz baixa, começando a me mover na direção de Madison.

– Grace, isso é besteira. Ei, Grace ... – Ele protestou quando o carregador levou sua bolsa para dentro, e eu saí em direção à avenida.

Apontei para o meu celular e murmurei as palavras:

– Me liga.

Ele fez uma careta balançou a cabeça, e entrou. Dei a volta no quarteirão, esperando sua ligação. Eu sabia que ele pensava que eu estava sendo estúpida, mas com a cobertura que ele tinha na imprensa... argh. Eu não queria o ti-ti-ti que, certamente, acompanharia uma nova notícia da “ruiva misteriosa”. Eu não queria arriscar.

Sua estreia se aproximava rapidamente, e ele estava prestes a dar uma grande coletiva de imprensa. Em seguida, a viajaria por todo o país para marcar presença pessoalmente. Ele não tinha certeza de quantas pessoas apareceriam de fato para vê-lo. Eu não queria provocá-lo, mas tinha a sensação de que ia pegá-lo de surpresa. Ele ia ser atacado por todos os lados.

E por falar em estreia, não tinham me falado nada se eu estava convidada ou não. Eu tinha mencionado isso para o Michael apenas caso eu *talvez* precisasse voltar para LA por um fim de semana. Seria complicado, porque nosso tempo para ensaios era muito apertado. O musical estava agendado para a primeira semana de dezembro. Tínhamos programado três semanas de apresentações, inicialmente, para depois esperar e ver que tipo de recepção teríamos.

Já tinha quase acabado de dar a volta completa no quarteirão quando recebi uma mensagem do meu inglês:

“Traga já sua bunda linda pra cá. Quarto 2.104. Não me faça ir te procurar, vou fazer um escândalo. Vou descobrir quem é essa puta ruiva”.

E eu pensei que estava sendo toda sutil e tal. Merda, ele me conhecia bem demais.

*Você nunca é sutil.*

Bem pensado.

Acabei de dar a volta, passei pelas portas da

frente em direção ao belo saguão e em seguida para os elevadores. Lembrei com carinho do nosso hotel em Santa Bárbara, e o fato de o sexo no hotel ter sido absurdamente ótimo. Hmm... Talvez tenhamos de dormir aqui esta noite ao invés da minha casa.

Aproximei-me da porta e bati levemente. Dava para ouvi-lo ao telefone e, quando ele abriu a porta, sorriu e me puxou para dentro, mas continuou sua conversa. Estava admirada com o quarto. Era bem decorado e com uma ampla vista para o parque. Fui ver o banheiro: enorme. Também tinha um chuveiro como em Santa Bárbara. Sim, eu definitivamente ficaria aqui com ele. Não me importava se tivesse de entrar no prédio separado todo dia, escondida em um poncho gigante.

Voltei para a parte principal do quarto e vi Jack em pé junto à janela, ainda no telefone. Ele murmurou as palavras "eu sinto muito", e eu balancei a cabeça com um sorriso.

– Sem problemas – murmurei de volta.

Correndo e saltando, lancei-me contra a cama

gigante, caindo bem no meio com uma barrigada. Era macia e confortável, coberta de travesseiros e com um edredom de seda. Ouvi uma risada atrás de mim e me virei para ver Jack, que parecia se divertir com minha proeza acrobática. Rolei para ficar de lado e acenei para ele. Ele sorriu de volta e murmurou "cinco minutos".

Eu ri, tendo uma ideia deliciosa. Levantei-me de joelhos, em seguida, sentei-me ao lado da cama, ao alcance dele.

– Está quente aqui – murmurei.

– Quer que deixe mais frio? – ele murmurou de volta, indo em direção ao ar-condicionado.

– Não, vou ficar totalmente nua enquanto você tenta continuar a conversa – falei meio alto, meio sussurando. Não queria que ele perdesse essa parte.

Seus olhos se arregalaram enquanto continuei fazendo exatamente isso. Primeiro tirei o casaco e o cachecol, depois os tênis. Em seguida tirei minha camisa e minhas calças de ioga. Pude perceber que ele começava a ter dificuldade para continuar a



conversa, e soube que meu plano estava funcionando. Sentei-me na beirada da cama usando minha calcinha e sutiã de renda brancos, e comecei a chamá-lo com o dedo. Ele parou, tentando decidir o que fazer.

No final, o menino venceu o homem, e ele estava na minha frente, ainda no maldito telefone.

– Desculpe, amor. Não deve levar muito mais tempo – ele murmurou.

Sorri docemente para ele, envolvendo minhas mãos em torno de sua cintura e o trazendo para mais perto de mim.

– Não tem problema. Fique à vontade – eu sussurrei – só vou fazer umas coisinhas para você enquanto você continua – disse, para seu horror e encantamento.

Ele tentou se afastar, mas logo abri seu zíper e estava com a mão ao seu redor por cima da cueca, antes que ele pudesse se afastar muito. Seus olhos se fecharam rapidamente, e ele endureceu completamente na minha mão.

*Deus, você realmente tem de amar um cara de 24 anos de idade.*

Sim, e eu realmente tive de amar este em particular.

Eu o masturbava com firmeza, vendo seu rosto contorcer. Ele estava um pouco distraído, sabe. Eu bombeava ele com as mãos dentro da calça, e vi que ele teria uns probleminhas logo, logo.

– Mm-hmm, mm-hmm, então tenho de ir para a estreia em Londres que dia, mesmo? Nossa ...

Quero dizer, desculpe. Nossa, isso é bom. Eu posso estar lá então... – ele gemeu, fiquei com dó. Seus olhos viravam, me levantei e o empurrei delicadamente.

– Me encontre no chuveiro quando tiver terminado – sussurrei, tirando meu sutiã e o jogando por cima do meu ombro enquanto caminhava para o banheiro. Eu costumava me preocupar muito com os homens me vendo nua, sempre preocupada com o que estava saindo, o que estava balançando, o que estava apertando. Mas com Jack? Eu sabia que tudo que

ele queria era eu, e me preferia nua.

*Superlibertador.*

Parei na porta e deslizei lentamente minha calcinha para baixo, olhando para Jack. Ele ficou parado no meio da sala com a boca ligeiramente aberta, com as calças em volta dos tornozelos. Parecia muito excitado e ligeiramente mortificado ao mesmo tempo.

Segurei uma risada e girei a calcinha no dedo, agora totalmente exposta a ele. Seus olhos percorreram meu corpo e voltaram ao encontro dos meus olhos.

– Apresse-se – murmurei e entrei no banheiro.

Tinha acabado de abrir o chuveiro e fui ajustar a temperatura quando ouvi a porta se abrindo. Sorri ao deixar a água se derramar sobre mim, enchendo de vapor o box de vidro. Senti um Jack muito quente e muito nu contra minhas costas e minha respiração parou na garganta.

– Você é diabólica – ele murmurou, passando a língua até o lado do meu pescoço.

Tremi enquanto ele me girava

– Da próxima vez, seja mais rápido – eu disse, puxando-o para baixo da ducha comigo.

– Ninguém vai fazer nada mais rápido, amor. Especialmente você – ele prometeu, descendo a cabeça para beijar o colo abaixo do meu pescoço.

Cara, ia ser um grande fim de semana.



Encharcada e com as pernas bambas, saímos do chuveiro cerca de uma hora depois, aproveitando muito bem os aquecedores de água gigantes do hotel. Tinha perdido a conta de quantas vezes meu inglês me fez ir ao paraíso, e fiquei um pouco preocupada de ter as marcas dos azulejos do banheiro para sempre gravadas na minha bunda.

Estávamos exaustos e desgastados na volta para o quarto, ambos rindo da loucura de nossas ações.

– Sério, George, você só está em Nova York há algumas horas e já estamos relembrando nossos maiores sucessos! – Eu ri, caindo na cama e lutando para ficar debaixo das cobertas. Meu cabelo estava

enrolado em uma toalha, e eu estava usando um roupão felpudo do Four Seasons. Ele deu a volta até o seu lado da cama, puxando as cobertas para baixo enquanto deitava e subiu ao meu lado.

– Já faz semanas que tenho me lembrado de você na minha mente, amor, e tenho uma série de novos sucessos para tentarmos esse fim de semana – sorriui perigosamente. Eu estava dentro. Por mim podíamos nunca sair do hotel. – Além disso, senti loucamente sua falta! – acrescentou. – Agora que eu tenho você em minhas garras, nunca mais vou te deixar. E por falar em garras, traga seus peitos fantásticos aqui – murmurou, abrindo meu roupão enquanto pressionava seu corpo contra mim. Ele me virou de lado, com as mãos encontrando meus seios, e aí ...

Perfeição. Tudo estava certo no mundo.

Dormimos em minutos.



Acordei grogue e confusa, como costuma acontecer quando cochilo à tarde. Sentia os braços

fortes de Jack em torno de mim, e por um segundo achei que estava de volta em LA. Mas a iluminação era diferente e, quando olhei ao meu redor, lembrei-me de onde estávamos. Senti meu coração apertar quando lembrei que não ficamos mais juntos o tempo todo, mas em seguida ele voltou a acelerar enquanto pensava sobre o longo fim de semana que ainda tínhamos.

Mmm ...

Girava com cuidado, tentando não acordá-lo. Fiz isso até a beira da cama até que senti mãos me puxando de volta para ele. Eu ri.

– Aonde pensa que vai, Doidinha? – ele perguntou com a voz cheia de sono.

– Só vou escovar meu cabelo. Tenho certeza de que está lindo depois de dormir com ele molhado – tentei correr os dedos por eles e deu pra perceber como estava todo embaraçado. Encantador.

– Acho que fica bonito... Uma espécie de cruzamento entre choque elétrico e sem-teto – disse ele, puxando-me de volta e me empurrando para os

travesseiros.

– Sobe aqui, vai – ele instruiu, empurrando minhas costas e colocando a cabeça no meu peito.

Empurrou meu pescoço para poder se aconchegar no meio. Deixei-o se revirar por cerca de um minuto até que finalmente se aconchegou.

– Confortável? – perguntei, sorrindo tranquilamente.

– Por incrível que pareça, estou – disse ele, abraçando mais firmemente minha cintura.

Dei uma olhadinha para o despertador e vi que já eram quatro e meia da tarde. Nós tínhamos efetivamente gasto o dia no banho e dormindo. Nessa hora minha barriga deu um ronco alto. Jack desceu mais para baixo do meu corpo, beijou minha barriga e olhou com cara de bravo para o meu umbigo. Apontando um dedo, ele disse:

– Psiu, não seja mal-educada.

Eu ri quando, segundos depois, minha barriga roncou novamente. Jack virou os olhos e em seguida me cutucou.

– Falei pra se acalmar – ordenou, beijando minha barriga mais uma vez.

– Querido, preciso comer alguma coisa. Como pode não estar com fome? Nós não almoçamos, e você esteve num voo a noite toda!

– Na verdade, estou morrendo de fome, agora que você falou. Quer fazer um lanche?

– Eu gosto de um lanche – afirmei, tirando seus braços da minha cintura e apanhando o menu do serviço de quarto em cima do criado-mudo.

– Vamos sair para jantar hoje à noite? – perguntei, folheando o menu até a página dos lanches.

– Fica totalmente à sua escolha. Não tenho nenhum compromisso além de uma entrevista no sábado de manhã – ele respondeu, coçando minhas costas.

– Estamos mais pra algo salgado ou uma sobremesa? – perguntei, mordendo meu lábio, pensativa.

– Os dois. Simplesmente peça o que parecer bom para você, e eu como o que for – ele disse me



olhando com carinho.

– O que você está olhando? Não faça outro comentário sobre meu cabelo. Vou arrumá-lo antes de sair do quarto – fiz uma careta, tentando de novo correr meus dedos por ele.

– Não, é só que... bem... é que é mesmo muito bom ver você, Grace – sorriu gentilmente para mim com seus olhos verde-claro.

– Ah, também senti sua falta, George. Senti mesmo – sussurrei, beijando-o suavemente, sentindo seu cheiro quente de marshmallow. Era realmente impossível comer marshmallow novamente sem querer fazer sexo com ele.

*Se o marshmallow acabou de sair do fogo, pode ser perigoso...*

Fui tirada dos meus pensamentos sobre marshmallows por seus lábios pressionando com mais força os meus e minha barriga roncando novamente.

– Certo, vou pedir comida agora e depois vamos planejar nossa noite. E *vamos* sair deste quarto,

Hamilton. Estamos em Manhattan! Não vamos ficar aqui a noite toda – avisei, pegando o telefone.

– Sheridan, se eu quisesse fazer você ficar aqui a noite toda comigo, tudo que teria de fazer é balançar um doce à sua frente e depois beijar seus lindos seios. Você estaria em minhas mãos – ele sorriu sensualmente.

– Tem doce? – perguntei, olhando freneticamente ao redor.

Jack riu tanto que caiu da cama.

E eu não achei o doce.

# quatro

Finalmente saímos do hotel por volta das oito. Decidimos ir pra minha casa pra que ele conhecesse onde eu estava morando e pegar algumas coisas. Queria que ele dormisse na minha casa. Queria ele na minha cama, no meu chuveiro, e no meu sofá, mesmo que todos os móveis fossem alugados. Mas caramba, queria mais uma rodada naquele chuveiro gigante, e teríamos todo um fim de semana de marshmallow em casa.

*Chega desses malditos marshmallows.*

Essa coisa da distância estava me deixando meio doida.

Pegamos um táxi em frente ao hotel e foi tão rápido que eu nem tive tempo pra me preocupar com alguém nos vendo. Francamente, talvez eu precisasse relaxar um pouco. Nova York era muito diferente de

Los Angeles, e com calça jeans surrada e boné ele parecia mais um estudante universitário do que uma celebridade, então duvidava que alguém pudesse reconhecê-lo. E ele não estava preocupado em ser visto comigo, então, poxa, qual o problema?

Namoramos como adolescentes no táxi a caminho do meu apartamento, mas o fiz parar quando chegamos na frente do meu porteiro.

– Oi, Lou – fiz um gesto com a cabeça enquanto entrávamos.

– Boa noite, Lou – Jack acenou com a cabeça também, e Lou acenou de volta.

Mantive um braço de distância dele no elevador e, quando finalmente chegamos ao meu apartamento, ele parecia um polvo, com os braços em todos os lugares. Por fim, ele ficou atrás de mim, com as mãos entrelaçadas firmemente sobre minha barriga, e o queixo apoiado no meu ombro.

– Certo, pode fazer o grande tour – disse ele.

– Bem, é basicamente isso. Não é grande. Eu não preciso de um espaço, e fica perto do estúdio de

ensaio. Cozinha, sala de estar, banheiro no corredor, e o quarto é a última porta à direita.

– Está bom – disse, olhando por cima do meu ombro.

– É, está bom. Não é um Laurel Canyon. Aquilo é como uma casa pra mim – disse, recostando-me contra ele.

– Mas você nem morou lá. Como pode ser sua casa se você só dormiu uma noite lá? – perguntou, beijando meu pescoço bem abaixo da orelha.

– Mmm, e que noite foi essa! – disse rindo, inclinando-me para o beijo e me virando para abraçar sua cintura. Levou suas mãos até o meu rosto e fez pequenos movimentos na minha testa e têmporas, puxando-me para outro beijo suave.

– Sim, sim, foi. Mas, sério, como isso pode ser um lar? Quero dizer, você realmente considerar Los Angeles sua casa – ele perguntou, olhando-me com olhos inquisitórios.

– Nossa, sem dúvidas. Parece *mesmo* um lar. Não sei explicar, mas, quando achei minha casa pela

primeira vez, pensei no trabalho que teria, mas sabia que era minha casa. Podia me ver morando lá, e apesar de ter tido que me mudar, aonde quer que eu vá, aquela casa é meu lar – fechei os olhos, pensando no sol quente da Califórnia, e quase pude sentir o cheiro dos limoeiros na varanda e da madressilva no quintal.

Abri os olhos e vi Jack me estudando com cuidado.

– Por que está com essa cara? – perguntei, roubando mais um beijo antes que ele pudesse me responder.

– Então, você está pensando em voltar pra lá, certo? – perguntou, passando a mão no cabelo.

– Claro que sim, seu bobo! Não gastei todas as minhas economias em uma casa pra depois vendê-la de novo! Quero dizer... Não sei quanto tempo vou ficar aqui, e eu amo Nova York, mas e quando isso acabar? Volto pra minha casa, com certeza – ri, puxando-o contra mim de novo com força.

– E você? – perguntei com o rosto colado em sua

camisa.

– Eu? – ele perguntou, seu hálito quente e doce no meu cabelo.

– Quero dizer, aonde você vai morar quando tudo isso acabar? Você vai voltar pra Londres depois da estreia ou está pensando em ficar em LA? – perguntei, com um pouco de medo da resposta.

– Bom, eu não sei, pra ser honesto. Esse era meu plano, Londres é minha casa, certamente, mas estamos negociando um filme e as filmagens devem ser em Los Angeles, em janeiro.

– Espera. Então você está pensando em voltar pra Londres? – perguntei surpresa.

– É onde eu moro, Grace. Quem sabe o que vai acontecer depois que esse filme sair. Pode ser meu sucesso final. Poderia ter meu auge aos vinte e quatro.

– Ah, me poupe. O mundo vai precisar um pouco mais de Joshua – só de pensar no Cientista Super Sexy eu dava risada, mesmo nos braços do Jack Gostoso Hamilton.

*Londres?*

Xiii.

– Hmm, vamos ver. Talvez ninguém vá querer ver o filme. Talvez achem que é uma porcaria – ele murmurou.

– George, por favor. Vai ser incrível. E além do mais, você é tão bonito que vão querer pagar só pra te ver andando por aí seminu em roupas de época – provoqueei, pisando no calo com essa. Eu sabia o quanto Jack queria ser levado a sério como ator, e sempre falava o quanto ele era bonito, só pra zuar com ele.

– E tenho certeza de que os homens que vão assistir seu musical só querem ver suas qualidades dramáticas e não seus peitos fantásticos – ele brincou de volta, o que lhe rendeu uma mostrada de língua bem adulta.

– Ah, amor, se você vai mostrar a língua, talvez eu precise te dar algo para lamber – continuou ele safadamente, erguendo as sobrancelhas como um vilão de um filme antigo.



– Você é doente, Hamilton. Doente mesmo – ri, afastando-me dele.

– Então vamos ver um filme, é isso? – ele perguntou, perambulando pelo meu apartamento.

– Sim, há um cinema a uns seis quarteirões daqui. Vou ver o que está passando. Aí depois podemos comer alguma coisa, o que acha? – puxei meu laptop da bolsa e me arrumei no sofá.

– Bom, eu vou comer algo depois do filme, com certeza – ele disse, olhando do corredor e piscando pra mim.

– Pervertido – murmurei enquanto ele sumia pelo corredor em direção ao quarto.

– Você adora! – ele gritou por cima do ombro.

Ri baixinho sozinha e fiz o login. Logo a página do TMZ pulou na tela inicial, eu era uma viciada em fofocas de celebridades. Ouvi o Jack perambulando pelo quarto e decidi que dava pra gastar uns minutinhos em *sites* de celebridades. Prazer proibido. Eu navegava pelas imagens das últimas novidades: um ator entrou na reabilitação, outro ator saiu da

reabilitação. Um cantor que ameaça se aposentar há vinte anos anuncia sua volta às turnês. Pulei essas, nada de muito novo sobre celebridades. Estava prestes a mudar para a parte de cinema quando um trecho interessante chamou minha atenção:

*Jack Hamilton visto na cidade com a atriz Márcia Veracruz. Será que eles reataram?*

*Espera um pouco. Volta aí.*

O quê?

*Quando o filme Tempo estreiar, talvez ele possa se dar ao luxo de comprar um carro novo! Os dois foram vistos almoçando em Veneza há poucos dias antes de entrarem no MG velho de Jack.*

*Estava enjoada.*

*Respire, apenas respire.*

*Desde que ele foi escalado como Joshua, as mulheres de todo o mundo têm se perguntado se este menino inglês é solteiro. Bem, senhoras, parece que esse viajante do tempo tem dona! Apenas duas noites atrás, Jack Hamilton foi flagrado saindo de carro de uma boate em LA*

*com sua última namorada, a atriz Márcia Veracruz. Os dois namoraram confirmadamente antes, e apesar de terem dado um tempo, parece que as coisas estão quentes novamente.*

Me senti muito mal. Tentei fechar o computador, mas não conseguia mover minhas mãos. Estavam fechadas com muita força em punhos.

*Pergunta pra ele. Não surta. Pergunta pra ele.*

Ah, inferno, eu ia mesmo perguntar pra ele.

Olhei para as fotos dos dois juntos. Examinei seu rosto: sorriso, boné puxado firmemente para baixo por cima do cabelo encaracolado. Obriguei-me a olhar para ela, olhar mesmo pra ela. Ela estava sorrindo também, seu rosto inclinado em direção ao dele enquanto saíam de alguma boate de LA juntos.

Ela era bonita.

Muito bonita.

*Isso não é bom ...*

Ouvi Jack vindo pelo corredor e, embora parte de mim quisesse apagar a tela, abrir o guia de filmes e guardar toda essa coisa de Márcia na minha famosa

gaveta mental – a gaveta pra onde tudo que é desagradável vai para ser evitado – nós já tínhamos passado dessa fase. Estávamos muito além disso. E se tivesse sido honesta comigo mesma, e não uma covarde, teria lidado com isso meses atrás, quando vi a mensagem dela no celular, naquela noite no escuro.

Claro que recusei-me a lidar com isso, deixando tudo crescer até o colapso total pra poder reconhecer. E por quê? Uma batalha travada constantemente entre a Grace descolada e durona exterior e a Grace triste, assustada, que-ainda-se-vê-como-uma-menina-gorda-do-interior. Jack tinha visto a Grace interior de relance uma ou outra vez, mas ainda não tinha visto toda a confusão que havia mesmo ali. Afinal, por que lidar com as coisas quando acontecem, se posso deixá-las apodrecer e virar uma tempestade emocional de proporções épicas? Eu nunca disse que era madura nessa relação, isso é certo.

*Concordo.*

– Então, Grace, acho que podemos deixar o filme

pra lá, e apenas ficar em casa e dar uma, o que você acha? – ele brincou, parando na porta da sala de estar. Suas mãos estavam apoiadas sobre o batente, seu cabelo penteado para trás bagunçado, mordiscando o lábio inferior, e seus olhos brilhavam em verde profundo. Ele sorriu provocantemente, entendendo meu silêncio como prova de que sua sedução estava funcionando.

Ele se aproximou lentamente, indo para atrás de mim no sofá, e se inclinou sobre o meu ombro.

– O que você me diz de fechar o laptop e conversarmos enquanto eu tiro essas roupas desconfortáveis de você... – começou a dizer. Então ele viu as fotos no computador.

Ele ficou paralisado.

– Explique isso, por favor – eu disse em voz baixa. Quando eu ficava brava, era perigosamente calma.

– Droga, Grace, eu ia te contar sobre isso. Não é tão ruim quanto parece, na verdade não é nada – disse ele.

– Explique isso agora, por favor – eu pedi de

novo, minha voz ainda mais tranquila. Eu estava começando a tremer. Eu estava muito irritada, mas por trás da raiva estava uma tristeza profunda. Era isso o que eu temia desde o começo.

– Grace, na boa, só me escuta. Márcia é apenas uma amiga. Eu juro. Você pode até perguntar pra Holly – disse ele, andando para a frente do sofá e colocando o laptop de lado. Sentou-se na mesa de centro na minha frente, observando meus olhos. Acho que minha expressão lhe dizia para tomar cuidado.

*Holly sabe?*

– Holly sabe sobre isso? – perguntei, fechando meus olhos e sentindo um formigamento atrás das minhas pálpebras.

– Bom, sim, ela sabe. Nós conversamos sobre isso no começo desta semana, quando estas fotos apareceram. Eu sei que parece ruim, Grace, mas, de verdade, ela é só uma amiga. E Holly acha que podemos usá-la em nosso favor, uma vez que as fotos já foram divulgadas – começou a explicar.

Isso soou muito pior.

– Eu sei que você costumava sair com ela, Jack. Não tente me dizer que não. Eu sei. O que você está fazendo saindo com sua ex-namorada? Eu sei que eu devo estar parecendo uma maluca, mas é que agora várias loucuras estão passando pela minha cabeça, então pode ir se explicando – minha voz, finalmente, recuperou a força.

– Ok, sim, nós costumávamos sair. Mas nós somos só amigos agora. Eu prometo que não temos mais nada! Ela sabe tudo sobre você. Eu falo sobre você o tempo todo. Isso é, na verdade, um dos motivos para estarmos saindo ultimamente. O namorado dela viaja muito, e ela nunca o vê. Então nós saímos algumas vezes. É inofensivo. Eu juro, Grace.

– Você sabe, não é porque você está saindo com ela, que eu vou relevar. Sabe, cara, não temos problemas um com o outro. Você pode sair com quem quiser. Mas e o fato de que ninguém se preocupou em me dizer, e você e Holly ainda

discutiram sobre isso? Eu fico enojada, muito enojada – minha voz ficando mais forte ainda.

Jack ficou quieto, olhando para o chão.

Eu continuei, as voltas e reviravoltas do meu estômago de alguma forma me davam o empurrão que precisava para prosseguir:

– Você tem alguma ideia de como isso me faz sentir? Eu me sinto como uma velha idiota. Talvez esse é o tipo de pessoa com quem você deveria ficar, alguém que combina com você melhor do que eu jamais poderia. E eu sinto muito, Jack, mas uma menina não te manda mensagem no meio da noite se tudo que ela quer é amizade – concluí, e as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. Esfreguei-as com raiva.

A expressão facial de Jack mostrava que ele também estava bravo, mas pareceu confuso quando eu mencionei a mensagem.

– Que mensagem? Do que você está falando?

– Ela mandou uma mensagem pra você no meio da noite algumas semanas atrás, antes mesmo de eu sair



de LA, você estava dormindo, e eu peguei o celular para desligá-lo. Sim, eu li a mensagem. Eu não deveria ter lido, mas eu li, porra. Gostaria de dizer que sinto muito, mas quer saber? Eu realmente não estou arrependida. Eu queria ver quem estava mandando mensagens para o homem dormindo na *minha* cama, com as mãos por todo o *meu* corpo, às três da manhã. E olha só o que temos aqui! A mesma garota com quem você foi fotografado em todos os lugares. Chocante, realmente – eu disse sarcasticamente, levantando-me do sofá e empurrando-o para chegar na cozinha.

Eu ainda estava chorando, mas eram lágrimas de raiva, lágrimas de quem está muito putado. Toda essa merda em que eu evitei pensar por tanto tempo estava vindo com tudo, e agora a única coisa que eu podia fazer era deixá-la vir.

Jack estava quieto, ainda sentado na mesa de centro, quando finalmente se levantou e parou na minha frente, com uma expressão confusa.

– Grace, eu vou falar uma só vez. Eu erre em não

dizer que estava saindo com a minha ex-namorada? Sim, provavelmente. Eu estava errado em não te contar antes sobre a conversa que tive com a Holly? Sim, com certeza. Eu nunca passei por isso antes, ter um relacionamento com alguém que viaja por todo o país, enquanto eu estou passando pela melhor fase profissional da vida até agora. E você sabe o que mais? Provavelmente haverá mais fotos de Márcia e eu juntos. Na verdade, eu posso garantir isso. Ela está promovendo um filme no momento e nossos produtores estão atirando pra todos os lados. Mesmo que você não confie em mim, e claramente você não confia, você *sabe* que a Holly nunca faria nada para prejudicá-la. Ela ficou bem puta quando viu estas fotos, como deveria ter ficado. Eu realmente ajo como retardado, às vezes, e eu não pensei sobre o que estas fotos dariam a entender, ou como elas poderiam fazer você se sentir – disse ele, respirando ofegante.

– Bom, eu acho que – eu ia começar a falar e ele colocou o dedo sobre meus lábios.

– Eu não terminei. Você parece achar que vou te foder. Admito que essas fotos parecem terríveis, se você está pensando sobre isso dessa forma. Você está aqui, eu estou lá, e é uma merda. Mas tem que haver um pouco de confiança entre nós. Você não concorda? – ele perguntou, tirando o dedo.

Eu olhei para ele.

– Sim, eu concordo, mas...

– Grace, você concorda ou não. Sim ou não?

– Sim, eu concordo, e eu confio em você – eu disse, e uma nova onda de lágrimas veio.

– Eu também confio em você. Caso contrário, eu estaria perguntando por que tem um tênis de homem perto da porta da frente. Um namorado que confiasse menos iria querer saber sobre isso... – ele parou, arqueando uma sobrancelha e olhando por cima do meu ombro.

Virei-me e segui o seu olhar e vi os tênis de Michael. Ele esqueceu aqui na outra noite, trocou por botas quando começou a chover.

*Touché.*

Merda.

Olhei para Jack. Ele parecia curioso e um pouco... apreensivo?

– Grace, você é uma mulher bonita. Eu vejo como os homens olham para você. Eu sei que há outros homens que querem estar com você. De quem são esses sapatos? – questionou.

Peguei uma caixa de lenços de papel e assoei o nariz bem forte, recuperei o controle. – Do Michael. Eles são do Michael – eu disse. – Ele esteve aqui no início da semana. Nós estávamos trabalhando em uma cena, e ele trocou de sapatos. Ele os esqueceu aqui, e, francamente, eu nem tinha percebido que eles estavam aqui até agora.

Jack não tinha nada para se preocupar. Michael e eu éramos apenas amigos. Apenas amigos.

*Amigos que costumavam ter sentimentos um pelo outro.*

Mas Jack não sabe disso.

– Você e Michael já namoraram, Grace? – questionou.

– Namorar? Não – respondi rapidamente. Isso era verdade. Nós nunca namoramos.

– Você tem certeza? Vocês dois parecem ter sido mais do que só amigos. Reparei nisso de imediato. Sabe quando eu disse que noto como os outros homens olham para você? Ele olha para você desse jeito – acrescentou, sua expressão ficando obscura e seus olhos se voltando para o mesmo verde-mar turbulento que eu vi no aeroporto quando eu saí de LA.

– Não, nós nunca namoramos. Mas sim, houve algo entre nós há muitos anos atrás. Entretanto, tudo acabou. Nós realmente somos apenas amigos – assegurei a ele, respirando um pouco mais facilmente agora.

– Amigos. Como eu e Márcia somos apenas amigos.

– Ugh – eu disse, esfregando os olhos.

– Você vê o quanto seria mais fácil se disséssemos um ao outro o que está acontecendo – ele afirmou, estendendo a mão para mim. Eu hesitei por um

segundo, e então respondi.

– Como diabos você ficou tão maduro aos vinte e quatro anos? Sério, cara. Eu sou um caso perdido perto de você – eu disse, quebrando um pouco o gelo.

– Eu sou britânico. Nascemos mais maduros – disse com o meio sorriso sexy que sempre me derretia.

– Sente-se melhor agora? – ele perguntou enquanto eu assoava o nariz novamente.

– Sim, mas não me deixe descobrir algo assim pelo TMZ novamente, ok? Eu não posso ter outra surpresa como essa – eu disse ferozmente, enquanto ele me puxava contra o seu peito.

– Eu prometo. Isso foi uma merda de ter acontecido. E não deixe que Michael fique muito confortável por aqui. Eu não quero ter que mijar nos cantos para marcar o meu território, mas vou fazer isso se eu precisar – disse ele.

Acabei rindo.

– Bom, você diga à Márcia que eu ficarei muito

feliz em conhecê-la na próxima vez em que estiver em Los Angeles e não se esqueça de dizer para ela tomar cuidado com as mãos. Eu posso aguentar ver fotos de vocês juntos por causa da publicidade, mas no segundo que eu vir a mão dela na sua bunda, essa vaca já era. – Eu agarrei seu colarinho e o puxei para mais perto de mim.

– Porra, sua Doidinha, como eu poderia amar alguém além de você? Você é maluca – disse ele, aproximando a boca da minha.

Eu deixei minha mão deslizar até seu bumbum e dei uma apertada.

– Esta bundinha fofa é minha, não se esqueça disso. Agora vem adocicar um pouco a mamãe aqui – disse e beijei-o intensamente.

Nós nunca chegamos a ver o filme. Superamos outra potencial tempestade de merda e mantivemos nossa merda intacta. Éramos um casal estranho, para dizer o mínimo, mas por ora, tudo estava bem no mundo de Jack e Grace. E nós estávamos a caminho do Four Seasons.

Naquela noite, brincamos de palavras cruzadas, e eu o fiz limpar seu quarto. Honestamente, estava bem bagunçado. Nós assistimos a Golden Girls, e então ele fez amor comigo lenta e docemente. O resto iria se resolver outro dia.

*Interessante. Empurrei a merda para o lado de novo, não é?*

Suspirei.



# cinco

Na manhã seguinte, acordei com o telefone tocando estridentemente. Jack grunhiu e se enrolou sob as cobertas, deixando que eu rolasse por cima dele para atender do seu lado da cama.

– Não, não, deixa que eu atendo – murmurei sarcasticamente enquanto pegava o telefone no quarto toque. – Alô? – eu perguntei, bocejando profundamente.

– Shhh, muito alto, muito cedo – ele murmurou de debaixo das cobertas. Eu cutuquei sua coxa.

– Bom dia. Recepção. Serviço despertador – disse uma voz alegre.

– Ótimo. Eu amo esses serviços de despertador – eu disse e desliguei. Deitei sobre Jack, ouvindo sua respiração ficando constante. Eu olhei para o relógio. Eram sete e quinze. Eu tinha um ensaio hoje cedo.

Nós não estávamos ensaiando aos sábados, mas conforme chegávamos mais perto da pré-estreia, e Michael fazia mudanças diárias no roteiro, nós dobrávamos nossa programação. Jack tinha uma entrevista planejada, mas nós dois estávamos livres durante a tarde. O plano era um almoço mais tardio e, talvez, um passeio muito turístico no Central Park.

Falando em despertador, eu me perguntei o que Jack acharia de uma despertada ao estilo Sheridan. Eu certamente gostava dos serviços de despertador Hamiltonianos.

*Ele vai adorar ...*

Eu levantei minha cabeça e vi que ele realmente havia caído no sono, embora conhecendo meu homem, parte dele ainda estaria acordada.

Entrei para debaixo das cobertas e fui descendo cuidadosamente, movendo-me furtivamente para não acordá-lo. Desci até as pernas dele e me posicionei bem em cima de sua cueca. Sorri enquanto levantava lentamente o elástico e puxei apenas o suficiente para colocar minha mão dentro. Agarrei-o delicada e

suavemente, puxando-o para fora. Coloquei-o na boca, envolvendo-o com meus lábios e língua, e o senti endurecer ainda mais. Ele ainda estava dormindo, apesar de ter ouvido sua respiração mudar, ficando um pouco mais rápida. Eu apertei minha boca e o senti ficar mais duro ainda.

Ele gemeu um pouco, e então senti suas mãos se movendo para os lados, debaixo das cobertas, a poucos centímetros da minha cabeça. Movi a minha boca em torno dele novamente, arrastando meus dedos levemente para cima e para baixo de sua barriga, e finalmente ouvi o meu nome.

– Grace – ele sussurrou, com a voz ainda rouca de sono.

Eu sorri e então o trouxe mais para dentro, sentindo-o no fundo da garganta. Ele gemeu com suas mãos se movendo para baixo para agarrar meu cabelo.

– Mmm, Grace – ouvi de cima das cobertas e sabia que ele estava se divertindo. Agarrei a base do pau com as mãos, a minha boca criava uma bela

fricção enquanto eu me movia para cima e para baixo em seu comprimento, fazendo com que seus quadris se erguessem, sincronizado com os meus movimentos. Ele gemia e grunhia e segurava meu rosto com as mãos enquanto eu continuava a lhe dar prazer, ouvindo-o gemer conforme eu mudava a pegada ou chupava mais forte.

– Grace, caralho, Grace... mmm... Graaace. – Ele gemeu enquanto explodia de puro prazer. Eu sorri mais uma vez, adorando como eu conseguia afetá-lo dessa forma. Beijei-o com ternura, e ele suspirou em apreço. Arrastei-me até seu corpo e descansei minha cabeça em seu peito com seus braços firmes em torno de mim.

– É esse o tipo de despertar de que não me canso – ele riu.

– Espero que não, amor – eu ri, beijando seu peito, sentindo os pelinhos que faziam cócegas no meu nariz.

Ficamos deitados assim por mais alguns minutos, até que o meu alarme do celular tocou. Eu tinha

previsto uma possível brincadeira quando fomos para a cama na noite anterior e planejei com antecedência um "alarme de *reserva*". Agarrei-o e desliguei, e então afundei na cama.

– Banho? – eu perguntei, virando-me para olhar para ele. Seu cabelo estava em todo o lugar, o lençol baixo em seu torso, foi tudo que eu pude fazer para não babar no lençol de mil fios inteiro.

– Banho – ele concordou. Tirou as cobertas, espreguiçou-se e começou a caminhar para o banheiro.

– Não se esqueça dos melões, amor – ele avisou por cima do ombro enquanto eu observava sua bundinha linda atravessando o quarto.

Como eu poderia esquecer dos melões? Eu ri descontroladamente no travesseiro como uma colegial, então peguei um gel de banho da minha mala e fui para onde um inglês muito bonito e muito molhado me esperava no chuveiro.



No ensaio daquela manhã, eu vi Jack entrando pela parte de trás do teatro. Ele caminhou até a frente, ouvindo-me cantar. Eu percebi sua expressão mudar quando me viu em minha melhor forma. Também notei seus olhos mirarem em direção a Michael, que estava assistindo e tomando notas na primeira fila, olhando para mim de uma forma que foi se tornando mais e mais familiar.

Eu terminei a música, minha voz soava clara e forte para o fundo da casa.

– Oi, querido Doidinho! – eu gritei enquanto os outros atores começaram a deixar o palco. Ele sorriu timidamente e levantou a mão em saudação. Os outros encararam. Chamar um homem crescido de querido Doidinho tende a fazer as pessoas olharem duas vezes.

Leslie sorriu diabolicamente para mim, e eu levantei uma sobrancelha para ela. Ela tinha me interrogado incansavelmente durante toda a manhã, fazendo-me contar todos os detalhes sobre como Jack e eu nos conhecemos e há quanto tempo

estávamos namorando. Contei-lhe tudo, exceto, claro, os detalhes que quis guardar para mim. Eu disse que sim, que estávamos mantendo nosso relacionamento fora do olhar do público, não só pelo bem dele, mas para o meu. Expliquei que os nossos amigos sabiam, e que estava tudo bem, e que não estávamos nos escondendo em nenhuma caverna, mas, se questionada de forma oficial, Jack estava solteiro.

Ela concordou e, como o resto do elenco descobriu, também concordaram em manter o nosso pequeno segredo. A maioria deles nunca tinha sequer ouvido falar de Jack, e poucos estavam cientes do burburinho que seu filme estava gerando. Eu sabia que isso mudaria nas próximas semanas, e eu estava feliz que eles pudessem conhecê-lo agora, antes que ele estivesse em todos os *talk shows* nos Estados Unidos.

Eu saí do palco e fui em direção a ele. — Ei! — sorri, diminuindo a distância entre nós rapidamente.

— Ei, você — ele respondeu, sorrindo para mim

com aquele sorriso sexy.

Beijei-o rapidamente, e Leslie surgiu por trás de mim. “Uau, uau, uau, uau ...” Ouvi-a cantarolar.

– Cale a boca, Leslie. – Eu ri, beijando meu inglês novamente.

Jack riu enquanto eu o beijava e finalmente nos separamos.

Eu ouvi Michael tossir e virei-me para ele. Ele olhou para mim, depois para Jack. – Jack, bom vê-lo novamente. Está se divertindo em Nova York? – questionou.

– Até agora está tranquilo. Claro que nós mal deixamos o hotel, mas estamos definitivamente nos divertindo – disse Jack, enquanto suas mãos desciam para a minha bunda. Revirei os olhos, sabendo que era motivo de uma briga de machos.

Leslie continuou a cantarolar seu “uau” atrás de mim.

– Bom, muito bom. Grace, lembre-se de que eu preciso de você na segunda-feira – disse Michael incisivamente, olhando para a mão de Jack, depois



para mim.

– Você *precisa dela* segunda-feira, não é? – perguntou Jack. Eu cutuquei-o de lado.

– Nós estamos trabalhando em modificações no roteiro, e eu preciso do parecer dela – disse Michael.

– Michael, nós discutimos isso. Com Jack aqui, eu realmente não acho que eu vou ter tempo. Tem de ser na segunda-feira? Não podemos esperar até depois que ele for embora? – eu fiz beicinho, detestando a ideia de não passar tanto tempo com Jack quanto poderia, enquanto ele estivesse aqui.

– Quando você vai embora, Jack? – perguntou Michael. – Quer dizer, para eu saber quando Grace estará disponível.

– Vou embora na terça à noite. Quanto a saber se Grace estará disponível, você vai ter de perguntar a ela – disse ele com sua voz assumindo um tom distinto.

Estes dois...

– Ok. Michael, eu estarei disponível novamente quarta-feira. Se estiver tudo bem pra você, eu

realmente gostaria de passar esse tempo com o Jack. Bom, eu vou pegar minha bolsa. Vocês dois são bonitos, então se comportem. Leslie, pare de dizer "uau" – eu disse, girando meus saltos em direção aos bastidores para pegar minhas coisas. Jack me deu um tapinha brincalhão na bunda enquanto eu me afastava, o que lhe rendeu um belo visual.

Honestamente.

Leslie me acompanhou, e, assim que estávamos longe o suficiente para alguém ouvir, ela começou a rir. – Puta merda, menina. Aqueles dois estão super brigando por você!

– O quê? Ah, por favor. Michael só está concentrado no musical agora, ele quer ter tudo acertado quando estrearmos.

– Grace, qual é? Você está de brincadeira comigo? Você está cega? – ela falou em voz alta.

– Ei, baixa o tom. Para de procurar pelo em ovo. Não tem nada acontecendo entre mim e Michael. Você sabe há quanto tempo nós nos conhecemos. Ele tende a ser um pouco protetor comigo. Ele era

assim quando estávamos na faculdade... – parei, pensando sobre o que eu tinha acabado de dizer.

Ele era assim, sempre que eu estava namorando alguém na faculdade, cada vez que eu trazia uma nova cara para o nosso grupo de amigos.

Ah, cara...

*Sério, Grace. Duh...*

Leslie imediatamente se animou. – Puta merda, aconteceu alguma coisa entre vocês dois naquela época, então?

– Hum, bem, veja, a coisa é... – eu comecei a falar, querendo saber como explicar exatamente o que éramos naquela época.

– Eu sabia. Eu sabia mesmo! Ele super ainda te curte, Grace. E, cara, o Michael é tão gracinha! Porra, cara, você tem Jack Hamilton de um lado e Michael O’Connell de outro. Sério, quando crescer eu quero ser igual a você – ela terminou, fazendo-me revirar os olhos.

– Leslie, acalme-se na boa. Primeiro de tudo, Jack é o meu namorado e eu o amo muito. Michael é um

grande amigo e alguém que estou realmente feliz por ter de volta na minha vida. Quanto ao que aconteceu entre nós, isso foi há anos, e não faz mais parte do que está acontecendo aqui agora. Então, chega com o papo de triângulo amoroso, ok? – Eu olhei para ela de forma firme.

Ela apenas sorriu de um jeito que eu sabia que significava que ela não ia deixar isso de lado tão cedo. Suspirei e peguei minha bolsa.

Quando voltei para o teatro, vi os dois homens envolvidos no que parecia ser uma conversa muito interessante. Eu me aproximei deles, Leslie por trás. – Ok, idiotas, já chega de conversa de menino. Jack, está pronto para ir?

– Quando você quiser, amor – ele respondeu, agarrando minha mão estendida.

Eu me despedi de Leslie, que estava olhando para Jack como se quisesse pular em cima dele. Ele sorriu para ela e eu percebi que ele gostou de vê-la ficar vermelha. Ele estava começando a se deleitar com seu novo *status* de destruidor de corações.

Eu me despedi de Michael e, enquanto Jack apertava sua mão e dizia que iria vê-lo na próxima visita, eu os olhava nervosamente. Eu queria que eles fossem amigos, mas eu não tinha certeza de que isso iria acontecer.

Jack e eu saímos do teatro de mãos dadas. Quando estávamos fora, Jack me puxou para ele e me abraçou com força.

– Ei, George, o que é isso de quebrar minhas costelas? – Eu ri, me debatendo um pouco em suas mãos apertadas.

– Grace, eu te amo tanto – disse ele.

– Mmm, eu também te amo – murmurei docemente em seu ouvido. Minhas mãos percorreram seu cabelo com as unhas arranhando e o acalmando. Ele relaxou seu abraço, mas só um pouco. Eu acariciei seus cabelos, cocei o couro cabeludo e beijei seu pescoço abaixo da orelha do jeito que eu sabia que ele gostava.

Ele suspirou, em seguida, afastou-se de mim um pouco. – Grace, você está escondendo de mim –

disse ele em um tom de aviso.

– Estou? Como assim? – perguntei.

– Por que diabos você nunca cantou assim para mim antes? Aquilo foi incrível! – ele exclamou, afastando o cabelo do meu rosto para trás da minha cabeça. Fiquei vermelha, pensando na música que eu estava cantando quando ele chegou.

– Não sei, eu canto para você o tempo todo – eu protestei, tentando formular uma explicação.

– Não, não desse jeito. Estou verdadeiramente maravilhado. Você não é só inacreditavelmente sexy, o seu talento também é, bom, eu estou realmente sem palavras! – exclamou, tagarelado como um garotinho bobo.

– Estou feliz que você pôde ver um pouco do que eu venho trabalhando. Eu realmente espero que você possa voltar para as pré-estreias – eu disse. – Elas devem ocorrer entre as suas estreias.

– Grace, eu não estaria em nenhum outro lugar que não a primeira fila. Você acha que vai ter tempo de ir a Los Angeles para minha estreia? – ele perguntou,

parecendo um pouco nervoso.

Ele sabia como eu me sentia com todas as câmeras e *paparazzi*. Ele não seria capaz de andar no tapete vermelho comigo, mas eu fiquei muito feliz que ele me quisesse lá.

– Você quer que eu vá para sua estreia? – perguntei com um grande sorriso.

– Menina boba, como você pode fazer essa pergunta? Você vai conhecer a minha família, pelo menos o meu pai, com certeza – disse ele rindo quando viu meu rosto mudar de incrédulo a emocionado e apavorado.

– Conhecer a sua família? Seu pai? – perguntei paralisada.

– Sim, meu amor, você estará no mesmo lugar, na mesma hora. Eu acho que é apropriado que você os conheça. Sei que eles estão morrendo de vontade de te conhecer – Ele puxou o meu braço, já que eu estava imóvel.

– Você quer que eu conheça a sua família na estreia de *Tempo* em Hollywood? E, só para lembrar,

você é Jack Gostoso Hamilton, e você está afirmando que está apaixonado por mim? – eu disse, inclinando a cabeça para um lado.

– Eu *estou sim* apaixonado por você, Doidinha – ele disse, sorrindo.

Eu comecei a me beliscar furiosamente.

– Ei, maluca, você está me assustando um pouco. Pare de fazer isso. – ele riu, agarrando meus pulsos e os mantendo firme ao meu lado.

– Estou tentando acordar. Não acredito que isso está realmente acontecendo. É muito bom! – exclamei, rindo.

– Se você estivesse sonhando, sentiria isso? – questionou ele, beijando meu pescoço e meu ouvido.

– Mmm, eu tive sonhos como este, sim – eu disse, fechando os olhos.

– Você sentiria isso? – indagou ele, sugando minha orelha entre os dentes e mordiscando. Tremi em seus braços, com a minha pele explodindo em arrepios. Ele adorava quando meu corpo reagia ao seu toque.

– Mmm, isso está começando a parecer muito



familiar – eu acrescentei, jogando meus braços de volta ao redor de seu pescoço e puxando-o para mais perto.

– E se você estivesse sonhando, estaríamos a caminho de tomar *frappé* de chocolate quente no Serendipity? – ele sussurrou em meu ouvido.

Com isso, meus olhos se abriram, e eu chacoalhei a cabeça para voltar à realidade.

– Obrigada por me reorientar, Doce Doidinho. Vamos lá – eu disse, caminhando até as escadas em direção à saída do prédio.

– Essa é minha garota – ele riu de mim, enquanto isso eu chamei um táxi rapidamente e o empurrei para dentro do carro. Ele sabia que não deveria ficar entre Grace e seus doces.



Depois de um belo almoço seguido por um *frappé* de chocolate quente ainda mais encantador, nós fomos para o parque. Eu corria ali pelo menos três vezes por semana, e, apesar de ser um lugar muito

turístico para visitar, era um ótimo parque. As pessoas que vivem em Manhattan há anos o usam diariamente. É como se fosse o quintal de todo mundo, em uma cidade onde ninguém tem quintal.

Era um lindo dia de outono e com as folhas esmagadas sob os pés e o cheiro de relva no ar, era fácil de esquecer que não estávamos no interior. Passamos a tarde lá, apenas caminhando, conversando e de mãos dadas. Hoje cedi e deixei que ele usasse seu boné idiota por dois motivos: um, estava frio. Dois, ficava mais difícil de reconhecê-lo com o boné. E eu tenho de admitir: chamou minha atenção para o rosto dele, que eu nunca me canso de olhar.

Estávamos relaxados e felizes, caminhando para queimar a enorme quantidade de chocolate que consumimos. Em certo momento ele riu de mim, chamando minha atenção para o fato de que durante nossa comilança eu aparentemente fiquei cantarolando "*White Christmas*", enquanto eu sugava o canudinho. Ele jurava que eu tinha uma

mania de cantarolar músicas natalinas. Eu realmente não me lembro disso, minha atenção devia estar totalmente voltada para a sobremesa na minha frente. Um *frappé* de chocolate quente dessa magnitude foi um verdadeiro prazer para mim – um verdadeiro exagero que eu já havia calculado sobre como perder – e eu não deixei nem uma gota.

Agora eu estava totalmente focada no igualmente gostoso Hamilton na minha frente. Sentamos em um banco na praça no final do parque, de mãos dadas e observando as pessoas. Havia várias crianças brincando na beira do pequeno lago, e nós rimos enquanto lhes assistíamos chutando uma bola de futebol, que veio voando até onde estávamos sentados, e Jack pulou para chutá-la de volta. As crianças gritaram agradecendo, e virou e sentou-se ao meu lado, sorrindo enquanto ele alisava meu cabelo para trás da minha cabeça. Eu ainda estava pensando sobre conhecer sua família, especialmente o pai. Minha mente continuava voltando para esse assunto, não importa o quanto eu tentasse *não*

pensar nisso. Ele me olhou de perto, e eu sorri.

– Pago um centavo pelo que você está pensando – disse ele.

– Pensei que vocês, ingleses, usassem outros nomes chiques para moedas – eu disse.

– Será que todos os americanos obtêm seu conhecimento da cultura britânica com a *Mary Poppins*?

– Sim, embora eu também tenha aprendido um pouco com Dickens.

– Ah, sim. Outra fonte confiável de cultura.

Ele riu enquanto eu o beije no nariz.

Aconchegamo-nos por mais um tempo.

– Boa distração, Grace, mas no que você está pensando? – ele pressionou.

– Honestamente?

– Sim, por favor – ele incentivou, abraçando-me apertado.

– Em conhecer a sua família. Isso me deixou um pouco nervosa – eu respondi.

– Por que nervosa?

– Não sei. Tente adivinhar. Eu sou bem mais velha do que você, você está prestes a ser esta grande estrela, pra não falar do fato de que eu sou uma ianque. – Eu parei, as palavras que eu tinha acabado de dizer ficaram pairando no ar. Jack estava rindo.

– Uma ianque? Sério, de onde é que você tira essas coisas? *Mary Poppins* de novo?

– Não, dessa vez de *Férias Frustradas*. Mas, falando sério, Jack. E se o seu pai não gostar de mim?

– *Férias frustradas* – ele bufou, então olhou de volta para o grupo de crianças brincando. – Meu pai ama qualquer garota que saiba cozinhar. Ele sempre disse que era uma das razões pelas quais ele se apaixonou pela minha mãe – sua cozinha. Ela costumava fazer uma torta madalena. Ah, era a melhor, ela fazia... – Ele começou, então parou, parecendo triste de repente. Tomei-lhe as mãos e as envolvi firmemente em torno da minha cintura.

– Você tinha dezesseis anos, certo? Dezesseis quando ela faleceu? – eu perguntei em voz baixa. Ele

acenou com a cabeça.

– Eu aposto que ela estaria orgulhosa de você agora. Olhe para tudo o que você realizou tão jovem!

– Eu disse, coçando o couro cabeludo do jeito que eu sabia que ele gostava. Ele se inclinou para o meu lado, mas ainda estava em silêncio. Nós ficamos absorvendo o ar fresco e os sons da cidade.

– Grace, por que é que você nunca fala sobre seus pais? – ele perguntou, trazendo-me de volta à realidade.

– Meus o quê? Os meus pais?

– Sim, você nunca os menciona. Falando nisso, eu acho que você nunca disse uma palavra sobre eles. Onde estão eles? – perguntou ele, ainda inclinado sobre a minha mão, que estava parada.

– Minha mãe morreu quando eu era caloura na faculdade... Acidente de barco. Aconteceu rápido. Eu nem sequer tinha chegado em casa da escola antes que ela se fosse. Ela tinha apenas quarenta e um anos – eu respondi, fechando os olhos me lembrando de como ela costumava me fazer ovos

mexidos e torradas todas as manhãs, sem falta.

Todos esses anos e os seus cafés da manhã ainda eram a primeira coisa que me vinham à mente quando eu pensava nela. Isso e seu perfume.

– Grace, eu sinto muito – disse ele, abraçando-me apertado.

– Eu também sinto muito. – Que casal nós somos – eu dei um sorriso amarelo.

– E seu pai? Como ele reagiu?

– Você teria de perguntar a ele, se você encontrá-lo. Eu não falei com ele desde que eu estava no terceiro ano. Ele deixou a minha mãe e a mim sem nada. Nunca olhou para trás... sem cartas, sem telefonemas, nada – eu disse com a voz vazia. Minha pele se arrepiou um pouco. Eu nunca falei sobre isso. Fiquei desconfortável, e eu não sabia lidar com o desconforto.

– Ele simplesmente foi embora?

– Sim, ele simplesmente partiu. Podemos falar de outra coisa? Meu pai era um caloteiro. Não há necessidade de discutir – eu disse assim que a bola

de futebol apareceu no nosso caminho novamente. Dessa vez, eu me levantei e chutei de volta, um chute agressivo por cima das crianças. Alguns deles aplaudiram minha habilidade de chutar, e eu fiz uma reverência. Sentei-me ao lado de Jack no banco de novo, e nós continuamos a assistir.

– Crianças fofinhas – disse ele, observando-as jogar.

– Sim, fofinhas – eu respondi, observando-as também.

– Você quer ter filhos, Grace? – ele perguntou, voltando seu olhar para mim.

– O quê, agora? Hoje? – Eu provoquei, levantando-me e caindo em seu colo. Ele abriu espaço para mim, prendendo-me com os braços em volta de mim e seu queixo no meu ombro.

– Obviamente, hoje não, Doidinha. Embora, mais tarde, eu vou ficar feliz em demonstrar como os bebês são feitos – ele riu, abraçando-me. – Mas, de verdade, você quer ter filhos algum dia? –

– Eu não sei. Acho que não. Quer dizer, eu acho



que se eu quisesse, eu teria pensado mais seriamente sobre isso – eu disse. – E quanto a você? Quero dizer, não agora, mas você quer ter filhos algum dia? – Eu perguntei, arrastando-me um pouco para poder olhar para ele.

– Hmm, eu penso assim também. Eu particularmente não ligo para crianças, pelo menos não no sentido de querer uma para mim – disse ele, beijando a ponta dos meus dedos, um por vez, esbanjando atenção em meus dedos mínimos, em particular.

– Você pode mudar de ideia à medida que envelhecer – disse eu.

– Você não acha que *você* pode mudar de ideia? – ele perguntou, ainda beijando meus dedos.

– E eu não tenho muitos anos na minha frente, como você. Minhas escolhas são um pouco mais definitivas. Talvez eu queira, mas eu duvido – respondi, suspirando feliz quando ele deu um beijo na palma da minha mão. Eu ri um pouco, e ele me olhou com curiosidade.

– Qual a graça, amor?

– É engraçado que você esteja namorando uma mulher de trinta anos, e você conseguiu encontrar uma pessoa que não parece ter um relógio biológico, pelo menos não um que está passando – eu disse, dando um beijo no topo de sua cabeça e o puxando do banco.

Começamos a caminhar de volta para a praça para pegar um táxi.

– Você realmente não quer ter filhos, Grace?

Quero dizer, parece que você seria uma ótima mãe...

– Ele parou.

– Sim, eu acho que eu seria também. Mas isso não significa que eu *deva* ter filhos... Isso faz sentido? Existem muitas mulheres que têm filhos e estão muito bem com eles, mas que talvez no fundo no fundo não os quisessem. Nem toda mulher é feita para ter uma família. Meus amigos são como a minha família, e agora tem esse inglês de quem estou cuidando. Ele realmente ocupa muito do meu tempo. – Eu ri, ajeitando a sua camisa e fechando o seu casaco.

– Hmm... diga-me mais sobre esse inglês – disse ele, passando o braço em volta da minha cintura enquanto caminhávamos.

– Ele é muito bonito e muito doce. Um pouco fresco, mas, também, ele é britânico – continuei.

– Claro, claro – ele concordou.

– E eu o amo, muito, de verdade – eu terminei, inclinando a cabeça contra o braço dele enquanto caminhávamos.

– Hmm... entendi. Ele parece fantástico, obviamente. Ele ama você também?

– Ele diz que sim, e tipo, na boa, como não amar? – eu ri, fazendo umas piruetas ao longo do nosso caminho.

Ele parou e olhou para mim, então, pegou minha mão e me puxou de volta para ele. – Como não amar? – ele confirmou e me beijou.

Nós namoramos por um momento, doce e suavemente, e depois fui chamar um táxi. Nenhum de nós ouviu o clique da câmera.

# seis

O resto do final de semana passou voando e, antes que eu percebesse, a segunda à noite chegou.

Nós passamos o resto da tarde de sábado em seu hotel, aproveitando mais tempo naquele chuveiro abençoado. Parecíamos peixinhos, pelo modo como espirrávamos água por todo lado. Sábado à noite fomos assistir a um show. Estava reservando *Wicked* para ver com ele. Eu sabia que ele não era muito fã de musicais, mas pensei que esse talvez lhe interessasse.

Ele gostou do musical, embora não tenha soluçado como eu quando Elphaba cantou *Defying Gravity*. Na verdade, isso aconteceu só comigo. Parecia que eu continuaria a me fazer de ridícula sempre que teatro ao vivo estivesse envolvido. Eu gostei tanto desse show que realmente esqueci que Jack estava

lá, e fiquei surpresa em descobri-lo ao meu lado no final, quando todos nós retornamos para o saguão.

— Você estava perdida no seu mundo próprio, Grace. Fiquei vendo você tanto quanto o show — ele disse, segurando minha mão e ajudando-me a jogar no lixo todos os lenços amarrotados que enfiei nos bolsos e na bolsa durante o show.

Domingo de manhã estava frio e maravilhoso. Passamos o dia no MoMA e fomos para Mott Street em Little Italy para jantarmos. Nós nos sentamos no estilo família com outros clientes em um velho restaurante adorável, com pratos e mais pratos de comida e garrafas de vinho barato.

Tínhamos planos de passear na segunda-feira, mas simplesmente não parecíamos capazes de sair da cama. Tentamos muitas vezes, mas no final acabamos desistindo e nos entregamos à nossa vontade insaciável. Nós pedimos serviço de quarto para as três refeições naquele dia — imagine só. Nós nem mesmo saímos do quarto para o serviço de limpeza, embora Jack tenha se arrastado até o corredor

(enrolado apenas num lençol, que fique bem claro) para roubar alguns chocolates do carrinho da faxineira enquanto ela arrumava o quarto do outro lado do corredor.

Segunda à noite, fizemos algo que nunca tínhamos feito antes.

Céus, não, não *isso*...

Tomamos banho juntos.

Enchemos a banheira gigante com bolhas, ligamos os jatos, e tomamos um banho. Jack sentou-se com suas costas contra o mármore, e eu me enfiei contente entre suas pernas, encostando-me ao seu peitoral. Ele percorreu com a esponja subindo e descendo meus braços, e a apertou para que a água e as bolhas caíssem sobre meu peito. Algo em ver meus seios cobertos por sabão, ele disse, fazia-o todo feliz.

Eu podia sentir como ele estava feliz.

Eu me aconcheguei nele, a água ia e voltava gentilmente em torno do meu corpo quente, sem precisar de mais nada nesse mundo. Eu até tinha me

antecipado e pedido um *sundae*, que agora estava apoiado ao lado da banheira. Fui gentil e o deixei dividir comigo meu lindo *sundae*. É que, uma vez que eu tão raramente me deixava aproveitar assim (embora nesse final de semana eu meio que estivesse aproveitando todo o tempo...), eu tendia a guardar meus bens como uma mamãe urso protege os seus filhotes. Com a diferença de que eu estava protegendo algo muito mais valioso: sorvete. Eu manobrei a colher por trás da minha cabeça em direção à boca dele.

– Obrigado – ele disse, com a boca cheia de sorvete e calda de chocolate.

– Achei que eu tinha pedido pra vir com banana. Cadê a banana? – eu exclamei, cavando o sorvete.

– Você quer banana, dona? – ele perguntou, tentando afundar minha mão abaixo da água.

Eu ri, afastando minha mão.

– Não até eu terminar essa sobremesa deliciosa. Então eu ficarei feliz em cuidar da sua banana.

Dei uma risadinha, remexendo o sorvete com a

colher e finalmente encontrando a banana escondida no fundo. Forcei outra colherada para ele, então me aconcheguei de novo ao seu peito, pegando uma colherada para mim.

– Grace, não sei como você não fica do tamanho de um ônibus, do jeito que você come. Eu adoro isso! A maioria das garotas só comem alface e tomam água. É bom estar com uma mulher de verdade.

Ele riu, deslizando suas mãos na minha pele sob a água, pelo meu estômago e quadril, começando a abrir caminho até minhas coxas, mais especificamente para o que havia entre elas.

Eu parei de repente com a colher pendendo entre meus dentes.

– Espera, o quê? – eu perguntei, com o ar entalado em minha garganta.

– Você me ouviu. É incrível que, não importa o quanto você coma, você não é uma rolha de poço – não que você não possa ganhar um pouco de peso. Aposto que seus peitos seriam ainda mais



fábulosos... – ele parou, soltando um riso abafado e beijando por trás do meu pescoço.

Ele deve ter sentido como eu fiquei tensa, porque parou.

– Grace? O que foi? – ele perguntou, tentando me virar para encará-lo.

Eu tirei a colher da boca e pus o sorvete de lado. Encarei-o.

– Eu tenho essa aparência porque eu ralo pra ficar assim. Por que você acha que eu estou sempre saindo para correr, ou indo para a academia, ou saindo apressada para mais uma aula de ioga? Você acha que é fácil ter essa aparência? Eu tenho que me adiantar a tudo que como. Não pense que não estarei na academia assim que você voltar para LA – eu disse, minha voz diminuindo novamente. Saí da banheira e me enrolei num roupão, ainda pingando água até os pés, bolhas para todos os lados.

– Aonde você vai? Que diabos acabou de acontecer aqui? – ele perguntou, arregalando os olhos para meu estado de loucura.

Eu fui para o outro quarto e peguei minha carteira. Voltei para o banheiro, onde ele ainda estava sentado na banheira, sem entender nada. Peguei uma foto da carteira e passei para ele. Eu observei seus olhos arregalarem. Ele olhou para mim, depois de volta para a foto, depois para mim de novo. Seus olhos ficaram pensativos, depois tristes.

— Grace — ele disse quase num sussurro, devolvendo-me a foto.

Peguei-a de volta, secando as bolhas nas beiradas antes de me permitir olhá-la. Era uma foto minha de dois anos atrás. Assim que comecei a fazer planos para perder peso, meu treinador tirou uma foto de mim: uma que deveria ficar comigo caso eu precisasse de uma inspiração a mais. Eu era mais pesada que nunca e, embora se pudesse dizer que era eu mesma ali, havia uma tristeza nessa foto que sempre me fazia recuperar o foco quando eu queria faltar àquela aula de ioga ou abusar na sobremesa. Eu nunca quis voltar a ser aquela garota de novo, mas havia dias em que eu sentia que ela nunca se foi.

– Então, sabe, os comentários sobre rolha de poço realmente me atingem em cheio – eu disse, dando mais uma olhada na foto, e então enfiando-a de volta em minha carteira. Fui até o outro quarto guardá-la de volta e, quando voltei ao banheiro, ele estava enrolando uma toalha em torno da cintura.

Ele me viu entrar e suspirou pesadamente.

– Grace, esse final de semana teve muitas falhas de comunicação entre nós dois. Eu não disse aquilo pra fazer você se sentir mal. Como é que eu poderia saber que você tinha um... ah... bem... um – ele hesitou, procurando as palavras certas.

– Um problema com peso? Uma bunda enorme? Coxas gordas e flácidas? Você está certo. Você não sabia. Agora sabe. Será que eu vou ter sempre essa aparência? Espero que sim – ao menos por mais alguns anos até a gravidade começar a agir e eu ter que pôr que botox e todo o resto que as mulheres têm de fazer hoje em dia para ficarem jovens e bonitas – eu disse, sentindo-me tensa.

– Você nunca vai precisar de botox.

– Ah! Você quer me ver toda enrugada e murcha? E o que você vai fazer quando meus peitos começarem a despencar, hein? Quando você tiver um saco de ossos para abraçar toda noite – muito sexy, não?

– Saco de quê? Doidinha, você é doidinha – ele me acalmou, agarrando-me e puxando os cordões do meu roupão quando eu tentei me afastar.

– Ah, por favor. Você realmente acha que a Demi segura o Ashton por causa do charme dela? Não, ela se mantém parecendo o mais jovem possível para aquele cara, e eu garanto a você que ela se mata na academia para isso – eu murmurei, deixando-o me puxar para ele.

– Você nunca parou para pensar que talvez ele esteja com ela porque ele a ama? Porque, qualquer que seja o motivo, aqueles dois se conheceram e se apaixonaram, ainda que isso não faça sentido algum? – ele perguntou, ajeitando o cabelo que havia escapado para fora da presilha.

Eu o olhei por um momento, então o abracei com

força.

– Por que diabos você me ama tanto? Sério, sou toda fodida e louca – eu disse afundada em seu peito ainda molhado do banho. Podia senti-lo dando risada.

– Você acha que eu não sei que você é doidinha? Eu soube disso o tempo todo. Não se engane. E como eu venho dizendo, gosto de garotas doidinhas – ele disse, beijando minha testa.

– Bem, você com certeza pode escolhê-las se é disso que gosta.

Eu ri. Não podia acreditar que quase tivemos outra discussão por causa de algo tão bobo.

Só que não era bobo. Isso era parte do meu passado, e era algo em que eu pensava diariamente: quando eu tentava faltar a uma corrida, quando eu pensava em fazer um lanchinho extra tarde da noite. Eu estava sempre a um pacote de salgadinhos de distância de comer até morrer, e ainda que Jack me ajudasse mastigando as temidas torradas Melba, minha necessidade de me controlar com cautela

estava sempre presente. Eu não podia nunca abaixar minha guarda, caso contrário eu voltaria a ser exatamente o que eu era antes. E nessa questão, isso era o mesmo que suicídio profissional.

– E aí, Doidinha? – ele perguntou, com voz abafada por meu cabelo.

– Mmm-hmm?

– Você sabe que eu amo o seu corpo. Quer dizer, caramba, você é linda. Mas é por você, minha Grace, que eu me apaixonei – a garota engraçada comedora de salgadinhos e boca suja. E nada vai mudar isso.

Senti lágrimas se formando no canto dos meus olhos, e pisquei para impedi-las. Inclinei-me para trás para olhar seu rosto acima de mim, os cabelos molhados caindo em seus olhos, braços fortes me envolvendo, cheirando a bolha de sabão e calda de chocolate.

– George, eu não poderia amar você mais do que já amo.

– Mmm, eu também, Grace – ele disse,

inclinando-se para baixo para me beijar.

Nossos beijos tornaram-se mais urgentes, e logo ele estava esgueirando suas mãos dentro do meu roupão. Minha pele ficou tensa, como sempre ficava quando suas mãos estavam em mim, e eu me vi sendo levada para trás até a bancada do banheiro.

Ele me girou de modo que nós dois encarássemos o espelho, e nossos olhos se encontraram. Ele sorriu gentilmente para mim, o verde em seus olhos começou a escurecer. Ele terminou de desamarrar meu roupão lentamente e o abriu, voltando suas mãos para a minha pele. Ele colocou suas mãos em meus quadris e me puxou contra ele. Eu podia senti-lo, pressionado contra as minhas costas, e ele estava mais do que pronto.

Com seus olhos ainda presos nos meus, ele gentilmente tirou meu roupão e deixou-o cair ao chão. Eu o observava no espelho enquanto ele assistia suas mãos passearem pelo meu corpo. Eu hesitei um pouco, curvando-me para dentro e inconscientemente tentando esconder meu corpo dele

– como eu faria anos atrás. Mas isso ele não toleraria. Suas mãos, certeiras e fortes em minha pele, urgiam para que eu me mantivesse de pé. Ele as retirou dos meus quadris levando-as até os braços, e então gentilmente deslizou-as de volta dos meus ombros para meus cotovelos, finalmente agarrando as minhas mãos e levando-as até acima da minha cabeça para agarrarem seu cabelo.

– Linda – ele murmurou enquanto beijava meu ouvido. Eu estremeci.

Ele retornou suas mãos para o meu corpo. De novo ele deixou suas mãos passearem por minha pele, tracejando com os dedos descendo até meus braços e espalmando suas mãos em meus seios.

– Linda – ele sussurrou, beijando minha outra orelha. Eu gemi suavemente.

Ele deixou suas mãos moverem-se adiante descendo meu corpo, repousando nas curvas gentis de meus quadris, seus dedos perfeitos esticados para cobrir o quanto podia da minha pele.

– Linda – ele gemeu, seus lábios pairando



próximos à base de meu pescoço enquanto seu olhar deslocava-se das suas mãos até meus olhos.

Minha pele pegava fogo por causa de suas carícias. Suas mãos partiram para mais uma viagem, lentamente movendo-se dos meus quadris até minhas coxas, que ele abriu com a perna. Eu curvei minhas costas, pressionando minha bunda para trás contra ele enquanto ele levava suas mãos entre minhas pernas e acariciava. Nós dois gememos ao mesmo tempo, sentindo como eu estava pronta para recebê-lo.

– Linda – ele sussurrou e beijou meu ombro.

Eu o observei no espelho, sua respiração acelerava. Pressionando meu corpo para trás contra ele, eu vi um sorriso malicioso se esgueirar por seu rosto. Hmmm... Deixei minhas mãos se desembaraçarem de seus cabelos e lentamente as coloquei sobre a bancada à minha frente. Sem nunca abandonar o seu olhar, eu ergui uma sobrancelha e me inclinei.

Ele entendeu o recado.

Ele empurrou minhas pernas abrindo-as ainda mais, e eu me debrucei sobre a bancada. Ele piscou, e eu gemi. Ele deslizou dentro de mim, e eu lutava para manter meus olhos abertos, a sensação era tão maravilhosa. Ele me preencheu completamente e, enquanto seus dedos trabalhavam em meu sexo, ele acariciava aquele ponto magnífico – que fora expressamente designado para ele – por dentro de novo e de novo.

– Você. É. Linda – ele sussurrava em meu ouvido, pontuando cada palavra com um metida.

– Jack, ai, nossa, Jack... – eu entoava enquanto observava nós dois no espelho. Isso era novo, totalmente novo para mim. Tê-lo assim dentro de mim era uma sensação totalmente diferente. E poder assistir a nós dois juntos – isso era incrivelmente erótico.

Ele continuou a murmurar a palavra “linda” de novo e de novo, enquanto fazia amor comigo com muita paixão e carinho. Quando nós dois estávamos perto do clímax, eu inclinei minhas costas contra ele,

sentindo sua pele quente contra a minha. Eu fechei meus olhos, sentindo minhas entranhas contraírem conforme ele se chocava dentro de mim, trazendo meu orgasmo doce e quente.

Eu gritava seu nome conforme ele alterava o ritmo, atingindo-me em um lugar diferente e vindo a cada segundo e mais outro em rápida sucessão. Então eu observei seu rosto com minha visão borrada enquanto ele vinha dentro de mim, chocava-se contra mim, ainda com a palavra “linda” derramando-se de seus lábios perfeitos.

Ele curvou sobre mim, respirando pesadamente conforme ele enrolava seus braços solidamente ao redor de minha cintura, envolvendo meus seios em suas mãos.

– Isso foi... – ele começou a dizer.

– Lindo – eu completei, sorrindo para ele no espelho.

Ficamos acordados naquela noite assistindo a uma maratona de *Friends*, dando altas risadas. Mas, quando chegou um episódio em que Mônica estava

gorda, ele protestou.

– Não seja um idiota – eu disse. – A Mônica gorda é hilária. Eu ficaria ofendida se você não risse – eu disse rindo, atingindo-o com um travesseiro.

Ele se rendeu, e nós dois rimos dela dançando comendo o sanduíche. Quando nós finalmente fomos dormir naquela noite –, eu no meu lado da cama, ele atrás de mim com meus seios nas mãos – ele disse:

– Grace, explica pra mim o que aquilo de saco de ossos tem a ver com seus peitos.

– O quê?

Eu estava quase pegando no sono.

– Quando você estava falando mais cedo sobre seus peitos despecando – o que saco de ossos tem a ver com isso? – ele perguntou, seu queixo encostado em meus ombros.

– Imagina uma meia, e então coloca uma pedra dentro dela. O que acontece com a meia? – eu expliquei, revirando meus olhos um pouco, grata por ele não poder ver meu sorriso tristonho.

Ele ficou quieto por um momento, então soltou o

ar dos pulmões rapidamente.

– Credo, Grace, isso é horrível – ele murmurou, agarrando-se com mais força a meus peitos ainda firmes.

Eu ri.

– Não se preocupe, meu amor. Eu vou mantê-los dignos de sua devoção por muito tempo ainda. Você não quer saber o que eu preciso fazer para que minha periquita fique gostosa e apertadinha.

– Nossa, Grace. Já chega – ele me abraçou com mais força.

Eu ri de novo, lembrando dos dias em que sutiã com bojo era só para o baile de formatura e Kegels era apenas um mito na *Cosmopolitam*.



E pronto. Já era terça-feira à tarde. Ele não queria que eu o acompanhasse até o aeroporto. Ele disse que era besteira eu ter de fazer todo o caminho até lá só imediatamente ter que voltar para a cidade.

Eu protestei, mas ele venceu. Então nós

esperamos em meu apartamento seu carro chegar, aproveitando os últimos minutos juntinhos no sofá. Eu me sentei em seu colo, ele passou braços em torno de mim, sua cabeça enfiada no espaço entre meu pescoço e ombro. Eu brinquei com seu cabelo, e ele traçava círculos em minhas costas enquanto o tempo passava.

– Então você vai estar de volta quando for o *tour* de publicidade para a imprensa, certo? Não está muito longe – apenas umas semanas.

– Não falta muito. E então de volta para LA para a estreia, e você vai estar lá também, certo? – ele perguntou, beijando-me o pescoço.

– Já disse para o Michael que vou precisar tirar esse final de semana de folga. É bem próximo das datas da pré-estreia, mas acho que tudo bem. Mesmo que eu tenha de ir e voltar em vinte e quatro horas, eu jamais perderia a sua grande noite – eu sorri, beijando-o em seu rosto.

– E então eu vou estar de volta pra cá na sua noite de abertura e até posso ficar um dia a mais. A Holly

vai vir para o seu show, certo?

Holly. Hmm... Eu não falei com ela nesse final de semana e teria de trocar algumas palavras sérias com ela quando conversássemos. Eu ainda estava chateada por ela não ter me contado sobre a Márcia.

– Sim, ela vai estar lá. Na verdade, ela até mesmo me falou sobre vir para o Dia de Ação de Graças, já que não vou conseguir ir pra casa.

– É mesmo, Ação de Graças. Vocês, americanos, gostam mesmo dos seus feriados, não? – ele sorriu malicioso, mordiscando meus ouvidos.

– É, você tem de me explicar esse dia depois do natal qualquer hora dessas – disse com displicência, encolhendo-me quando senti seus lábios provocando contra minha pele.

– Desculpe, eu sei que isso faz cócegas. Vou me comportar – ele riu, ajeitando-me de novo em seu colo. Nós ficamos quietos por um momento, e então ele disse: – Acho que o pior passou, você não acha?

– O pior? – eu perguntei.

– Quer dizer, nós passamos várias semanas sem o

outro, mas lá pelo próximo mês nós vamos nos ver com mais frequência. Acho que nós dois lidamos com a separação muito bem, não?

Às vezes eu me esquecia do quanto ele era novinho, e outras vezes eu não conseguia esquecer isso, não importa o quanto eu tentasse. Ele precisava de segurança tanto quanto eu. Isso era tão duro para ele quanto para mim.

– Sim, acho que lidamos bem com isso. E eu acho mesmo que o pior já passou. Imagina o tempo que vamos passar juntos depois que a coisa de promoção acabar, você pode ficar aqui o tempo que quiser – eu disse, com um largo sorriso.

– Ah, Grace, bom, assim que a estreia acabar, eu viajo para Londres para os feriados e provavelmente fico a maior parte de janeiro. Quando você vai terminar com seu show? – ele perguntou.

– Eu ainda não sei. Depende das críticas que ele tiver. Nós vamos parar nos feriados, mas a gente pode voltar logo em seguida. Está tudo ainda no ar.

– Bom, a gente não precisa decidir nada disso



agora. As coisas vão se resolver – ele disse, com um tom de encerramento para a questão.

Droga. Eu sentia falta dos nossos dias em LA juntos – antes que ele fosse mandado para todos os lados para promover seu filme e quando tudo com que eu tinha que me preocupar eram testes e entregar meu trabalho *freelance* dentro do prazo. Quando a gente podia passar todo o tempo que quiséssemos juntos. Não tínhamos percebido de verdade então quanto tempo nós tínhamos. Fomos mimados demais.

Tudo o que estava acontecendo com a gente profissionalmente era incrível, mas, pessoalmente, eu ansiava por sair dirigindo por toda a costa e passar por um FatBurger sem dar satisfação a ninguém.

Nesse exato momento seu telefone bipou. Era o motorista esperando lá embaixo. Senti um nó na garganta. Parecia que eu tinha acabado de me despedir dele em LA, e agora já acontecia de novo. Ele foi pegar a sua mala, mas antes que ele pudesse fazê-lo eu me joguei em seus braços para mais um abraço apertado.

– Eu te amo – eu disse, apertada contra ele.

– Mmm, Grace, eu te amo também – ele respondeu, levantando meu queixo para me beijar suavemente nos lábios.

Nós descemos pelo elevador de mãos dadas. Na verdade, eu enrosquei meu braço no dele e agarrei com firmeza suas mãos. Não queria soltá-la. Quando saímos, eu vi um luxuoso sedan à sua espera. Ergui com maldade uma sobrancelha e sorri com malícia.

– Tem certeza de que não quer que eu vá com você? – eu perguntei, gesticulando para o banco traseiro.

Seus olhos se acenderam, mas então ele sorriu com tristeza.

– Não, amor, você fica aqui. Acho que não conseguiria lidar com a viagem de avião depois de uma despedida dessas. Vamos deixar para quando eu voltar.

Ele entregou sua mala para o motorista e abriu os braços para mim mais uma vez. Ele me apertou com força contra ele, repousando sua cabeça no topo da

minha, suas mãos com firmeza em meus quadris.

– Sinta saudades de mim, tá? E diga para aquelas fãs para sair do seu pé. Talvez eu mesma tenha de dar uns puxões de orelha nelas – eu ameacei, abraçando tão fortemente quanto podia. Eu podia senti-lo rindo.

– Você não tem ideia do quanto vou sentir sua falta, Doidinha – ele suspirou, afastando-se para me dar um último beijo.

– Me avisa quando você aterrissar – eu disse vendo-o se afastar.

– Eu irei, meu amor.

E entrou dentro do carro.

Eu o observei partir, com os dedos nos lábios – o último lugar em que ele me beijou. Voltei para o meu apartamento e comecei a faxinar furiosamente, deixando as lágrimas de lado. Quando eu finalmente terminei, era tarde da noite. Tomei um banho rápido e caí na cama. Enquanto me ajeitava, eu vi que tinha perdido uma ligação do Jack quando estava no chuveiro.

Havia uma mensagem de voz e ouvi sua voz doce em meu ouvido:

*“E aí, Doidinha. Acabei de aterrissar e havia paparazzi no aeroporto. Dá para acreditar? Bizarro. Bom, você provavelmente já deve estar dormindo, mas já sinto a sua falta. Me liga de manhã? Te amo. Diga oi para os peitos por mim. Beijo.”*

Liguei a TV e estava passando *Golden Girls*.  
As lágrimas correram.

# sete

Acordei com os olhos inchados de tanto chorar, na manhã depois que Jack partiu, mas estava determinada a trabalhar com mais afinho minha confiança nele e em nosso relacionamento. Determinada a me concentrar no show incrível do qual agora eu era parte. E determinada a falar com Holly sobre o Grande Caso Márcia, como eu agora o chamava em minha cabeça. Porque eu não estava sendo nem um pouco dramática.

*Não, claro que não...*

Eu tive um ensaio mais cedo, então com essa mudança de horário eu não pude ligar para ela até tirarmos um intervalo no meio da manhã. Eu sabia que conseguiria falar com ela antes mesmo de ela ter chegado ao escritório.

— E aí, cabeça-de-bagre? — ela respondeu. —

Como está essa xota bonita nesta manhã? Jack deixou você podendo caminhar?

Eu a imaginei em sua cozinha, ainda de pijamas, rumo à sua primeira xícara de café. Ela sempre checava sites de entretenimento em seu laptop enquanto tomava café para ter certeza de que nenhum de seus clientes tinha sido preso durante a noite – ou pego sem calças de pé em cima de uma limusine. Só neste ano isso aconteceu várias vezes. Qual era o problema com essas jovens estrelas e sua recusa em usar roupas de baixo?

– Sim, idiota, eu consigo caminhar. Passamos momentos ótimos juntos. Apesar de termos discutido um pouco. Você quer explicar por que você não me contou sobre toda essa história de Márcia? Eu sei que você sabia sobre isso. O Jack me contou seu plano – eu disse, com minha voz tornando-se fria. Ela ficou quieta por um minuto, então eu a ouvi suspirar lentamente.

– Desculpe por eu mesma não ter te contado. Eu fiquei muito tempo em dúvida se contava ou não, mas

realmente achei que isso deveria vir do Jack.

Acredite, se ele não tivesse contado, eu mesma... – ela começou.

– Holly, ele me contou, *sim* – eu interrompi. – Mas só depois que eu vi as fotos no TMZ. Caramba, foi horrível – meu estômago se apertou de novo conforme as imagens passavam novamente dentro de minhas pálpebras como num filme.

– Deus, Grace. Eu sinto muito. Ele prometeu que contaria a você. Foi só por isso que eu não contei. Ele teria contado de qualquer jeito. Eu sei que ele iria. Você acredita mesmo que não tem nada acontecendo, não é? Quer dizer, ele está sentindo tanto a sua falta.

Ela esperou para ver se eu me acalmaria.

Mas eu ainda não estava pronta para isso.

– Eu acredito nele, só não gosto disso. Mas eu entendo. Ela tem um filme, ele tem um filme – imprensa é imprensa, certo?

Meus lábios contorceram-se de leve.

– É *exatamente* isso. Só imprensa – disse Holly. –

Depois de tê-lo repreendido por ter saído com ela, a única coisa que nós podíamos fazer era usar isso. Quanto mais os fãs discutirem sobre ela e se os dois estão namorando, menos atenção vai haver para quem quer que ele estiver namorando, nomeadamente a ruiva misteriosa fotografada com nosso Sr. Hamilton em Nova York poucos dias atrás... – ela se interrompeu.

Engoli em seco.

– O quê? – eu perguntei.

– É isso aí, está tudo no TMZ dessa manhã. Não posso acreditar que eles esperaram três dias inteiros para postar isso. Vocês dois foram dar uma caminhada no Central Park? – ela perguntou, mas com seu tom profissional agora.

– Sim – eu disse calmamente.

– Grace – ela suspirou.

Minha raiva borbulhou.

– Que merda, Holly, não tem porquê eu não sair para uma caminhada com meu namorado, como todo mundo faz! Isso não é justo! – eu gritei, agarrando



com urgência meu laptop. Eu queria ver essas fotos com meus próprios olhos.

– Ei, não grite comigo. Nós discutimos isso e, só para constar, Jack quer tornar isso público. Ele não liga para o que a imprensa fala. Ele acha tudo isso “bobagem” – ou algo do tipo que ele costuma dizer quando eu digo que ele não pode falar sobre vocês dois. Mas ele não entende o que isso pode causar a você, e se você achou que o comentário da onça-vermelha foi cruel... Cara, eles grudariam no pescoço dele se namorasse uma mulher mais velha. E não sei se você se lembra, *você* não queria a imprensa também. *Você* quis continuar como a ruiva misteriosa.

Eu sorri, apesar da minha determinação de continuar brava com ela. Eu podia ouvir Jack dizendo “bobagem”.

As fotos apareceram em meu computador. Sim, eles nos pegaram no parque. Por sorte, elas não eram tão ruins quanto imaginei. Eu podia me lembrar de nós dois nos beijando muito frequentemente

naquela calçada...

Duas imagens foram postadas: uma nossa de mãos dadas e a outra dele com as mãos em minhas costas enquanto eu o observava sorrindo. Eram fotos incrivelmente doces, mas eu tive dificuldade em me concentrar nesse sentimento, pois imediatamente notei como minha bunda parecia enorme em poucos cliques. Ângulo ruim? Vamos esperar que sim... Mas eu ainda me sentia um pouco mal em pensar que eu era a ruiva misteriosa de bunda gorda.

Mais uma vez, as fotos me deixaram feliz e triste ao mesmo tempo. Eu amava ver nós dois juntos, e era estranhamente tranquilizador o fato de que alguém podia tirá-las abertamente e registrar como a gente era realmente – doce e um pouco brega. Mas era assim mesmo que eu parecia vista de trás? Eu também odiava que estivéssemos em um site que eu checava diariamente para gafes de celebridades... e quem sabe trollar um pouco pelas gafes. Agora, alguém poderia estar lá fora procurando pelas minhas. Que carma...

Por sorte, não havia legendas sarcásticas dessa vez. Só uma menção de que Jack Hamilton tinha sido visto no Central Park em Nova York com uma ficante ruiva. Ficante – fala sério. Por que eles sempre dizem “ficante”? Quem costuma falar assim hoje?

– Grace! Ainda está aí? – Holly chamou do outro lado da linha. Eu estava viajando dentro da minha cabeça.

– Sim, eu estou aqui. Estou olhando as fotos. Meu Deus, Holly. O que vamos fazer agora? – eu perguntei, enquanto o desespero tomava conta da minha voz.

– Quer dizer que você não está mais brava comigo? – ela perguntou, com a voz igualmente abatida.

– Ai, por favor, vai te catar, eu nunca fiquei brava com você, só chateada por não ter me contado. Eu sei que você me dá cobertura. É só que eu odeio ser pega de surpresa por essas coisas. Eu me senti muito mal quando vi aquelas fotos. E então quando ele me

contou que você sabia disso – que vocês tinham discutido sobre isso – sei lá. Eu me senti sendo tratada como uma criança ou algo do tipo.

– Eu sei, eu sei. Da próxima vez prometo que você vai saber assim que eu souber. Combinado? – ela perguntou.

– Combinado.

– Quanto ao que vamos fazer agora, nós não vamos fazer nada. Vamos continuar negando que ele tem uma namorada, e se qualquer outra foto dele com Márcia aparecer, quem liga? Você sabe onde o burro dele está amarrado – e o ganso também, aliás. Acho que é uma coisa boa vocês não estarem na mesma cidade agora. Senão com certeza eu receberia uma ligação dizendo que você foi pega trepando debaixo do letreiro de Hollywood – ela riu sarcástica.

Fiquei em silêncio por um momento.

– Holly?

– Sim?

– Tem certeza de que não tem nada acontecendo

entre eles?

– Grace, se eu sequer desconfiasse de alguma coisa, pode ter certeza de que ele perderia uma agente. E duas bolas. Uma agente e duas bolas.

– Não, não arranca as bolas dele. Eu comecei a gostar muito delas – eu avisei, grata por ela sempre cobrir minha retaguarda antes de tudo.

– Pervertida. E, menina, você precisa ver como as fãs estão a odiando! Elas não conseguem suportá-la. Elas estão acabando com ela na internet. Coitada, fico pensando se seu time de agentes estão repensando toda essa história – embora sem dúvida mais pessoas a conheçam agora.

– Ai. Chega de conversar sobre a Márcia. Já estou ficando com dor de cabeça – eu resmunguei.

Além disso, eu tinha outras coisas com que me preocupar. Como, por exemplo, a minha bunda naquelas fotos. Eu me remexi na cadeira um pouco. Será que era coisa da minha cabeça ou as minhas calças estavam meio apertadas nessa manhã?

– Ah, toma uma aspirina e lida com isso, sua

bunda mole.



E assim foi. Estava, claro, tudo bem entre Holly e eu, e ela começou a me enviar informações inéditas na imprensa e fotos tiradas de Jack durante meses. Conforme a publicidade do novo filme começava a acontecer, todas as fotos que Holly vinha reservando eram lentamente lançadas na imprensa. Rapidamente tornou-se claro que, quando Jack aparecia em uma revista, as vendas aumentavam. Simples assim. Ele estava se tornando uma mercadoria quente, e Holly estava com a mão cheia de novas perguntas e pedidos por parte da imprensa para mais entrevistas, sem falar da demanda por fotos, fotos e mais fotos! Eu estava fascinada pela esperteza de Holly, já que agora não havia mais horas suficientes no dia para Jack posar para todas as fotos. Ela depositou todas as fichas nele. Brilhante. E eu tinha sorte. Pude dar uma espiada em várias imagens antes que fossem publicadas.

Meu Deus, como ele era lindo.

Eu gostei principalmente de umas fotos tiradas em Santa Bárbara. Talvez fosse ilusão minha, mas eu juro que eu vi algo diferente naquelas fotos. Ele sempre parecia, bem, perfeitamente gostoso, mas naquelas fotos? Mmm... Elas foram tiradas um dia depois que tivemos nosso primeiro sexo, e eu juro por tudo que há de mais sexy e gostoso que ele parecia...

Contente.

Satisfeito.

Demais.

Novo em folha.

*Amando?*

Suspiros. Sim. Amando. Ele parecia estar amando. E ainda assim inacreditavelmente sensual...

Holly também me enviava as entrevistas que ele andava dando. Quase todas as noites, antes de ir pra cama, eu olhava as novidades sobre Jack que ela me enviava, seguidas por uma nota para eu checar onde estava o que na internet. Algumas das entrevistas simplesmente não tinham preço – elas realmente

mostravam quem ele era. As repórteres mulheres frequentemente ficavam bem assanhadas (quem poderia culpá-las?), e em uma delas, quando lhe perguntaram se ele preferia loiras ou morenas, Jack gracejou:

– Depende.

– Depende do quê? – a repórter perguntou, inclinando-se para frente e parecendo ter se esquecido que ela estava ao vivo na TV.

– Quer dizer, elas estão todas alinhadas em fila e esperando que eu escolha qual eu prefiro? Como num *buffet*? Quais são as minhas opções? – Jack perguntou sério.

Ela não sacou a piada, coitada (ela não era nem mesmo loira...), mas, depois disso, a fala sobre o *buffet* foi o trecho de áudio mais baixado na internet durante três semanas seguidas.

Entende o que eu quero dizer? Sem preço.

Jack e eu tínhamos concordado que eu nunca devia levar as coisas para o lado pessoal quando ele dissesse que não estava saindo com ninguém. E, na



verdade, ele estava agora usando as entrevistas para falar diretamente comigo.

– Preste atenção, Doidinha. Quando eu digo “Eu não tenho uma namorada”, o que eu quero que você escute dentro dessa sua cabecinha é “Eu te amo, Grace” – ele me instruiu no telefone um dia tarde da noite. – Quando você me escuta dizer “Não, eu não estou com ninguém agora”, o que você tem que ouvir é “Sim, sim, eu estou, e ela tem os seios mais lindos do mundo inteiro”. Você pode fazer isso, por favor?

– Sim, senhor, eu ficarei atenta às suas mensagens secretas. Céus, nós dois parecemos agentes secretos. Parece coisa de espião ou algo do tipo – eu ri.

– Talvez possamos atuar como personagens no cenário certo na próxima vez que eu vir você – embora eu não tenha certeza se você levaria numa boa ser banhada inteira em ouro.

Isso rapidamente se transformou em uma discussão sobre eu ceder a suas fantasias bondianas num futuro, embora, pra ser sincera, acho que ele só gostava de ficar me torturando com as palavras

“Pussy Galore”<sup>1</sup> – com ênfase, claro, numa palavra em particular.

Ele realmente tinha entrado na questão sobre namorada agora, e tinha prazer em encontrar novas maneiras de me informar que ele estava pensando em mim. Eu percebia quando ele estava realmente sentindo a minha falta, porque ele o negaria com mais intensidade, algumas vezes acrescentando um “As garotas nunca falam comigo”.

Eu fiz questão de dar a ele um pouco mais de conversa excitante por telefone naquelas noites.



Os ensaios estavam indo muito bem e o show estava chegando. Michael estava finalmente satisfeito com o tom do roteiro, e suas revisões eram limitadas agora a simples mudanças de frase. Era um show de verdade.

Nós agora trabalhávamos exclusivamente em um pequeno teatro caixa-preta, mas por não estarmos

usando uma produção completa, tínhamos um cenário limitado. O show consistia em grande parte da sua música e do trabalho dos atores em demonstrar como ele poderia ser, se recebesse apoio total. O processo era emocionante, e conforme nos aproximávamos da data de estreia, eu ficava cada vez mais nervosa.

Eu estava me apoiando fortemente em Michael para me orientar, uma vez que sua visão sobre minha personagem, Mabel, era absoluta. Ele buscava em mim apoio moral também, pois nunca tinha feito um musical e essa era a sua primeira tentativa. Ele tinha um parceiro de escrita para os créditos, mas as palavras faladas, as letras, as melodias eram todas de Michael O'Connell.

Nós tínhamos voltado aos nossos velhos dias de faculdade. O código de comunicação que usávamos entre nós deixava qualquer um furioso ao tentar pescar alguma palavra de nossas conversas, quase nos matando em ataques de chorar de rir. Nós discutíamos sobre música, filmes, política – cara,

como discutíamos sobre política. Esse assunto quase causou uma briga de verdade um dia durante o almoço, quando eu ameacei remover seu pomo de adão com meu garfo se ele não concordasse com o que eu tinha dito sobre a saúde pública.

Desnecessário dizer, as pessoas pararam de querer comer conosco.

Eu tinha me esquecido como eu me apoiava inteiramente nele naquela época. Ele era minha pequenina e fofa bússola moral. Ele me dizia quando eu fazia merda, exaltava minhas qualidades quando eu estava para baixo e me fazia baixar a bola quando eu estava me achando demais. Agora, já adultos, tínhamos amadurecido um pouco. Eu percebi que o esquisito garoto emo que eu conheci nos meus vinte anos tinha se transformado em um homem incrivelmente esperto e engraçado com seus trinta anos. Embora ele mantivesse as idiossincrasias que o ligariam para sempre àquele garoto de camiseta Ministry, ele estava todo crescido.

Michael era um brilhante homem de negócios que

conduzia o seu trabalho usando velhas botas Timberland, jeans desbotado e um moletom com capuz – o tempo todo mascando chiclete. Ele tinha investidores formando fila para considerar apoiar o seu show, e fazia tudo isso com o mesmo charme e sutileza com que conquistava as garotas naqueles dias. Ele era incrivelmente charmoso e engraçado e os anos tinham apenas intensificado suas qualidades para o sexo oposto.

Gostoso? Claro. Gostoso e engraçado? Ainda mais atraente.

Eu era quem aumentava a sua autoestima quando ele precisava de um lembrete de que o show era fantástico – e que ele tinha realmente escrito um trabalho incrível. E ele aumentava a minha autoestima quando eu ficava nervosa por causa de todos os investidores e críticos que vinham assistir ao show (e a mim mesma) em poucas semanas.

*Cristo vindo no banco de carona – críticos!*

Mas ele sabia lidar comigo. E eu sabia lidar com ele. É isso o que amigos fazem. Nossa amizade era

simbiótica, complementar, e, aos poucos, percebi: estava se tornando um pouco nebulosa em suas fronteiras.

Eu sabia o que tinha acontecido quando Jack estava na cidade. Bastou Leslie tirá-lo da gaveta para bem debaixo do meu nariz. O fato de que eu varria para baixo do tapete a minha própria sujeira significava às vezes que eu também varria para baixo do tapete a óbvia sujeira de outras pessoas. Michael sempre foi um pouco territorial quando se tratava de mim, e mesmo que muitos anos tenham se passado desde que eu trouxe algum cara novo para sentar na mesma mesa com a gente depois da aula, ele não tinha mudado. Nós nos vimos de volta aos velhos dias tão rapidamente quando eu voltei para Nova York – parecia perfeitamente lógico que ele reagiria daquela maneira em relação a Jack.



A irmã de Michael, Keili, veio para a cidade cerca de uma semana depois da visita de Jack, e fiquei

encantada em vê-la. Ela era poucos anos mais velha que nós, mas tinha frequentado a mesma universidade. Holly e eu costumávamos passar a noite em seu apartamento de caloura quando precisávamos sair do dormitório. Isso geralmente queria dizer que Michael também passaria a noite lá e, já que era faculdade, nós todos acabaríamos nos aconchegando no *futon* de Keili na sala de estar. Nós fumávamos o narguilé, comíamos *ramen*, ouvíamos Alanis e falávamos sobre o que queríamos ser quando crescêssemos.

Eu estava um pouco atrasada para o ensaio e cheguei esbaforida balbuciando desculpas. Eu vi uma morena bonita conversando com Michael em frente ao palco e, quando ela se virou, vi que era Keili. Ela parecia a mesma: olhos castanhos brilhantes e vivos, uma expressão doce e amável... e uma barriga gigante. Meus olhos se arregalaram de surpresa enquanto eu saltava na direção deles.

— Keili! — eu exclamei, dando-lhe um abraço apertado.

– Grace, é tão bom ver você – ela disse, com um abraço igualmente apertado.

– Meu Deus, você está enorme! – eu disse, vendo sua gravidez avançada.

– Ai, eu sei. Mais quatro semanas e então ele já sai daqui de dentro – ela fez uma careta.

– Ele? É um menino? – eu perguntei, sorrindo para seu rosto com a testa franzida, mas luminoso.

– Ah, sim. Põe na conta mais os dois que a gente já tem lá em casa e você vai ver por que eu nunca mais vou deixar meu marido fazer S-E-X-O comigo de novo – ela riu pesarosa.

– Acho que você vai ter de ver isso com o Shane, maninha. Eu não conheço nenhum homem que fica feliz quando lhes tiram o S-E-X-O – eu ouvi Michael dizer e virei-me e o vi com os braços ocupados.

– Quem é essa? – eu perguntei, aproximando-me para olhar a criança em seus braços.

– Essa pestinha é a minha sobrinha Abigail – ele disse, virando-a de cabeça para baixo enquanto ela ria entre gritos agudos.



– Para, tio Michael! Para! – ela disse, com o rosto vermelho.

Ele a virou de cabeça para cima de novo e a pôs no chão. Ela saiu correndo, tombando um pouco enquanto recuperava o equilíbrio, e então continuou em seu caminho, balançando para lá e para cá entre os assentos.

– Quantos anos ela tem, uns seis? – eu perguntei, fazendo a conta mentalmente.

– Grace, ela tem três – Michael me repreendeu, olhando-me incrédulo.

– Ai, merda, eu não sei – qualquer criança mais ou menos abaixo do quarto ano parece igual para mim. Elas conseguem ler nessa idade? – eu disse, franzindo a testa, remexendo o nariz. Eu estava mesmo sem pistas.

– Merda, merda, merda, merda... – ouvi Abigail falando enquanto corria para lá e para cá.

Michael ergueu suas sobrancelhas para mim.

– Grace, você não pode falar palavrão na frente de crianças. Ou soletra, ou, melhor ainda, apenas

pense antes de falar.

Keili riu silenciosa, observando nós dois.

– Desculpe, foi sem querer.

Senti meu rosto ficar muito vermelho.

– Não deixe ele te enganar – disse Keili. – Quem você acha que ensinou para ela a palavra ‘cuzão’? – sua voz quase sumiu na última palavra.

Agora que eu não era a única com o rosto vermelho, eu me virei para Keili.

– Então você tem mais um em casa também?

– Sim, o Oliver. Ele tem quase cinco. Ele ficou em casa com o papai hoje. Está se recuperando de uma gripe forte – ela explicou. Suas orelhas se arrebitaram quando todos nós ouvimos um grande barulho vindo das últimas fileiras. Sete segundos depois ouvimos Abigail chorando.

– Esse é choro estou-mais-assustada-que-machucada. Vou lá ver – Michael disse, caminhando rápido em direção ao rosto recém-vermelho de Abigail que tinha surgido por trás de um assento na última fileira.

Nós o vimos indo até ela e pegá-la no colo. Ele a segurou com força contra o peito e disse para a poltrona malvada que tinha batido na cabeça dela para deixar a Abigail em paz.

Eu sorri, observando-o com ela. Keili me pegou no flagra e sorriu seu sorriso secreto. Nós duas conversamos por uns minutos, e ela ficou muito feliz em saber que Michael e eu tínhamos nos tornado próximos de novo. A família inteira estava muito animada por ele estar trabalhando em Nova York. Eles vieram de Connecticut e estavam contentes por tê-lo perto de casa novamente.

— E, Grace, ele ficou tão de cara quando você apareceu para aquele teste. Funcionou perfeitamente. Eu sempre odiei como vocês dois terminaram as coisas — ela disse.

Keili conhecia a história toda — de ambos os lados. No fim das contas, como Michael e eu perdemos contato, ela e eu também. Mas ela sempre foi fã de nós dois juntos e uma das únicas pessoas que viram nossa amizade como ela era de verdade naqueles

tempos: mais do que uma amizade.

– Eu também odiei como terminamos as coisas. Mas tudo isso ficou para trás. Eu fiquei feliz que possamos trabalhar juntos agora. Faz tanto tempo que não tenho amigos homens, e tem sido legal passar por esse processo com ele – eu disse, observando enquanto Michael agora mostrava à Abigail a iluminação acima do palco e como mover o holofote.

Ele era tão incrível com ela: calmo e atencioso, tranquilo e feliz. E ela adorava o tio Michael. Eu me vi observando-a também. Ela era muito engraçada, curiosa sobre tudo, fazendo pergunta atrás de pergunta. Michael era paciente, respondendo a cada questão com a mesma atenção cuidadosa que ele dedicava a todo mundo. Ele me pegou observando e sorriu por cima da cabeça dela enquanto a carregava pelos fundos do teatro.

– E agora você mora aqui em Nova York! Isso é tão bom. Nós vamos poder passar muito mais tempo juntas. Assim que eu tiver o bebê, vou poder vir mais

vezes para a cidade – ela disse, fazendo bico.

– Bom, é que eu não moro aqui. Eu moro em LA. Na verdade, eu acabei de reformar uma casa que comprei lá na última primavera e mal posso esperar para voltar lá quando tudo isso acabar. Ainda tenho muito o que fazer nela, mas eu a amo.

Eu suspirei, meu rosto se abrindo no sorriso que eu sempre mostrava quando pensava no meu aconchegante bangalô no Canyon.

– Ah, pensei que você estava morando aqui agora. Pelo menos foi o que o Michael me contou.

– Bom, grande parte disso é verdade. Quer dizer, vou ficar aqui até o show acabar, e então vamos ter de esperar e ver o que acontece. Estou me divertindo muito aqui, mas eu amo LA. Lá é a minha casa – eu disse.

Ele me olhou por um momento, então fez uma careta e revirou os olhos.

– Céus, rapazinho, sossega um pouco aí – ela disse, tomando um gole da sua água e dando tapinhas no estômago.

– Ele está... O que é que eles fazem? Chutam? – eu perguntei, olhando nervosa para o estômago dela.

– Sim, mas pode falar repetidamente. Ele chuta, e chuta, e chuta. Devo estar assando um jogador de futebol aqui dentro. Ui!

Ela esfregou a barriga.

Eu observei a sua mão com curiosidade, imaginando como era ter um bebê rolando dentro da barriga, chutando. Estranho.

– Sim, pode – ela sorriu.

– Hã? – eu perguntei com meus olhos estalados para os dela.

– Você quer sentir, não?

– Ah, eu não sei. Quer dizer... isso não seria estranho? – eu perguntei, recuando um pouco.

– Grace, você costumava ficar de vigia enquanto eu fazia xixi na beira da estrada. Nada é estranho.

Ela riu, segurando minhas mãos e levando-as até a sua barriga.

– Espera, eu não sei se eu devo – nossa. Espera, isso é... isso é um... chute? – indaguei com os olhos

arregalados. Não parecia exatamente um, era mais como um flauteado. Imagino que seria mais como um chute se fosse a minha bexiga sendo batida.

Fascinante.

Isso me fez sentir estranha.

Via mulheres grávidas andando por aí todo dia da minha vida e sequer uma vez senti o desejo de pôr minha mão nelas e *sentir*. Mas, estranhamente, isso foi algo normal. Mais estranho ainda: isso foi... bom?

– Legal, não é? – eu ouvi Michael perguntar. Olhei para ele com cara de quem tinha acabado de ver uma vaca voando e concordei com a cabeça.

Ele parou perto de mim. Abigail em seus braços. Ele sorriu.

Eu sorri de volta.

– É o irmão que está ali – Abigail explicou, olhando da minha mão para o meu rosto.

– Ah, é? Isso quer dizer que você vai ser a irmã mais velha? – eu pedi, sorrindo para ela.

– É – ela respondeu.

– Abigail, essa é a minha amiga Grace. Fala oi pra

ela? – Michael pediu, inclinando-a em minha direção. Eu lhe ofereci minha mão, e ela a apertou como uma pequena adulta.

– Oi, Abigail – eu disse.

– Oi, Grace. Seu cabelo é vermelho – ela disse imediatamente, mexendo num cacho que tinha caído do meu coque.

– É, sim, e seu cabelo é loiro. Você tem um cabelo muito bonito, senhorita Abigail.

Eu ri, revirando os olhos para ela. Ela deu uma risadinha.

– Você é engraçada – ela disse, olhando para Michael em busca de aprovação. – Ela é engraçada, tio Michael.

– É, ela muito engraçada mesmo – ele disse, então me deu uma piscadela.

– Ela também é boniiiiita – ela cochichou.

Michael corou e pigarreou, de repente embaraçado. Ele me olhou de esguelha, então acenou com a cabeça.

– Sim, Abigail, ela é muito... bonita – ele hesitou e



então finalizou com um: – Assim como *você!* – e então apertou a bochecha dela.

Ela gritou e chutou para ser solta no chão. E correu para longe, voltando a brincar nas fileiras.

– Ela é um amor, Keili, de verdade. E você, tio Michael, com certeza leva jeito com ela. Embora você sempre tenha preferido loiras – eu brinquei, arrumando o meu cabelo de volta com o grampo.

– Loiras? Não muito – ele disse suavemente, sorrindo seu sorriso tímido. Então ele foi ajudar Abigail a investigar um livro de pintar saindo da bolsa da mãe.

Mais uma vez, eu fui pega observando os dois juntos. Eu estava vagamente consciente de que tinha alguém chamando meu nome.

– Grace! Alô, Grace!

– Que foi? – eu respondi distraída.

– Você não me ouviu? Eu tinha perguntado se você já pensou alguma vez em ter filhos – Keili disse.

– Nossa, é a segunda vez que me perguntam isso em pouco tempo. O que está acontecendo com o

universo? – abafei uma risada, pensando na minha conversa com Jack.

– Alguém mais perguntou se você queria ter filhos? – ela perguntou, remexendo em sua bolsa para encontrar giz de cera para Abigail, que então passou para Michael.

– O quê? Ah, bom, sim. Na verdade meu namorado e eu estávamos falando sobre isso – eu disse sorrindo, como sempre o fazia quando usava a palavra “namorado” para descrever Jack.

– Namorado? Ah, verdade, o Michael mencionou que você estava saindo com um cara. Bem mais novo que você, parece, não é isso? – ela perguntou com a curiosidade estampada no rosto.

– Sim, ele é mais novo do que eu, mas na verdade tem sido muito bom. Ele é um ator também. Ele, bem, eu odeio usar essa palavra, mas ele é foda.

Eu sorri mais uma vez, pensando no meu George.

– Quantos anos ele tem? – ela insistiu.

Eu suspirei, irritada por todo mundo se preocupar tanto com isso – incluindo eu mesma.

– Vinte e quatro anos.

– Ah, nossa, caramba – divirta-se então, mulher!

Por enquanto... – ela interrompeu.

– Por enquanto? O que isso quer dizer? – eu perguntei, observando-a cuidadosamente.

– Exatamente isso. Divirta-se! Invejo a curtição com um cara mais novo – uau. Mas, quer dizer, fala a verdade, o que é que você dever ter em comum com alguém de vinte e quatro anos? Além de S-E-X-O... – ela suspirou, sorrindo diante da ideia de S-E-X-O com alguém de vinte e quatro anos, sem dúvida.

Eu sabia o que ela queria dizer e, como eu a conhecia há muito tempo, não fiquei ofendida. Mas Jack e eu tínhamos mais coisas em comum além de apenas S-E-X-O, não é mesmo? Claro que tínhamos.

Keili ficou para assistir ao ensaio, e nós passamos mais um tempo juntas durante o almoço. Ela me prometeu mandar um *e-mail* e me manter atualizada sobre o bebê. Ela já estava para dar à luz pouco antes do show começar, então era improvável que ela

conseguisse voltar em breve.

Eu estava muito feliz por tê-la encontrado, mas ela tinha plantado uma semente em mim.

Tinha plantado várias.

---

N.T. “Pussy”, em inglês, é um modo de se referir ao órgão sexual feminino. Daí a ênfase dada por Jack.

# oito

Jack tinha começado a sua viagem pelo mundo. Ele estava muito surpreso com a quantidade de fãs que apareciam para vê-lo aonde quer que fosse – e ele estava mais do que um pouco surtado por causa disso.

– Grace, cara, foi uma explosão de gritos. Eu mal podia dizer quando acabavam e começavam de novo. Eu não sabia ao certo de onde eles vinham. E então as portas que davam lá para fora se abriram enquanto eu andava pelo hotel, e lá estavam todos eles – ele me explicou uma vez tarde da noite, ligando de um hotel em Chicago.

Ele basicamente vivia de hotel em hotel a essa altura, para o *tour* promocional de *Tempo*.

– Isso não me surpreende, meu amor. Você é o Joshua deles. Eles te amam.

Eu suspirei ao telefone, desejando estar ao lado dele naquela hora.

– É que é tão estranho. Quer dizer, no ano passado eu mal era chamado para um escritório de seleção de elenco, e agora? – ele riu nervosamente.

– Ei, você logo vai ter essa cidade aos seus pés. Quando esse filme for lançado, você vai se tornar *lucrativo*. Todo mundo vai querer trabalhar com você. Espera só pra ver.

– Eu sei, é só que eu... Nossa, se eles ao menos soubessem... – ele começou a dizer.

– Se eles ao menos soubessem o quê? Se ao menos soubesse que você era um músico incrível? Se eles ao menos soubessem que você é o filho da puta mais engraçado desse lado de Londres? Se eles ao menos soubessem o quanto você ama o seu FatBurger?

– Grace, por favor. Ninguém liga se eu gosto de FatBurger – ele deu uma risadinha.

– Ah, você acha? Eu conheço adolescentes e sei como a cabeça delas funciona. Fãs do New Kids,

está lembrado? Eu garanto que se você citar seu *fast-food* preferido, em algum momento isso será mencionado de novo. Nós, garotas? Nós adoramos aquilo. Eu me lembro até hoje qual era o cantor favorito de Joey McIntyre, e eu não leio nada sobre ele desde 1991 – eu ri, pensando nas matérias da *BOP* e *Teen Beat* que eu costumava a ler de cabo a rabo.

– Garotas são estranhas – ele murmurou.

– Eu ouvi isso! – avisei.

– Que bom, eu quero mesmo que você ouça.

Vocês são todas loucas, e não sei como eu fui parar com a mais louca de todas – ele disse, agora me provocando.

– Cuidado onde pisa, ou eu vou fazer você assistir à minha fita *Hangin' Tough Live*.

– Fita? Tipo uma fita de vídeo? Caramba, tipo aquelas dos anos oitenta?

– Você está pisando em gelo fino, trouxa – tentei abafar um bocejo, mas ele percebeu.

– Você precisa dormir um pouco, meu amor.

Parece exausta. Como estão os ensaios?

– Bem. Estão bem. Está tudo preparado. Sem mais mudanças no roteiro, então está ficando fácil.

Eu me aconcheguei debaixo das cobertas. Esse era o momento da noite em que eu mais sentia a falta dele.

– Acha que está pronta para a estreia? – ele perguntou, tentando esconder seu próprio bocejo.

– Sim, acho que sim. Doidinho, você também parece cansado. Vamos dormir?

– Acho que é uma boa ideia. Se eu estivesse aí, o que você acha que estaríamos fazendo agora? – ele perguntou. Eu podia ouvi-lo se remexendo sob os cobertores. De alguma forma, saber que nós dois estávamos fazendo a mesma coisa fez eu me sentir melhor.

– Hmm, neste exato momento você estaria me virando de lado.

– E?

– E enfiando suas mãos debaixo da minha camiseta.



- Mmm-hmm.
  - E agora você provavelmente estaria envolvendo meus peitos com suas mãos.
  - Com certeza.
  - E agora você estaria gemendo.
  - Porque seus peitos são maravilhosos?
  - Não, porque eu acabei de ligar *Golden Girls* na TV, e é o episódio em que a Rose conta a Dorothy e Blanche sobre a Grande Guerra das Manjubas.
  - E depois dessa, eu digo boa-noite. Diga boa noite, Grace.
  - Boa noite, Grace.
- Ele ficou em silêncio, e pude ouvi-lo apagando a luz.
- Eu te amo, Jack.
  - Eu também te amo, Grace.



A semana seguinte foi um inferno para nós dois. Eu fiquei ensaiando todo dia, o dia todo, e geralmente noite adentro. Ele estava em sua turnê promocional

homérica por todo o país. Eu dava uma olhada nele todo dia pela internet, e meu Doidinho parecia simplesmente esgotado. Mas ele estava se divertindo também. Para dar uma ênfase na coisa de viagem no tempo do filme, o estúdio preparou visitas de Jack aos centros de ciência e museus pelo país. Esses lugares nunca tinham visto tanta gente! Essa era a coisa mais excitante pela qual ele já tinha passado, e quando ele me dizia o quanto estava nervoso, e o quanto ele surtava quando todo mundo gritava por ele, eu simplesmente o lembrava de que ele era foda.

Ele estava passando por uma experiência pela qual quase ninguém no mundo poderia passar, e quanto mais ele dava aos fãs, mais eles o amavam. Eles amavam o fato de ele falar o que bem entendia, de ele ser autodepreciativo, de ele ser engraçado e bobinho – e, cara, como eles amavam o fato de ele ser inglês.

– Eu estava indo tomar banho. Como estão seus horários hoje? – eu perguntei um dia quando ele ligou para dar um oi. Ele estava em algum lugar da região

centro-oeste, embora ele não soubesse exatamente onde. Todo dia era uma nova cidade, um novo hotel.

– Mmm, está indo tomar banho, é?

– Sim, George, sossega aí. Embora eu esteja mesmo sentindo falta de tomar banho com você – eu disse, já sabendo a reação que viria a seguir.

– Para! Assim você me mata!

– Você sabe como eu amo lavar o seu cabelo. Me deixa louca – eu desmanchava ao telefone, sorrindo como uma gata. – É algo que somente *eu* posso fazer.

– Acho que vou incluir isso na entrevista que vou dar hoje à tarde. Posso falar para todos eles sobre essa Doidinha que sai lavando meu cabelo enquanto eu pego nos peitos dela – só para não perder o equilíbrio, claro – ele disse.

– Eu duvido. Aquele cabelo e par de melões são meus e de mais ninguém – eu ri.

– Mmm, nem me lembre deles, Grace. Não agora. Eu tenho um encontro com fãs em vinte minutos, e acho que eu não saberia o que dizer sobre meu atual

estado de excitação.

– Relaxa, gato. Só mais dois dias e você pode canalizar toda essa excitação em mim.

– Ele ficaria na cidade exatamente por vinte e quatro horas, sendo pelo menos dezesseis delas dedicadas às obrigações promocionais e com a imprensa. Eu estaria nos ensaios. O único momento que passaríamos juntos seria à noite. O que, por mim, tudo bem. Eu aproveitaria ao máximo o que podia ter.

Eu via diariamente a sua confiança crescendo e a multidão aumentando. Ele teve de começar a viajar com seguranças, e toda noite o seu hotel estava cercado por adoradores do Joshua. Ele usava um pseudônimo diferente em cada hotel, nunca fazendo o *check-in* com o nome Jack Hamilton. Uma vez ele usou o meu nome – uma brincadeirinha perigosa. Algumas vezes ele usou uma combinação do nome de Holly e o meu, e depois? E depois, ele realmente começou a se divertir com isso.

Na mesma semana, em diferentes cidades do país,

se você estivesse procurando por Jack Hamilton,  
você o encontraria usando os nomes:

George McHair

Johnny Nuts

Sheridan McGedorge

E o meu preferido:

Sophia Patrillo



E por fim ele veio para Nova York. Eu passei o dia todo numa inquietação só, não porque ele estava aqui, mas porque eu não sabia *quando* exatamente eu poderia vê-lo. Rebecca também estava na cidade, tendo se juntado a ele para parte da turnê de lançamento, e tínhamos marcado provisoriamente de nos encontrar em um restaurante italiano para jantar. Ele estava mais uma vez em um hotel, dessa vez o Plaza.

Legal.

Nós trocamos mensagens a maior parte do dia. Seu rosto estava por toda a cidade – no *The Today*

*Show*, na revista *Seventeen*, nos estúdios da MTV, nas estações de rádio – ele estava em todo lugar que se pode imaginar, finalizando o dia num evento como um cientista super sexy no Museu de História Natural. Uma de suas últimas mensagens me fez corar... muito.

“Grace, eu vou te foder até sua visão embaçar e você não poder enxergar direito hoje. Está preparada para isso, Doidinha?”

Meu Deus do céu...

“George. Vem. Logo. Pra. Cá. O mais. Rápido. Possível. Me faça ver estrelinhas!”

A última:

“Grace, Passo pra pegar você no teatro às nove para jantar. Estarei num carro de luxo. Não precisa de calcinha.”

Filho da mãe. Eu ainda tinha quatro horas de ensaio. Como eu ia aguentar esperar tanto tempo?

Quando guardei meu celular, fiquei rindo sozinha. Podia sentir meu rosto ficando vermelho. Ele nunca tinha falhado em obter uma reação de mim, o que era

exatamente o que ele queria. Enquanto sorria para mim mesma, percebi que Michael me observava. Ele indicou meu celular com a cabeça.

– O quê? – eu perguntei, com o rosto ainda vermelho.

– Vai se divertir hoje? – ele perguntou, tomando o assento ao meu lado.

– Hum, bom, sim. Ele vai passar só um dia na cidade, então vamos sair para jantar. Ele está tão ocupado agora. Você tem de ver a agenda apertada que montaram para ele.

Eu atirei meu cabelo do rosto e o enfiei num coque largo, meu penteado desses dias. Havia sempre um cacho que nunca parava, e eu tinha sempre que colocá-lo de volta ao seu lugar.

– Que bom. Quer dizer, que bom que você vai conseguir vê-lo à noite – Michael disse, observando-me tentando lidar com meu cabelo. – Sua agenda também anda bem agitada. Ele vai conseguir estar aqui para o show?

O cacho saiu do lugar de novo. Eu o empurrei de

volta.

– Ele diz que sim, mas vai saber quanta de publicidade ele tem de fazer. Ele vai para a Inglaterra, para a estreia em Londres, e depois para a França. Então eu não sei ao certo. Mas ele vai fazer o possível.

Eu suspirei, sentindo-me desmoronar um pouco sobre a cadeira.

– Bom, você vai estar incrível. Eu sei que ele vai querer ver isso – Michael acrescentou, ainda me observando lutando com meu cacho idiota.

– Obrigada. Vamos ver. Eu estou começando a ficar nervosa de verdade – eu admiti, erguendo ao máximo minhas sobrancelhas para disfarçar o quanto eu já estava nervosa de fato.

– Vai estragar mais um par de sapatos meus? – ele perguntou.

Eu ri na mesma hora. Quando a gente estava na faculdade, eu tive o papel principal num musical – meu papel mais importante desde o ensino médio. Michael estava cuidando da iluminação do show,



então ele nos assistia ensaiando todo dia. Ele me dava sua opinião toda noite enquanto voltávamos para casa. Sua opinião era sempre importante porque não importava o quanto ele gostasse de mim cantando, ele não deixava de ter olhar crítico. Ele sempre me dava um *feedback* honesto.

Na noite de estreia eu apareci no seu apartamento tremendo. Eu estava tão nervosa que assim que ele abriu a porta vomitei no tênis dele. Depois que ele tirou o seu pobre Adidas, nós nos sentamos em seu sofá e ficamos ouvindo Toad The Wet Sprocket. Ele passou seus braços em torno de mim e me disse que tudo ia ficar bem. Que eu ia botar pra quebrar. Que eu nunca deveria subestimar meu talento. Para eu confiar em mim mesma.

No fim das contas, eu botei mesmo pra quebrar. Mas eu ainda costumo ficar nervosa na noite de abertura.

– Bom, acho que vamos ter de esperar pra ver – eu disse, sorrindo de volta ao presente. – Faz quase dez anos que eu estive em qualquer tipo de palco de

verdade, então não prometo.

Eu ri, e o cacho caiu mais uma vez.

– Droga de cabelo – eu murmurei. Nós dois levamos nossas mãos até ele ao mesmo tempo.

Ele chegou primeiro. Enquanto o encarava de olhos arregalados, ele o enfiou de volta no meu coque, fazendo com que sua mão se demorasse talvez um segundinho a mais além do esperado.

E naquele segundo, as coisas começaram a mudar entre a gente.

Ele me olhou com aqueles olhos castanhos de que eu me lembrava dos anos passados. Que costumavam se acender quando nós ríamos juntos. Que se tornavam profundos quando nós entrávamos em uma discussão.

Nós éramos tão bons amigos. Passávamos horas incontáveis sozinhos um com o outro – lavando roupa, vendo filme, cozinhando o jantar – mas a amizade que tínhamos nunca passou disso. Embora eu tivesse sentimentos muito fortes por ele, e que definitivamente eram maiores do que de uma

amizade, ele parecia nem um pouco interessado em mim romanticamente, então os guardei para mim mesma.

Mas, quando eu estava no palco, a coisa mudava completamente de tom. Várias vezes eu o pegava olhando para mim, quando sua guarda estava baixa. O modo como ele me olhava enquanto eu cantava me dava esperança que algum dia ele pudesse retribuir meus sentimentos mais que amigáveis. Eu era perdidamente apaixonada pelo meu amigo Michael, e tudo o que eu queria era que ele me desejasse da mesma maneira.

E então aquela noite chegou. Naqueles olhos castanhos eu tinha visto uma vez, somente uma vez, meu amor refletido de volta. E agora eu tinha me familiarizado com aqueles olhos castanhos, confiava naqueles olhos castanhos, mais uma vez.

Aqueles olhos castanhos agora olhavam de volta para mim confusos e hesitantes e... havia algo a mais neles? Será que era coisa da minha cabeça? Será que eu estava apenas vendo o que eu queria ver?

Espera, e eu *queria* ver isso?

Meu celular bipou, e os olhos mudaram.

Ele afastou as mãos do meu rosto enquanto eu olhava para o telefone.

Eu sorri encabulada.

– Holly – eu disse.

Ele acenou e se levantou. Começou a se afastar, depois pareceu congelar por um instante antes de seguir andando. Eu apertei “Ignorar” no meu telefone e me recostei de volta à cadeira, paralisada pelo turbilhão de sentimentos dentro de mim.

Que diabos estava acontecendo? Michael estava olhando para mim de um jeito que, bem, de um jeito que eu adoraria que ele me olhasse.

Dez anos atrás.

Não agora.

Certo?

Balancei a cabeça, afastando tais emoções. Eu precisava afastá-las. Eu mergulhei na última parte do ensaio, perdendo-me na *performance* e no trabalho de dar vida à Mabel. Isso tomou conta da maior

parte da noite, e todas as coisas relacionadas a Michael eu tranquei com segurança na gaveta do esquecimento.

Quando finalmente o ensaio acabou à noite, faltavam poucos minutos para as nove, e eu estava ansiosa para encontrar Jack. Tinha trazido comigo algumas roupas para o jantar e me troquei rapidamente – tirando minhas calças de ioga e colocando um vestido envelope cinza bordado à mão que Leslie e eu tínhamos encontrado na Bergdorf's poucas semanas atrás. Eu o combinei com botas pretas de cano alto, brincos gigantes de argola, um ousado batom vermelho e um enorme sorriso.

Fiquei esperando-o no saguão do teatro, despedindo-me dos outros membros do elenco que iam embora. Vários caras da produção assobiavam para mim, e eu abria um largo sorriso. Era bom saber que eu ainda podia aparecer arrumada, com tudo em cima.

Michael saiu e despediu-se rapidamente, parado à porta. Ele voltou-se para trás como se estivesse

prstes a dizer alguma coisa, mas então continuou passando pelas portas.

Eu ainda estava refletindo sobre isso quando meu telefone tocou. Era o inglês.

– Oi – eu respondi.

– Oi pra você também. Está pronta? – ele perguntou num tom baixo de voz.

– Estou pronta. Onde você está? – eu perguntei, alisando meu vestido mais uma vez.

– Estou aqui fora, no carro. Eu consigo ver você no saguão daqui, Grace – ele disse sussurando.

– Ah, é? Consegue me ver daí? O que eu estou fazendo? – eu perguntei, curvando-me para pegar minha bolsa no banco, certificando-me de me levantar lentamente, arqueando as costas e empurrando meu peito para frente.

– Mmm, eu amo quando você se inclina assim – ele deu uma risadinha maliciosa.

– Como se eu não soubesse disso.

Eu ri enquanto abotoava meu sobretudo de couro de camelo por cima do vestido e enrolava um lenço

vermelho de caxemira em torno do meu pescoço.

– Caramba, Doidinha, você sabe o que você faz comigo quando vejo você usando vermelho – ele gemeu.

– Bem, então você vai adorar o que tem debaixo desse vestido – eu disse, amando o fato de que ele podia me ver enquanto eu não podia vê-lo.

Acrescentei um pouco mais de elasticidade e rebolado aos meus quadris enquanto caminhava pelo saguão em direção às portas de vidro. Elas automaticamente se abriram deslizando, e quando o ônibus da cidade soltou os freios, eu pude vê-lo.

Ele estava encostado contra o luxuoso carro, saído direto de um sonho erótico. Jeans preto, suéter preto com gola V, jaqueta de couro. Ele curvou-se abaixando quase até a cintura...

– Você está linda, Doidinha – ele disse suavemente enquanto eu caminhava em sua direção.

– E você está doidamente lindo – eu respondi.

Eu peguei o celular de suas mãos e o fechei.

Fechei também o meu e coloquei os dois dentro da

minha bolsa. Inclinei-me, aproximando minha boca muito próxima da sua orelha direita.

– Não há necessidade de celulares hoje. Eu pretendo me ocupar com um tipo de comunicação um pouco mais particular, de um para o outro, pode ser? – e beijei o ponto logo abaixo da sua orelha que eu sabia que o deixava louco.

Ele gemeu, trazendo até mim suas mãos para me puxar contra o corpo dele. Ele já estava duro, e eu gemi ao perceber.

– Senti a sua falta – ele resmungou, colocando suas mãos na parte inferior das minhas costas e pressionando seu corpo contra o meu.

Eu sorri e passei meus braços ao redor do seu pescoço.

– Você não faz ideia do quanto, George – eu disse, beijando com avidez seus lábios perfeitos.

– Quão rápida você consegue ser para terminar de jantar? – ele perguntou entre beijos.

– Depende, mas posso ser muito rápida. Por quê?  
– eu perguntei, enquanto ele começava a beijar meu



pescoço. Minhas mãos se afundaram em seu cabelo com selvagem abandono.

– Porque, assim que acabarmos com nosso jantar, eu vou levar você direto para o meu hotel, vou tirar tudo o que cobre esse corpo divino, e vou foder você até você perder a razão – ele disse, lambendo a covinha na base do meu pescoço.

Eu estremei quando suas palavras chegaram aos meus ouvidos e meu cérebro processou o que ele tinha acabado de dizer.

– Olhe, amor, tudo que preciso são uns biscoitinhos e um copo d’água. E então a gente pode partir pra trepar – eu disse, com meus olhos se revirando enquanto ele desabotoava meu sobretudo e sua boca nunca abandonava minha pele.

Então eu percebi que estávamos parados no meio de uma calçada bem movimentada a apenas alguns quarteirões de um outdoor de *Tempo*. Eu sabia disso porque Leslie e eu andamos três quarteirões fora de nosso caminho para vê-lo quando fomos tomar café.

Uma calçada cheia de pessoas passando, e eu

dando uns amassos em Jack Hamilton. Eu me afastei – seus lábios ainda grudados em meu pescoço, suas mãos ocupadas em desabotoar os botões do meu casaco.

– Não, Doidinho, não. Jantar primeiro, desabotoar depois. Além do mais, a Rebecca não vai encontrar a gente lá? – eu perguntei, esforçando-me para me controlar. Senti meu autocontrole escorregar um pouco quando ele enfiou dois dedos entre os botões do meu casaco para roçar em meus seios por baixo do vestido.

– Sim, ela vai. Mas ela entenderia. Ela sabe como eu estava com saudades da minha Grace – ele sussurrou em meu ouvido – usando um perfeito inglês da realeza britânica só para me atíçar ainda mais.

Ainda que meu corpo desejasse muito tê-lo me possuindo ali mesmo, contra o carro, meu cérebro começou a funcionar o suficiente para eu me afastar de novo e segurar sua mão.

– Está bem, garanhão. Escuta aqui. Nós vamos até lá e teremos nosso jantar. Vamos passar um tempo

com a Rebecca. Não vamos pedir a sobremesa nem nenhum drink depois do jantar, e vamos embora. Vamos direto para o seu hotel, e eu deixo você já começar a fazer as coisas comigo no elevador antes mesmo de chegarmos ao seu quarto. Combinados? – eu vi seus olhos brilharem quando terminei de dizer.

– Certo, combinados. Mas sem aperitivos – ele disse, segurando a porta do carro aberta para que eu entrasse.

– Sem aperitivos – eu concordei, entrando.

Já sentados dentro do carro, ele disse ao motorista aonde nos levar, então subiu a janela divisória, para que ficássemos à vontade só nós dois.

– Grace? – ele disse, deslizando no assento de couro para se aproximar de mim. Seu perfume era absurdamente delicioso. Seria difícil manter distância do Hamilton nessa noite.

Mas quem ia querer manter distância do Hamilton? Não essa garota aqui, certamente.

– Sim? – eu respondi, levando minha mão até sua bochecha para acariciá-la.

– Você não disse nada sobre a ida dentro do carro até o restaurante e se eu podia ou não fazer coisas com você aqui dentro – ele disse, com um sorriso propositadamente malicioso.

Droga.

– Não, acho que não – eu suspirei resignada, as mãos dele já se esgueirando sob meu vestido. O ar me faltou enquanto os dedos dele traçavam um círculo sobre a parte superior da minha coxa.

– Nós ainda temos uns vinte e cinco quarteirões pela frente. Vamos brincar um pouquinho?

Ele sorriu, observando a minha reação enquanto subia lentamente sua mão, cada vez mais perto.

– Meu amor, isso é algo que você não precisa nem perguntar. É sempre sim. Estou sempre a fim de brincar – e beijei-o com paixão.

Talvez tenhamos nos atrasado um pouco para o jantar.

# nove

Eu e Rebecca nos divertimos muito pondo as novidades em dia, e Jack só acenava a cabeça enquanto conduzíamos a conversa durante o jantar. Ele me contou tudo sobre os *stalkers*, os fãs de *Tempo* aparecendo para vê-lo, e os paparazzi perseguindo-o constantemente. Por ele ter me mantido ocupada com outra coisa no carro, eu não pude perceber o carro dos seus seguranças nos seguindo. Eles agora acompanhavam Jack em grandes eventos, e em outros nem tão grandes também, como um simples jantar. Eu levaria algum tempo para me acostumar com isso.

Chegamos ao restaurante bem rapidamente, então não tivemos um sexo completo de verdade, apenas a promessa de um. Mas as calças chegaram muito perto de serem tiradas, e agora eu estava

excitadíssima. Tudo me excitava: como bebia seu vinho, como enrolava o macarrão, como lambia os lábios para pegar uma gotinha de molho. E será que era eu ou ele estava mesmo massageando aquele palito de pão?

Tive de pedir licença na mesa. Precisava tomar um ar. Ele estava me deixando louca de verdade. Rebecca me seguiu até o banheiro feminino.

– Ele está tentando fazer você entrar em combustão? – ela perguntou, lançando no espelho um olhar que já tinha sacado tudo.

– Meu Deus, sim! Você percebeu isso também?

– Menina, caramba, como ele está aceso. Ele sente muito a sua falta. Eu quase me senti uma pervertida observando toda aquela encenação de sexo na mesa... Quase. Eu com certeza quero ver mais – disse ela, rindo da expressão em meu rosto.

– Ele está me matando. Mal consigo me aguentar – eu admiti, me abanando com mão.

– Grace, eu preciso dizer isto: ele está tão apaixonado por você – ela disse, retocando seu

batom.

Eu parei de me abanar e olhei para ela.

– Por que você diz isso? – eu perguntei, realmente interessada no que ela tinha a me dizer.

– Eu sei. Ele fala o tempo todo de você. E ele realmente sente a sua falta. Você devia tê-lo visto nas entrevistas hoje. Ele estava balançando na cadeira, olhando o relógio. Sabe, ele tenta parecer descolado, mas ele é só um bobão. Aquelas fãs o acham todo sexy naquele uniforme de cientista, mas na verdade ele é só um inglês pamonha que ama a sua namorada.

Eu estava tão contente por ele ter uma amiga como ela. Ela realmente tinha sacado quem era ele.

– Ele é mesmo meio bobão, não é? – e ri, pensando nele lá na mesa, massageando o palito de pão.

*Mas ele é o seu bobão.*

Sim, ele é mesmo.

– Os homens são uns bobões quando estão na seca. Você precisa fazer com que ele consiga um pouco de sexo hoje. Eu mesma mal consigo me

conter com toda essa atmosfera sexual acontecendo ao redor, e olha que ele é como um irmão para mim! – ela dizia rindo, enquanto voltávamos para a mesa.

Ao nos aproximarmos vimos Joe, o segurança, conversando em voz baixa com Jack. Eu deslizei para minha cadeira, segurando a mão de Jack e beijando seus dedos quando ele a passou em torno da minha.

– Oi, meu amor. Sentiu minha falta? – ele perguntou baixinho, piscando um olho.

– Senti, de verdade. Vamos daqui a pouco? – eu pisquei um olho de volta e mexi minhas sobrancelhas sugestivamente.

Ele trocou um olhar com Joe, depois se virou para mim de novo.

– Bem, sim. Em breve. Mas preciso avisá-la: há um bando de fotógrafos lá fora. Tudo bem pra você? – sua preocupação comigo transparecia em seu rosto.

Eu respirei fundo.

– Grace, tudo bem. Você pode sair comigo –



Rebecca disse. – Vamos contornar isso. Eles não precisam saber que você estava aqui com o Jack Hamilton. Talvez você estivesse aqui com a um-pouco-menos-famosa-mas-igualmente-gostosa Rebecca Lake – ela disse, ajeitando os seus cabelos enquanto fingia uma pose.

Eu respirei fundo de novo.

Uma hora ou outra isso iria acontecer. Era até surpreendente que não tivesse acontecido ainda. Se eu não tivesse me mudado para Nova York, provavelmente já teria sido identificada há muito tempo. Mas Rebecca estava certa. Eu podia sair com ela, pegar um táxi e encontrar Jack no hotel.

– Está tudo bem. Vou fazer tudo o que você quiser, meu amor. Você sabe disso – e pus um dedo sobre os lábios dele quando ele já ia comentar sobre essa minha afirmação, que podia ser facilmente distorcida. – Claro, para todos os envolvidos, acho que é melhor se eu sair com a Rebecca, não acha? – eu ri enquanto ele tentava morder meu dedo.

– Sim, sim, seria melhor, imagino – ele suspirou

pesadamente.

– Vou pegar um táxi e encontrar você no hotel.

– Não exagere Grace – ele disse. – Nós podemos todos ir no mesmo carro. É só não deixar que nos fotografem juntos.

Eu revirei os olhos, mas topei. Nós nos levantamos e fomos até a frente do restaurante. Rebecca foi na frente, eu logo atrás, mas quando vi os *flashes* eu congelei um pouco. Ela sorriu como uma *expert*, segurou-me pelo braço e me guiou até o carro. Eu tentei esconder meu rosto sem parecer que eu o fazia – vai saber se deu certo. Jack nos seguiu um instante depois, sorrindo para as câmeras.

Nós nos amontoamos num Suburban preto com janelas escuras e zarpamos em direção ao Plaza. Jack e eu ficamos de mãos dadas no banco traseiro, conversando baixinho. Paramos no caminho para deixar Rebecca e, assim que nos aproximamos do Plaza, eu insisti para que me deixassem na frente da Bergdorf's, assim andaria mais ou menos um quarteirão.

– Agora você está sendo boba, Grace – Jack disse amuado enquanto eu me agasalhava para a pequena caminhada.

– Não, eu estou sendo realista. O seu filme vai ser lançado em menos de duas semanas, e a última coisa de que você precisa agora sou eu aparecendo, fazendo suas fãs pensarem que você não está solteiro. Nós podemos discutir isso de novo em alguns meses, assim que as coisas amadurecerem um pouco. Sem mais discussão por hoje.

Essa breve experiência a qual ele passava diariamente tinha confirmado para mim o que eu já sabia, sobre como eu seria tratada se a imprensa descobrisse que ele estava saindo com alguém – principalmente alguém mais velha.

Ele me puxou para junto dele para um último beijo.

– Quarto 1 309. E, Grace...

– Sim?

– Não demora muito – ele sussurrou, beijando-me lentamente.

Eu o beijei de volta e então deslizei para fora do

carro. O ar frio não me fez esfriar nem um pouco na minha caminhada em torno do quarteirão, desviando-me do tráfego ainda grande de pessoas nas calçadas. Depois de dar uma volta inteira, achei que tempo o suficiente já tinha se passado e fiz meu caminho em direção ao Plaza.



Quando cheguei no quarto dele, encontrei a porta encostada apenas. Quando entrei, vi que meu inglês tinha andado ocupado. Havia velas acesas por todo o quarto, e ele estava à espera. Ele ainda usava suas calças pretas, mas o suéter tinha sido tirado, revelando uma camiseta branca de gola V com mangas compridas, não dobradas e ligeiramente largas.

– Oi – eu disse, largando minha bolsa.

– Oi pra você – ele respondeu, tomando um gole do seu vinho. Ele tinha deixado uma garrafa aberta no aparador, e já tinha enchido uma taça para mim.

Eu passei por ele para pegar a minha taça. Ele não

se moveu, mas seus olhos me acompanharam. Eu levei a taça aos lábios, bebericando. O líquido deslizou quente e suave por minha garganta, e senti o sabor deixado em minha língua. Um sorriso abriu-se lentamente em meu rosto.

Ele passou as mãos no cabelo e sorriu sexy para mim.

Eu comecei a desabotoar meu sobretudo, e ele disse:

– Mais devagar.

Olhei-o surpresa, e então entendi.

– Mais devagar, é? – eu perguntei num tom baixo.

Ele acenou.

Pus minha taça de lado, sorri pressionando os dentes contra o lábio inferior e deixei minhas mãos retornarem aos botões de meu longo casaco. Eu fui abrindo um de cada vez, lenta e metodicamente. Via ele me observando, seus olhos acompanhando meus movimentos. Assim que o casaco foi tirado, eu gentilmente o removi dos meus ombros, deixando o couro deslizar pelos meus braços antes de depositá-

lo em uma cadeira. Seus olhos percorreram toda a extensão do meu corpo, de cima a baixo, de baixo a cima, o verde neles estava perceptivelmente mais escuro assim que me encarou.

Eu sorri, curtindo a sua reação. Segurei uma extremidade do meu lenço e o puxei. Conforme puxava, o tecido percorria minha pele, as bordas tocando um pouco o decote do meu vestido. Mais uma vez, ele acompanhava meus movimentos somente com os olhos, antes de cruzar seu olhar com o meu. Seu fôlego tornava-se mais rápido, apesar de estar segurando sua excitação melhor do que eu.

Eu quase ofegava e podia sentir minhas bochechas corando. Mas eu estava longe de terminar. Eu me inclinei lentamente, deixando o decote em V do meu vestido pender frouxamente, para que ele desse uma espiadinha. Eu tirei uma bota, depois a outra, abrindo o zíper num ritmo quase insuportável. Ele tomou mais um gole do seu vinho, e então pôs a taça de lado. Ele enganchou os polegares nas alças do cinto e recostou-se na cômoda.

Seus olhos tinham escurecido, num profundo verde-escuro.

Eu desfiz o laço segurando meu vestido ao mesmo tempo, mas mantive o vestido fechado, e meu corpo oculto o máximo de tempo que podíamos aguentar. No final das contas, não demorou muito, pois ele finalmente afastou-se da cômoda e veio até mim. Sem dizer nada, suas mãos alcançaram meus quadris, fazendo com que o tecido caísse um pouco e deixasse descoberto o que eu tinha por baixo.

– Mmm, Grace. Menina má – ele sussurrou, enquanto seus olhos agora quase negros pareciam querer engolir meu sutiã e calcinha vermelhos que eu pus especialmente para ele.

– Você gosta, é? – eu provoquei, deixando meu vestido despencar aos meus pés.

– Muito – ele ofegou, seus dedos agora traçavam um caminho da minha clavícula ao meu umbigo.

Minha respiração falhava e minhas costas arquearam-se para manter contato com seu toque. Minhas mãos rapidamente alcançaram suas costas e

arrancaram sua camiseta, lançando-a por cima do meu ombro.

– Eu gosto muito também – eu gemi, percorrendo minhas mãos pelo seu peito e descendo até seu umbigo, traçando círculos em torno dele com a ponta dos meus dedos. Ele estremeceu com a sensação, e eu olhei para seus lábios. Seus dentes mordiscavam seu lábio inferior, e eu sabia que tinha de beijá-lo agora.

Mas, antes que eu pudesse, ele caiu de joelhos diante de mim. Suas mãos foram levadas até a parte inferior de minhas costas, puxando meu corpo mais perto dele. Minhas mãos se agarraram aos seus cachos macios, e eu passei meus dedos por eles alisando-os. Eu pressionei seu rosto contra meu ventre, ouvindo seu suspiro quando seus lábios fizeram contato com minha pele.

Os dedos dele deslizaram por baixo da faixa da minha calcinha e começaram lentamente a puxá-la para baixo, mais uma vez me revelando para ele. Ele lançou um olhar para a minha nudez diante dele, e



então ergueu a cabeça em minha direção, enquanto os olhos queimavam vivamente.

– Perfeito – ele disse, levando uma mão da minha bunda até meu joelho, facilmente colocando minha perna sobre seu ombro.

Minha mão acariciava o seu rosto enquanto meu corpo fremia tenso, antecipando o seu toque. Ele encostou o nariz em mim, e minhas mãos agarraram-se nele para que eu não perdesse o equilíbrio. Seus lábios encontraram o espaço entre minha perna e o quadril, e ele me beijou.

– Porra, que perfeito – ele sussurrou, deixando sua língua deslizar onde antes estava minha calcinha.

Eu gemi ao senti-lo, ao tatear doce de sua língua e lábios, enquanto ele me fazia desabrochar. Seus lábios macios me encontraram, e enquanto ele me explorava com a língua eu podia sentir o desejo e a necessidade que tinha por ele, que sempre estiveram ali, começando a tomar forma.

Ele levantou-se rapidamente e me ergueu do chão, tirando meu sutiã enquanto me carregava para a

cama.

A visão de Jack Hamilton sem camisa e prestes a me levar ao paraíso era algo que eu nunca me cansaria de ver, e eu estava molhada só de pensar no que estava para acontecer.

Ele me deixou e ficou diante de mim, com as mãos passeando pelo meu corpo. Meus ombros, meus peitos, meu ventre, meus quadris, minhas coxas e, finalmente, seus dedos me encontraram, abrindo caminho entre minhas pernas, revelando-me para ele.

– Você é tão linda, Grace – ele murmurou e mergulhou sua cabeça entre minhas pernas. Sua língua me encontrou imediatamente, e a cada golpe seu, eu gemia pela perfeição que ele era.

Ninguém jamais conheceria meu corpo tão bem como ele, e ninguém jamais me faria sentir como ele o fazia.

Suas mãos me seguraram conforme meu corpo enlouquecia. Sua boca e lábios e língua chegavam até mim em ondas e ondas, que se chocavam contra mim, fazendo-me gemer, grunhir, suspirar, chorar, e

por fim gritar seu nome.

– Ai, meu Deus, mmm, Jack, Jack, Jack! – eu gritava, sentindo como se fosse explodir por dentro. Ele repercutia pelo meu corpo, um prazer intenso começando a fluir conforme ele tomava lentamente, sua língua agora deslizando gentilmente, lábios beijando, dentes mordiscando, abrindo caminho cada vez mais fundo em mim.

– Hmm, é de tirar o fôlego. Já não consigo me aguentar – ele soltou um riso abafado e mordiscou minha virilha, fazendo sua Marca Hamilton mais forte.

A combinação dos orgasmos enlouquecedores que ele tinha acabado de me dar com a dor peculiar de seus dentes me trouxeram de volta à realidade.

Uma realidade em que Jack ainda estava de calça.

Eu o puxei por cima de mim e girei deitando-o de costas. Sua surpresa com meu súbito ataque rapidamente se transformou em paixão quando eu o beijei com ímpeto, quase machucando seus lábios nos meus. Eu lutei para arrancar a sua calça, e finalmente ele estava pelado diante de mim,

maravilhosamente pelado.

E maravilhosamente duro.

Abri um grande sorriso para ele, seus olhos iluminados pela luz das velas. Eu segurei suas mãos, lancei uma perna sobre ele e me posicionei.

Seus olhos me observavam do mesmo modo como ele me observara removendo suas roupas – com desejo e vontade.

Eu fechei os olhos e deslizei em cima dele. Nós dois gememos ao senti-lo preenchendo-me por inteiro mais uma vez. Seus quadris foram impulsionados para cima enquanto eu ia e vinha com o corpo jogado para trás, e ele me atingiu tão profundamente que eu quase desfaleci ali mesmo.

– Caramba, Grace, como eu senti sua falta – ele gemeu enquanto eu começava a subir e descer em cima dele, suas mãos soltando-se das minhas para que ele pudesse segurar em meus quadris e adentrar ainda mais.

– Eu sei, eu também senti a sua – eu respondi, meu ritmo cada vez mais rápido conforme eu sentia que

estava perto de mais um orgasmo.

Ele se sentou, puxando minhas pernas em torno de sua cintura de modo que ele pudesse me sentir até o talo, e nós dois suspiramos. Ele inclinou sua cabeça em meu pescoço, beijando e chupando, e lancei minha cabeça para trás e segurei com força em seus ombros.

– Você é tão sexy – ele grunhiu, bombando dentro de mim com uma semi agressividade.

Eu amava o Jack Agressivo.

– Sou sexy porque você é bom pra mim – eu gemi em seu ouvido, sabendo que ele gostava quando eu falava assim com ele.

Funcionou.

Ele grunhiu de novo, erguendo meus quadris e me jogando de volta, fazendo-me gritar seu nome mais uma vez. Ele tinha atingido aquele ponto, aquele Ponto J, e eu estava gozando em cima dele.

– Porra, Grace. Isso é tão bom – ele gemeu, e então meu lindo homem fez aquela cara linda que só ele podia fazer: mandíbula tensionada, olhos

semicerrados, lábios frouxos e testa franzida.

O inglês tinha gozado.

Em mim.

– Perfeito – ele sussurrou, agarrando-me junto dele, respirando fundo enquanto desmoronava contra meu peito. Ele descansou a cabeça em meu ombro enquanto eu o segurava.

– Eu te amo, minha linda – ele sussurrou, beijando o espaço entre meus seios. E então ele me olhou nos olhos.

– Eu também te amo, Jack – e dei um beijo em sua testa.

Dormimos a noite toda juntos, enrolados nos lençóis.

As mãos dele, onde estavam? Adivinha.



Jack voltou para LA na manhã seguinte, depois de termos comido panqueca e waffles pelados. Eu o acompanhei até o táxi para o aeroporto, sabendo que o veria muito em breve. As despedidas estavam se

tornando mais fáceis.

Ele passou os dias seguintes dando entrevistas, em sessões de foto e em programas de TV. Apareceu no Leno e na Ellen, e em todos os outros, e ele constantemente me mandava mensagens secretas por trás das respostas fúteis que dava aos entrevistadores. Legal...

Inúmeras fotos começaram a aparecer em revistas, e ele estava realmente se tornando a mais nova sensação. Seu nome estava na boca de todo mundo, seu rosto, em todas as capas, e ele passava as noites sozinho em seu quarto de hotel, rindo que nem criança no telefone comigo enquanto conversávamos por horas e horas. O homem mais sexy do mundo era um fã enrustido de *Golden Girls*.

Eu passei a semana seguinte nos ensaios, certificando-me de que tudo estava preparado para que eu pudesse tirar um fim de semana de folga pouco antes de acrescentarmos os toques finais para o show. Alguns poucos membros da imprensa local sobre teatro apareceram no último dia de ensaio,

especialmente convidadas por Michael, e eu até passei alguns minutos sendo entrevistada por causa do show e de meu papel! Ninguém nunca tinha me entrevistado antes, e embora não chegasse nem perto do sucesso estratosférico (e em ascensão) de Jack, ainda assim foi uma vitória para mim. Eu estava orgulhosa do trabalho que estava fazendo, e qualquer tempo gasto falando sobre o show era um tempo bem aproveitado. Eu não acreditei quando um repórter me pediu para soletrar meu nome para ele: eu percebi que logo eu iria vê-lo publicado! Estava maravilhada diante da vida que eu levava e a boa sorte tinha sido dada a mim para uma segunda tentativa nessa carreira.

Enquanto Jack se preparava para a maior noite de sua carreira, Leslie e eu compramos um vestido digno de um tapete vermelho de uma estreia, e – embora eu não saiba por parte de quem – Michael e eu não passamos nenhum tempo sozinhos durante a semana toda.

Finalmente, o dia do voo de volta a LA tinha



chegado. Eu estava de mala feita e pronta para partir. Peguei um táxi até o aeroporto, com meu vestido cuidadosamente dobrado.

Eu estava indo para casa.

# dez

Eu aterrissei em torno das três da tarde de uma quinta-feira, um dia antes da estreia. Eu mal podia parar sentada no assento quando vi que nos aproximávamos do Aeroporto Internacional de Los Angeles, revigorada pela soneca que tinha conseguido tirar no avião.

Eu olhei para fora da minha janela, observando o deserto se transformar naquele cenário marcante do sul da Califórnia. Quando vi o oceano, sabia que já estava em casa.

Jack queria muito me pegar no aeroporto, mas não podia por dois motivos: primeiro, ele estava cheio de entrevistas e coletivas agendadas, e segundo, ele jamais conseguiria escapar dos *paparazzi* no aeroporto. Havia sempre alguém no aeroporto esperando para fotografar uma celebridade com a

cara amassada depois de um voo transcontinental, e eles entrariam em êxtase se vissem Jack indo pegar sua ruiva misteriosa, cujas pernas estariam firmemente presas em torno de sua cintura, enquanto ele a beijava do jeito que só ele era capaz de fazer. Isso sim seriam boas-vindas.

Uma vez que Holly também estava ocupada com todas as coisas da estreia, eu planejei pegar um táxi e ir direto para a minha casa. Jack tinha concordado em me encontrar lá depois da sua última entrevista, e depois de ter se despedido do pai dele. Seu pai tinha vindo para a estreia e, ao mesmo tempo em que eu estava ansiosa para conhecê-lo, também estava terrivelmente nervosa quanto ao nosso grande encontro. Eu seria apresentada a ele na noite seguinte, mas naquela noite Jack tinha tirado a maior parte do tempo para as suas “obrigações familiares”, como ele as chamava, para “dar as boas-vindas com estilo”. Quem poderia se opor a isso?

Enquanto eu caminhava levando minha mala a caminho da linha de táxis estacionados do lado de

fora, eu tive uma agradável surpresa ao ouvir meu nome e, então, ver meu carro! Debruçado nele, com os óculos de sol firmemente plantados no rosto e um enorme sorriso, estava a coisa mais fofa que eu já tinha visto: Nick. Um dos caras mais queridos que eu e Holly já tínhamos conhecido, um roteirista que tinha uma queda por Jack ainda maior que a minha.

– E aí, gata. Ouvi dizer que você precisa de uma carona – ele disse com ar *blasé*.

– E não é que eu preciso mesmo? – respondi rindo, correndo até ele para um abraço apertado. Tinha sentido falta do meu amiguinho.

Nós rimos enquanto nos abraçávamos, e então ele jogou minha mala no banco de trás. Ele já estava indo para o banco do motorista quando eu o impedi.

– Sem essa, bobo. Tenho pegado metrô e táxi por semanas. Preciso dirigir a porra do meu carro. Chaves, por favor – eu pedi.

Ele as entregou.

– Eu imaginei. Óculos de sol? – ele perguntou enquanto eu me sentava.

– Óculos de sol a postos. Agora vamos pra casa.

Nós dirigimos pelo longo caminho, evitando as rodovias para aproveitar ao máximo o clima californiano. Com o teto do conversível aberto, no verdadeiro estilo sul-californiano, nós fomos absorvidos por tudo ao nosso redor enquanto seguíamos na direção norte pela PCH,<sup>2</sup> depois virando para leste na Sunset para uma de minhas estradas favoritas – a mesma que Jack e eu pegamos meses atrás. Eu podia sentir o sol batendo no rosto, o forte cheiro do mar nas narinas, e eu sabia que não queria viver em nenhum outro lugar na minha vida. Eu realmente gostava de Nova York, mas amava LA.

Finalmente chegamos ao Laurel Canyon, e bem quando fiz uma curva e apenas relanceei meu lindo bangalozinho, meu celular tocou. Nick me deu um beijo na bochecha e saiu do carro enquanto eu respondia à chamada.

– Oi, amor, espera um segundo – eu disse, e acenei para Nick de volta. – Obrigada por vir me buscar. É tão bom estar de volta! Vejo você amanhã?

– gritei para ele.

– Ah, por favor, né. Eu sou seu acompanhante! Sou seu namorado de fachada para a estreia, e esperando ficar perto daquele coadjuvante, aquele Lane. Você viu o corpo dele?

E saiu murmurando qualquer coisa para si mesmo enquanto voltava para seu carro. Ligou o motor e saiu voando pela estrada.

Eu sabia que todos os olhos estariam em cima de Jack na estreia, e com Holly cuidando de todos os detalhes da carreira dele, seria mais fácil eu costurar meu vestido no tapete do que percorrê-lo com ele. Mas, ainda assim, eu gostaria de poder andar com o homem que amo naquela noite especial.

– Com quem você estava falando, Grace? – ouvi a voz de Jack perguntando. – Não faz nem uma hora que voltou e já está paquerando os caras?

Ele riu, e eu sorri. Só de pensar que eu e Jack estávamos de novo na mesma cidade, minha cabeça ficava nas nuvens.

– Haha, era o Nick. Ele me pegou no aeroporto.

Onde você está? – eu perguntei, arrastando a minha mala enquanto entrava em casa.

Mmm, as limeiras perto da porta de entrada exalavam fortemente. Eu tinha contratado um jardineiro para vir periodicamente fazer uma manutenção enquanto eu estava fora, e estava feliz pelo investimento – estava tudo verde, verde, verde.

– Estou acabando minha última entrevista do dia e achei que você ia gostar de saber que a *Teen Beat* analisou uma amostra da minha caligrafia. E eles concluíram que eu sou artístico, com grande força de vontade, e leal – ele deu uma risadinha.

Eu dei a volta na chave, destrancando minha casa.

– Tudo verdade. Assim que você decidiu me conquistar, você não parou até conseguir. Com muita força de vontade, pelo que eu me lembro.

Eu passei pela porta e entrei. O cheiro de novo da reforma, pinho sol e minhas velas preferidas de chá branco me saudaram.

– Eu, conquistar você? Acho que você anda meio esquecida, Doidinha. Você claramente se jogou pra

cima de mim a partir do momento em que me conheceu. Você e esses peitões cheios de conversa pra cima de mim. Você já estava me rondando.

– Claro, peitões falantes é definitivamente um truque que usei durante anos para conquistar os caras.

Eu ri, deixando minha mala num canto e começando a abrir as janelas. A luz inundou o ambiente, e eu podia sentir o sol de fim de tarde na minha pele. Não tinha percebido o quanto tinha sentido falta disso até soltar um longo suspiro de satisfação.

– Feliz por estar em casa? – ele perguntou.

– Você não faz ideia, George. Que horas você vem pra cá?

Eu me afundei em um dos meus sofãs fofinhos na sala.

– Assim que eu terminar de jantar com meu pai. Não pretendo comer muito, então posso jantar de novo mais tarde com você, se você quiser – ele disse.



– Mmm, é uma boa ideia. Só preciso tirar um cochilo enquanto te espero – eu disse, espreguiçando-me e abraçando a almofada do sofá. Eu me senti um pouco ansiosa de novo quando ele mencionou o pai dele, mas me segurei. Eu podia lidar com isso. Eu estava com medo de quê?

– Você já abriu a geladeira? – ele perguntou.

– Não, acabei de chegar. Por quê? Eu a deixei vazia.

Intrigada, eu me levantei e fui até a cozinha. Na porta da geladeira, bem debaixo do recado no *post-it* que eu mesma deixei, tinha uma foto minha e do Jack. Tinha sido tirada em Santa Bárbara, pelo fotógrafo que realizou o ensaio *InStyle*. Eu estava sentada no colo de Jack, olhando para ele com uma intensidade que eu nunca tinha visto em meu rosto. Ele sorria embaraçado para a câmera.

Nós parecíamos perdidamente apaixonados. E já que eu estava sentada no colo dele, não havia necessidade de me preocupar com minha bunda na foto...

– Ah – eu disse, com a mão na boca. Era a única foto que eu tinha de nós dois, já que eu tinha me recusado a imprimir qualquer uma daquelas do TMZ.

– Gostou? – ele perguntou.

– Amei. Obrigada.

Eu sorri de uma orelha a outra.

– Achei que gostaria.

Ele deu uma risadinha abafada, e então eu ouvi alguém falando no fundo.

– Ei, preciso ir, mas nos vemos mais tarde, tudo bem?

– Claro! E, Jack?

– Diga.

– Já te disse que te amo hoje?

– Não, ainda não – eu podia perceber que ele estava sorrindo.

– Eu te amo muito. De verdade.

Meus dedos tocaram seu rosto na foto.

– Eu também te amo, Grace. À noite nos veremos.  
Tchau!

Eu desliguei o celular e me virei para minha casa.

Eu desfiz rapidamente as malas e pendurei meu vestido da noite seguinte no *closet* do quarto de visitas, para que Jack não o visse. Leslie e eu finalmente tínhamos encontrado o vestido perfeito, e eu mal via a hora de usá-lo para ele.

Eu estava com fome, uma vez que agora em Nova York seria a hora de jantar. Eu olhei para meu quintal e vi que meus abacateiros estavam cheios de frutos. À pura moda sul-californiana, naquela tarde meu lanchinho foi um abacate, temperado apenas com sal, pimenta e um suco fresco do limão das minhas próprias árvores. Foi acompanhado de um martíni seco feito com os ingredientes que Jack, atencioso, tinha comprado. Ele até mesmo colocou a vodka no freezer. Sério, eu não merecia esse homem.

– Oi, meu doce. Acorda.

Depois de falar com Holly e convidá-la para o café da manhã no dia seguinte, fui até meu quarto lembrando da única noite que dormira ali.

E então deitei na cama, me arrastei para debaixo dos lençóis macios e me permiti tirar um cochilo

abençoado. Era muito bom estar em casa, mesmo que só por um fim de semana.



Eu gemi no travesseiro e meu sonho com Jack se dissipava quando jurei que ouvia a voz dele bem ao meu lado. Esperei as buzinas e ruídos e motores da cidade me lembrarem de onde eu estava.

Em vez disso, eu ouvi o som passarinhos e do vento. Eu sentia cheiro de – espera, daquelas bolachas... S'mores? Eu abri devagar um olho, desconfiada de estar realmente em casa. Tive uma linda visão: Jack ao meu lado na cama. Camisa de manga comprida esporte branca, *jeans* preto rasgado. Ele parecia exausto, mas feliz, enquanto inclinava-se para me beijar na testa.

– Oi para você – eu murmurei, abrindo os dois olhos e me espreguiçando. Eu tinha dormido pesado e rápido, e tinha certeza de que meu rosto tinha marcas de travesseiro.

– Tem marcas de travesseiro no seu rosto – ele

disse, fazendo seus dedos percorrerem minha bochecha.

– Você não deixa passar nada, não é? Nem todos nós estamos na lista dos Mais Bonitos da *People* – eu provoquei, deitando de costas e dobrando as pernas.

– Para de inventar. Eu não estou naquela lista.

Ele franziu o cenho, colocando as pernas sobre a cama depois de chutar os sapatos. Ele se deitou ao meu lado, em cima das cobertas, apoiando a cabeça sobre meu ombro.

– Ainda não, talvez, mas você vai estar. Marque minhas palavras, as pessoas vão falar muito ainda de você. Mas não deixa ninguém roubar minha Marca Hamilton. Ela é só minha.

Eu ri, e ele pareceu confuso.

– Que diabos é uma Marca Hamilton? Holly estava falando sobre marcas um dia desses com um representante de Relações Públicas.

– Na verdade, eu estava falando de outro tipo de marca. Quando a hora chegar eu te falo sobre ela.

Eu sorri maliciosamente, aproximando-me dele e me aconchegando ao seu corpo quente. Ele sempre foi alto e magro, mas eu tinha certeza de de ele não estava comendo bem durante as viagens. Ele andava perdendo cada vez mais peso desde quando eu fui embora em setembro. Eu teria de cozinhar de novo para ele assim que meu show e a agenda apertada dele com o filme terminassem. Eu olhei para ele, e ele sorriu.

– Lábios, por favor – ele disse.

– Como é que é? – eu perguntei.

– Lábios, por favor. Você ainda não beijou de verdade seu homem – ele disse, e eu me inclinei concordando. Eu o beijei com suavidade e suspirei quando senti sua boca quente. Beijei mais uma vez com mais intensidade, e então me aconcheguei no cantinho Hamilton.

Nós ficamos deitados em silêncio por alguns minutos, e ele passava as mãos nos meus cabelos e ombros. Isso era tão confortável e relaxante, que eu considerei nunca mais levantar da cama. Mas minha

barriga decidiu nosso destino, e assim que ela começou a roncar de um jeito que não dava para ignorar, eu ri.

– Bom, acho que a gente tem que pensar no que vamos jantar. Já comeu? – eu perguntei, sentando-me e espreguiçando.

– Eu estava esperando você, meu amor. Você está com vontade de comer o quê?

– Pode parecer idiota, mas fiquei com vontade de ir no Gladstone's desde que passei na frente dele na volta do aeroporto. Público demais? – eu perguntei, pensando na brilhante ideia de nós dois comendo num lugar tão cheio de turistas uma noite antes da estreia dele.

– Ah, foda-se, Doidinha. Vamos e pronto. Eles servem uns peixes e umas batatinhas tão gostosas, e depois a gente pode dar uma volta na costa.

Ele me acariciou nas costas quando eu me apoiei nos cotovelos para falar com ele. Ele parecia tão cansado que achei que a qualquer momento ele cairia no sono.

– Tem certeza? A gente pode ficar por aqui e pedir alguma coisa. Você está com uma cara de cansado.

– É um jeito legal de dizer que eu estou com cara de merda, Grace – ele respondeu com um sorriso pesaroso.

– Impossível. Você é bonito demais.

Eu ri, dando um tapinha no rosto dele. Fingindo indignação, ele estava prestes a pular em cima de mim quando seu celular tocou.

– Desculpa, meu amor, é a Holly. Preciso atender.

– Tudo bem. Eu vou tomar um banho rápido, e daí a gente vai.

– Droga. Odeio pensar em você tomando banho sozinha quando eu estou bem aqui.

Ele olhou para mim, depois para o telefone, depois de novo para mim, confuso. Eu ri e atendi a chamada para ele, passando o celular para a sua mão e beijando-o na bochecha. Peguei o que precisava e fui para o banheiro. Eu estava lavando meu cabelo quando o ouvi abrir a porta, ainda no celular.

– Grace, posso usar seu computador? – ele



perguntou.

– Claro, está dentro da minha mala no corredor.

– Valeu – ele disse, e ouvi a porta fechando.

Eu terminei o banho, com o estômago agora parecendo um trator, e comecei a me enxugar. Mal podia esperar pelo dia em que poderíamos tomar banho juntos toda hora de novo. Eu vesti meu jeans e estava abotoando minha camisa quando eu o ouvi vindo pelo corredor.

– Gra-ace – ele cantarolou, e senti um calor subir ao ouvir a voz dele.

Eu poderia muito bem parar de abotoar naquele exato momento. Já conhecia aquele tom de voz.



Ele me atacou no banheiro, e eu rapidamente me entreguei ao nosso sexo improvisado. Foi uma delícia.

Assim que nos desenroscamos, o inglês sorriu maliciosamente enquanto me via tentando abotoar minha camisa de novo. Mas como ele tinha feito voar

quase todos os botões quando ele a arrancou, eu não teria sorte. Eu vasculhei na minha mala em busca de alguma outra coisa para usar, e ele riu quando eu perguntei se ele tinha encontrado o que queria no computador.

– Encontrei, Grace. Pode ter certeza disso. E obrigado – ele disse num tom baixo de voz, encorpado pelo sexo que tínhamos acabado de ter. Eu podia sentir o tesão voltando, e saí correndo rumo à porta de entrada, arrastando-o comigo pelas mãos.

– Vamos logo, meu amor. Os bolinhos de siri nos esperam – eu graciejei, trancando a porta e atirando as chaves para ele.

Nós voltamos pelo mesmo caminho pelo qual eu tinha vindo nessa tarde. O sol já tinha quase se posto e lançava uma luz prateada ao longo dos penhascos enquanto dirigíamos para Malibu. O som do rádio estava alto, o teto estava abaixado, sua mão sobre minha perna, e eu tinha um sorriso enorme no rosto.

Quando chegamos lá, estava lotado, e eu senti um pouco de pânico. Eu sugeri que passássemos pelo

*drive thru*, mas ele insistiu que estava tudo bem. Ele tentou me pegar pela, mas dessa vez eu não me rendi. Ele franziu o cenho, e eu tentei explicar para ele gentilmente.

– Meu amor, você sabe por quê. Vamos esperar a estreia do seu filme, e daí a gente pode discutir a possibilidade de você perder fãs por minha causa, que tal? – eu tentei fazer uma piada, enquanto ele percorria a mão pelo cabelo.

– Como você quiser, Grace – ele disse, com um pesado suspiro.

Eu sabia que isso era difícil para ele. Para mim também era. Mas eu tinha prometido a Holly que continuaríamos discretos, e eu pretendia manter essa promessa. Além disso, eu sabia o quanto eles me odiariam, e eu achava que Jack estava sendo um pouco ingênuo em achar que seu time de fãs mulheres iria receber tranquilamente a notícia de que ele estava namorando uma mulher nos seus trinta anos.

Eu balancei minha cabeça. *Hoje não, Sheridan. Sem pensar nisso essa noite. Deixa dentro da*

*gaveta.*

Nós conseguimos uma mesa do lado de fora para que pudéssemos relaxar e observar o fluir da correnteza. O ar da noite estava frio, e eu estava feliz por ter vestido a flanela vermelha que Jack sempre levava com ele. Nós passamos a noite rindo e bebendo cerveja, fazendo-o relaxar antes do agito que certamente seria a noite seguinte. Uma grande multidão apareceria na estreia, e embora ele estivesse se acostumando a lidar com multidões, isso ainda o deixava nervoso. Ele ainda não tinha entendido realmente o quanto seus fãs o amavam, ou por que eles o amavam, na verdade. Ele insistia que era por causa da série, que eles amavam o personagem apenas. Eu tentei explicar a ele que sim, que no começo provavelmente era por causa disso, mas o pandemônio que tinha se instaurado em cada aparecimento em público só podia ser explicado pelo seu charme natural e personalidade autodepreciativa. Sem contar que ele era lindo de morrer.

E o fato de que ele não entendia isso? Ainda mais

sexy.

Nós conseguimos jantar sem *paparazzi* e com apenas dois autógrafos. De acordo com ele, um dia tranquilo. Nós dirigimos de volta para minha casa, a luz da lua iluminando intensamente os desfiladeiros enquanto tocávamos nossas músicas nos nossos iPods. Nós precisávamos sincronizá-las, pois estávamos o tempo todo discutindo quem ia escolher o que tocar e trocando de música.

Quando voltamos para a casa, eu fui acendendo as luzes enquanto ele se certificava de que estávamos bem trancados dentro da casa. Eu estava no quarto ligando meu carregador do celular quando ele chegou com a mala dele.

– Tudo bem eu pendurar umas coisas no *closet*? – ele perguntou, parando perto da porta do *closet*.

– Claro. Você não precisa pedir, seu inglês bobinho – eu respondi enquanto tirava mais algumas roupas da mala e as colocava numa cômoda quase vazia. Eu nunca tinha guardado minhas roupas. As que eu não tinha levado para Nova York ainda

estavam em caixas ou guardadas em algum lugar.

Ele desapareceu dentro do *closet*, e eu estava tentada a segui-lo lá dentro, mas eu queria que passássemos uma noite calma – não uma reprise de sexo dentro do *closet*, ao estilo Santa Bárbara. Embora tenha sido divertidíssimo.

Eu percebi que não tinha trazido minha camiseta de dormir comigo, mas lancei um olhar em uma de suas muitas camisetas e enfiei uma no corpo. Eu fui impregnada pelo cheiro dele, e isso fez minha cabeça sair fora do ar por um tempo. Difícil explicar por que isso era tão confortável. Quando ficamos de tempos em tempos sem perceber alguém, é estranho ver ao que nos apegamos. Eu estava encantada pelo cheiro dele. Eu rolaria de um lado para o outro como um gato com catnip<sup>3</sup> se pudesse. Era o quanto eu sentia falta do cheiro dele.

Nós conversávamos enquanto nos aprontávamos para dormir, voltando ao hábito que tínhamos estabelecido quando passávamos todas as noites juntos. Ele escovou os dentes enquanto eu passava

loção, depois me observou escovando os meus. Ele sentou-se num canto enquanto eu cuspi a pasta de dente e me passou o estojo da minha lente de contato quando eu estava pronta. Nós conversamos sobre tudo e nada, atualizando um ao outro. Ele discutiu seus planos para reformar e aumentar o espaço para o chuveiro gigante no qual ele ainda insistia, o que eu disse ser uma ótima ideia. Contanto que ele pagasse por ele.

Eu lhe contei sobre o outdoor de *Tempo* que Leslie e eu víamos todo dia em que saíamos para tomar café. Falamos um pouco sobre o peixe e as batatinhas que ele tinha jantado naquela noite, e da diferença entre toninhas e golfinhos. Um bando de *alguma coisa* passou nadando durante o jantar, e continuamos nossa discussão sobre o que os diferenciava e qual dos dois a gente tinha visto.

A discussão finalmente se encerrou quando nos deitamos na cama. Eu encontrei o controle remoto perdido debaixo do travesseiro, e ele apagou as luzes. Ele usava sua roupa de dormir de sempre:

cueca boxer. Nessa noite ela era de um cinza carvão escuro. Imaginei se ele tinha notado que eu tive dificuldades em manter minha escova de dente firme nas mãos quando o vi se despir. Ele atravessou o quarto em direção à cama e, com uma virada graciosa, deslizou para baixo dos lençóis. Ele tinha se tornado pensativo nesses últimos minutos, não mais respondendo às minhas piadinhas com Flipper.

– Terra falando para George. Ainda está aqui? – eu o cutuquei com meu dedão do pé enquanto ele se ajeitava debaixo da coberta.

– Desculpe, Grace. Sim, estou aqui.

Ele sorriu, mas alguma coisa não estava certa.

– O que foi? – eu perguntei, afastando os cabelos do seu rosto com a mão. Ele relaxou ao meu toque e se aconchegou mais perto de mim na cama.

– Nada. Só estou feliz por você estar aqui – ele disse, apertando o corpo contra o meu. Ele deitou a cabeça sobre meu peito, e depois que ele ficou confortável eu comecei a brincar com seus cabelos do jeito que eu sabia que ele gostava. Eu coçava seu



couro cabeludo e desfazia os nós, deixando seus cachos macios e sedosos. Ele soltava suspiros de prazer.

– Estou feliz por você estar aqui.

– Jamais perderia – eu sussurrei entre seus cabelos, beijando-o carinhosamente.

– Vai ser uma loucura, já estou avisando – ele disse, com sua voz tornando-se sombria.

– Bom, então você tem sorte, porque acontece que eu sei tudo sobre loucura – eu disse sorrindo entre seus cachos, e parei de fazer carinho.

Nós ficamos em silêncio por uns minutos enquanto eu coçava de leve sua cabeça e o beijava de vez em quando. A respiração dele tornou-se pesada, e antes que eu percebesse ele tinha caído no sono. Eu o olhei sobre meu peito, os olhos fechados. Ele parecia tão jovem naquela hora, quase uma criança. Ele parecia totalmente em paz. Eu me mexi um pouco para desligar a TV. Quando ele me sentiu mexendo, seus olhos verdes se entreabriram o suficiente para encontrarem os meus, e ele sorriu sonolento.

– Eu te amo, Grace.

Ele bocejou e me virou para meu lado na cama. Pressionou seu corpo contra o meu, e suas mãos se esgueiraram sob minha camiseta, passando pela minha barriga até meus seios. Com um em cada mão, ele me beijou no pescoço e disse:

– Fantástico.

E pegou no sono de novo. Eu senti seu peito quente através do algodão fino da minha (sua) camiseta e seu aperto suave porém possessivo, e sorri também.

– Eu também te amo – eu sussurrei, mas a resposta foi o pequeno ronco que ele dava quando começava a dormir. Em cinco minutos eu também peguei no sono, enrolada no Jack.

---

N.T. Pacific Coast Highway – Rodovia da Costa do Pacífico.

Também conhecida como erva-gatevia, ou erva-do-gato, é uma planta perene da família das hortelãs que, segundo estudos veterinários, estimula o instinto

predador dos felinos.

# onze

Na manhã seguinte acordamos com os nossos celulares tocando ao mesmo tempo. O meu tocou primeiro, depois o dele, e na confusão nós chocamos as cabeças bem no meio da cama.

– Ai!

Eu esfreguei minha testa enquanto atendia ao meu celular, resmungando um “oi”. Ele murmurou qualquer coisa parecida no dele também.

– Hoje é um grande dia para seu namorado, então pode acordar já – eu ouvi a voz alegre de Holly dizer.

– Idiota. É tão bom falar com você tão cedo. Que horas são ainda?

Eu me encostei de volta ao travesseiro e apertei os olhos para olhar o despertador ao lado da cama. Jack ainda estava meio dormindo com cara de perdido, os cachos jogados pra todo lado.

– Holly – eu disse num sussurro, e ele revirou os olhos.

– Holly, por que você está ligando pra nós dois às... caramba, mulher, são sete horas da manhã! – ele exclamou, encostando-se de volta ao travesseiro também. Ele bocejou e virou-se de lado para olhar para mim. Eu sorri para ele, revirando os olhos também. A voz alta e animada de Holly explodia nos dois celulares.

– Eu queria ter certeza de que vocês dois estavam acordados. Hoje é um grande, grande dia, e não há tempo pra ficar dormindo. Além disso, eu preciso ter certeza de que você já levantou para eu ir até aí tomar café da manhã. Estou levando *bagels* e café, já que sei que você não tem nada aí – ela continuou. Jack escolheu esse momento para desligar na cara dela. – Ele acabou de desligar na minha cara? Esse rapaz está se achando a última bolacha do pacote, só pode – ela disse.

Jack deu uma risadinha, ainda podendo ouvi-la do meu celular. Ele deixou seus olhos percorrerem meu

corpo, e eles pararam na minha perna, exposta pelos lençóis que se dobraram. Ele deu um sorriso sexy, então sua mão começou a subir dançando pela minha pele, do tornozelo abrindo caminho para cima. Sua mão levantou minha perna, traçando círculos no meu joelho. Minha pele se arrepiou.

Eu balancei o indicador para ele enquanto tentava escutar Holly. Estava ficando muito difícil me concentrar. Suas mãos subiram um pouco mais, pairando pela minha coxa. Então ele deslizou abaixando-se na cama, trazendo sua cabeça para perto do meu ventre e puxando minha camiseta para cima. Eu me engasguei quando senti sua boca roçar em minha pele. A sensação foi maravilhosa. Holly me ouviu.

– Você está bem, Grace? O que está acontecendo?

– Hmm? Não há nada acontecendo. Está tudo bem – eu falei atropeladamente, sentindo seus lábios sorrindo contra a minha pele. Ele estava determinado a seguir em frente.

Ele me olhou de volta, seu queixo repousando em minha barriga enquanto suas mãos esgueiraram-se para baixo de minha calcinha e começaram lentamente a descê-la por minhas pernas. Eu balancei minha cabeça dizendo não, e ele respondeu acenando com a cabeça dizendo sim imediatamente.

Safado...

Ele se ajeitou mais abaixo na cama e afastou meus joelhos com o nariz, sorrindo maliciosamente.

Eu fiz que não com a boca, sem emitir som, mais uma vez, mas ele revirou os olhos como se dissesse “até parece”. Sua língua me tocou, e minhas costas arquearam-se na mesma hora.

Come-quieto safado.

Prestes a comer *alguém*, com certeza...

Holly tinha mudado de assunto e falava agora do vestido que usaria na estreia. Eu juro que tentei escutar, mas eu jamais teria chance contra a língua e os dedos, e os lábios, e a vibração na minha xota.

– Holly, depois eu... ai... depois eu te ligo... caralho... de volta... Eu te ligo de volta... eu...

Deus do céu!

– Credo, Grace, quando eu estou na linha? Vou chegar em trinta minutos. É bom que já tenham terminado até lá – ela disse.

– Não, melhor você... isso... Eu... caramba, que gostoso... Você chegar em... uma hora–hora–hora–Jack!

Eu soltei o celular e minhas mãos voaram para seu cabelo enquanto ele me fazia perder o fôlego gozando quatro vezes seguidas. Foi tão bom que eu quase perdi os sentidos. Fiquei sem conseguir ver direito com meu olho esquerdo a maior parte da manhã.

Quando ele finalmente emergiu, parecia extremamente orgulhoso de si mesmo.

*E tinha mesmo que estar.*

– Meu Deus, George. Que diabos foi isso? – eu gemi enquanto ele subia engatinhando pelo meu corpo, rindo dos meus braços moles tentando puxá-lo para perto.

– Só não morre agora, meu amor. Vem cá, sobe



aqui em cima de mim – ele disse, deitando-se de costas e colocando as mãos por trás da cabeça.

Eu corajosamente me ergui, girei meu pescoço e estalei minhas juntas.

– Ir aí? É em cima disso que você quer que eu suba? – eu perguntei, gesticulando para a saliência me cumprimentando debaixo da boxer dele, que tirei da cueca para mostrar como o dia estava bonito. Deslizei minha mão por ele rapidamente e depois o empurrei com o dedo para observar o Sr. Hamilton indo para frente e para trás.

– Você só pode estar de brincadeira comigo – Jack disse, erguendo uma sobrancelha para minha brincadeirinha.

Eu suspirei, depois estalei minhas costas, girando meu pescoço mais uma vez. Eu estava realmente tentando fazer com que o sangue voltasse a circular pelo meu corpo depois daqueles orgasmos avassaladores, mas também estava gostando de torturá-lo.

Ele revirou os olhos.

– Grace, você não é uma gladiadora indo para a arena, você está prestes a trepar com seu homem. Seu homem, aliás, que acabou de fazer você gozar várias vezes. Agora deixa disso e sobe aqui em cima de mim como uma boa menina – ele disse, ainda com as mãos juntas atrás da cabeça.

– Já vou, já vou – eu fingi resmungar, plantando um joelho em cada lado da sua cintura.

– É assim que se diz – ele provocou, e eu comecei a descer...

– Espera! – ele gritou, com os olhos arregalados.

– Que foi, George? Eu estou tentando entrar na onda aqui.

A xota tinha sentido a proximidade do Sr. Hamilton e agora estava ansiosa para se juntar a ele mais uma vez.

– Sem camiseta, por favor. Eu preciso ver esses peitões fantásticos.

Agora quem revirava os olhos era eu, mas obedeci. Eu o ouvi assobiando baixinho quando os viu, e então rir quando me atrapalhei com a camiseta.

Ela se enroscou em um dos brincos que eu fiquei com preguiça de tirar na noite passada. A camiseta ficou presa na metade do meu rosto, minhas narinas puxadas provavelmente me faziam parecer a Miss Piggy dos *Muppets*. Ele começou a rir mais alto, e enquanto ria seus quadris subiam. Eu troquei meu peso, apoiando-me em outra perna, tentando conseguir um ângulo melhor dentro da minha prisão de algodão, e Mr. Hamilton e xota aproveitaram aquele momento para se *encontrarem*.

Eu estava em cima dele, pelada, a camiseta presa na minha cabeça, com a xota apertando junto de si seu Mr. Hamilton. Eu devia estar parecendo uma mistura de um Muppet, Jenna Jameson e a noviça rebelde. Jack não conseguia parar de rir, ainda que ele gemesse e adentrasse movendo-se cada vez mais fundo dentro de mim.

— Uma ajudinha cairia bem aqui. E não comece sem mim — eu disse, tentando falar séria. Pelo tecido eu pude vê-lo finalmente descruzar as mãos de trás da cabeça e gentilmente puxar a camisa. Meu nariz

foi solto, depois meus olhos. Minha orelha ainda estava presa, mas depois de a camiseta liberar minhas sobrancelhas ele a soltou. Ele não conseguia parar de rir.

– Pare. Vamos logo! – eu disse, com a camiseta agora esticada acima da minha cabeça e enrolada para trás como Erykah Badu.

– Muito Doidinha! – ele disse entre as gargalhadas. Lágrimas escorriam do seu rosto vermelho de tanto rir.

– Você acha que eu não consigo fazer sexo com isso na minha cabeça? Vai ver só – eu ameacei, girando meus quadris de uma maneira que seria mais excitante não fosse meu atual estado ridículo.

– Claro que vou ver, esse é o melhor show que eu já vi – ele disse, pondo as mãos em meus quadris enquanto eu começava a cavalgar.

– Eu vou foder você muito, desse jeito mesmo, com essa porcaria de camiseta presa na minha cabeça – eu disse, jogando a camiseta para o lado como se fosse o meu cabelo.

– Você já está me fodendo. Menos conversa. Mais foda.

Ele gemeu quando aumentei a velocidade, dando um impulso dentro de mim com convicção.

Eu me levantei com os joelhos e, rapidamente, sentei-me de volta, levando-o para dentro de mim com força. Senti-o entrar fundo, bem fundo, e comecei a gemer com ele.

Logo se tornou ridículo demais até mesmo para nós aquilo em minha cabeça, então conseguimos tirá-lo antes que gozássemos. Ele amassou a camisa e lançou-a ao chão, suas mãos rapidamente voltaram aos meus quadris, acelerando-me e guiando.

– Está tão gostoso, Grace. Isso... assim... continua... meu Deus – ele disse, seus olhos me olhando em chamas.

– Mmm, Jack. Diz que eu sou a sua boa menina – eu ofeguei, observando seus olhos abrirem-se mais.

– Porra, Grace, você é a minha *única* boa menina – ele sussurrou, sua mão esquerda abandonando meus quadris para apalpar meu seio.

– Ele girou meus mamilos entre os dedos e beliscou-os de leve. Eu gemi alto com seu toque, e ele aumentou pressão. Minha pele estava louca, loucamente quente enquanto o sol da manhã se derramava pelas janelas. Meu corpo estava molhado de suor, e minhas mãos esgueiraram-se para tocar onde nós nos juntávamos. Ele ficou observando eu me tocar, gemendo em aprovação com o meu toque.

– Jack, ah, caramba, tão bom... eu... mmm... por favor... Jack! – eu gritei quando explodi num orgasmo em cima dele, apertando-me nele e tremendo enquanto lançava minha cabeça para trás. Ele me segurou, sentando-se ereto sob mim, afundando cada vez mais fundo dentro de mim, quando seu próprio orgasmo o fez gritar.

– Grace – ele murmurou enquanto seu corpo tremia em êxtase.

Eu o embalei contra meu peito, sentindo-o pulsar dentro de mim. Envolvei minhas pernas firmemente em torno dele, fazendo questão de mantê-lo onde eu o queria. Minhas mãos deslizaram pelas suas costas até

mergulharem em seu cabelo úmido, embalando-o lentamente enquanto nos acalmávamos. Eu estava completamente tomada por paixão por esse homem que era tão querido para mim. Eu o sentia tão perto, tão quente, tão meu.

Eu beijei a sua bochecha, pressionando minha fronte contra a dele enquanto ele sorria.

– Eu te amo tanto. Você sabe disso, certo? – eu o olhei diretamente nos olhos, de repente séria. Eu estava dominada por um anseio – quase uma angústia – de segurá-lo aqui, nesta cama, neste quarto, e nunca mais sair. Nós dois éramos perfeitos, nesta cama, neste quarto.

– Eu sei disso. Eu também te amo, meu bem – e suspirou, esmagando-me contra o corpo dele, o rosto apertado contra meu rosto.

Nós ficamos em silêncio. Sem nos movermos. O mar é calmo antes da tempestade.



O resto do dia foi... bem, apenas foi. A melhor

palavra para descrevê-lo é *surreal*.

Começou com Holly chegando com *bagels* e a risada julgadora da nossa performance que ela ouviu no telefone. Ela era uma garota safada e não tinha desligado imediatamente, aproveitando, em vez disso, a ligação de sexo gratuita que nós tão atenciosamente lhe oferecemos.

Jack tinha ido tomar banho tranquilo, e Holly e eu ficamos papeando. Ela me elogiou mais uma vez pelas cores que eu tinha escolhido para minha cozinha enquanto sentávamos e conversávamos. Era a primeira vez que eu a via desde que saí de Nova York.

– Eu gosto muito do jeito que você deixou essa cozinha, Grace. Está perfeita. Estou pensando em redecorar a minha. Talvez no ano que vem – ela disse pensativa, fazendo um redemoinho de *cream cheese* na sua *bagel*.

– Nem pense em fazer isso! Sua cozinha é perfeita. Você só está sentindo falta de que eu cozinhe nela, o que eu vou fazer assim que eu voltar



para casa. Michael e eu cozinhamos o tempo todo na minha cozinha em Nova York, mas não é nada, comparada a essa daqui – eu acrescentei, espalhando manteiga na minha deliciosa *bagel*.

– Quando você acha que já vai estar de volta? – ela perguntou, olhando ao redor procurando por Jack.

– Ele está no banho, por quê? Aconteceu alguma coisa? – eu disse, estudando-a com cuidado.

– Bom, você acha que o show vai dar certo? Porque, se der, você está pronta para se mudar para o outro lado do país? Se der certo você pode ficar por lá durante um ano, talvez até mais – ela disse, erguendo uma sobrancelha e dando uma enorme e nojenta mordida. O *cream cheese* escorria melecando os cantos da sua boca.

– Você é nojenta. Sabe disso, não é? – eu franzi o cenho, entregando-lhe um guardanapo.

– Cale a boca e não mude de assunto. O que você vai fazer? Está preparada para isso? Tem certeza de que é isso o que você quer? – ela perguntou mais

uma vez, limpando o queixo.

Eu suspirei, apoiando-me em meu cotovelo. Eu andava pensando muito nisso ultimamente. Logo que cheguei a Nova York, tudo era tão corrido e excitante e animado. Mas agora que estávamos nos aproximando das pré-estreias, e havia uma grande chance de se tornar uma grande produção, eu percebi que as coisas poderiam mudar. De verdade. Mas Michael tornou tudo mais fácil. Ele fez eu me sentir à vontade em Nova York. Como se eu pertencesse àquele lugar.

– Essa é a coisa mais incrível que já me aconteceu. Eu seria uma idiota se virasse as costas para isso e fosse embora – eu respondi, deixando minha *bagel* de lado e apoiando a cabeça na banquetta. Eu sentia meu estômago estranho durante toda a manhã, e agora ele estava palpitando como louco. Nervosismo por aquela noite.

– Grace? – Holly perguntou, colocando uma mão sobre meu ombro e chacoalhando de leve.

– Como eu posso virar as costas para isso? – eu

perguntei quase para mim mesma.

– Para o show ou para o Jack? – ela perguntou calmamente. Eu ouvi a sua *bagel* caindo sobre o prato.

– O que o Jack tem a ver com isso? – eu perguntei rápida, na defensiva.

– Grace, olha pra mim – ela ordenou. Eu a espiei por entre meus braços. – No que você está pensando? Por que está parecendo que você está fazendo uma escolha assim, às pressas?

– Mas não é uma escolha? Quer dizer, uma hora ou outra vamos chegar a isso, não? Como é que a gente poderia continuar assim? Isso é loucura... – eu comecei, surpresa com as palavras que saíam da minha boca.

De onde isso estava vindo?

*De onde você acha? Você tem uma gaveta mental gigante cheia até o topo de “depois eu penso nisso” que você nunca quis olhar. Alguém faz uma pergunta de nada pra você, agora e o mundo vai acabar.*

– Grace? Você realmente quer pensar nisso agora? O que mais anda acontecendo? – ela perguntou.

Eu olhei para a minha melhor amiga. Aquela que tinha tomado conta de mim tantas vezes, que tinha me ajudado e aberto a sua casa para mim. Aquela que me ajudou a voltar aos trilhos e que nunca, jamais, pediu algo em troca além da minha amizade. Ela me conhecia melhor do que ninguém, e o fato de que eu não seria capaz de esconder nada dela me fez desabar ali.

As lágrimas vieram em abundância, inundando meus olhos e derramando-se pelas minhas bochechas até minha camiseta – a camiseta dele. Ele tinha cortado um pedacinho em cada lado do buraco do pescoço para que ela nunca mais ficasse presa, tornando-a minha agora. Quando eu disse algo sobre isso, ele sorriu e disse:

– Hehe, você disse “buraco do pescoço”.

Eu solucei em silêncio, sem saber ao certo por que eu estava chorando. Tudo que eu sabia era que isso tinha de sair. Meus pensamentos vinham num

redemoinho, sem me deixar respirar.

Holly apenas se sentou e me observou. Nenhuma de nós era boa em dar um abraço de irmã. Ela deu tapinhas em minha mão, e então assoou meu nariz quando eu comecei a me acalmar.

– Certo, começa do começo – ela disse, olhando-me gentilmente.

– Eu nem sei onde é o começo! Eu nem mesmo sabia que estava chateada. Eu... eu... –, comecei a vacilar mais uma vez.

– Grace! Grace, controle-se. Fique calma, cabeça-de-bagre – ela pediu.

Suas palavras quebraram meu desespero se formando e me fizeram rir um pouco. Eu respirei fundo, deitando minha cabeça no granito frio.

– Apenas fale, cabeçuda, veremos se temos mesmo pano para a manga – ela disse.

Então eu falei. E falei. E eu estava *assustada* com o que estava saindo de mim. Eu falei de como o show era incrível, e de como eu estava bem em Nova York. Eu falei de como eu estava feliz por estar de

volta ao palco, encantada por estar trabalhando com pessoas tão incríveis. Falei sobre Michael, e de como nossa amizade estava sendo boa para mim. Falei sobre Michael, e de como nos tornamos próximos mais uma vez.

Eu fechei meus olhos, subitamente exausta. Eu estava apavorada por causa das imagens passando como num filme dentro do meu cérebro. Minha própria retrospectiva mental:

*Flashes* de Jack e eu subindo a costa, livres e descuidados.

Michael e eu discutindo durante o almoço. Ele roubando minhas batatinhas quando achava que eu não estava olhando.

Jack e eu nos atracando no chão do *closet* juntos. Michael se afastando com Abigail, sua mãozinha na dele.

Eu parei de repente.

- Holly, você já pensou em ter filhos?
- O quê? – ela perguntou boquiaberta. Nenhuma de nós nunca quis filhos. Era uma das coisas que

tínhamos jogado para o escanteio imediatamente. Prometemos a nós mesmas que nunca nos tornaríamos reprodutoras.

– Estou falando sério. Você nunca pensou nisso?

– Umm, não. Por quê? Há algo que você quer me contar? Você não está...

– Não! Quer dizer, não. Mas você nunca pensou nisso?

– Você já pensou nisso? – ela perguntou.

Eu mordi os lábios. Eu não pensava em ter filhos há anos. E sempre achei que queria dizer algo o fato de eu ter chegado até onde me encontrava na vida sem pensar nem um pouco nesse assunto. Queria dizer que eu não estava destinada a ter filhos. Eu tinha decidido algo aos vinte e dois anos, colado um adesivo nisso escrito “DECIDIDO” e arquivado na gaveta do você-não-precisa-pensar-nisso.

Mas agora eu estaria desejando, não?

Crianças me deixavam desconfortável. Eu não sabia como falar com elas, elas eram estranhas e tinham um cheiro engraçado. Eu odiava conversar

com bebês, nunca saí correndo atrás de um carrinho de bebê passando, tentando espiar dentro dele. Não era isso o que as mulheres faziam quando queriam filhos?

*Nem todas as mulheres são assim. Isso não significa que você não seria uma ótima mãe. Ninguém as entreteria mais do que você.*

Será que eu tinha tomado essa decisão muito tempo atrás – sem permitir a mim mesma nem ao menos considerar uma vida diferente, um caminho diferente? Será que eu tinha de pensar se queria ter filhos ou não? Será que eu me permitiria?

Eu estava pensando nisso...

*Vamos datar isso. Você tem trinta e três anos, quase indo para os trinta e quatro. Se você quer ter filhos e se casar e toda aquela vida – bom, caramba! Vamos fingir só por um segundo que você está com outra pessoa, não com Jack, com alguém que quer ter filhos.*

Eu me encolhi ao pensar nisso sem Jack.

*Você precisaria se casar, e isso significa*



*namorar por pelo menos um ano. Noiva aos trinta e cinco. E então, dependendo do tempo que o noivado durar, talvez aos trinta e seis você esteja casada. Você não iria desejar ter filhos imediatamente – seja uma esposa por um tempo. Então, talvez, o Bebê Número Um aos trinta e sete.*

Bebê Número Um?

*Você não iria querer mais de um?*

Eu visualizei uma imagem em minha cabeça que eu nem sabia que tinha armazenado. Era uma família na praia: um carrinho de bebê andando na frente dos pais, um pequenino nos braços do papai, mamãe sorrindo. Uma família com quatro membros.

Sim. Sim, eu iria querer. Eu vou ter duas crianças hipotéticas com meu marido hipotético. Senhora e Senhor Hipotéticos, muito prazer.

E então o Bebê Número Dois aos trinta e nove, talvez quarenta.

Caramba. Grávida aos quarenta... quando foi que eu me tornei tão velha?

– Eu *ando* pensando nisso – eu finalmente respondi. – Não no sentido de que quero tê-los, mas no sentido de que preciso considerar as coisas com cuidado agora. Eu não vou voltar a ser jovem de novo. E você também não, aliás – eu disse lentamente.

– Sim, mas você parece muito mais velha do que eu. É natural que você pense nisso, não eu – ela disse, fingindo ar sério.

Eu pus minha língua pra fora sem ânimo, sentindo o quarto começando a girar.

– Sério, Holly. Se a gente quiser ter filhos, temos de pensar nisso. Talvez não agora, talvez não no ano que vem. Mas a gente não tem vinte anos pela frente para pensar nisso. A gente tem uma quantidade finita de tempo – eu disse, surpresa comigo mesma.

*Aquela Gaveta está cheia de coisas com as quais você não lidou. Tem certeza de quer dar uma espiada dentro dela bem agora?*

– E o fator Michael nessa história toda?

Eu sorri involuntariamente, pensando nele com

Abigail nos braços. As perguntas dela e a paciência dele em respondê-las. Seu coração bondoso e seus braços fortes.

Holly flagrou meu sorriso.

– E onde está o fator *Jack* nessa história toda? – ela perguntou.

Meu estômago pulou na menção do nome dele. Eu o amava tanto. Será que queríamos coisas diferentes? Talvez. Talvez quiséssemos. Será que eu poderia passar meus últimos anos de reprodutora com um homem jovem demais para ter filhos? E que não queria ter filhos? Será que *eu* quero ter filhos?

– Eu amo o Jack. Não é essa a questão – eu afirmei com firmeza, e meu corpo imediatamente me traiu. Novas lágrimas caíram pelas minhas bochechas, e Holly olhou assustada enquanto eu me curvava, meu estômago agora em convulsão.

– Qual é a questão, Grace? – ela perguntou, com a voz sussurrada.

– Se o que temos é ou não o suficiente – eu ouvi minha voz dizer, e então meu corpo assumiu. Eu

consegui correr até a pia bem a tempo, minha *bagel* e café subindo rápidos diante da façanha que foi eu ter dito aquilo. Meu cérebro e meu coração precisavam de um momento para lutar. Holly segurou meu cabelo.

Enquanto eu enxaguava minha boca, ouvi o chuveiro desligar. Eu podia ouvi-lo andando pelo banheiro, e ele estava cantando. Estava cantando “People Will Say We’re In Love”. Eu enxuguei meu rosto rapidamente, espirrando água. Holly assistia em silenciosa resignação.

– Ei, meu bem! Você viu o *jeans* que eu estava usando ontem? – Jack gritou do banheiro.

Eu olhei para Holly com o pânico nos olhos, balançando minha cabeça negativamente em desespero. Eu me afastei e corri para a porta da frente. Ela foi em direção ao banheiro.

– Melhor você estar vestido, Hamilton. Estou entrando pra te ajudar a encontrar o seu *jeans*. Você sabe quantas mulheres eu conseguiria em dois minutos para te ajudar com isso? – ela disse.

E então ouvi o grito de protesto de Jack enquanto ela entrava pelo meu quarto.

Depois disso não ouvi mais nada. Eu estava dentro do meu carro e fora da garagem.

# doze

Quando voltei para casa, Holly e Jack estavam enfiados no que supostamente era para ser meu escritório. Eles o tinham transformado na Central da Estreia. Ele falava no celular, ela falava no celular, e os dois levantaram a cabeça quando eu cheguei.

– Oi, amor, onde você estava? – ele perguntou, cobrindo o fone com a mão e gesticulando para mim. Eu fui até ele, afundando-me em seu colo quando ele se sentou à mesa. Ele estava falando com seu pai, fazendo planos para se encontrarem mais tarde no teatro.

Holly estava tentando encontrar uma costureira para vir em casa cortar um pouquinho mais a barra do seu vestido. O dia todo ela passou como uma debutante: altas expectativas, motoristas de limusine, penteados e uma tensão no ar.

– Fui até a farmácia comprar umas coisas – eu menti tranquilamente. Meu passeio de trinta minutos tinha me colocado num humor estranhamente tranquilo. Eu era muito boa em silenciar questões, e depois do meu ataque e minhas percepções potencialmente assustadoras nesta manhã, eu estava invocando minhas habilidades de silenciamento para manter as coisas sob controle. Teriam sido essas habilidades justamente a causa do problema desta manhã? Talvez. Mas não havia tempo para isso agora. Eu precisava segurar a onda.

Holly mantinha um olho na gente e o outro na tela do seu computador enquanto tentava resolver todas as questões do dia de dentro desse escritório mal equipado. Minha casa ainda não estava pronta para alguém ficar nela mais que temporariamente. Sem acesso à internet, sem wi-fi. E por algum motivo seu *aircard* não estava funcionando. Isso estava deixando-a louca.

Por fim, ela não aguentou mais e lançou revoltada o celular dentro da sua bolsa.

– Já chega! Estou voltando para casa. A partir de agora lá vai ser o centro de comando de toda essa operação. Grace, você está encarregada de levar o seu vestido, o seu almoço e o seu garoto britânico para minha casa ao meio-dia, entendeu? – ela gritou, com aquele olhar louco nos olhos que frequentemente apareciam pouco antes de um grande evento.

– Sim. Sem problema – eu disse, meio entorpecida. Eu estava enrolada no colo de Jack, os braços dele em torno de mim enquanto ele falava no telefone. Eu mal podia senti-lo.

Ela revirou os olhos para mim e gesticulou para Jack.

– Vejo você em casa daqui a pouco – ela disse para ele, e então acenou para mim. – Me acompanha até a porta?

Eu me desgarrei de Jack. Ele me beijou na bochecha enquanto eu me levantava, e eu segui Holly até a porta de entrada. Paramos diante dela.

– Escute aqui. O que quer que você esteja planejando fazer, *não faça hoje à noite!* Não nesta



noite. Ele já está nervoso o suficiente. E de qualquer forma, eu não estou muito convencida disso, também. Você precisa muito sentar e pensar nisso tudo antes de dizer ou fazer qualquer coisa – ela acrescentou, enquanto suas mãos seguravam com firmeza meus ombros, como se ela estivesse tentando me manter com os pés no chão.

– Eu não farei. Está tudo bem. Eu estou bem – eu disse.

– E promete que você não vai falar com o Michael hoje? – ela disse, pendurando sua bolsa no ombro.

– Não que ele tenha alguma coisa a ver com isso, enfim – eu disse, revirando os olhos.

– Mmm-hmm, com certeza, Grace. Vejo você ao meio-dia, então. Vai tomar um banho. E não se esqueça: nessa noite, não – ela disse, virando-se mais uma vez com os olhos faiscando, antes de continuar seguindo até o carro.

Eu lhe mostrei o dedo e voltei para dentro. Eu ainda podia ouvir Jack no celular, então eu fui para o banheiro. Se queríamos pegar almoço, era melhor

não enrolarmos.

Eu peguei minhas coisas e fui para o banho, minha cabeça ainda estava agitada. Eu o ouvi vindo em direção ao quarto e rapidamente tranquei a porta do banheiro. Fiquei parada diante do espelho, com os olhos arregalados, enquanto eu o ouvia atravessando o quarto. E então eu vi a maçaneta girar – uma, duas, três vezes, seguidas por uma batida na porta.

– Grace?

– Oi – eu respondi, fechando os olhos com força.

– Por que você trancou a porta?

Ele estava certo em achar isso estranho. Eu nunca o tinha trancado do lado de fora antes.

– Desculpe. Hábito de Nova York, acho – eu disse, indo em direção à porta. Respirei fundo. Por que isso de repente tinha se tornado difícil? Eu o amava. Eu tinha certeza disso.

Eu podia ouvi-lo respirando do outro lado, provavelmente imaginando o que estaria acontecendo.

– Você vai abrir ou não? – ele perguntou com a

voz insistente, mas havia nela alguma coisa a mais.

Eu engoli um soluço que tinha surgido de repente e disse:

– Você pode esperar um pouquinho? Minha barriga não está muito legal.

– Ah, você está precisando de alguma coisa? Posso sair atrás para pegar pra você. Água tônica? – pela sua voz, eu tinha certeza de que suas sobrancelhas estavam juntas, e ele provavelmente olhava para a porta com curiosidade.

– Não, não. Está tudo bem. Daqui a pouco eu saio. Já começa a pensar no que você quer de almoço, e a gente pode pegar no caminho para a casa da Holly – eu disse antes que as lágrimas caíssem mais uma vez.

Eu liguei o chuveiro e logo estava debaixo dele, a água e as lágrimas se misturavam. Era como se tudo o que eu tivesse pensado antes nessa manhã – e a calma cuidadosamente construída que eu sentia quando tinha voltado da minha escapada sozinha de carro – estivesse desmoronando como um castelo de

cartas. Em uma hora apenas, as próprias fundações da estrutura de tudo que eu julgava conhecer tão bem tinham sido completamente abaladas, e tinha sido eu mesma quem as tinha abalado! Eu precisava deixar tudo isso sob controle logo, se quisesse estar minimamente bem para sobreviver àquela noite. Seria uma longa noite.

Uma hora e meia depois estávamos na casa de Holly. No caminho compramos sanduíches do Nate and Al's, em Beverly Hills. A casa dela parecia um circo, e enquanto levávamos tudo para dentro nós vimos vários carros, incluindo o de Nick. Holly tinha contratado cabelo e maquiagem para nós dois, e nós nos arrumaríamos em sua casa mesmo. Na noite passada, Jack tinha levado para minha casa o terno dele, e agora ele estava pendurado em seu braço juntamente com meu vestido, escondido dentro de um invólucro com o zíper bem fechado.

Todos comemos, e então Holly pôs Jack no telefone para dar algumas entrevistas de último minuto. Eu tinha conseguido evitar quaisquer outros

chiliques e me sentia mais calma. Queria estar ao lado de Jack naquela noite. Era o homem que eu amava. Depois eu pensaria no resto.

Conforme o dia avançava, tudo parecia passar rápido e devagar ao mesmo tempo. Jack e eu não tivemos um tempo sozinhos e, antes que eu percebesse, eu estava no meu velho quarto, de sutiã e calcinha, com bobs no cabelo e uma mulher fazendo minha maquiagem. Holly apareceu abrindo a porta, ainda parecendo a mesma, embora ela tivesse tido o bom senso de vestir um robe.

Ela saltou na cama e ficou me olhando ser arrumada.

– Está preparada para isso? – ela perguntou.

– Sim, por quê?

– Certo, então vou te passar as regras. Jack, traz esse seu traseiro inglês pra cá! – ela gritou.

Quase instantaneamente, ele pôs a sua cabeça para dentro do quarto por trás da porta. Ele ergueu as sobrancelhas para meu parco vestuário; e eu ri, apesar do meu estado. Ele me fazia derreter como

uma menina de treze anos toda vez que fazia isso.

– As regras são essas, vocês dois. Sem segurar as mãos, sem ficar se tocando, sem nenhum tipo de beijo, óbvio. Vocês vão chegar separados, e Grace, você vai percorrer o tapete vermelho com o Nick. Um dos meus assistentes vai estar de olho antes, e caso haja muita especulação sobre se Jack vai trazer uma namorada, ou qualquer tipo de menção sobre uma ruiva misteriosa, vocês vão pular do tapete vermelho na mesma hora. Entendeu?

Nesse mesmo momento, Nick apareceu de um canto.

– Mas eu ainda vou poder andar no tapete sozinho, mesmo que essa vadia estrague tudo, certo?  
– ele perguntou, com uma expressão indignada no rosto.

– Legal, Nick – Jack murmurou.

– Eu jamais tiraria um tapete vermelho de você, Nick. Você pode andar sozinho nele se eu não puder – e ri, vendo os olhos dele se acenderem.

– Então a gente não pode se tocar nem beijar.

Vamos poder conversar? – Jack perguntou num tom marcadamente sarcástico.

Seu sarcasmo foi ignorado por Holly, enquanto ela considerava a questão.

– Sim, sim, vocês podem conversar. Mas só depois que todo mundo entrar, e só assim que a imprensa se dissipar – ela respondeu, totalmente ligada no modo “empresária” agora.

Eu estava um pouco assustada com ela. Jack apenas parecia assustado e ponto.

A cabeleireira terminou de tirar os bobs do meu cabelo, e o artista da maquiagem deu os toques finais. Holly estava ao meu lado.

– Será que vocês podem dar uns minutinhos pra gente, por favor? – eu perguntei.

– Sim, claro – Holly disse. – Vamos lá para o meu quarto me deixar bonita. Vamos lá, Nick – ela piscou para mim, e todos eles saíram, deixando-me a sós com Jack.

– Nervosa? – Jack perguntou.

– Sim e você?

– Sim, um pouco – ele perguntou. Ele parecia mais do que um pouco nervoso.

– Vem cá – eu disse, trazendo-o para o meu lado da cama e abrindo meus braços. Ele me abraçou, levantando-me para me sentar em seu colo. Seus braços me envolveram, e eu o embalei em meu peito, deixando sua cabeça se aninhar em mim. Eu fiz um cafuné em sua cabeça e beijei seu cabelo, e murmurei alguma coisa, talvez uma canção de Natal. Eu não estava pensando em nada especial. Podia senti-lo relaxando enquanto a corda em torno do meu coração se apertava cada vez mais e mais até parecer que ia explodir.

– Seu coração está batendo tão rápido – ele sussurrou, e eu fechei meus olhos.

Beijei suas bochechas, sua testa, suas pálpebras, seu nariz, e, por fim seus doces lábios.

– Eu te amo, George. Você sabe disso, certo? – eu perguntei, olhando-o com atenção.

– Eu *sei* disso, Grace. Por que você sempre me pergunta isso?



Ele deu aquele meio sorriso sexy dele, e eu me senti despedaçando. Eu ouvi Holly voltando pelo corredor, dizendo algo sobre estar precisando de grampos de cabelo para o banho.

– Melhor eu terminar de me arrumar. Vejo você lá embaixo daqui a pouco – eu disse, levantando-me e abandonando a segurança de seus braços.

– Vejo você lá embaixo então, amor.

Ele deu uma risadinha e me puxou para um último beijo. Eu respirei fundo, concentrei-me e comecei a terminar de me arrumar.

O vestido que Leslie e eu tínhamos encontrado na Bergdorf's caiu em mim como uma segunda pele. Eu andei correndo mais todo dia durante as duas últimas semanas, além de banir tudo que fosse carboidratos para me preparar para essa noite. Eu estava aliviada em perceber que tinha dado resultado. O vestido era de seda com busto grande, em V, num tom entre champanhe e ouro. Estava justo na cintura, e então se abria numa bolha. Finas fitas mantinham o espaço entre meus seios miraculosamente suspensos, subindo

até meio queixo, e o pequenino cinto com um fecho de *strass* verde-esmeralda fazia minha cintura praticamente desaparecer.

Dei graças a Deus por não ter feito muita bagunça com a loção de autobronzeamento, e minha pele brilhava. Meu cabelo caía em cachos macios em torno do meu rosto. Jack amava quando eu deixava meu cabelo solto e selvagem, embora ele estivesse cuidadosamente domado para essa noite.

E nos pés? Meu salto. Manolo. Jeweled d'Orsay.

Eu me sentia uma princesa enquanto saía pelo corredor para encontrar Holly. Ela também estava incrível em um vestido preto sem alças com salto alto vermelho. Quando alguém mencionou Lane mais cedo, ela de repente decidiu mudar do discreto salto baixo preto que ela estava usando antes. Eu precisava perguntar para ela sobre isso...

Conforme nos aproximávamos da escada, eu pude ouvir Jack na cozinha rindo com Nick. Ele ainda estava tentando convencer Jack de que eles deviam ao menos se beijar para ter certeza de vez de que ele

era mesmo heterossexual.

– Nick, você pode por favor parar de perturbar o garoto inglês? – eu disse, parando nos últimos degraus. Nick parou e sorriu. Jack estava de costas para mim, e enquanto ele se virava eu parei um momento para admirá-lo de perfil: terno cinza, gravata preta. Queixo forte e marcado, cabelo cuidadosamente bagunçado, barba rala. Segurando uma Guinness na mão. Ele percorreu os dedos pelo cabelo, e mais uma vez eu admirei suas mãos. Ele completou sua meia virada para mim, que parecia ter durado pelo menos uma hora, e seus olhos verdes me estudaram.

– Linda – ele exclamou e veio se colocar diante de mim no fim das escadas. Holly esperava nos bastidores, dando-nos um momento.

– Gostou? – eu perguntei, lutando para não saltar os últimos degraus e me jogar nos braços dele.

– Gosto – ele sussurrou, e meus olhos se encheram de lágrimas pela milésima vez naquele dia. Maldito sistema hidráulico.

Ele estendeu a mão para mim, e eu a segurei, descendo de modo que ficássemos no mesmo nível. No mesmo chão. Ele me girou como uma bailarina, observando meu vestido inflar. Quando terminei a volta, ele estava sorrindo.

– Linda Doidinha – ele murmurou, o mesmo meio sorriso em seu rosto. Ele me guiou pela mão até a cozinha, onde estavam todos reunidos.

Holly veio logo atrás e começou a correr de um lado para o outro como uma galinha com a cabeça cortada, mas com sapatos fabulosos.

Ela notou os meus.

– Novos Manolos? – ela perguntou, apontando para eles.

– Sim. E os seus?

– Óbvio – ela riu, e então levantou a cabeça como um cachorro que acabou de escutar alguma coisa lá fora.

– As limusines chegaram – ela disse e correu para fora.

– Espera, a gente tem de tirar fotos! – Nick gritou,

parecendo resplandecer por si só num terno cinza-carvão.

– Céus, parece mesmo que estamos indo para o baile de formatura.

Ele insistiu tanto que logo nos vimos alinhados nas escadas como os New Kids no clipe de Step by Step.

– Eu me sinto uma idiota – eu disse.

– Ah, para com isso, é fofo – Holly disse alguns degraus abaixo de mim, posando como se fosse uma estudante do último ano posando para o álbum.

– Só falta um corpete e uma música do Vanilla Ice pra me sentir de volta ao colegial – eu murmurei.

Jack me apertou por trás e disse em meu ouvido:

– Fecha a matraca e aproveita isso, sua louquinha.

Eu revirei os olhos e deixei o maquiador terminar de tirar fotos da gente.

Finalmente, entramos nas limusines. Eu iria junto com Nick, e os carros chegariam separados num intervalo de mais ou menos uma hora, para que Jack chegasse tranquilo depois de mim. Quando eu estava

prestes a entrar, ele me puxou mais uma vez para um beijo apaixonado.

Eu o beijei com o máximo de intensidade que podia sem necessariamente me agarrar a ele. Não importa o que tivesse vindo à tona nessa manhã, eu ainda o amava muito, e meu corpo jamais poderia resistir a ele.

– Eu estou tão orgulhosa de você, George. Você merece todo o sucesso que está por vir – eu disse, beijando logo abaixo da orelha.

– Não é louco como eu quero pular tudo isso e voltar para a sua casa? – ele perguntou.

Nós éramos muito bons em ficar no casulo. Se havia uma coisa que sabíamos fazer era ficarmos escondidos do resto do mundo.

– Não, amor. Não é louco, mas é impossível. Encontro você lá.

– Sim, mas fique longe de mim. A gente não pode ter ninguém pensando por aí que Jack Hamilton anda fazendo sexo. Imagina só, que absurdo! – ele disse zombeteiro.

– Eu ouvi isso – Holly disse, desfilando pela entrada de carros para ir falar com o motorista do carro em que ela e Jack iriam.

Eu o beijei mais uma vez e apertei sua mão uma última vez. Ele deu uma beliscadinha em minha bunda enquanto eu entrava no carro, e eu soltei um gritinho. Nick fez um show para entrar no carro bem devagar, com a bunda empinada na direção do Jack o máximo de tempo possível. Jack suspirou e beliscou a bunda dele também. Nick também soltou um gritinho.

Eu olhei para ele enquanto partíamos. Estava sorrindo.

– Você está ansiosa para encontrar o pai do Jack?  
– Nick perguntou enquanto ele ajeitava meu vestido ao meu redor.

*Ai, droga...*

– Ai, droga! – eu exclamei. Tinha me esquecido do pai do Jack.

Eu comecei a beber na limusine. Vodka. Má ideia. Assim que tomei essa decisão, o cenário estava montado.

Pouco tempo depois nós nos aproximamos do cinema, e Jack estava certo quando ele disse que o som era assustador. Eu nunca tinha ouvido esse som antes. Não, isso não é totalmente verdade. Eu já o tinha ouvido, mas antes disso eu era sempre uma das pessoas fazendo barulho. Eu já tinha esgoelado até perder a voz em um show ou dois, e quando Holly e eu tínhamos ido assistir aos New Kids no verão passado, tínhamos gritado como duas adolescentes.

Estar do lado de fora observando o pandemônio é algo totalmente diferente de estar do lado de dentro, fazendo parte disso. Não surpreende Jack ter começado a andar com seguranças.

Nick e eu ficamos olhando abismados as centenas, talvez até milhares, de mulheres paradas e gritando e acenando cartazes dizendo coisas como “Casa comigo, Jack”, “Vamos viajar juntos no tempo” e, a minha favorita, “Deite-se em cima de mim, Joshua”.

Legal.

Eu tomei uma última dose de vodka e nossa limusine estacionou em frente ao tapete vermelho.



Estávamos bem adiantados, de modo que ninguém do elenco do filme tinha chegado ainda, mas isso não impediu a multidão de gritar quando eles viram a porta se abrir, e as câmeras imediatamente atiraram os *flashes*. Nick empertigou-se um pouco mais na frente para me ajudar a sair do carro. Eu fui mais ou menos graciosa, sem dar muita atenção para a multidão. Jack tinha me perguntado várias vezes se eu poderia, por favor, ir sem roupa de baixo, o que eu prontamente me recusei a fazer. Mas ele fez questão de me dizer que *ele* iria sem.

*Céus.*

Holly me fez mostrar para ele minha calcinha só para se certificar de que usava uma.

Quando a imprensa percebeu que não éramos ninguém, os *flashes* pararam quase instantaneamente, mas alguns nos perguntaram quem nós éramos. Nick já tinha passado pelo tapete vermelho algumas vezes e deu seu nome. Alguém perguntou pelo meu e, sem pensar, eu acabei dando também. Então, eu notei alguns dos fotógrafos me olhando com um pouco

mais de atenção, e eu ouvi a palavra “ruiva”. Vi mais alguns *flashes* em minha direção, e meu instinto de fuga aguçou. Eu apressei Nick pelo tapete.

– Por que você está me empurrando, mulher? Eu estou arrasando – ele disse, com um largo sorriso. As mulheres na multidão estavam mesmo gritando para ele. Elas estavam tão elétricas que qualquer pessoa com um pênis as faria esgoelar.

– Então encontro você lá dentro. Preciso sair daqui – eu disse, olhando de relance um fotógrafo que me seguia. Eu podia vê-lo com o canto dos olhos, enquanto ele continuava a tirar fotos. Eu olhei para o outro lado, tentando esconder meu rosto.

– Como vou encontrar você? – Nick perguntou.

– Vá direto para o bar. É lá que eu vou estar – eu respondi e fui para a porta.

– Pouco antes de chegar lá, o fotógrafo chegou perto o suficiente para uma foto em *close*. Ele disse meu nome, e eu me virei. Afinal, se alguém diz o seu nome, é isso que se faz.

– Por acaso você é a ruiva que vimos com o Jack?

– ele gritou por cima do barulho.

Tentei negar com a cabeça, decidida a não dizer nada.

Ele me estudou com cuidado. Seus olhos se arregalaram quando ele percebeu.

– Caramba, é você! Você é a ruiva! Meu Deus, quantos anos você tem? – e tirou mais algumas fotos enquanto eu corria para dentro.

Inacreditável.

Uma vez no saguão, eu logo vi o bar. Agora eu poderia respirar com mais tranquilidade. Era exatamente isso que eu temia – que alguém me reconhecesse das fotos tiradas durante o verão e em Nova York. Eu estava tremendo. Era ingenuidade minha pensar que eu poderia vir aqui e não estragar tudo para Jack. *Merda.*

Eu pedi um martíni duplo, sem gelo.

Tentei me acalmar, pensando tolamente que talvez o fotógrafo pudesse esquecer meu nome no caos cada vez maior lá fora. Mas e daí que ele tivesse meu nome? Ninguém sabia quem eu era. Mas ele tinha

minha foto, e ele tinha me identificado como a ruiva.

Droga, isso não era bom.

E claramente não havia dúvidas de que eu era mais velha que Jack. Eu sequei o copo. Normalmente, eu não bebia muito – no máximo duas taças – mas nesta noite eu precisava de toda a coragem líquida que eu pudesse conseguir.

Eu observava no local que me dava visão privilegiada e ali ficava cada vez mais cheio. Havia cartazes do filme por todos os lados, e a multidão crescia mais e mais em agitação.

Eu já estava no meu segundo martíni duplo (para não mencionar aquelas três doses que tomei no caminho), quando ouvi os gritos da multidão tornarem-se ensurdecedores. A essa altura Nick já tinha me encontrado, e nós fomos até a janela para assistir ao show antes do show.

O elenco chegava aos poucos; os atores coadjuvantes eram os primeiros. Era um evento cuidadosamente planejado. Assim que Rebecca apareceu, eu fiquei feliz pela oportunidade de passar

mais tempo com ela. Ela era uma garota muito legal. E Lane era tão fofo. Ele parecia ter nascido para o tapete vermelho, conversando com repórteres e fãs.

De repente, todo mundo se calou. Somente uma estrela ainda não estava lá, e a última limusine tinha acabado de estacionar.

E então Jack abriu a porta.

Um apocalipse. Absoluto. Total. Instaurou-se.

Mulheres choravam. Mulheres desmaiavam.

Mulheres berravam. Mulheres gritavam.

Jack seguiu em frente e aguentou tudo isso.

Ele era o meu Jack, e era o Jack deles. Era o Jack de Hollywood. Era uma estrela de cinema.

Ele andava pelo tapete vermelho numa mistura de autodepreciação e arrogância afetada. Ele era dono daquela multidão surtada. Ele parecia ter nascido para aquilo justamente por não ter nascido para aquilo.

Ele tirou fotos com o elenco e se manteve bem perto de Rebecca. Aqueles dois estavam passando por algo tão específico e peculiar – que bom que eles

tinham um ao outro. Eu estava grata por ela estar ajudando-o. E tinha a sensação de que ele também a acalmava.

Márcia.

Ela era linda pessoalmente. Estava usando um fabuloso vestido preto, e parecia ter quase dois metros de comprimento só de pernas. Os olhos dele se acenderam quando ele a viu. Eles caminharam no meio da multidão na direção um do outro, e senti meu coração congelar, incapaz de tirar meus olhos deles.

*Apenas amigos. Apenas amigos. Apenas amigos.*

Minha Nossa Senhora do Chuveiro Elétrico, dai-me resistência!

*Quantos anos você tem, dez?*

Cale a boca.

*Que tal mais um drink?*

Ótima ideia.

*Eu estava brincando.*

Eles se abraçaram como velhos amigos. Velhos amigos que tinham compartilhado algo profundo.

Ele me viu por cima do ombro dela, e eu ergui minha taça e uma sobrancelha para ele.

Ele hesitou e teve a decência de parecer um pouco sem graça.

Eu o vi conversando com ela, e ela se virou para encontrar meu olhar. Ela sorriu calorosamente, e eu sorri de volta. Qual o oposto de “calorosamente”?

*Friamente.*

Isso, isso. Assim mesmo.

*Isso vai acabar mal, não vai?*

Sossegue o facho.

# treze

Enquanto Jack trazia Márcia para sermos apresentadas, eu deixei minha taça vazia de lado e me esforcei para parar sentada no banco do bar. Até mesmo Jack tinha percebido, e ele sabia quando eu estava nervosa.

Assim que se aproximou, ele imediatamente segurou minha mão e a apertou.

– Sossega, Doidinha. Você está linda – ele sussurrou.

Eu sorri para ele e virei-me para Márcia. Ela tinha um largo sorriso.

– Márcia, essa é a Grace – ele disse, e meu coração parou de verdade quando eu o ouvi dizendo meu nome para ele. Ele provavelmente já o tinha dito antes, considerando o modo como ele o disse agora.

– Grace, estou tão feliz em finalmente conhecer



você. Ele fala o tempo todo de você – ela disse, e se inclinou para me dar dois beijos nas bochechas.

*Ah, droga. Eu não quero gostar dessa vaca.*

Jack sorriu. Ele estava se divertindo.

Eu a beijei de volta e sorri.

– Sim. Eu também ouvi muito de você recentemente – eu disse, e ela corou um pouco.

– Eu sei disso. Dá para acreditar nesses rumores por aí? – ela disse.

Jack sorriu como se dissesse “Eu te disse”. Eu o perfurei com o olhar, e ele apenas revirou os olhos.

– Eu preciso falar com você – eu sussurrei num tom baixo, tentando transmitir urgência na voz. Eu precisava contar a ele o que tinha acontecido com o fotógrafo.

– Ah, eu já sei sobre o que você quer falar. Esse era o tópico da conversa no tapete lá fora – ele sussurrou de volta, erguendo uma sobrancelha e me olhando.

– Eu não sei o que aconteceu. Eu estava só tentando entrar e... – eu comecei, e então Márcia me

interrompeu.

– Seu vestido é lindo. Onde seu estilista o encontrou? – ela perguntou.

– Ah, eu, hum, eu mesma o encontrei. Na Bergdorf's. Em Nova York. Sem estilista – eu gaguejei. Essa pirralha estava me deixando louca, e eu odiava isso. Devia ter pedido mais um *drink*.

– Ah, legal. Você está gostando de Manhattan? É um lugar maravilhoso para morar, não é? Você está planejando vender a sua casa aqui? – ela perguntou, com os olhos fixos nos meus.

Hmmm. Ela sabia muito sobre meus planos.

– Eu ainda não sei o que eu vou fazer. Tudo depende do show, não é, Doidinho? – eu perguntei, juntando-me mais em seu braço enquanto ele o passava em torno da minha cintura.

– Doidinho? – ela perguntou, enrugando o nariz.

– Piada nossa – eu disse, beijando Jack no pescoço.

Com seu radar aguçado, Holly chegou bem naquele momento e pegou Jack pelo braço.

– Eu preciso de você por uns minutos antes do filme – ela disse para ele. – Vem comigo, por favor? Senhoritas – ela disse se despedindo, perfurando-me de cima a baixo com o olhar.

– Senhoritas – Jack repetiu –, nos vemos lá dentro. E Grace, depois falamos sobre isso. Não se preocupe – ele disse. Ele tentou se inclinar para me dar um beijo, mas Holly Empata-Foda estava bem ali.

– Por favor – ela disse, puxando-o com ela e lançando um olhar furioso para mim.

– Desculpe – eu balbuciei, e então percebi que estava sozinha com Márcia.

– Então – eu comecei, e ela me olhou à espera.

Mas o universo foi gentil e me enviou um anjo. Eu senti duas mãos como duas patas gigantes envolverem minha cintura e me levantarem no ar.

– Fiquei pensando se você conseguiria voltar para esse circo – uma voz sexy murmurou, e eu me virei para me deparar com um par de olhos azuis como o céu.

– Lane! – eu exclamei, dando-lhe um grande abraço.

– Caramba, você está maravilhosa, Grace – ele disse, dando um passo para trás para me olhar melhor.

– Obrigada, querido. E você está sempre maravilhoso – eu ri.

E então Lane percebeu com quem eu estava, e se engasgou numa risada.

– Olha só, que interessante. Qual o tópico da conversa, garotas?

Nós rimos um pouco desconfortáveis, e então Márcia falou.

– Sabe, todo mundo esperava que a gente não fosse se dar bem só por causa de uma história inventada pela mídia, mas posso dizer que eu já gosto de você, Grace – e sorriu calorosamente.

De novo, calorosamente.

E que droga, desde quando esse pessoal de vinte e poucos ficou tão maduro? Quando eu tinha a idade dela, eu estava sofrendo com matemática na

faculdade e tentando resolver como compraria um novo Jeep Wrangler. Eles pareciam uns miniadultos.

Lane arrotou.

Graças a Deus. Agora, sim, eu sorri calorosamente.

– Márcia, tenho certeza de que, assim que nos conhecermos melhor, vamos nos dar muito bem. Agora vou atrás do meu acompanhante – um homem gay, já que não posso ser vista em público com meu namorado de verdade. Melhor eu sair antes que alguém tire uma foto nossa e escreva uma matéria sobre *você* com uma ruiva misteriosa – eu disse, com um sorriso maldoso.

– É, boa ideia. Foi muito bom conhecer você, Grace. Você é tão bonita quanto ele disse que era.

Com um sorriso e uma virada graciosa, Márcia voltou para a multidão. Nem um fio de cabelo fora do lugar, nem uma dobra no vestido.

Eu realmente não queria gostar dela, mas sabia que iria.

– Lane, Lane, Lane – eu suspirei e me recostei

nele. Gesticulei para o atendente do bar pedindo mais um *drink*.

– Então quer dizer que a gente vai se estragar hoje, Sheridan? – ele perguntou, com uma piscadela diabólica para mim.

– Lane, eu sou uma mulher mais velha com uma hipoteca e uma conta enorme na Bergdorf’s. Eu não me “estrago”. Mas eu *vou* sair daqui de cara cheia – e levantei meu copo para ele. – Me acompanha?

– Devemos brindar pelo seu relacionamento tornado público?

– Merda, o que é que você sabe sobre isso? – eu perguntei, com os olhos quase saltando das órbitas.

– Está todo mundo falando disso lá fora. Três repórteres me perguntaram se eu conhecia você, e há quanto tempo Jack estava saindo com a ruiva mais velha – ele disse.

– Que maravilha. De ruiva misteriosa fui para ruiva mais velha.

*Logo mais você vai descobrir que se tornou ruiva gordinha e panela velha.*

Cale a boca.

Eu beberiquei meu *drink* e olhei para ele esperando uma resposta.

– Caramba, com certeza. Garçom, mais uma dose! – ele disse rindo, e pediu um *drink*.

Nós ficamos conversando entre risos e piadas enquanto ele tentava me acalmar. Ele tinha certeza de que isso seria totalmente esquecido.

– Mas, diz para mim, onde está aquela sua amiga bonitona... Holly? – ele perguntou.

Mais uma vez, com seu radar bizarro, Holly apareceu ao meu lado, notando meu terceiro *drink*. O que ela não sabia era que esse era o meu terceiro contando apenas desde quando *cheguei aqui*.

– Quebrando a regra dos dois *drinks* hoje, é? – ela perguntou, e então pediu um para si.

– Holly, como vai? – Lane perguntou.

Os olhos de Holly se abriram mais quando ela percebeu meu companheiro de bar.

– Lane. Que bom ver você de novo. Eu estou bem, obrigada. E você? – sua voz parecia bem

trêmula.

Que diabos estava acontecendo aqui?

– Estou ótimo. Belos sapatos – ele murmurou, olhando para os saltos vermelhos dela. Ela ficou vermelha até a raiz do cabelo, e então, virou-se para mim.

– Viu, Jack guardou lugar para você e para o Nick atrás dele e do pai dele. Mas você devia ir antes deles, para não chegarem juntos. Vamos continuar negando essa história o máximo de tempo possível, apesar de não ter sido muito esperto da sua parte ter dado seu nome para o *paparazzi* lá fora – ela me censurou.

– Mas foi sem...

– Shh. Não vamos falar disso hoje. A gente vai consertar isso. Eu só preciso pensar como – ela disse.

– Onde você vai se sentar, Holly? – Lane perguntou.

– Vou me sentar com meu cliente – ela disse e virou-se para mim. – Bobona, o Nick está esperando



por você – e me deu um empurrãozinho.

Eu sequei o que restava na minha taça e acertei as contas no bar. Eu estava começando a sentir um pouco de dificuldade em me equilibrar, mas mantive tudo sob controle – exatamente daquele jeito que alguém que andou bebendo pensa estar enganando todo mundo. Eu ouvi Lane dizer alguma coisa para Holly num sussurro, e então Holly lançou de volta: “Mais tarde!”. Mas ainda bem que não perdi o sangue subindo pelo seu rosto até ela virar um pimentão ao responder.

Que noite estranha.

Eu andei pelo lugar procurando Nick e de repente me vi escondida atrás de uma palmeira no vaso. Eu vi um homem mais velho e bem-vestido conversando com Márcia e, quando ouvi seu sotaque, percebi que provavelmente era o pai de Jack. Ele era alto e muito distinto, e pude visualizar um pouco de Jack daqui a trinta anos. Elegantíssimo. E aqui estava eu, escondida atrás de um vaso de palmeira – de novo.

Céus, será que eu poderia parecer mais com uma

colegial do que isso?

Não.

Mas com certeza ele conhecia Márcia. Eles estavam batendo um belo papo.

E eu fui toda ouvidos. Eles não estavam falando tão baixo.

– Eu gosto dela. Acho que ela faz bem para ele – Márcia disse. Senti meu peito queimando.

– Ela é adorável, mas gostaria que o Jack tivesse me dito antes o quão mais velha ela era.

– Bem, Jack tem um espírito mais maduro, e ela parece ter efeito positivo sobre ele. Faz tempo que eu não o vejo tão feliz – Márcia disse, de repente tornando-se minha maior fã.

Eu fui uma idiota...

– Você ainda não a conheceu? – Márcia continuou, parecendo surpresa.

– Não, ainda não. Eu pensei que o Jack ia me apresentar a ela na noite passada, mas no último minuto ele cancelou nosso jantar e decidiu comer com ela em vez disso. Provavelmente vou conhecê-la

depois. Mas fico imaginando como o Jack vai se sentir durante o filme. Você sabe como ele fica quando se vê na tela.

Os dois riram.

Eu fui em direção à sala de exibição antes que pudesse ouvir qualquer coisa mais sobre eu estar caindo aos pedaços, e finalmente encontrei Nick perto da porta.

– Onde diabos você estava? Holly está quase parindo uma vaca – ele disse com as mãos nos quadris.

– Ai, você pode ficar calmo, por favor? – eu disse, falando um pouco balbuciante.

– Você está bêbada, Grace – ele disse me cheirando.

*Quase* bêbada.

– Não, não. Mas eu estou bem animadinha, então não enche, bonitão – eu disse alto o suficiente para atrair a atenção de algumas pessoas que se encaminhavam para seus assentos.

– Ceeeerto, vamos fazer você sentar – ele disse

tomando-me pelo braço.

Nós descemos quase até a frente, e então deslizamos para a segunda fileira. Eu vi Rebecca falando com o diretor e acenei com entusiasmo. Ela sorriu e acenou de volta, e então sussurrou algo para ele. Eu podia jurar que ela tinha dito a palavra “namorada”, e então os dois se viraram para me olhar.

Fazer o quê.

Eu vi Jack entrando na sala de exibição com seu pai e Holly, e os três desceram até a primeira fileira. Ele piscou para mim enquanto passava e gesticulou para que eu me aproximasse. Nick me ajudou a levantar da cadeira, e eu me inclinei por trás da primeira fileira.

Jack parou na minha frente e me apresentou ao pai dele. Agora essa era oficialmente a noite mais trágica de toda a minha vida. Eu estava conhecendo o pai do meu namorado de vinte e quatro anos na estreia de um filme em Hollywood, no qual ele tinha o papel principal. E eu estava prestes a cair de bêbada em

público.

– Finalmente estou conhecendo a misteriosa Grace, que tanto encantou meu filho – o pai de Jack disse enquanto apertava a minha mão, que ele rapidamente levou aos lábios.

Era eu quem estava encantada.

– E eu estou conhecendo o homem de quem obviamente Jack puxou a aparência. Não tenho palavras para dizer como estou contente em conhecê-lo, Sr. Hamilton.

– Alex. Me chame de Alex. Devo ser tratado pelo meu primeiro nome por qualquer mulher que tenha encantado meu filho como você o fez, não? Embora eu deva admitir que, se eu tivesse a conhecido antes, meu filho teria um adversário – e deu uma risadinha abafada, enquanto Jack revirava os olhos.

– Bem, Alex, e eu devo dizer que sempre senti algo por homens mais velhos, especialmente por aqueles do outro lado do Atlântico – eu devolvi. O pai de Jack ainda segurava minha mão.

– Bem, sempre há alguma coisa a ser dita por

aqueles que têm um pouco mais de experiência de vida, não é mesmo? Algo que Jack sem dúvida vai aprender quando ele se tornar um pouco mais velho.

Ele sorriu mais uma vez e soltou minha mão para dar um tapinha nas costas de Jack.

Eu podia estar um pouco embriagada, mas ainda era capaz de jogar conversa fora com qualquer um. Pelo menos era o que parecia para mim. De acordo com meu medidor interno de bebedeira, eu estava calma como uma tartaruga e de jeito nenhum mostrando os efeitos dos vários *drinks* que tomei. De jeito nenhum...

Nós três conversamos animadamente por mais alguns minutos até que o diretor fosse para frente fazer um pequeno discurso antes de o filme começar. Eu recebi um beijo de Alex na bochecha antes de voltar ao meu assento na segunda fileira, atrás de Jack. Ele se virou e inclinou-se para mais perto de mim quando eu já estava me sentando.

— Trouxe isso para você. Eu sei que você gosta de um lanchinho enquanto assiste a um filme — ele sorriu

e me entregou uma caixa de Milk Duds.

– Doce! – eu exclamei, tirando a caixa de sua mão com um pouco de entusiasmo demais. Eu ouvi Nick suspirar ao meu lado enquanto eu tentava abrir a caixa. Então Jack se ofereceu para me ajudar.

– Eu consigo, eu consigo! – eu insisti. Por fim, eu rasguei a parte de cima e acabei espalhado Milk Duds para todo lado. Eu sorri para as pessoas sentadas ao nosso redor. – Desculpe, achei que vocês iam gostar de um pouco de doce – eu brinquei, achando-me engraçadíssima.

– Engraçado, achei que a Grace nunca dividia doce – Jack disse, olhando-me com mais atenção.

– Não, é só com você mesmo – e ri escandalosamente.

Holly interrompeu sua conversa com o pai de Jack e virou-se para mim.

– Que porra é essa? – eu li em seus lábios e caí quieta em minha poltrona.

Vi Nick e ela trocarem olhares, e isso me irritou. Eu não precisava que ficassem de olho em mim. Eu

comecei a me levantar e a dizer alguma coisa para Holly sobre isso quando as luzes diminuíram. O filme estava prestes a começar.

– Você está bem? – Jack perguntou.

– Tudo certo, amor, tudo certo – eu disse, enfiando um Milk Dud na boca.

Ele olhou para Nick também, e agora eu estava realmente começando a ficar irritada. Jack se sentou bem na minha frente.

Eu estava sentada *atrás* do meu namorado na noite mais importante da sua vida. Eu não podia nem ao menos segurar sua mão, sussurrar para ele ou lhe dar um beijo parabenizando-o – embora, aparentemente, toda a comunidade de notícias sobre entretenimento sabia agora que Jack Hamilton tinha um fetiche por vovozinhas.

Eu suspirei alto e tirei meus sapatos.

Nick inclinou-se para mim e sussurrou:

– Você tem certeza de que está bem?

– A próxima pessoa que me perguntar isso vai ter as bolas arrancadas. Estou falando sério – eu



sussurrei de volta entredentes, dentes encrostados e sujos de caramelo.

Ele recuou.

O filme começou.

Eu assistia à nuca da cabeça de Jack assistindo ao filme.

Dez minutos depois, depois de se mexer o tempo todo no seu assento, ele ruiu. Literalmente. Assim que Jack se viu na tela, ele desmoronou.

Em vão tentei alcançá-lo com a ponta do dedo para tocar em sua nuca, quando percebi que ele começava a dar pulinhos no assento. Não era só eu que não conseguia parar sentada em situações de nervosismo. Nick deu um tapa na minha mão para que eu a abaixasse. Ele estava atento ao cumprimento das regras de Holly para a noite.

Pelo amor de Deus, já era o suficiente.

Quando ele se levantou para sair, eu quase o fiz também. Mas dadas as circunstâncias, tive de me forçar a esperar cinco minutos inteiros antes de disparar para fora da sala. Nick tentou segurar meu

braço para me impedir, mas dessa vez fui eu quem dei um tapa na sua mão. Eu iria atrás do meu inglês.

Eu o encontrei no bar. Ele não estava sozinho. Márcia já o tinha encontrado, e eles pareciam estar dividindo um *drink*. Estavam rindo. Ele parecia mais calmo. Ela o estava acalmando. Vi um fotógrafo sanguessuga se aproximar. Já não me importava mais.

Eu me virei e caminhei rapidamente para o banheiro feminino; o som de suas risadas misturadas me perseguiam.

A luz no banheiro funcionaria igualmente bem para uma sala de interrogatório. As bolsas sob meus olhos estavam maravilhosamente destacadas, bem como meus pés-de-galinha, que de repente já não eram engraçados como costumavam ser. Meu rosto parecia abatido, cansado e triste.

Tão triste.

Enquanto olhava no espelho, eu vi uma imagem diferente da que tinha visto mais cedo nessa noite. Minha pele, que eu pensava estar bronzeada e brilhante, agora estava marcada e laranja. Meu

cabelo, que eu pensava estar cacheado e ondulado, agora estava crespo e detestável. Meus olhos estavam inchados pelos drinks e começando a se parecer com os dois repolhos roxos que com certeza eles seriam amanhã. Eles sempre ficavam assim.

Meu celular bipou. Era uma mensagem de Jack.

*Grace*

*Onde você está?*

*George*

Também havia uma mensagem enviada mais cedo. Não a tinha ouvido chegar.

*Grace*

*O Village Voice está elogiando-a loucamente! Nova York sente a sua falta. Quando você volta para casa?*

*Michael*

Eu sorri. Era a única coisa que tinha me feito sorrir em mais de uma hora. Nova York era mundo distante de onde eu estava nessa noite. E Nova York era um mundo que eu entendia. Um mundo, na verdade, que eu já estava meio que conquistando. Não essa

charada que é aqui. Eu sorri mais uma vez sem perceber, e a porta do banheiro feminino se abriu. Era Márcia.

– Ah, aí está você. O Jack está te procurando – ela disse, aproximando-se ao meu lado perto da bancada, sob a mesma luz.

A pele dela era perfeita. O cabelo dela era perfeito. Seu rosto era suave e sem nenhuma linha. *Ela* era uma estrela. Meu sorriso murchou. Eu pertencia a algum comercial para produtos dietéticos.

Eu me virei para ela.

– Bom, eu o vi sair, então claro que fui atrás dele. Sabe, dar um pouco de conforto para meu amado. Mas aí alguém chegou antes de mim e percebi que eu era meio desnecessária ali.

Meu tom de voz era frio e sarcástico.

– Grace, eu não o segui até lá. Eu o vi no saguão, e a gente só...

Eu a interrompi:

– Já chega. Estou velha demais para essa merda toda. Não tenho mais energias. Por favor, fale para o

Jack que eu não estava me sentindo bem e voltei para casa – eu disse com esforço, e as lágrimas começaram a se formar. Isso era demais para mim. Eu tinha chegado ao meu limite. Eu estava fora de controle, mas de repente me vi sábia o suficiente para me retirar daquela situação. Eu girei os calcanhares e me dirigi à porta.

– Grace? – eu a ouvi me chamar.

Com a mão na maçaneta, eu me virei exausta para encará-la. Ela ainda estava linda.

– Tem alguma coisa no seu vestido, atrás. Parece, bom, parece que você se sentou em alguma coisa – ela disse, com o rosto vermelho-vivo.

Eu me virei para olhar.

*Maldito Milk Dud.*

Bem no meio da minha bunda. Parecia que eu tinha merda grudada em mim.

*É claro que você tem.*

Sabe quando você tem um daqueles dias de merda? Quando nada dá certo, quando tudo só fica pior e pior, e o tempo todo você acha que está

prestes a explodir em lágrimas? Mas você se segura. Você não sabe exatamente como, mas você aguenta firme. E então você faz algo muito estúpido como bater o dedão do pé ou derrubar o café – e essa é a gota final. E você perde a cabeça.

Agora eu via as coisas claramente. Esse não era o meu mundo. Esse nunca foi o meu mundo. Jack precisava de alguém mais apropriado para a sua vida. E claramente eu não era essa pessoa. Eu não merecia alguém tão maravilhoso e incrível como ele. Pouco importava que eu o amasse mais do que ninguém em toda a minha vida.

A tragédia já estava prevista, os Milk Duds já estavam à minha espera na poltrona. E eu sentei em cima deles para todo mundo assistir. Eu suspirei pesadamente, encolhendo os ombros.

– Por favor, não leve isso para o lado pessoal, Márcia, porque eu sei que você realmente é uma boa pessoa. E eu sei que o Jack jamais seria amigo de idiotas, então você não é uma. Mas eu a vejo como o tipo de garota que nunca se sentou nem jamais se

sentaria num maldito Milk Dud. E eu realmente não consigo ficar perto de garotas assim. Foi bom conhecer você. Toma conta dele, por favor – e saí do banheiro.

E fui direto para o saguão, sem nem mesmo me dar ao trabalho de esconder minha bunda e os restos do Dud. Andei com a cabeça baixa até chegar à rua, e, esquecendo-me de procurar minha limusine, passei direto pela fila de fãs, atravessei a rua e chamei um táxi.



Eu voltei para a minha casa, tirei meu vestido e o larguei embolado no chão da cozinha. Lancei meus sapatos na parede. Fiquei debaixo do chuveiro por uma hora inteira enquanto meu telefone tocava e tocava e tocava em cima da bancada do banheiro. Quando eu saí do banho, eu o coloquei dentro do freezer sem nem mesmo checar as mensagens, e peguei uma Absolut.

Fiquei em uma espreguiçadeira no pátio dos

fundos de casa, bebendo vodka gelada de um copo de boas-vindas do Havaí na forma de uma dançarina de hula-hula.

Depois de um tempo eu ouvi um carro estacionar. Eu ouvi as chaves na porta. Ouvi fortes batidas de passos pela casa, e o ouvi gritando meu nome.

Não respondi.

Ouvi sua voz cada vez mais próxima e irritada. Ele finalmente chegou às portas francesas que davam para o pátio e procurou com o olhar na escuridão. Ela não podia me ver, e ligou as luzes.

Elas iluminaram tudo. Meu cabelo molhado, o rímel escorrido, minha garrafa de vodka. Meu rosto marcado por lágrimas. Minha expressão resignada e determinada.

– Que porra é essa, Grace? – ele perguntou, com o rosto zangado.

Nossos olhos se encaravam através do pátio.

Eu pus a garrafa de lado e me levantei para encará-lo. Eu estava surpreendentemente sóbria, considerando a quantidade de álcool que eu consumi.



– Jack, primeiro me deixe pedir desculpas por ter abandonado você hoje. Eu tinha de sair de lá... – eu comecei.

Ele me interrompeu:

– Por que você foi embora? O que... – ele começou.

Eu levantei minha mão.

– Eu não terminei. Por favor, me deixa dizer isso. Desculpe por tê-lo abandonado nessa noite – eu comecei mais uma vez, minha voz muito baixa e controlada.

Ele esperou, depois acenou com a cabeça para que eu continuasse.

– Não vai dar certo, Jack – eu disse, e senti meu corpo tenso.

– O que não vai dar certo? Do que você está falando?

Ele desceu os degraus depois da porta para o pavimento de pedra.

– Isso. A gente. Não vai dar certo. A gente precisa parar por aqui antes que nos machuquemos.

Eu estava surpresa com o som da minha voz. Parecia estar tão sob controle.

*Outra palavra para isso seria morta. Parecia morta.*

Eu me sentia morta.

– Você só pode estar brincando comigo. Que merda está acontecendo aqui, Grace? – ele gritou. Ele gritou de verdade comigo. Ele atravessou o pátio em três longas passadas e me agarrou pelos braços. Eu balancei como uma boneca de pano, sem vida.

– A gente nunca devia ter começado isso, em primeiro lugar. Nós dois queremos coisas totalmente diferentes, e a gente devia parar com isso agora. Isso tem de parar – eu me ouvi dizendo. Era como se eu estivesse debaixo d’água e pudesse me ouvir falando. As palavras saíam obscuras e densas. Nem parecia eu falando.

– Você está louca, sabia disso? Como é que você pode até mesmo pensar em terminar comigo nesse mundo? Você sabe que nós somos perfeitos juntos – ele disse, agora com os olhos magoados. Ele sabia

que eu falava sério.

Seus olhos perfuraram o véu que me cobria, e eu comecei a sentir algumas coisas. Dor. Mal-estar. Pânico. Raiva.

– Não fale isso. Eu vejo perfeição, mas não vejo aqui. Você sabe como eu me senti quando vi você dois juntos hoje à noite? – minha voz começou a se elevar.

– Ah, por favor, Grace. É disso que se trata? Quantas vezes tenho de dizer para você que não tem nada demais acontecendo entre a Márcia e eu? – sua voz se igualava à minha em intensidade.

Eu ignorei o modo como meu estômago revirou quando ele disse o nome dela.

– Ah, eu acredito em você. Eu sei que vocês são apenas amigos. Mas é com esse tipo de garota que você *deveria* estar. Uma *garota* – não uma mulher esquisitona como eu. E agora que a imprensa sabe quem eu sou, quão velha eu sou? Eles vão me crucificar, porra. A gente se iludiu pensando que isso daria certo fora da bolha de sexo em que estávamos

vivendo.

Ele não respondeu. Ele estava tão irritado. Eu nunca o tinha visto tão irritado. Quando ele soltou meus braços, eu tinha marcas da mão dele na minha pele.

– Eu nunca na minha vida vi alguém correr na direção oposta da felicidade tão deliberadamente como você – ele disse, atirando flechas em meus olhos.

– O quê?

– Você entendeu. Você empurra isso pra longe o máximo que pode. Você e eu sabemos, nós dois sabemos que não tem no mundo ninguém mais perfeito para você do que eu, ninguém mais bem preparado para lidar com toda a sua merda, e ainda assim olha só para você. Jogando tudo isso como se não se importasse nem um pouco.

– Eu me importo! Eu me importo! Mas isso não é certo. Eu sei, do fundo do meu coração, que não é certo. Você não merece toda a minha merda. Isso não quer dizer que eu não te amo, mas não é a hora

certa pra gente. Você não faz ideia de como eles vão cair em cima de você por causa disso – eu disse, mas minha voz começava falhar.

– Será que você pode, por favor, me deixar escolher com o que eu quero e não quero lidar? Puta merda, Grace. Você age como se fosse tão difícil. Você nunca parou pra pensar que eu também preciso de você? Que você é perfeita para mim? Que você também lida com as minhas merdas também? Você não pode simplesmente me dar o seu amor e depois tirá-lo de mim sem pedir. As coisas não são assim! – ele explodiu. Percorreu as duas mãos por seus cabelos, trazendo-os para baixo e espremendo-os em cada lado do rosto.

Eu amoleci quando o vi parecendo tão triste, e ele me viu enfraquecer. Aproximou-se rapidamente.

Ele pressionou seu corpo contra o meu e me beijou faminto, as mãos encontraram caminho para dentro do meu roupão. Eu gemi apesar de tudo, meu corpo reagiu do modo como sempre reagia quando suas mãos estavam em mim. Mas não foi o suficiente.

Eu o empurrei.

Ele tinha uma expressão desolada no rosto.

Eu coloquei uma mão em cada lado do seu rosto, embalando-o. Nós dois chorávamos agora.

– Quando você ficar mais velho, vai entender – eu disse, e ele fechou os olhos.

Foi o suficiente. Quando ele os abriu, estavam frios.

– Não se atreva a falar da minha idade quando é você que está agindo que nem criança aqui – ele me olhava furioso.

Era o que eu precisava. Eu recuei, fechando meu roupão e meu coração para ele.

– Você precisa ir embora agora – eu disse com a voz tão fria quanto os olhos dele. Eu estava mais uma vez controlada e fazendo a escolha certa.

– Não faz isso, Grace – ele implorou com a voz agora mais suave.

Eu dei-lhe as costas. Não conseguia mais olhar para ele.

– Eu tenho de fazer isso. Preciso de um tempo.

Quando eu puder eu te ligo – eu disse, pondo um fim na conversa.

E um fim em nós dois.

Ele se afastou caminhando sem dizer mais nem uma palavra.

Eu esperei até ouvir seu carro partir, e então desmoronei.

Em ruínas.

Em algum momento eu me levantei do chão e segurei as pontas. Não conseguia olhar para nossa cama. Apenas duas noites nela e já era *nossa* cama. Eu tirei meu telefone do freezer. Eu mal olhei para o Post-it e a foto.

Fui para a casa de Holly. Ela me acolheu, me deu sorvete e aspirina, e não gritou comigo por ter arruinado a grande noite do seu cliente.

Ela me colocou em um avião de volta para Nova York no dia seguinte.

Em pedaços.

O que eu tinha acabado de fazer?

# catorze

Fazia seis dias desde que eu parti de LA. Seis dias desde que eu tinha visto Jack. Seis dias desde que eu tinha falado com Jack. Seis dias desde que eu quebrei o coração de ambos.

Eu estava terrivelmente infeliz. Eu literalmente não sabia o que fazer.

Términos são difíceis. Todo mundo sabe disso. Já tinha passado por muitos términos ruins antes. Os primeiros dias são os piores. Tudo o que você quer fazer é evitar lembranças da pessoa em questão. Mas imagina que você acabou de terminar com o novo garoto sensação.

No dia seguinte à estreia, os programas de entretenimento e *blogs* na internet estavam cheios de fotos minhas e de Jack. Eu estudei as fotos de mim mesma sozinha no tapete vermelho – antes do



incidente com o Milk Dud. Eu parecia melhor do que achava. Ver a mim mesma sem taças de martíni seco (que evidentemente deixavam tudo mais bonito diante dos olhos, mas que tiveram um trágico efeito contrário) certamente melhorava as coisas. Mas ainda via as falhas. As curvas que talvez não devessem ser tão curvilíneas... o cabelo um pouco armado demais.

Eles repostaram as fotos do verão passado, incluindo aquela do nosso primeiro encontro no Gladstone's, em que eu estava apontando o dedo para um camarão. Aquela atingiu meu coração em cheio. Foi no dia em que ele me beijou pela primeira vez. Eles trouxeram de volta fotos de nossas saídas em Los Angeles no verão passado e desse outono em Nova York. Agora um nome as acompanhava: "Grace Sheridan, trinta e três (33)".

Eles sabiam que Holly era minha agente. Eles sabiam que Jack também era cliente dela. Eles sabiam mais ou menos quando nos conhecemos. Eles sabiam minha idade. E não muito mais que isso. Holly

tinha confirmado que eu era, de fato, uma cliente, bem como sua amiga. Ela negou o boato de que eu e Jack estávamos saindo, dizendo simplesmente que éramos bons amigos e que pudemos nos conhecer melhor quando eu estava ficando na casa dela no verão passado.

Convenientemente, fotos de Jack e Márcia juntos vieram à tona também, incluindo uma série de fotos dos dois almoçando em LA. Holly era mestre em despistar, e a história de Grace e Jack foi rapidamente deixada de lado pela grande mídia quando Jack se recusou a comentar sobre.

Mas nos sites de fãs? A história corria à solta e não se esgotava. As críticas em relação a mim variavam. Boatos e especulações corriam a sobre se eu era ou não realmente a namorada dele. Eu era chamada de “Sem Grace Sheridan”, “Grace Idosa Sheridan” e “Aquela Ruiva Come-Hamilton”. Esse último apelido até que era engraçadinho, na verdade.

E havia um pequeno grupo que parecia realmente estar gostando da ideia de que Jack estava, talvez,

possivelmente namorando uma mulher mais velha. Eu tinha a sensação de que essas mulheres estavam todas nos seus trinta anos. Uma sensação, apenas...

Eu me permiti fuçar bastante naquele dia, e então parei. Era difícil ver aquelas fotos, e mais difícil ainda ver como Jack estava feliz naquela noite – sua grande noite. Antes de eu quebrar seu coração.

Eu estava nas últimas semanas de ensaio, pois a pré-estreia tinha sido adiada para a semana depois do Dia de Ação de Graças. Eu estava com cara de velório a maior parte do tempo e sem vontade de comemorar um feriado. O que não havia problema, pois a minha agenda estava lotada com os ensaios e não deixava tempo para cozinhar ou tirar folga, e Holly acabou presa em LA. A indústria de entretenimento nunca diminui seu ritmo, mesmo num feriado. O elenco teve sanduíches de peru e *cranberries* enlatadas durante a pausa para o almoço no Dia de Ação de Graças. Não fosse por isso, a data teria passado despercebida.

Leslie sabia que eu tinha terminado com Jack, e

mesmo vendo que eu era a pessoa mais insana do planeta, ela não me perguntou nada. E pobre Michael, que não sabia o que fazer.

Ele sabia que eu estava devastada, mas acho que ele não entendia muito bem o que eu tinha feito, ou por que eu tinha feito isso de um jeito tão dramático, tudo ou nada. Eu mesma me questionava isso, mas minha decisão foi baseada em autopreservação, e ainda que eu estivesse num completo e total inferno, eu estava levando em frente. Eu não tive escolha senão acabar com tudo, antes que tudo acabasse com a gente.

Agora eu concentrava todas as minhas energias no show e em Mabel, a bela rainha mais velha.

Ah, Mabel.

Ela tinha se tornado o canal por onde minha frustração fluía, e tudo isso transparecia no palco. Eu estava poderosa. Eu estava em pedaços.

Eu costumava sair tarde da noite para andar. Depois do ensaio, eu perambulava pelas ruas de Manhattan, perdendo-me na cidade. Nova York era

linda, e totalmente diferente de qualquer outra cidade em que eu tinha morado. Ela parecia enorme e intocável, uma gigante. Mas era realmente adorável e acolhedora quando você explorava bairro por bairro, rua por rua. Por haver tantas pessoas, eu saboreava com prazer a anonimidade. Todo mundo estava encapotado em casacos e chapéus, e ninguém conhecia ninguém. Você podia ser qualquer um ou ninguém nessa cidade. Eu andava e andava, e tentava lutar contra as vozes dentro da minha cabeça.

O filme de Jack tinha estreado. Eu tinha tentado evitar todas as coisas relacionadas a *Tempo* desde a noite de estreia, mas isso era algo quase impossível. Eu quase joguei meu laptop pela janela quando vi o rosto dele na minha página inicial no Yahoo!. Eu explodia em lágrimas quando passava pelos cartazes em cada esquina, ou via as revistas em cada banca de jornal.

Mulheres o desejavam por todos os lados. Eu tinha tido ele. Tinha sido amada por ele. E o afastei de mim *como se fosse a coisa certa*. Que diabos

havia de errado comigo? Eu peguei o celular para ligar para ele dezenas de vezes, mas eu simplesmente não podia.

Holly estava estranhamente quieta sobre tudo isso, preferindo manter nossas conversas leves e tranquilas, sem tocar em nenhum assunto intenso demais. Tivemos apenas uma discussão sobre Jack. Ela estava me contando uma história sobre outro surto de um assistente seu por causa de celebridades. Sara esforçou-se tanto para parecer tranquila, mas foi demais para ela, e ela começou a chorar e a rir, e quase fez xixi nas calças, quando Lane apareceu no escritório.

Eu ri tanto imaginando a cena que lágrimas rolavam pelo meu rosto.

– Cara, você não faz ideia de como o Lane está se dando bem com a fama que ele conseguiu com *Tempo*!

Eu estava prestes a perguntar *por que* ele tinha ido ao escritório de Holly quando ela me perguntou timidamente:

– Você não vai me perguntar como ele está?

Eu parei de rir quase imediatamente, mas as lágrimas continuaram. Ela não falava do Lane.

– Como ele está? – eu sussurrei.

– Infeliz – ela disse.

Eu nada respondi, recebendo a notícia em mim.

– Grace, você sabe que eu te amo, e eu vou apoiar qualquer decisão sua. Mas eu acho que, bom...

– Acha o quê?

– Acho que talvez você esteja enganada nessa história.

Eu suspirei. Pesadamente.

– Eu sei que você me ama, mas é disso que eu preciso agora, entende? Quer dizer, eu sei que você não entende por que eu fiz o que fiz; droga, nem eu sei direito. Mas agora, neste momento, eu só preciso de um tempo. Por favor, não vamos falar nisso de novo até um pouco mais de tempo passar.

Ela ficou em silêncio por uns instantes, e então concordou. Conversamos por mais alguns minutos, e

então ela disse que me amava, e nós nos despedimos.

O redemoinho amoroso com Jack tinha trazido à tona todas as inseguranças que eu já tive. Claro, era ótimo quando éramos só nós dois juntos, mas e quando você coloca isso no contexto da vida real? Isso tinha de acabar. Eu não sabia o que eu queria na minha vida amorosa, mas não fazia mais sentido para mim brincar de casinha com alguém com vinte e quatro anos. Não importava o quanto eu o amasse.

E Michael? Ele era meu porto seguro.

Passávamos cada vez mais tempo juntos. Em algumas noites, ele tinha me acompanhado até em casa depois do ensaio, e nós conversávamos enquanto caminhávamos. Falávamos sobre nada e tudo – evitando coisas relacionadas ao Hamilton, de resto tudo era permitido. Nós deixamos escapar alguns sentimentos que tinham sido cuidadosamente trancados durante semanas, até mesmo anos. Se ele me fez esquecer Jack? Não, mas me ajudou muito. Passar um tempo com Michael e lembrar de como as



coisas tinham sido boas e simples um dia ajudava incrivelmente. Aliviava um pouco da minha culpa em relação ao modo terrível com que terminei as coisas com Jack.

Uma noite, quando o ensaio tinha excepcionalmente acabado cedo, eu ouvi Michael me chamando enquanto eu me dirigia para a porta.

– Ei, Grace!

– Ei, que foi?

Eu sorri enquanto me virava.

– O ensaio hoje foi ótimo. Não achava que você poderia ficar ainda melhor, mas, cara, ultimamente você está botando pra quebrar!

Seu rosto todo se acendeu. Ele parou perto de mim na porta de entrada, com o cabelo bagunçado. Seus olhos castanhos calorosos olhavam os meus.

Ai, aqueles olhos. Durante anos eu tinha pensado neles.

– Sim, bom, é que términos fazem muito bem para a criatividade, não? – e ri pesarosa.

Ele parou de sorrir na mesma hora.

– Ai, que merda, Grace. Eu sinto muito. Eu sei que isso está sendo difícil agora. Se houver algo que eu possa fazer... – ele começou.

– Não, está tudo bem. A gente tem de passar por isso, não é? Vejo você amanhã – eu dei uns tapinhas no seu braço e me virei para ir embora.

– Grace?

– Isso está ficando ridículo – eu disse rindo, olhando-o por cima do ombro.

– O que você vai fazer hoje à noite?

– Eu ia dar uma caminhada, depois pegar algo pra jantar no caminho de casa. Por quê? O que manda?

– Bom, eu estava pensando se poderíamos jantar nós dois e depois, talvez, ver um filme?

*Ai. Sem filmes. Pôsteres de Tempo para todos os lados. Você não é capaz de lidar com isso agora.*

– Ai, sem filmes – eu disse, balançando minha cabeça vigorosamente e apontando para o pôster no ponto de ônibus do outro lado da rua.

– Ah, é mesmo! Claro. Que grosseiro. Só pensei

que... Sei lá... – sua cabeça pendeu virando-se para o chão.

Num impulso, eu estiquei o braço e levantei seu queixo.

– Que tal só um jantar? – eu perguntei.

Fiquei surpresa comigo mesma.

E definitivamente o surpreendi.

Tínhamos jantado juntos inúmeras vezes desde que eu tinha me mudado para Nova York. Mas dessa vez era diferente. Nós dois sabíamos o que eu estava perguntando.

Meus dedos sentiram a aspereza da sua barba. Ele não tinha se barbeado hoje. Sua mão experimentou segurar a minha, erguendo uma sobrancelha para ver se estava tudo bem. Era a primeira vez que nós tínhamos reconhecido um ao outro fisicamente dessa maneira desde que voltamos a conviver. Até esse momento tinha sido apenas abraços amigáveis e socos de brincadeira nos braços.

– Só jantar está ótimo – ele disse sorrindo.

Meu coração batia a um quilômetro por hora.

– Vamos – eu disse. Eu abri a porta e deixei-o sair antes para a rua. Para a cidade.

Enquanto caminhávamos, continuamos de mãos dadas. Num dado momento, ele me notou olhando para baixo, para nossos dedos entrelaçados.

– Tudo bem ficar assim? – ele perguntou.

– Sim, tudo bem – eu concordei, tremendo um pouco por causa do ar da noite. Eu estava apenas com meu casaco de couro, mas era novembro na Costa Leste, e isso quer dizer frio.

Ele largou minha mão e passou um braço em torno de mim, trazendo-me para mais perto dele. Olhou para mim com o olhar questionador mais uma vez, e mais uma vez eu concordei com a cabeça, embora já sentisse A Gaveta se agitando um pouco.

Será que tinha se passado tempo o suficiente desde o término com Jack?

*Semanas.*

Era hora de experimentar esses sentimentos que eu andava tendo. Era um pouco estranho estar tão perto de outro homem, mas, afinal de contas, era o

Michael. E ainda assim meus pensamentos se desviavam para Jack. Eu me perguntei o que ele estaria fazendo nessa noite. Se ele tinha entendido o que eu estava fazendo.

Se *algum dia* ele entenderia o que eu estava fazendo.

Michael tinha um cheiro diferente do de Jack, mas era bom. Um cheiro de lã e folha de sálvia e limões. E de desodorante. Ele cheirava como quando estava na faculdade, quando eu me apaixonei por ele. Isso era estranho, mas parecia a coisa certa.

Nós acabamos jantando num pequeno restaurante japonês no lado oeste da cidade, perto do meu apartamento. Eu tinha me tornado uma cliente assídua desse restaurante – fantásticos enroladinhos de atum apimentados. Nós nos aconchegamos numa cabine nos fundos e pedimos saquê quente. Enquanto bebericávamos, eu percebi que poderíamos muito bem estar em nosso primeiro encontro da vida.

Eu de repente fiquei nervosa, e pareceu que ele também. Eu o olhei, e ele voltou a olhar para longe.

Ele tinha me olhado, e eu voltei meu olhar para a mesa. Nós estávamos num estado constante de enrubescimento. Ele estava vermelho até a ponta dos ouvidos, e eu podia sentir meu peito queimando vivamente.

Quando nós dois desviamos o olhar pela décima vez, eu levei minha mão para o outro lado da mesa e segurei a dele.

– A gente está sendo bobo, não?

– Sim – ele disse, soltando a respiração. Ele imediatamente pareceu mais relaxado, e eu dei uma risadinha.

Os olhos dele cintilaram.

– Estamos sendo bobos por estarmos tão nervosos, depois de todo esse tempo que nos conhecemos – ele disse, pegando o saquê com a mão que não apertava a minha.

– Pelo que eu me lembre, você costumava me fazer sentir nervosa o tempo todo – eu disse, bebericando do meu copinho.

– Você, nervosa? Há. Você não parecia tão

nervosa na noite em que me atacou – ele provocou, depositando seu copo e segurando minha mão com as suas duas. Ele percorreu com a ponta dos dedos a parte de dentro do meu pulso, e minha pele reagiu com arrepios.

– Eu realmente ataquei você, não é? – eu disse rindo, enquanto o garçom depositava nossa travessa, e nós começamos a comer.

– Sim, você realmente atacou. Você bateu minha cabeça contra a parede atrás de mim com tanta força que eu até vi estrelas – ele disse, misturando *wasabi* e *shoyo* com seu *hashi*.

– Eu bati? Bem, eu queria chamar a sua atenção e imaginei que enfiar minha língua por sua garganta daria um resultado bem rápido.

Eu ri, de repente me sentindo um pouco menos relaxada.

– Você sempre teve a minha atenção, Grace – ele disse tranquilamente, observando-me por trás de seus longos cílios.

Meu coração deu um pulso, meu estômago revirou.

Eu pensei em Jack.

Michael pegou um pedaço de salmão com seu *hashi* e o ergueu no ar.

– Bom, Grace, um brinde a você. E ao show. E à Mabel, que agora eu acho que criei exclusivamente para trazer você de volta à minha vida – ele sorriu, aqueles malditos olhos castanhos cheios de calor.

– À Mabel – eu acrescentei, erguendo meu *hashi* também.

Nós passamos a noite aproveitando a companhia um do outro. Eu me sentia cada vez mais relaxada conforme a noite passava, e apesar de alguns pequenos ataques de ansiedade por estar curtindo um jantar com outro homem, eu me saí bem.

*Era isso que você queria, lembra?*

– Você já pensou alguma vez naquela noite, Grace? – Michael perguntou enquanto bebericava preguiçosamente o resto do nosso saquê, esperando a conta.

– Sim. Algumas vezes. E você? – eu perguntei, imediatamente sabendo a que ele se referia, com



minha voz equilibrada. Seu olhar encontrou o meu, e nenhum de nós desviou o seu dessa vez.

– Sim. Cada vez mais, com o tempo. Ao longo dos anos eu pensava em você e imaginava onde você poderia estar, o que você andava fazendo. Senti a sua falta algumas vezes – ele disse.

– Eu também senti a sua – eu sussurrei, mas minha voz não estava mais tão equilibrada assim.

A conta chegou, ele entregou seu cartão de crédito sem nem ao menos olhar para a garçonete. Ela o levou enquanto olhávamos um para o outro.

Ele umedeceu os lábios com a língua.

Eu mexi em meu cabelo.

Nossos olhos nunca se largavam.

A conta voltou para a mesa, e nossos olhares finalmente se separaram enquanto ele assinava o recibo.

Ele se levantou e me ajudou com meu casaco. Eu estava lutando com meu lenço, tentando tirar meu cabelo debaixo dele quando ele se aproximou para me ajudar. Eu senti seus dedos roçarem em minha

nuca, e a faísca instantânea causada pelo seu toque me fez tomar um fôlego extra. Ele tirou meus cabelos debaixo e ajeitou o lenço. Eu olhei para ele. O cheiro de lã quente e de limões densos no ar estava entre a gente.

– Está pronta? – ele perguntou, quase num sussurro.

– Acho que sim – eu respondi, olhando fundo em seus olhos.

Ele me guiou até a porta, e nós andamos uns poucos quarteirões até meu apartamento. Nós não nos falamos. Eu mantive meu braço em torno do dele, e ele me mantinha próxima. Nós paramos diante da minha porta, e ele olhou para mim.

– Bem, vejo você amanhã de manhã, às oito.

– Sim, às oito – eu respondi, balançando nervosamente meus braços ao lado do corpo.

– Grace, estou muito feliz por hoje. Foi muito... bom – ele disse, mordendo o lábio inferior. Senti uma onda de nostalgia me invadir, quando me lembrei do que me fez apaixonar por ele naqueles tempos.

– Eu também – respondi, focando toda a minha atenção naquele lábio inferior.

– Então, boa noite – ele disse, e virou-se para se afastar.

Eu fechei meus olhos e respirei fundo. Aquele lábio inferior, aquele lábio. Todo meu mundo estava amarrado àquele lábio inferior. Por que todos os homens da minha vida estavam constantemente mordendo o lábio inferior? E por que eu achava isso tão sexy?

Eu vi Jack – Johnny Mordidinha – em minha cabeça, seu rosto devastado e triste naquela última noite em LA. Eu vi Michael segurando minha mão enquanto andávamos pelas ruas de Nova York.

*Você consegue.*

– Espere, Michael! – chamei.

Ele se virou para trás com um olhar esperançoso no rosto.

– Você gostaria de subir comigo por um tempo? – eu perguntei, sorrindo.

Ele olhou para mim com os olhos cheios de

perguntas.

Eu fiz que sim com a cabeça.

– Tem certeza? – ele perguntou, vindo em minha direção.

– Sim.

Ele voltou para perto de mim.

– Então, sim. Eu gostaria de subir.

Ele segurou minha mão e a levou até sua boca.

Seus lábios quentes pressionaram contra minha pele, e eu olhei para o homem que eu tinha deixado escapar de mim quando tinha vinte e um anos.

*O homem que quebrou seu coração, você diz?*

Isso, isso. Tanto faz.

Mas ele estava aqui agora. De novo. E eu sabia que éramos perfeitos um para o outro. Todos os sinais apontavam para isso. Quer dizer, vamos lá, vai. As pessoas vão e voltam na sua vida por uma razão. Michael e eu estávamos destinados a consertar o que em primeiro lugar nunca deveríamos ter deixado quebrar, em todos aqueles anos atrás. Eu sabia que ele me queria. Eu tinha certeza disso agora.

Eu respirei fundo mais uma vez e afastei a imagem que insistia em aparecer na minha cabeça: meu George.

Eu a afastei com toda a minha vontade, fechei com força a Gaveta e segurei na outra mão de Michael. Andando de costas enquanto entrávamos, segurando suas duas mãos, eu o puxei comigo.

— Vamos — eu disse, e nós dois entramos.

# quinze

Michael me seguiu até o elevador em silêncio. Eu respirei fundo enquanto apertava o botão do meu andar. Minha cabeça estava girando – por causa do saquê, da minha proximidade com Michael, e da distância do Jack.

Quando a porta do elevador abriu, olhei para ele e fiquei impressionada com o calor de seu olhar. Ele sorria de maneira hesitante e eu sorria de volta. Estendi, mais uma vez, minha mão a ele e o puxei para o *hall* de entrada. Nós andamos silenciosamente até a minha porta e quando eu peguei minhas chaves ele as tirou de minhas mãos e abriu a porta para mim. Ele me deixou passar, senti mais uma brisa de lã e limão e meus olhos reviraram, era inebriante.

Tirei o meu casaco, ele tirou o dele. Perguntei se

ele queria algo para beber, disse que não. Então comecei a dizer algo sobre a bagunça do apartamento, mas não havia bagunça.

E então ele caminhou até mim, confortável e seguro como o paraíso e abriu seus braços.

Eu caí em seus braços, aninhando meu rosto na lã macia que cobria seu peito. Eu conseguia sentir sua respiração acelerando, como a minha estava, e senti seus braços ao meu redor, seu rosto enterrado em meus cabelos e seu hálito quente em meus ouvidos.

Eu fui guiada para um *futon*, e um garoto e uma garota estavam se descobrindo. Minhas mãos seguravam sua blusa enquanto suas mãos envolviam as minhas costas.

“Grace”, ele disse, estremeci.

Eu me afastei para o observar e fui momentaneamente cega pelo brilho de seus olhos. Eu sorri timidamente e ele curvou a cabeça, pressionou seus lábios nos meus de maneira suave e tímida, como o meu sorriso. Meu estômago enrijeceu enquanto eu me permitia sentir tudo o que passava

por mim naquele momento.

Suas mãos se moveram em minhas costas, me pressionando gentilmente para perto de seu corpo. Eu aprofundei nosso beijo, passando minha língua pelos seus lábios e os sugando para a minha boca. Ele suspirou, sentia sua respiração passar pelo meu rosto, divinamente.

Ele respondeu ao meu beijo com um outro mais profundo, suas mãos enrolavam meu cabelo. Minhas mãos escorregaram em suas costas, passando para baixo de seu casaco tocando sua pele pela primeira vez.

Nos afastamos por um segundo, havia faíscas entre nós, nossas testas se encontraram. Suas mãos escorregaram de meus cabelos para as minhas costas, continuando a me pressionar para mais perto dele. Eu sentia sua excitação com a nossa proximidade. Era eletrizante.

Trilhei minhas unhas por suas costas e ele gemeu.  
– Grace, você está me matando – ele riu e eu sorri.



Me deixa te matar... eu sussurei.

Suas mãos rastejaram entre nós e tiraram minha blusa da calça. Minha pele estava pegando fogo e senti seus dedos passarem pela minha barriga.

Ele parou, curvando sua cabeça e encontrando meus olhos. – Tudo bem? – ele perguntou, podia ver a preocupação em seu rosto. – Você tem certeza de que quer fazer isso?

– Shhh... Tudo bem, Michael, de verdade – Passei minhas mãos por ele e as escorreguei para debaixo de sua camisa.

Ele sorriu e fechou os olhos, prestando atenção na sensação de minhas mãos explorando seu peito e abdômen. Levantei sua camisa e beijei sua pele. Seu cheiro era mais forte e o calor se concentrava nesse exato lugar. Beijei-o mais e senti suas mãos levantando minha camiseta. Ele começou a me despir, eu deixei.

Fomos para o quarto, e enquanto andávamos, eu de costas e ele de frente, as blusas foram removidas. Nós sorrimos e rimos um pouco, como adolescentes

fazem quando descobrem algo novo e excitante, mas um pouco assustador.

Paramos na beirada da cama, nenhum de nós tinha certeza de quem tomaria a iniciativa, quem avançaria esse ato além dessa simples exploração em algo muito mais sério. Eu fechei meus olhos, respirei fundo e o empurrei para baixo do edredom, ele rapidamente se virou, de modo que eu estava embaixo dele, coloquei minha cabeça em suas mãos e me encarou.

– Eu pensei em te ter novamente desse jeito durante tanto tempo, Grace – ele murmurou, deslizando beijos por todo o meu rosto.

Ele inclinou sua cabeça na minha direção, seu cabelo cacheado estava fazendo cócegas enquanto ele trilhava seu caminho até o meu corpo, os beijos se tornando cada vez mais urgentes. Era maravilhoso, surreal, quente, reconfortante, estranho e muito mais.

Minha mente e meu coração começaram a brigar e meu corpo esperou para ver quem iria ganhar.

Sua boca me procurou, se aninhou entre meus

seios e suas mãos maravilhosamente carinhosas alcançaram meu sutiã, começando a tomar a pele abaixo dele. Fechei meus olhos e senti o calor de sua língua me tocar. Meu corpo reagiu e eu arqueei embaixo dele. Ouvi ele gemer e senti seus lábios circularem meus seios, abri meus olhos, olhei para baixo e o vi olhando para os meus olhos.

Seu olhar era quente.

Meu corpo estava gelado.

Seu cheiro rico e acolhedor de lã e limão estava agora muito intenso, muito forte, muito presente.

Limões. Limões. Meus limoeiros. Casa.

*Casa é onde o seu coração está. Onde está seu coração, Grace?*

Isso estava errado. Grace e Michael viveram eternamente na faculdade, o que poderia ter sido. Por mais adorável que fosse essa ideia, agora parecia que era errado.

Senti meus olhos queimarem, minha cabeça havia ganhado. Lágrimas rolaram pelas minhas bochechas e tudo que conseguia ver era meu doce Jack – a dor

em seus olhos quando fechei meu coração para ele.

– Michael, por favor – eu implorei.

– Grace, eu sei, eu sei – ele sussurrou me beijando intimamente.

– Não Michael, eu não posso, eu simplesmente não posso – disse, puxando-o de volta até meu corpo.

– Gracie, o que foi? ele perguntou, sentando e acariciando meu rosto.

Você não é a Gracie dele.

– Por favor, não me chame assim – eu disse, agora as lágrimas caíam livremente.

Aterrorizado, ele sentou em um dos lados da cama. Eu me ajeitei, trazendo a camiseta de volta ao seu lugar.

Lágrimas continuavam escorrendo pelo meu rosto enquanto eu tentava explicar para o meu querido e doce amigo por que isso não poderia acontecer. – Michael eu sinto muito, mas eu simplesmente não posso disse, afastando seu cabelo de seu rosto. Ele escorregou sua camiseta de volta e agora estava

sentado comigo, me abraçando. Eu me enrolei em um cobertor.

– Eu sabia que era muito cedo, ele disse. – Eu não devia ter subido, é muito cedo depois de, bem... – ele me balançou para frente e para trás.

– Eu não quero machucá-lo. Oh, Michel, eu te adoro tanto chorei, jogando meus braços ao redor dele novamente. Eu me sentia segura agora que havia parado o que estava prestes a acontecer. Eu ainda ouvia um alarme dentro de minha cabeça, mas ele estava começando a silenciar.

– Nós só precisamos ir mais devagar. Eu não vou fugir – ele respondeu.

Eu precisava ser clara e precisa. Não podia deixá-lo para trás como qualquer casualidade.

– Não, Michael, eu não posso fazer isso. Nunca – eu comecei, enquanto ele me encarava, piscando – Você é um amigo muito bom para mim, mas eu acho... eu acho que o nosso tempo passou. Você não sente isso? Não sente como se estivéssemos tentando demais? – implorei a ele com meu olhar,

querendo que ele percebesse, sentisse também.

– Ah, Grace, você é muito louca para mim, e daí?  
– ele se afundou na cama, cobrindo seu rosto com os braços.

– Eu sei, eu sinto muito, eu nunca quis seduzi-lo.  
Isso não é, simplesmente não é certo.

Isso não era o que dois velhos amigos deveriam ter. Isso eram dois amigos reinventando o que não deveriam.

Furacão Grace: mais uma vítima

Aff, eu sou uma escrota...

– Eu realmente gostaria que você tivesse percebido isso antes de eu praticamente ficar pelado e fez uma careta, piscando para mim.

Joguei minha cabeça para traz e ri. Estava me sentindo bem. – Está tudo bem? Me desculpe, Michel.”

– Grace, não precisa, ok? Eu ficarei bem, não vou dizer que não fiquei chateado, mas vou ficar bem. Mas você precisa se encontrar, mulher! Você está zoada!

Nós rimos por mais uns minutos e então, depois de enxugar as lágrimas dos meus olhos com a manga de sua blusa de lã ele se levantou para ir embora. Eu o segui até a porta, com meus pés se arrastando no piso de madeira.

Ele se virou para mim, se encolhendo em sua jaqueta. – Grace, de qualquer maneira, eu te amo – ele disse, seu rosto estava sério, mas bondoso.

– Eu sei, eu também te amo. Amigos? – eu perguntei, enrolando o cachecol em seu pescoço.

– Claro, amigos! E por acaso, eu ainda posso ver seus seios – ele zombou e abriu a porta.

Eu olhei para baixo e encontrei minha camiseta no lugar e ainda estava enrolada no cobertor. Ele não podia! Eu estava preparada para deixar uma lembrança na cara daquele espertalhão, mas o olhar em seu rosto me parou.

– Boa noite, Grace – ele disse, e se inclinou para me beijar suavemente.

Eu deixei.

– Boa noite. Te vejo amanhã.

Ele consentiu e foi embora.

Eu voltei para o meu quarto, coloquei minha camiseta polo branca e deitei na minha agora-não-arrumada cama. Liguei a TV e assisti o fim de *O Mágico de Oz*. A minha parte favorita sempre foi quando a Dorothy percebe que ela sempre teve o poder, ela pode ir pra casa a qualquer momento quando se sentir pronta.

Eu chorei até cair no sono.



No dia seguinte nós tivemos ensaio apenas de manhã e à uma tarde já havíamos terminado. Michael e eu, surpreendentemente, parecíamos bem. Meus pensamentos sobre uma repetição desconfortável de nossa performance do dia anterior foram colocados de lado quando ele me convidou para um café antes que eu pudesse fugir. Eu sorri e concordei, e fomos para uma cafeteria na esquina.

– Ai, isso é desconfortável, né?! – Perguntei, ao sentar em uma das cabines.



– Não precisa ser. E daí que você acabou comigo na noite passada e eu tive que destruir alguns carros no caminho para a casa? Vou ficar bem – ele me provocou enquanto batia minha cabeça na mesa.

– Sinto muito, Michael, de verdade – eu persisti.

– Eu sei o que sente Grace. Mas você poderia pelo menos ter me *dado* uma ajuda antes de me mandar embora – ele disse, piscando.

– Cala a boca – respondi. – Não é por nada não, mas sabe, eu realmente achei que nós acabaríamos juntos – admiti.

– Eu também – ele respondeu, pesadamente.

– Nós estivemos juntos na faculdade, e agora estamos de volta à vida um do outro. Eu senti como se significasse algo – minha voz falhava enquanto dizia isso.

– E significa, mas não será como eu imaginei que seria. Mas é bom, estamos bem – Ele sorriu e deu mais uma mordida no pão.

Eu mastiguei também.

– Tenho que perguntar, por que você terminou

com aquele cara? O que ele fez?

– Ele não fez nada respondi indefesa. – Fui eu, me perdi e deixei minha cabeça louca tomar conta de mim. E sua irmã não ajudou nada, implantando todas aquelas ideias sobre crianças em minha mente.

Ele riu

– O quê? Por que você está rindo? – perguntei chutando-o

– Ela diz isso para todo mundo! Ela pensa que todo mundo tem que ter filhos. Que toda mulher precisa de crianças para ser feliz. Isso não significa que ela saiba o que está falando.

– Sim sim, e você me diz isso agora? Mas ela realmente me fez pensar. E se eu quiser filhos algum dia? Eu não posso tê-los com um cara de vinte e quatro anos. Isso é ridículo – Eu ri, e logo me veio uma imagem do Jack empurrando um carrinho de bebê em minha mente.

Curioso.

– Por que não? Você falou com ele sobre isso?

– Não. Sim. Quer dizer, não sei! Nós

conversamos sobre isso certa vez, de uma maneira bem aleatória, e ele disse que não queria ter filhos – Claro que ele não quer ter filhos. E eu pensei que também não queria. Eu ainda não sei, eu só... ai, está tudo bagunçado – eu disse, chacoalhando a cabeça.

– Então você terminou com o cara por quem está apaixonada por filhos que você nem sabe se quer, e você nem disse isso a ele? Uou, eu me livrei de uma boa na noite passada – disse levantando as sobrancelhas.

Cale a boca Connell! Amecei, chutando-o novamente. Rapidamente ele fechou suas pernas para proteger a área de risco, e me olhou seriamente.

– Além disso, Grace, nenhum cara quer filhos quando tem – quantos anos ele tem?

– Vinte e quatro. Ele tem vinte e quatro anos – suspirei

– Grace, quando eu tinha vinte e quatro a última coisa em minha mente era ter filhos. Se você me perguntasse naquela época eu provavelmente teria respondido que não – disse, enquanto provava seu

café.



Naquela tarde, enquanto atravessava a cidade em uma das minhas caminhadas pensei no que Michael tinha dito. Eu realmente não expliquei nada ao Jack. Nada mesmo.

Estava na frente de um cinema e, compelida por um impulso comprei um ingresso para assistir *Time*. Fiquei emocionada ao ver Jack na tela, e era maior do que na vida real, e mais bonito, doce, engraçado e brilhante.

Quero dizer que prestei atenção ao enredo, mas tudo o que podia ver era o meu Jack. Eu chorei muito e comi um balde inteiro de pipoca.

Assim que saí do cinema, pensei novamente se queria ou não crianças e do que eu realmente estava desistindo. Andei até o meu apartamento, coloquei roupas de ginástica e fui correr. Eu tinha que me livrar de toda aquela pipoca.

Corri pelo Central Park e segui meu caminho de

sempre, até a reserva e voltei. Me amaldiçoei por ter esquecido meu iPod. Nas últimas semanas, todas as vezes que saía para correr eu me certificava de ligar os raps que ouvia na escola, no máximo. Dessa maneira Eazy-E, NWA e Ice T mantinham meus pensamentos longe.

E hoje, enquanto corria, não tive essa sorte.

Pensei sobre o Jack e seu sorriso. Suas mãos e seus lábios. Seu humor e perspicácia. Seu bom coração. E pensei no quanto ele me amava.

Flashes de *O Mágico de Oz* continuavam a aparecer em minha mente, pensava na Dorothy que precisou completar todo o caminho até Oz e voltar antes de perceber que tinha tudo o que precisava em seu próprio quintal.

Encontrei uma família caminhando. O homem segurava um bebê, e a mulher empurrava um andador. Uma garotinha com tranças andava na frente deles. Eu sorri e parei para me alongar um pouco. Eu os observei enquanto alongava, e enquanto observava, esperei.

Queria sentir algo, esperei algo acontecer. Eu esperei algo cruzar a minha mente, como um grande sino ou um enorme sinal que dizia:

ISSO, GRACE, É ISSO QUE VOCÊ QUER.  
ISSO É UMA FAMÍLIA. VÁ ATRÁS DE UMA.

Enquanto esperava o sinal ou sentir algo, uma pequena e calma voz disse:

*O que você está esperando?*

Shh! Estou esperando um sinal

*O que você acha que sou?*

Você não é um sinal. Você é a idiota que me causou problemas. Você me convenceu a terminar com o Jack.

*Não, querida, você fez isso sozinha.*

Então, que merda você está dizendo? Que tipo de sinal você é?

*Você quer uma família? Quem define o que é uma família?*

Uma imagem apareceu: Holly e Nick desfilando no meu quarto, rindo. Outra imagem: Holly e eu sentadas no espaço dos fundos da minha casa, com

coquetéis nas mãos rindo até chorar. Holly e eu sentadas no chão na frente da geladeira, passando a bisnaga de queijo uma para a outra. Michael e eu discutindo política enquanto o outro revira os olhos. Michael dividindo um pão e o jornal comigo. Nick me levando pra casa depois de me pegar no aeroporto.

Jack.

Jack sem camisa e descalço, tocando violão para mim enquanto eu arrumava a cama. Jack segurando meus seios enquanto eu lavo seus cabelos. Jack deitado ao meu lado na cama, um saco de salgadinhos entre nós. Jack dirigindo até Santa Bárbara com uma das mãos em meu joelho. Jack dormindo no meu colo enquanto eu brincava com seu cabelo e fazia cafuné. Jack na minha casa, em nossa cama, assistindo *Golden Girls*.

*Essa é sua família.*

*Quem disse que você não pode ter filhos com Jack algum dia? As pessoas mudam de ideia. Você tem tempo. E eu poderia imaginar dois pais mais*

*divertidos no planeta terra? Ou nenhuma criança e nós dois passando a vida toda juntos. Não é nada ruim velejar ao pôr do sol, não?*

Mais uma imagem me veio à mente: Jack me ouvindo cantar na noite do microfone aberto.

*O que a música dizia?*

“Strong enough”. Forte o suficiente. Mas nunca foi uma questão do quão forte ele era.

Não, mas eu sou forte o suficiente para ser a namorada dele?

Eu pensei que era.

*Por que você duvida de si mesma? Quem se importa em como a mídia te chama?*

Eu me importo.

*Então supere isso. Aquele menino – aquele homem – te ama. Ele precisa de você. Você se afastou exatamente quando ele precisou que você fosse forte.*

Doidinho. Johnny mordidinha. George.

Respirei tão fundo que quase me afoguei.

Pare de ser medrosa.



*Não se preocupe tanto com o que você acha que deve ter. Cuide do que você tem. Ou tinha.*

Oh, não. O que fui fazer?

*Nada que não possa ser consertado.*

Eu estive com tanto medo por tanto tempo, quase não reconheci esse sentimento como medo. Mas era isso, e era feio. Eu guardei esse medo minha vida toda. O medo me fez ir morar em LA, foi o que fez eu desistir do sonho que tive para minha vida – somente agora eu tinha encontrado uma maneira de fazer o que queria. Por que eu estava deixando o meu entrar no medo caminho com Jack?!

Se eu pudesse criar o homem perfeito para mim, ele teria semelhanças impressionantes com o George. E ele estava certo: eu empurrei a felicidade. Eu deixei pensamentos errados e fantasias passageiras me distraírem do que era real, do que era verdadeiro. Por que eu me preocupava se ele tinha vinte e quatro anos? Talvez ele devesse mesmo ter vinte e quatro anos.

Medos. Era o momento de desapegar.

Uma última imagem, espontaneamente, brilhou em minha mente: eu, na maior drepê, me afogando em tristeza.

*Não mais.*

Não mais.

Eu quero ele de volta.

*Agora, espere um pouco, quem disse que ele te quer de volta?*

Esse pensamento me paralisou. Ele iria me aceitar de volta?

*A última vez que chequei, você o dispensou em uma noite importante – você foi embora da estreia do filme. O envergonhou na frente de sua família, e então partiu seu coração. Quem disse que ele vai te aceitar de volta?*

Ah, Deus! Que bagunça! Eu me sentia tão idiota. Ultimamente tudo girava ao meu redor – O que eu queria? O que era melhor pra mim? – Eu nunca parei para pensar em como isso era difícil para o Jack. Eu tirei o meu amor dele quando ele mais precisou. Eu estava fraca, totalmente perdida dentro da minha

própria cabeça, enquanto tudo o que queria era o meu coração. Tudo o que ele precisava era do meu apoio.

*Ligue pra ele. Ligue pra ele agora.*

Certo, certo! Claro! Ligue para ele – onde está meu telefone?

Eu procurei freneticamente em mim mesma o telefone. Droga, eu havia deixado em casa. Provavelmente ao lado do meu iPod.

*Bom, então corra pra casa, mulher!*

Eu sorri para a família que estava observando. Eles devem ter se perguntado sobre a moça estranha no parque tendo uma discussão consigo mesmo. Mas foda-se, estamos em Nova York.

Eu corri como se minha bunda estivesse pegando fogo. Corri para fora do parque e atravessei a cidade, meu coração batendo muito forte. Eu devia parecer uma louca, eu estava chorando e rindo ao mesmo tempo. A cena de Harry correndo para encontrar Sally na noite de ano novo apareceu em minha mente. Ele queria dizer a ela o quanto a amava

e ele não queria esperar nem mais um segundo.

Conseguia me identificar.

Eu queria o meu Jack. Queria minha família. Minha casa. Só precisava pensar nas coisas certas para convencê-lo de que eu nunca, nunquinha mesmo, iria abandoná-lo novamente.

Entrei em meu prédio, dei um oi rápido para Lou enquanto corria para o elevador, que demorou o que pareceram dez horas, durante as quais eu tentei pensar no que diria a ele. Também passei a maior parte do tempo inclinada, tentando recuperar o fôlego depois de correr tão rápido e furiosamente.

Quando a porta finalmente se abriu eu caí no corredor. Suando e ainda eufórica me levantei do chão e corri até a porta, ansiosa para pegar o telefone. Cambaleei pela porta e corri pelo apartamento, procurando o telefone freneticamente. E finalmente o encontrei aonde tinha o deixado, em cima da pilha de correspondência na cozinha. Assim que peguei o telefone me recuperei para pensar sobre o que eu diria. Eu não podia simplesmente vomitar

tudo isso pelo telefone, ou podia?

Enquanto me recuperava, folheei inocentemente a correspondência, que incluía uma pilha de revistas de fofoca. Elas ainda eram meu prazer proibido.

*Está bem, você respirou o suficiente. Agora ligue para ele e faça o que precisa fazer.*

Sim.

Agarrando meu telefone, comecei a digitar quando meu olhar pousou na capa da revista, na qual encontrei um rosto familiar. Era Jack, caindo para fora de um taxi com uma loira ao seu lado. Ele claramente estava bêbado e ela estava claramente se sentindo vitoriosa enquanto segurava nele. Ele parecia estar escondendo seu rosto da câmera, enquanto ela posava triunfante para a foto. A legenda?

CADÊ A RUIVA?

# dezesseis

Encarei a revista, sem compreender o que estava vendo. Ele estava namorando essa mulher loira? Eles estavam tendo um caso? E eu ainda teria o direito de me fazer essas perguntas?

Se sim ou não, não sei, mas fiz. Minha mente girava em todas as direções, e meus olhos estavam fixos na foto. Quando finalmente me acalmei, abri a revista para ler o artigo.

Após a estreia de *Tempo* em Los Angeles, Jack Hamilton partiu para uma turnê mundial, com uma parada em sua cidade natal, Londres, e rapidamente já seguiu para a estreia em Paris. Ele acabou de voltar para L.A. e foi visto em baladas todas as noites da semana passada. Nossas câmeras o flagaram saindo de um taxi na frente do hotel Chateau Marmont, em Hollywood, com uma loira

deslumbrante. Quando perguntamos aonde a ruiva estava – uma mulher mais velha e talvez namorada Grace Sheridan – Jack murmurou algumas palavras indecifráveis. Ele tropeçou hotel adentro e não foi visto novamente até a manhã seguinte quando ele saiu rapidamente para as montanhas. Isso significa que o Jack está livre novamente?

Loira deslumbrante. Humpf. E por falar em não deslumbrante, o geralmente belo Jack parecia horrível, ele era sempre um profissional tão polido em público. O que estava acontecendo?

*Talvez ele sinta sua falta.*

Mais provável que a fama esteja subindo à sua cabeça. Ele parece estar suficientemente acompanhado.

Eu li o artigo mais uma três vezes antes de pegar o telefone novamente. Eu me desafiei a fazer essa ligação.

– Oi – uma voz respondeu.

– Isso é verdade? Perguntei, meu lábio inferior estava tremendo.

– Você viu o artigo?

– Sim, é verdade?. – ouvi Holly suspirando.

– Grace, eu te amo, mas eu tenho um pesadelo de relações públicas em minhas mãos pra resolver aqui, e eu tenho que dizer, você desistiu de seus direitos de fazer perguntas sobre o Jack quanto terminou com ele – ela respondeu.

– Eu sei, eu sei mas você tem que me dizer! – implorei, meu lábio inferior tremia enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto.

– Eu não sei, Grace, está tão difícil falar com ele ultimamente. Depois de Paris ele meio que saiu fora. Nada mais de imprensa, entrevistas e parou de responder minhas ligações. Eu não sei o que está acontecendo. – ela admitiu, e sua voz ficou mais suave.

– Ai, Holly, eu estraguei tudo, fiz uma enorme cagada – lamentei

– Me conte algo que eu não sei, docinho – ela disse, e eu ri um pouquinho apesar do desânimo.

Ele deixou o pesadelo de lado e passamos um



tempão conversando no telefone. contei o que aconteceu entre Michael e eu, e ela não ficou surpresa. Apesar da minha determinação há minutos atrás nós concordamos que talvez não fosse a melhor hora de ligar para o Jack. Eu precisava me concentrar no espetáculo. Ela prometeu vir para a estreia e estaria mentindo se dissesse que eu não estava precisando passar um tempo com ela. Eu precisava focar cem por cento no espetáculo e voltar a minha atenção para a minha carreira. Estive muito focada em minha vida pessoal – e na carreira do Jack – que praticamente não notei o quão maravilhoso estava o meu trabalho ultimamente. Michael tinha convidado alguns jornalistas para assistirem ao ensaio há uns dias e o *feedback* foi ótimo. Particularmente para a protagonista aqui.

– Segura a onda querida, e Holly estará aí logo, logo – ela disse. – Nós brindaremos o seu sucesso, tomaremos uns drinks e, se necessário, eu dormirei com você – ela brincou, me fazendo rir.

– Bem, se tem alguém que precisa de um

tempinho, é você. Com certeza. Faz quanto tempo mesmo? – perguntei.

– Hey, Grace, preciso correr. Você pode me ligar mais tarde se precisar, tudo bem?

– Tudo bem, idiota.

– As coisas vão acontecer exatamente como têm que acontecer, eu prometo.

– Confio em você – disse, desligando o telefone.

Olhei mais uma vez para a revista e então a joguei no lixo. Eu resolveria isso, mas olhar para aquelas fotos não me ajudaria em nada.



Me joguei no trabalho nos últimos dias de ensaio. Era a minha salvação. Encontrei força na conexão que sentia com Mabel e passei mais tempo no teatro do que nunca. Algumas vezes, depois dos ensaios eu ficava no palco, depois que toda a equipe já tinha saído e o lugar estava quase deserto. De pé no palco, com o lugar vazio, eu senti a energia fluir pelo meu corpo. Aqui eu me sentia mais em casa do que em

qualquer lugar na terra. Como eu era privilegiada por ter uma chance dessas na vida, e estava aproveitando muito bem. Estava orgulhosa de mim mesma e do que tinha conquistado, e quase não me importava se o show ia ser um sucesso.



Bem, sim, claro que eu queria que o show fosse um sucesso. Caramba, queria ver meu nome brilhar. Apesar de não estar muito orgulhosa em admitir isso. Eu podia ter isso, mas eu também estava animada por estar nessa indústria de qualquer maneira. Mesmo que não pudesse estar nos palcos, ou em frente às câmeras eu sabia agora que deveria buscar um caminho para me manter na indústria e esse era o que eu realmente deveria seguir.

Os dias e noites dos ensaios finais passaram, e rapidamente me vi pegando Holly e Nick no aeroporto. Eles vieram para a minha grande noite, e foi maravilhoso tê-los por perto novamente. Eu foquei neles e tentei não pensar no que Jack estaria

fazendo agora. Mas pensei se ele lembraria que hoje seria minha estreia.

No caminho para a cidade eu sentei no banco de trás do carro, olhando pela janela como uma turista, enquanto o motorista nos levava até a Broadway. Apesar de Nick ser um roteirista por anos e a Holly já ser uma veterana velha de Hollywood, eles estavam tão admirados pelas luzes e energias do *Great White Way* quanto eu – toda e qualquer vez que eu passasse pela Forty-seven Street. Enquanto nós três olhávamos as tendas na frente dos grandes teatros ficamos hipnotizados.

– Acredita que estou aqui, Hools? Realmente aqui? – eu respirei, apertando sua mãos.

Ela olhou para mim, sem dúvida com um de seus comentários na ponta de língua, mas ela simplesmente sorriu, e apertou minhas mãos.

Sim, eu acredito. – ela sorriu e compartilhamos um momento no carro. Um momento um pouco estranho por causa do cara quase nu tocando guitarra na esquina, mas um momento, de qualquer maneira.

Entre os ensaios eu passei os dias seguintes mostrando a eles os meus lugares preferidos da cidade e, de repente, já era a noite de estreia. Àquela noite, em um estado de confusão e pânico, meu estômago me lembrou de quem estava no controle e eu vomitei o almoço no chão do meu camarim. Michael, sendo incrível e antecipando minha fobia de palco (talvez preocupado com seus sapatos) tinha um esfregão a postos.

Logo antes da música começar, Michael me encontrou. Ele estava tão nervoso quanto eu e nós nos abraçamos por um momento antes de ele seguir para me assistir, na cabine.

– Grace, você será incrível. Eu sei. Estou tão feliz por você estar nesse espetáculo – ele sussurrou. – Quebre as pernas – ele me beijou na bochecha e saiu.

Eu me recuperei, concentrei, e quando ouvi a minha deixa, entrei no palco. E estava em casa mais uma vez.

Eu vi as luzes, o cenário e os outros atores, mas

passsei a noite flutuando há uns dois metros do chão. Me deixei levar, me entreguei completamente à personagem, e simplesmente... estava. Me doeii completamente: minha excitação em voltar para Los Angeles, o arrepio de fazer parte desse mundo novamente, a dor da minha separação recente do Jack, a confusão da minha quase-experiência com o Michael – tudo. Tudo desse momento da minha vida e de todas as experiências que me trouxeram até o palco me ajudou a criar uma performance que poderia fazer quantas vezes fossem precisas, e nunca me cansar. E sempre encontrar algo novo. Me senti viva, eufórica, assustada e estava amando cada segundo disso.

Senti o público e a energia que eles me passavam. Eles riam quando Mabel ria, choravam quando Mabel chorava, e eu passei por isso junto com eles. Essa é a alegria do teatro. É diferente toda noite, e quando você está realmente presente, é mágico. Magia, pura e simples.

Quando as cortinas abaixaram, e o elenco se

reuniu, eu me deixei sentir, finalmente. Eu cheguei aonde gostaria de estar desde que tinha sete anos e cantava junto com *My Fair Lady* na frente do espelho, e um boneco como parceiro. Desde que fiz o meu primeiro teste, aos onze anos, cantando *Memories* como todas as outras crianças no país. Desde que consegui o papel de protagonista quanto tinha quatorze anos na peça *Maria in the Sound of Music* (ah, o ensino médio). Desde que assisti *Rente* e chorava muito ao pensar que isso estava fora do meu alcance.

E viver tudo – estar nos holofotes, ouvir os aplausos, e saber que as pessoas que eu amava estavam comigo no palco e no público, e eu estava ganhando uma grana para fazer algo que eu me sentiria bem fazendo de graça.

Eu perdi o controle, eu chorava e ria ao mesmo tempo quando Leslie me empurrou para frente do palco. E foi quando eu o vi. Ao lado de Holly e Nick, com o maior sorriso que eu já havia visto, o meu inglesinho. Ele aplaudiu mais forte do que todos que

estavam lá, e me olhava orgulhoso – mas todos eles provavelmente ficaram com as mãos machucadas, por causa da maneira com que continuaram aplaudindo.

E pra ser honesta? Eu arrasei!

Eu estava excitada de cinco maneiras diferentes. Ele veio! Ele veio para a minha grande noite. Lágrimas escorriam pelo meu enorme sorriso.



Depois que as cortinas fecharam, caminhei nervosa para o meu camarim. O elenco não parava de aparecer para me parabenizar. Michael estava no paraíso, e os primeiros *feedbacks* dos investidores foram bons! Eu sabia que Holly e Nick estavam vindo para o camarim, mas o Jack estaria com eles? Imagino que ele não viajaria de tão longe para não me ver. Não é?

Continuei comento Tums como se eles estivessem saindo de linha, e ouvi uma batida suave na porta.

– Sim? – eu disse, com a boca cheia de farelos, e



abri a porta.

– São pra você, Grace – uma das assistentes de palco me entregou o maior buquê de petônias que já tinha visto. Aonde alguém encontrou petônias em dezembro eu não saberia dizer, mas elas estavam ali. Enquanto olhava pelos botões encontrei um pacote de *Chex Mix*, com um *post it*; ri em voz alta enquanto lia o “cartão”.

Parabéns, Gracie.

Esse *Chex Mix* de comemoração deve ajudá-la a acalmar o estomago. E se você quiser, guarde as quadradinhas e as traga pra mim amanhã no almoço.

Jack.

Ps.: você estava radiante.

Eu olhei para o corredor para ver se ele estava lá, mas tudo que podia ver era Holly, sendo seguida, de perto, por Nick.

Mulher, você foi feroz! – Nick gritou, aproveitando para olhar para mim de cima a baixo e fazer um gesto de aprovação para os meus seios.

Obrigada, Nick. Fico feliz que tenha gostado.

Holly! Hey, Holly? – disse, tentando me desvencilhar do peso morto que se jogou em mim.

Finalmente, ela me soltou e tentou limpar a garganta. – Você foi ótima, docinho – disse ela, com a voz rouca e grossa.

– Muito obrigada, querida, espere um pouco, você está chorando? Holly, não... – disse enquanto ela erguia o olhar para mim.

– Ah, cala a boca, idiota! Você foi incrível, ok? Eu posso chorar uma vez a cada dez anos. Agora sai fora – ela alertou, apertando minha bochecha. Ela me viu olhando sobre seu ombro, para o corredor, e apertou um pouco mais forte.

– Ele voltou para o hotel, se é isso que você está procurando.

Não acredito que você não me contou que ele estava vindo!” – gritei, antes de me afundar em minha cadeira e começar a tirar a maquiagem. Nick começou a escovar meu cabelo, escutando cada palavra com atenção. É incrível como as coisas se encaixam normalmente entre nós.

– Eu não sabia até o último minuto. Ele me perguntou na semana passada quando seria sua estreia e de repente ele tinha um ingresso e estava sentado ao meu lado aqui hoje a noite. Vai saber – ela disse, mexendo no cabelo e desviando o olhar rápido demais.

– Hummmm – eu disse, me encarando no espelho. Nick estava rindo atrás de mim.

– E o que é tão engraçado, mocinho?

– Holly estava falando sobre sua *estreia* – ele resmungou enquanto eu revirava os olhos.

– Então, ele disse algo sobre um almoço? – falei ao observá-la para ver se ela cairia na minha.

– Sim, fui instruída para te dar os detalhes de onde o Sr. Hamilton estará amanhã, ao meio-dia, se você estiver interessada – ela respondeu, com os olhos dançando.

Eu respirei aliviada. Eu finalmente poderia conversar com o meu George e perguntar a ele se podia ser sua Gracie novamente. Eu teria que ser sincera sobre muitas coisas, mas já estava na hora.

Sentindo-me imensamente aliviada – e animada por ter Holly e Nick ao meu lado – saí para o jantar de comemoração com o elenco. Minha regra de dois *drinks* estava de volta e fui para a cama me sentindo orgulhosa naquela noite, confiante de que meus olhos estariam sem olheiras pela manhã, e um pouco esperançosa.



No dia seguinte, alguns minutos antes do meio-dia, entrei no Four Seasons. Após encontrar o *concierge* avisei que era a convidada de Jack Hamilton, como fui instruída a fazer, e ele deu um pulo.

– Ah sim, Srta Sheridan? Sim, o Sr. Hamilton está esperando você em uma das nossas salas de jantar privadas, me permite? – ele perguntou, tirando meu casaco e apontando um elevador meio escondido. Subimos alguns andares e ele me levou até uma porta toda enfeitada no fim de um corredor escuro. Assim que ele se preparou para abrir a porta eu parei e ajeitei minha saia. Eu tinha experimentado diversas

roupas por uma variedade de motivos antes de decidir por essa: uma saia preta com uma blusa rosinha clara. Seios fabulosos (meu ponto forte nesse cenário) e botas pretas completavam o *look*, e o sorriso nervoso em meu rosto. Respirei fundo e ele abriu a porta.

Jack arrumou uma mesa para dois, de frente para a porta. Ele levantou quando eu cheguei e fiquei impressionada mais uma vez com os seus olhos maravilhosos. Seu rosto, os cabelos, os olhos eram os mesmos, mas o sorriso estava triste. Eu era a causa de sua tristeza, e a vergonha tomou conta de mim mais uma vez.

*Segura, gata, agora é hora de arrasar.*

Por mais que eu quisesse correr até ele jogar meus braços ao seu redor – e minhas pernas também – o protocolo e nosso último encontro impediam isso. Então eu esperei que ele desse o primeiro passo. Nós dois ficamos parados, olhando um para o outro, e finalmente o pobre recepcionista quebrou a tensão dizendo para que avisássemos quando estivéssemos

prontos para o almoço. Jack concordou e ficamos sozinhos.

– Oi.

– Oi pra você – ele disse, só de ouvir sua voz eu caí no choro.

– Muito obrigada pelas flores. Eles eram lindas.

– De nada.

– E o *Chex Mix*, foi um toque muito legal – adicionei.

Ele suspirou. – Eu pensei que seria.

Ficamos em silêncio por alguns segundos e então falamos ao mesmo tempo.

– O espetáculo foi incrível.

– Obrigada por ter vindo noite passada...

Nós rimos e a tensão se dissipou um pouco. Eu cheguei um pouco mais perto dele, e ele se aproximou também. Coloquei minha bolsa no chão e observei o quarto. Painéis de madeira, espelhos dourados, era lindo. Quando me virei para ele, ele estava exatamente atrás de mim. Tê-lo tão perto me afetou como sempre, e antes que pudesse me conter,

me joguei em seus braços.

Nos jogamos um nos braços do outro, instantaneamente sentimos aquilo que já foi tão familiar e que agora fazia uma enorme falta. Minha pele lembrava isso. Seu toque e seu perfume enchiam minha cabeça. Novamente lágrimas escorriam dos meus olhos enquanto eu o apertava. Senti seus lábios em minha cabeça e derreti. Eu derreti completamente. Eu levantei meu rosto, meus lábios buscando seu beijo.

Mas então seus braços enrijeceram, e eu me encontrei onde estava quando entrei no quarto: sozinha.

– Eu não posso fazer isso, Grace. Eu não posso simplesmente vê-la, abraçá-la e fazer tudo voltar a como era antes – ele disse, seus olhos percorram meu corpo e meu rosto.

Quando eles finalmente voltaram para os meus olhos, eu vi quanta dor havia neles, e... raiva?

– Eu estive tentando decidir o que te dizer há semanas, eu estava tão puto com você, Gracie. Eu

estou tão puto com você – ele disse e se afastou, passando as mãos pelos cabelos.

– Eu sei. E você tem toda razão em estar bravo comigo, mas se eu puder só... – comecei.

E ele surtou.

– Caramba, Grace! Eu não quero ouvir! Se eu tiver que ouvir você dizer novamente que não podemos ficar juntos, eu vou perder a cabeça, de verdade. Você tem ideia de como é ouvir isso de você? Agora, senta aí e você vai ouvir o que eu tenho a dizer – ele instruiu e apontou para a cadeira.

Surpresa com sua veemência, eu sentei e aguardei pelo que me esperava. Eu devia isso a ele, eu devia mais ainda...

Ele começou a andar e eu fui tocada, mais uma vez, pelo quanto ele estava magoado. Eu realmente tinha partido seu coração.

– O que você fez naquela noite... foi impulsivo, e tão cruel. E eu não estou falando sobre ter escolhido a pior noite possível para surtar, estou falando sobre terminar nosso relacionamento sem ao menos



conversarmos sobre isso. O que nós passamos juntos, o que compartilhamos – meu Deus, Grace, isso significou tão pouco pra você que você não conseguiu nem tentar explicar seus sentimentos para mim, bem, isso me fez questionar tudo que eu pensava que você sentia por mim. Talvez você realmente nunca tenha me amado..

Ele engasgou um pouco no fim, e nesse momento eu já estava de pé na frente dele.

– Não! Isso não é verdade, eu... – comecei a falar quando ele me olhou ferozmente.

– Grace, sério. Eu realmente preciso que você fique quieta e me escute – alertou ele.

Fiquei em silêncio novamente, voltei para a minha cadeira e sorri para que ele continuasse.

– Mas então eu percebi que estava muito simples, que era papo furado. Porque eu te conheço, Grace, e sei que você me amava. Eu sei que você *ainda* me ama. E não importa o que você pensa que seja demais para lidarmos, eu sei que não é – porque você me ama. E, porra, eu te amo também – e parou

abruptamente de andar. Ele me olhou profundamente nos meus olhos, com os seus olhos verdes brilhando.

– Então se você acha que vou deixá-la terminar isso sem me dar uma razão legítima, você está mais louca do que eu pensava. Eu estou nessa com você, como participante voluntário, e você não pode decidir por nós dois. Não mais – ele terminou e ficamos nos olhando.

Assisti seu rosto escurecer com a tensão, esperando o meu argumento.

– Posso dizer uma coisa? Por favor? – perguntei, e seus olhos também escureceram. Eu me odiava por ter magoado a pessoa que eu mais amei no mundo. A que foi feita para mim.

– Claro que você deve falar! – ele bufou, escorregando na cadeira atrás de mim!

– Você está completamente certo, eu não posso tomar essas decisões por nós dois. Você também está certo quando diz eu fui cruel, passo mal só de pensar no que te fiz passar. Eu estava e estou tão orgulhosa de você e odeio pensar que estraguei sua

grande noite. Eu fui muito imatura e impulsiva, e foi completamente inapropriado – disse.

Ele concordou, e eu continuei.

– Eu preciso tentar explicar por que eu disse aquilo tudo, por que eu decidi o que decidi. Talvez isso ajude você a compreender o real nível de loucura com o qual você está lidando – eu disse, ele deu um breve sorriso quando eu disse “loucura”. Me permiti dar um pequeno sorriso também quando pensei que ele poderia aceitar que eu fosse a louquinha dele de novo. Então, eu desapareci...

– Olha, Jack, é o seguinte: quando eu fui pra LA pela primeira vez, bem, as coisas não saíram como eu esperava – comecei, e enquanto contava minha história, eu a revivi. Eu vi tudo acontecer e senti as emoções de perceber que eu não era nem de longe, especial e única como eu pensei que seria. Eu lembro agora como foi difícil deixar LA.

– Holly quase me estrangulou, ela estava tão brava – eu disse, sentindo as ondas de autodepreciação novamente – ela me chamou de fujona e me disse

que não acreditava que eu estava desistindo tão facilmente. Parte de mim sabia que ela estava certa, mas tinha uma outra parte que acreditava que para mim, naquele momento da minha vida, LA não era certo pra mim. A indústria do espetáculo não era o lugar certo para mim. Então eu fui para casa. E eu voltei para a escola.

Contei a ele sobre o trabalho que descobri para mim, como eu gostei de escrever e dos detalhes educacionais que trabalhava com os meus clientes. Eu disse a ele como aquilo foi bom o suficiente por um tempo, e que depois comecei a mudar.

— Eu trabalhava todos os dias, de manhã e à tarde, mas em casa. E podia passar dias sem ver ninguém e enquanto a relação que eu tinha com os meus clientes era boa, eu me mantive isolada — continei contando — eu, bem, engordei cada vez mais, e eventualmente, você viu minhas fotos, parei de tentar me relacionar com um homem. Eu não me permitia encontrar alguém, me jogar, ou qualquer coisa. Holly veio me visitar, e apesar de ela nunca ter dito nada, sabia que

ela estava desapontada – eu disse, lembrando do olhar triste de Holly quando ela me viu pela primeira vez em anos.

Ela se conteve e se recuperou rapidamente, e nós viajamos para ter um fim de semana delicioso entre garotas. Mas eu ainda sentia uma dor estranha de saber que quando eu não estava olhando pra ela, ela estava olhando pra mim. Estava me observando, e estava preocupada. Consegui me distrair, deixar isso de lado e continuar minha vida, como era.

– Jack, eu estava tão introspectiva nesse momento – e todas as coisas que você diz sobre mim, louquinha, bem, você não teria me reconhecido, e não digo apenas fisicamente – funguei, as lágrimas escorrendo para todos os lados. Mas eu limpei meu nariz com minha camiseta e continuei.

– Eventualmente eu percebi que mudar de LA tinha sido mais difícil do que eu imaginei. Isso representava todas as coisas que eu cresci desejando, mas quando elas não chegaram tão facilmente eu desisti. Holly estava certa, eu era uma

fujona. E ignorando isso eu lidei com a situação da única maneira que eu conhecia, desistindo. E as camadas de proteção só aumentaram, e eu me fechei. Não sei o que teria feito, ou o que teria sido de mim, se não fosse por uma noite, uma noite completamente aleatória na qual meus amigos me arrastaram para sair – funguei novamente, sentindo minhas emoções ameaçando me dominar. Mas eu as acolhi, eu estava sentindo novamente.

Contei a ele sobre ir assistir *Rent* e como isso despertou algo dentro de mim. Como isso me transformou, alterou o meu caminho, me lembrou de quem eu realmente era e revelou quem eu havia me tornado. Enquanto eu falava sobre o poder que havia sentido sentada no teatro, o rosto do Jack estava cada vez mais vivo e ele balançava a cabeça concordando comigo. Ele parecia saber o sentimento exato que eu estava descrevendo. Expliquei como aquela noite foi imprescindível para tudo mudar em minha vida. Nos meses e semanas seguintes eu comecei a fazer terapia e exercícios com um

*personal trainer* e comecei a me permitir sonhar novamente com a vida que eu sempre quis.

– E mesmo que você não queira ouvir isso, naquele momento fazia anos que eu não me encontrava com nenhum homem, sério, anos! Quando comecei a me sentir mais feliz comigo mesma, e passei a parecer mais comigo mesma, eu descobri que gostaria da companhia de um homem novamente, e que eu podia experimentar voltar a fazer isso de uma maneira diferente... eu acho que fiquei um pouco louca – acrescentei, com um sorriso tímido.

Ele sorriu de volta e eu me sentia cada vez mais leve enquanto explicava sobre a minha batalha para voltar a LA, e me desapegando do medo que estava enraizado em mim, mesmo depois de tanto tempo.

Contei para ele que o nosso relacionamento me pegou de surpresa e que eu não estava preparada para como ele tomou meu coração e me amou, louca e tudo. Eu disse a ele que o amava tão intensamente que fiquei assustada.

– Mas Jack, mesmo que eu tenha arrumado as coisas do lado de fora, ainda há muito para trabalhar aqui dentro. Tem muita coisa em processo, e minha história, infelizmente, se tornou a sua história. O surto na sua estreia é uma prova disso tudo. Você sabe como é difícil pra mim aceitar que você quer estar comigo? Com todas as mulheres do mundo te desejando, você quer estar comigo – balancei a cabeça refletindo. – Isso é inebriante para qualquer mulher, especialmente para uma com tantas questões como eu.

Ele começou a falar e se aproximou, mas eu peguei suas mãos e pedi que ele me escutasse mais um pouquinho.

Então contei a ele a verdade sobre a meu relacionamento com o Michael na faculdade, falei sobre como estivemos próximos desde que eu mudei para Nova York e que isso me fez questionar o que era certo, apropriado e bom para mim. Disse a ele como Keili havia me deixado preocupada com ter filhos ou não, questionando tudo que eu já havia



decidido anos atrás, eu tinha uma visão muito limitada. Na manhã da estreia – tomada pela paranoia, ansiedade e bolinhos – eu me vi, em minha mente, com crianças que eu nem sabia que queria. E ao invés de discutir isso, eu deixei a ideia marinar um pouco, e imediatamente mergulhei no outro lado da história, onde a ideia de eu e Jack termos filhos nunca seria real.

– Você está completamente certo quando diz que eu me protejo da felicidade. Você sabia disso antes que eu mesma soubesse. Tem uma parte dentro de mim que não acredita que eu mereça coisas boas – eu disse. – Vai demorar um pouco para mudar isso, eu claramente tenho muito trabalho para fazer, mas eu nunca quis ninguém além de você. Você tem que acreditar nisso, estou esperando a hora certa de te ligar faz tempo, para pedir desculpas por ser tão cega e não perceber que toda e qualquer coisa que eu sempre quis é você.

Nesse momento eu já havia levantado e estava de joelhos à sua frente. As lágrimas começaram

assistindo *Rent* e ainda não tinham parado.

Ele estava em perfeito silêncio, apesar de absorver o que eu dizia. Ele começou a falar e eu o impedi.

Eu ainda tinha mais uma confissão para fazer, uma que podia magoá-lo. Agora ele ia decidir se ficaria comigo ou se isso tudo era demais para ele.

– Tem mais uma coisa que preciso te contar, eu sei dentro do meu coração que se nós queremos superar isso eu tenho que ser completamente honesta com você. Sobre tudo – e respirei fundo.

Fale, seja forte, você tem que contar a ele.

– Há algumas semanas atrás eu saí com o Michael.

Olhei para ele, e a cor havia desaparecido de seu rosto. Seu olhos estavam praticamente cinza.

– Nós saímos para jantar e então fomos para a minha casa – continuei, e minha garganta começou a fechar.

Não conseguia terminar, não conseguia.

*Você pode fazer isso. Diga a ele. Seja honesta.*

– O que você fez, Grace? – ele perguntou, sua voz estava abafada, quase inaudível, até naquele silêncio

todo.

Respirei profundamente.

– Você transou com ele, Grace? Hein? Oh, Deus, você transou com ele, não transou? – ele rosnou de repente, ficando de pé e me deixando no chão. Eu rastejei atrás dele.

– Não, não fomos tão longe, eu juro!

Ele girou na minha direção:

– Ele te beijou? – ele sussurrou com uma expressão tempestuosa em seu rosto.

– Sim – sussurrei também.

– Ele tocou em você? – perguntou com uma voz baixa e grossa.

– Sim.

Ele colou as mão em mim.

– Ele tocou aqui em você? – perguntou, colocando as mãos em meus seios.

Comecei a soluçar.

– Hein?!

Eu concordei, concordei aterrorizada com o que havia feito, com o que havia permitido que

acontecesse.

Ele me encarou, e eu vi as lágrimas. Tinham lágrimas em seus olhos.

Ele sentou novamente, levando as mãos a cabeça.

– Isso é tão foda – ouvi-o murmurar e fui até ele.

Eu lutaria por isso.

– Jack, estou te contando isso porque não quero esconder nada de você, não mais. Quando eu estava com o Michael – comecei...

Seus olhos se fecharam. Sem pensar duas vezes peguei suas mãos, eu precisava senti-lo, e sabia, instintivamente, que ele também precisava do meu toque. Ele se acalmou um pouco e eu continuei.

– Você pode não querer ouvir isso, mas eu preciso que você saiba. Eu preciso que você saiba o quão perto eu cheguei de jogar tudo isso fora, mas que parei a tempo! Parei porque sabia que nunca mais quero sentir as mãos de outro homem em mim. Nunca mais.

Ergui nossas mãos e olhei para ele. Senti suas mãos apertarem, um pouco mais, as minhas.

– Essas são as mãos que quero segurar, que quero em mim, em volta da minha cintura, nos meus cabelos e segurando os meus seios quando vou dormir – disse, firmemente, sem lágrimas nos olhos.

Jack parecia estar cativado. Ele segurou uma das minhas mãos entre as suas, e coloquei a outra em seu rosto, afastando o cabelo de sua testa, e passando a ponta do meu dedo em seus lábios.

– Essa é a boca que eu amo, e a única que quero em mim – eu disse, sorrindo.

Ele suspirou profundamente, a tensão começava a deixar o seu corpo, ou a aumentar novamente.

Coloquei minhas mãos em seu peito e abri um caminho para dentro de sua jaqueta. Descansei a palma da minha mãos nele, e podia sentir o calor através de sua camiseta.

– Esse, esse coração maravilhoso aqui – eu disse, tocando seu peito. A lateral de sua boca deu um sorrisinho. – Esse é o coração que eu preciso, e se eu tiver um pouquinho disso, de *schmaltz*, eu não preciso de mais nada nesse mundo. – ele sorriu um

pouquinho, meu sorriso. O sorriso que mudou minha vida meses atrás.

Mas então seu rosto mudou, o sorriso desapareceu:

– Mas e tudo o que você disse? Sobre os nove anos e tal?

– Eu não me importo. Você claramente é mais maduro emocionalmente do que eu, então nos equilibramos.

– E a fama, as câmeras, os fotógrafos? E as pessoas descobrindo sobre nós? E a próxima vez que alguém colocar uma foto nossa ou dizer algo desagradável sobre nós?

– Eu vou lidar com isso.

– Grace..

– Jack – insisti.

– E o Michael? E se você decidir que quer ser mais do que amiga dele novamente? – ele perguntou.

– Eu entendo. E essa é uma pergunta justa. E ele vai estar por perto, nós trabalhamos juntos. Mas agora não há mais nada entre a gente, nada que não

seja amizade. Eu pensei que ele estava de volta em minha vida por uma razão, mas agora eu sei que a razão é ser meu amigo e criador do espetáculo que faço. E isso é tudo. Eu sei disso, ele também, e agora você sabe. Eu pertenço a você, se você me aceitar.

Eu sorri, e depois do que pareceu uma eternidade, ele sorriu também.

— Agora, foda-se o almoço, vamos resolver isso — eu disse, puxando sua mão. Ele finalmente ficou de pé e colocou suas mãos em meus ombros e novamente me afastou.

Meu coração afundou, e se tudo o que eu disse não foi o suficiente?

Eu ainda estava determinada. E não importava o que eu tivesse que fazer, eu não deixaria esse homem ir embora.

— Eu também tenho que te contar algo, Grace — falou, se afundando da cadeira novamente, respirou fundo.

— Me contar o quê? — olhei para ele esperançosa. Meu coração começou a bater em um ritmo curioso,

pois sabia de algo que a minha mente ainda não sabia.

– Quando voltei para LA, bem, algo aconteceu comigo também – e eu sabia o que ele ia me contar, as fotos na revista com a mulher loira. Ele fez o que eu havia feito, eu não sei como, mas eu sabia.

– Depois que o filme saiu e eu voltei para a minha cidade, bem, eu saí um pouco dos trilhos – cavando as palmas de suas mãos em seus olhos. Sentei no meu lugar novamente, esperando para ouvir o que ele ia me contar.

Respira...

– Eu estava tão bravo com você, Grace. Tão bravo, eu estava bebendo tanto... outras coisas estavam acontecendo, e eu estava completamente fora da casinha, fora de mim mesmo. Uma noite, uma coisa levou a outra e eu fui para a casa com alguém. Completamente aleatória. Não significou nada, mas... ah, Grace, foi horrível.

Ele olhou para mim com lágrimas nos olhos e eu vi mais uma vez o que eu tinha feito com ele.



– Eu tentei, Grace. Eu estava tão bravo com você, Deus, eu sentia tanto a sua falta, e essa garota, ela era tão bonita, e tinha cheiro de coco, sabe? Ele cheirava a coco, e isso me lembrou de você, mas eles eram péssimos cocos, sintéticos, doces demais, e nada como a minha garota, e eu só, não era a intenção, mas eu fiz coisas, mas não... – ele murmurou, tão perdido.

Eu não conseguia mais, eu não queria ouvir mais nenhuma palavra, era difícil demais.

Passei pela mesa e ajoelhei em sua frente, levantei sua cabeça para que ele conseguisse olhar para mim. Ele parecia estar tão triste, e tão novo naquele momento. Pressionei meus dedos em seus lábios para que ele parasse de falar e inclinei-me. Meu coração batia loucamente.

– Eu não me importo, não quero saber. Você me ama? – perguntei.

– O quê? – ele perguntou, e sua voz passou pelos meus dedos. Ele olhou para mim com os olhos arregalados.

Engasguei um pouco e tirei minha mão de sua boca, apertando sua bochecha com meus dedos:

– Você me ama?

Ele ficou em silêncio por um momento, e eu não conseguia respirar. Minhas palavras sumiram. Poderia ter passado uma vida inteira enquanto eu esperava sua resposta.

– Eu te amo, Grace, claro que te amo. Mas...

Era tudo o que eu precisava ouvir.

Pulei em seu colo rapidamente, e me apertei em seus braços e beijei o lado de sua boca. Esse era o meu homem, e precisava de sua boca em mim, agora.

Afastei-me para vê-lo enquanto ele me encarava:

– Então eu não me importo com o que você fez – expliquei. – Eles se anulam, eu não quero saber os detalhes, por favor, não me conte nunca – disse rapidamente, e então me forcei para perto dele novamente. Dessa vez seus lábios responderam e ele me beijou vorazmente. Suas mãos encontraram meus quadris e me puxaram para perto, para casa.

Nos beijamos com muita vontade,

apaixonadamente, e eu esqueci de tudo que estava além de seus lábios, do arranhar de sua barba por fazer, a sensação de suas mãos em mim. Meus dedos encontraram seus cabelos e neles mergulharam. Acaricieei sua cabeça e ele suspirou em minha boca com a sensação.

Ouvi um burburinho, e depois umas risadinhas. Girei e vi algumas mulheres do restaurante do hotel espiando, todas exceto uma saíram pela porta, e única que restou ficou extremamente corada.

– Nós viemos checar se vocês estavam prontos para o almoço, Sr. Hamilton – gaguejou, claramente percebendo o poder da celebridade.

Olhei para o Jack, e ele gesticulou que a escolha era minha.

– Acho que decidimos pedir o serviço de quarto, certo, George? – perguntei, rindo descaradamente.

– O que a senhorita quiser – ele sorriu de volta enquanto eu o segui para saída passando pelas mulheres ainda em choque. Então ele me guiou para os elevadores perto do buffet. Nos beijamos até o

elevador chegar, primeiro bem devagar, pequenos beijinhos, mas rapidamente o beijo se transformou em beijos maravilhosamente desleixados.

Assim que o elevador chegou e as portas se abriram, uma dúzia de mulheres do *Greater New York Area Quilting Society* pularam para fora, atrás do buffet do almoço, e lá encontraram o cientista super sexy se amassando com uma ruiva. Suspiros chocados se transformaram em um frenesi em uma piscada de olhos e câmeras de celulares apareceram instantaneamente.

– Grace, nós precisamos sair daqui – Jack sussurrou em meu ouvido, tentando me proteger das câmeras enquanto nós corremos para entrar no elevador.

Eu ri em voz alta, nada iria me desaminar.

– Foda-se, George, *C'mere* – ri e pulei em seus braços. Envolvi-o com minhas pernas e o beijei. Como se esse fosse o meu trabalho.

Ele respondeu sem hesitar, me beijando vorazmente quando as portas fecharam. A abelhinha

tirou várias fotos, e eu não me importei. Essa era a minha vida, a vida dele, a nossa vida, e nós poderíamos nos acostumar com isso.

# dezesete

Ele me segurou no colo durante todo o percurso no elevador, recusando-se a me pôr no chão. Nós nos beijamos lentamente, como se tivéssemos todo o tempo do mundo, explorando a boca um do outro mais uma vez, atentos às nuances do nosso beijo. Quando chegamos ao seu andar, ele me pendurou em suas costas e me carregou de cavalinho pelo corredor.

– Uau, que chique, Hamilton – eu disse, notando seu terno do meu poleiro em suas costas.

– Nada além do melhor para esse cara aqui – ele disse, fechando a porta e trancando-a atrás da gente.

– Eu que o diga – eu respondi suavemente, repousando minha bochecha em seu ombro e acariciando sua cintura com minhas pernas.

Ele me levou até uma grande poltrona no canto e,

sem cerimônia, me jogou nela.

– Ei! – eu exclamei.

Ele se posicionou no chão, de joelhos, na minha frente, suas mãos segurando minhas pernas. Seus dedos traçaram pequenos padrões em minhas coxas, enquanto ele me estudava cuidadosamente.

– Precisamos terminar de conversar – eu disse gentilmente, percorrendo com a ponta dos dedos o caminho de sua mandíbula. Parecíamos estar precisando de contato físico.

– Eu sei – ele suspirou e deitou a cabeça no meu colo.

Eu acariciei sua cabeça.

Ele fez o Gemido Feliz do Jack.

Ficamos sentados assim por um tempo. Apenas sendo nós mesmos.

– Grace, quero perguntar uma coisa – ele disse, sua voz um pouco abafada pela minha coxa.

– Pode me perguntar qualquer coisa – eu disse. E falava sério. Sem mais segredos, sem mais meias verdades, sem mais esconder coisas dele.

– Você falava sério quando disse que achava que estávamos numa pequena bolha de sexo? Você acha mesmo que somos isso? – ele perguntou, sua voz quase um sussurro.

Eu suspirei.

– Olha pra mim, por favor – eu disse, e ele virou o rosto para cima.

– Eu estava surtada quando disse aquilo. Eu realmente acho que estávamos numa bolha antes em LA, no começo, mas só porque tudo aconteceu tão rápido e foi tão intenso – e foi fantástico. E então eu fui embora. E a gente nunca conseguia se encontrar. Nunca houve uma progressão normal em nosso relacionamento. Incrível, mas não normal.

Era a sua vez de suspirar, enquanto deitava mais uma vez a cabeça em meu colo, eu pus minha mão sob seu queixo e virei seu rosto de volta para mim.

– Isso que eu percebi, Jack. O que é o normal? É umas das coisas em que fiquei pensando – essa necessidade de ser normal, ser definido. É normal duas pessoas com uma diferença tão grande de idade



se apaixonarem? Não, mas nós nos apaixonamos. Agora pensa em todo o resto. Nenhum de nós está vivendo uma existência normal. Tudo sobre a gente, nossas vidas, nossas carreiras, é o oposto do normal. E isso não é incrível? – eu disse, beliscando de leve sua bochecha.

Ele sorriu de orelha a orelha.

– Foda-se o normal – ele disse.

– É, foda-se o normal. Eu não quero o normal.

Você é tudo o que eu quero, George.

Ele se levantou, apoiando-se nos joelhos, aproximando-se para que pudéssemos nos beijar.

– A gente ainda precisa conversar sobre umas coisas – ele disse, o verde começando a se escurecer.

– É – eu disse, escorregando um pouco na poltrona para ficar mais perto do meu inglês.

– Eu quero saber mais desse – como você disse mesmo? Treino para o bebê? Quero saber mais desse treino para bebê que você está ou não fazendo – ele disse, deslizando suas mãos por baixo de mim e

içando minhas pernas ao redor da sua cintura.

– Mm-hmm... – ele pôs meus braços ao redor do seu pescoço, enquanto me erguia da poltrona.

Começou a me levar em direção ao quarto.

– E a gente precisa ter uma conversa muito longa sobre o que fazer se você surtar de novo – ele disse, seus olhos da cor do céu antes de uma enorme, pesada tempestade de verão. Em outras palavras, escuros pra caramba.

Eu estremeci de leve.

– Eu não vou surtar de novo. Mas e se você surtar? – eu perguntei enquanto nos encaminhávamos para o seu quarto.

Ele revirou os olhos enquanto me segurava acima da cama, então me soltou. Afastou-se para me olhar melhor. Seus olhos me varreram de cima a baixo, e eu corri para a beirada da cama, puxando-o para mais perto de mim. Eu me apertei contra ele, passando meus braços em torno da sua cintura e repousando minha cabeça em sua barriga. Respirei fundo, sentindo aquele cheiro inerente de Hamilton, e

me senti aquecida e aconchegada imediatamente. Inalei fundo mais uma vez, e ele deu uma risadinha, levando as mãos até meus cabelos, afastando-os do meu rosto enquanto eu o olhava. Descansei meu queixo na fivela do seu cinto e o observei enquanto ele deslizava a ponta dos dedos pela minha testa, minhas sobrancelhas, minhas bochechas e, por fim, meus lábios.

Eu os separei e levei seu dedão para dentro da minha boca, chupando gentilmente. Pressionei de leve meus dentes e me deleitei com o brilho de prazer em seus olhos com a sensação. Trouxe seu dedão mais fundo em minha boca, sentindo o gosto salgado da sua pele, e eu soube que queria cuidar deste homem pelo resto da minha vida.

Eu levantei os braços para alcançar seus ombros, levantando-me, roçando meu corpo no dele no percurso. Dei um passo para o lado, virando-o contra a cama, de modo que eu ficasse de frente para ele. Num rápido movimento, eu tirei sua camisa e a lancei ao chão. Ele sorriu, e eu sorri de volta

enquanto começava a tirar seu jeans. Ele nada fez, me observando cuidadosamente. Rapidamente abaixei a calça, e o ajudei a desenroscá-la dos pés, bem como os sapatos.

Afastei-me, arrancando meu suéter pela cabeça e abrindo meu sutiã. Fiquei parada diante dele, observando seus olhos tornarem-se ainda mais escuros enquanto me devoravam. Com uma piscadela e um aceno de cabeça, eu empurrei minha saia para baixo, tirando os pés da minha calcinha cuidadosamente, de modo que ele pudesse me ver, me ver inteira.

– Fantástico – ele ofegou, e eu me apertei entre seus braços. Beijei-o profundamente, com tudo que eu tinha para dar. Ele levou minhas mãos até sua cueca e me fez puxá-las para baixo também, mais uma vez ajudando-o a sair delas.

Ficamos parados, encarando um ao outro, nossos olhos sorvendo tudo o que quase deixamos escapar – tudo que eu quase joguei fora. Estiquei o braço por trás dele, peguei um travesseiro e joguei aos seus

pés. Eu o empurrei para trás para que ele se sentasse direito na cama, colocando seus braços ao meu redor, pressionando sua cabeça contra minha barriga, abraçando-o bem próximo de mim. Suas mãos seguravam meu corpo, o rosto aninhado em minha barriga enquanto eu passava as mãos em seus cabelos. Ele começou a beijar meu ventre, para lá e para cá, dançando lenta, suavemente, seu nariz arrastando-se deliciosamente pela minha pele.

Mas eu queria fazer algo por ele.

Ajoelhei-me no chão e olhei para ele. Ele embalou meu rosto em suas mãos enquanto eu me empoleirava no travesseiro, totalmente nua e cheia de amor.

– Não poderia te amar mais – eu sussurrei, e segurei-o na mão. Deslizei por toda a sua extensão, flauteando com a ponta dos dedos ao longo de sua pele suave, sentindo o macio sobre o duro, seda sobre aço.

Ele fechou os olhos e sorriu aquele sorriso safado enquanto me sentia tomando conta dele.

Eu o beijei doce e carinhosamente, e então gentilmente o levei para dentro da minha boca. Suas mãos continuavam a segurar meu rosto, tão carinhosamente quanto eu. Eu o engoli lentamente, com cuidado, e quando ele alcançou minha garganta, soltou um gemido. Eu o retirei lentamente, minha mão acompanhando mais abaixo, apertando-o gentilmente e lançando um rápido olhar para cima, para a perfeição que era o meu Jack.

Sua cabeça estava jogada para trás, a forte mandíbula apertada enquanto ele me deixava cuidar dele. Eu o engoli mais uma vez, engolindo e chupando e apertando meus lábios com firmeza ao redor dele. Girei minha língua em torno da sua cabeça, e depois sob a fina pele, cutucando gentilmente com a ponta da língua enquanto minhas unhas arrastavam-se subindo e descendo por suas virilhas e abdômen, extraindo um gemido verdadeiramente magnífico.

Deixei meus dentes roçarem por sua extensão enquanto eu voltava mais uma vez, e quando minhas

mãos assumiram o lugar da minha boca, eu pude olhá-lo.

– Olha para mim, meu amor – eu o induzi, e ele abriu seus olhos cheios de desejo. Lá estava meu verde. Suas mãos afundaram-se em meu cabelo enquanto eu o levava para minha boca mais uma vez, e ele gemeu enquanto me olhava bombando-o para cima e para baixo, mais rápido agora e com convicção. Eu chupei, girei, provoquei, atormentei, e o amei como só eu podia – e como só eu o faria, a partir de agora.

Conforme seus quadris começavam a arremeter mais rápidos para cima e suas mãos pressionavam entre meus cabelos com urgência, eu podia sentir a mim mesma crescendo em êxtase simplesmente pelo êxtase *dele* e pelos sons doces que ele emitia antes de gozar. Eu arrematei junto com ele, engolindo-o cada vez mais fundo e deixando minhas mãos assumirem o que minha boca não conseguia.

Suas mãos ficaram o tempo todo em meu cabelo, fazendo-me acompanhar os movimentos dele, e eu

sabia que ele estava a segundos do clímax.

Egoistamente, eu quis assistir – não havia nada mais lindo no mundo que a visão de Jack gozando. Mas tudo isso era para ele, para fazê-lo sentir o mais intensamente possível, então eu mantive meus lábios ao redor dele enquanto o sentia começando a estremecer.

Sua respiração tornou-se acelerada e rápida, seus gemidos cresceram guturais, e quando eu estava prestes a levá-lo aonde ele precisava chegar, ele gemeu meu nome.

– Grace – ele disse, a palavra derramando-se de seus lábios enquanto ele gozava, maravilhosamente.

Eu fiquei com ele o tempo todo, cuidado dele enquanto ele gemia acima de mim, suas mãos frouxas em meu cabelo enquanto sua respiração diminuía o ritmo. Eu beijei um lado de sua virilha, depois o outro, sorrindo em sua pele.

Ele estava tremendo, e quando me levantei para subir na cama com ele, suas mãos dispararam e me apertaram antes mesmo que eu pudesse me deitar.



Ele me abraçou forte, apertando-me enquanto sua respiração se acalmava mais uma vez. Eu passei meus braços ao redor dele apertando-o com toda a minha força, cobrindo sua testa de beijos, pressionando a ponta dos dedos em suas têmporas e bochechas.

– Vem pra cá, por favor? – eu pedi, e fui me deitar na cama. Eu o puxei por cima de mim, jogando o lençol sobre a gente enquanto tentávamos ficar o mais próximos possível um do outro. Sua cabeça aninhou-se entre meu peito e ombro, e suas mãos subiram até meus seios. Eu deslizava meus dedos subindo e descendo pelas suas costas, desenhando círculos enquanto envolvia suas coxas com minhas pernas, abraçando-o com todo o meu corpo.

Ele ainda tremia um pouco, ainda se acalmando. Eu o segurei mais perto e sussurrei “Eu te amo” de novo e de novo, enquanto beijava sua cabeça.

Ele finalmente parou de tremer e deu um longo suspiro.

– Eu também te amo, Gracie, mais do que você

imagina – ele sussurrou e aninhou-se ainda mais em meu pescoço.

– Obrigada, George. Obrigada – eu sussurrei, agarrada nele.

– Você cheira a amêndoas e roupa lavada – ele murmurou, e imediatamente caiu no sono.

Eu estava em casa.



Nós acordamos de nossa soneca poucas horas depois, a fome finalmente fazendo-nos sair da cama para o menu de serviço de quarto. Nosso há muito tempo esquecido almoço, somando-se ao sexo que fizemos, resultaram num George e numa Grace famintos. Eu me aconcheguei na camisa dele, e ele vestiu preguiçosamente seu jeans, e pedimos PB&Js e sopa de legumes com frango.

Depois que nosso banquete chegou, nós voltamos ao quarto, carregando sanduíches e travessas de sopa, e rastejamos de volta para a cama. Nós comemos sentados um com a perna em cima do

outro, lado a lado, e eu admiti que tinha assistido a *Tempo*.

– E o cinema estava lotado? – ele perguntou, com a boca cheia de geleia.

– Não fala com a boca cheia, meu doidinho, e sim, estava muito lotado. Houve uma boa quantidade de gritos quando você apareceu pela primeira vez na tela – e dei uma piscadela para ele.

Ele corou e revirou os olhos.

– E as cenas de amor? Quentes, meu amor, muito quentes. As mulheres amaram. Claro, e eu fiquei devastada – eu contei a ele, bebericando minha sopa.

Ele se engasgou um pouco com a própria sopa, com fios de macarrão escorrendo pelo queixo.

Eu ri e entreguei-lhe um guardanapo.

– Valeu, mas por que você ficou devastada?

Eu pensei por um momento, então expliquei:

– Porque eu não sabia se algum dia eu ficaria com você de novo, e isso me deixou bem triste – eu disse, baixando os olhos para minha sopa, caçando macarrão com a colher. – Eu também tinha comido

um balde inteiro de pipoca, e fiquei mal do estômago – acrescentei, o que o fez sorrir.

Ele acariciou minha barriga distraidamente enquanto dava outra mordida em seu PB&Js, mastigando pensativo. Eu pus minha travessa no criado-mudo e limpei as migalhas do meu colo.

– Eu também fiquei pensando nisso, Grace – se eu tinha beijado você pela última vez, e se algum dia a gente ficaria assim de novo, desse jeito – ele disse, engolindo com força e colocando seu prato ao lado da sua cama também.

Cidade diferente, cama diferente, e ainda assim cada um tendia para o seu próprio lado. Confortante. Mas agora estávamos no meio.

Eu me apoiei em seu ombro, e ele passou os braços por trás de mim, deixando que eu me aconchegasse ao seu lado.

– É bom pra caralho estarmos juntos de novo, Doidinha – ele disse.

– Mmm, sim, é sim – eu disse, aconchegando-me ainda mais perto dele e lançando uma perna em cima

da dele, de modo que eu pudesse olhá-lo.

– Principalmente considerando nosso último sexo, com você com uma camiseta presa na cabeça a maior parte do tempo. Isso não é jeito de se despedir – ele riu.

– Pelo que eu me lembro, você não reclamou por muito tempo – dei uma risadinha, enquanto deixava minha mão passear pela sua barriga, meus dedos puxando aqui e ali os pelinhos do seu caminho da felicidade.

– Imagina, até parece, foi incrível como sempre, mas dificilmente seria desejaríamos que nossa última foda fosse assim – ele disse sério, seus olhos brilhando e traindo seu tom.

– Que escroto, George – eu respondi em troca, deixando meus dedos mergulharem debaixo da braguilha meio aberta do seu *jeans*.

Seus longos dedos começaram a desabotoar minha camiseta, e meu pulso instantaneamente se acelerou.

– Aliás, eu falei para você como eu curti aquilo

que você fez? – ele sussurrou, sua língua roçando a pele que minha camiseta aberta revelara.

Eu estremeci e senti minha pele se arrepiar.

– Eu imaginei – eu disse, abrindo os últimos botões do seu *jeans*.

Ele se ajoelhou diante de mim, terminando de desabotoar a camiseta e abrindo-a diante dele. Ele deixava rastros de seu beijo pela minha pele enquanto descia por meu corpo, parando para olhar de volta para mim com um sorriso malicioso. Assim que pôde, ele estava entre minhas pernas.

Isso.

Ele subia e descia beijando cada coxa, fazendo-me estremecer a cada vez que pressionava seus lábios em minha pele.

– O pensamento de que eu nunca mais iria saborear você, Doidinha... Era quase insuportável – ele sussurrou, beijando meu sexo suavemente.

Eu gemi e deixei minha cabeça cair sobre o travesseiro.

– E o pensamento de que eu nunca mais veria

você gozando de novo? Impossível – ele gemeu e abriu-me com seus dedos mágicos. Sua língua me encontrou imediatamente, perfeita, e meu corpo todo tornou-se tenso, depois relaxado sob sua língua.

Realmente, não havia outro homem que combinava mais comigo no mundo todo. Ele era meu, eu era dele, e essa era a verdade.

Eu me entreguei para sentir tudo o que ele estava me dando. Suas mãos, seus lábios, seus dedos, sua boca, sua língua, fluindo juntos para um mesmo momento insano, e enquanto sentia meu corpo se contrair, se apertar, e então se liberar, eu fui preenchida pela mais sublime sensação de enlevo. Eu fui abençoada.

Quando ele me deixou sua marca, perdi meu fôlego. Eu pertencia completamente a ele. Eu jamais pertenceria a ninguém mais. Ele me chamou de “minha Doidinha”, e eu soube que foi para amar esse homem que vim para a Terra. E finalmente percebi que eu era forte o suficiente para ser sua mulher.

Quando ele adentrou meu corpo e me preencheu

toda, havia lágrimas – minhas próprias e talvez algumas dele. Mas nós sorrimos quando gozamos juntos, juntos em todo sentido dessa palavra. Eu disse, ele disse, nós dissemos, “Eu te amo”, e isso era tudo para nós.

E quando terminamos de fazer amor, e ele estava atrás de mim, braços me aconchegando e mãos nos meus peitos, eu estava contente. Contentamento extático.

Nós éramos bobos, nós éramos únicos, nós éramos, graças a Deus, não normais, e nós éramos perfeitos um para o outro. George e Gracie estavam de volta.



Jack podia ficar apenas mais um dia. Ele estava tão atolado de entrevistas, que era incrível que tivesse conseguido aparecer, mas havia determinação no homem. Graças a Deus. Ele me acompanhou ao teatro naquela noite e assistiu ao show uma segunda vez, batendo palmas e assobiando alto e orgulhoso



mais uma vez. Depois do show, eu me enfurnei no camarim e tinha acabado de tirar a maquiagem quando o vi vindo pelo corredor. Fui abrir mais a porta para ele quando avistei Michael vindo pelo lado oposto virando pelo corredor. Os dois quase se chocaram, e quando cada um percebeu quem o outro era, ambos pararam tensos. Pensei em sair para intermediar, mas em vez disso me afastei para escutar.

– E aí – Michael disse, determinado a não ser cordial.

– E aí – Jack disse, com a mesma determinação.

*Homens...*

– Que ótimo você ter conseguido vir. Com certeza a Grace está feliz por isso.

– Claro que vim. Onde mais eu poderia estar? – Jack respondeu, com um acentuado tom áspero na voz.

– Ei, cara, só pra constar, eu e a Grace? Amigos. Só isso. Eu achava que tinha algo a mais, mas eu estava enganado.

– Beleza.

– Então... A gente se vê.

– Beleza – Jack disse, seguindo pelo corredor rumo aonde eu estava escondida atrás da porta. De repente, ele parou a poucos passos e se virou.

– Ei, O’Connell – ele chamou.

– Sim?

– Muito bom, o show. Muito bom – Jack admitiu, sorrindo um pouco.

– Obrigado. A Grace faz dele ainda melhor – Michael respondeu, sorrindo enquanto se afastava.

– A Grace faz dele ainda melhor – eu ouvi Jack repetir. Então ele entrou no meu camarim com um genuíno sorriso estampado no rosto.

– Oi – ele disse, fechando a porta.

– Oi pra você também – eu respondi, fechando meu robe em torno de mim. Ele me estudou cuidadosamente, então tomou minhas mãos e beijou uma de cada vez antes de beijar meus lábios uma, duas, então uma terceira vez, de modo doce e breve.

– Linda – ele sussurrou e me puxou para um

abraço de urso. Ele ergueu do chão, e eu ri entre o aperto de seus braços. Quando ele finalmente me soltou, seus olhos estavam brilhando enquanto me olhava.

– Quer dizer que agora você vai de Broadway pra cima de mim, amorzinho? – ele perguntou, me acariciando embaixo do queixo.

– Só se você for de Hollywood pra cima de mim – eu respondi, bagunçando seu cabelo.



Nós passamos mais uma tranquila, mas não tão tranquila assim, noite em seu hotel, e na manhã seguinte eu rodei com ele até LaGuardia. Eu me sentei em seu colo no táxi, apertando-o firme contra mim. Dessa vez seria ainda mais difícil me despedir dele.

Passamos a noite entre cochilos, amor e conversas. Eu disse a ele que gostaria de me desculpar com Marcia, e que talvez pudéssemos sair todos juntos para jantar na próxima vez que eu

estiver em L.A. Sabe-se lá quando seria essa próxima vez, mas eu esperava que fosse no Natal.

Nós nunca teríamos o tipo de relacionamento que permitiria nos vermos todo dia, ao menos não num futuro a curto prazo. E Jack provavelmente nunca voltaria para casa com maleta na mão depois de um longo dia de trabalho. Ele provavelmente nunca iria lavar o carro aos finais de semana. E embora eu de fato tenha vários aventais e faça um bolo de carne maravilhoso, eu provavelmente nunca seria a “esposinha” em banho-maria numa casa qualquer nos subúrbios.

Nenhum de nós queria isso, mas na verdade eu confessei a ele uma pequena fantasia sexual minha: eu num avental e ele com uma maleta. Ele concordou completamente, contanto que eu usasse salto alto como os de Donna Reed. E nós dois caímos na risada quando eu disse que também usaria meu colar de pérolas. Nós ficamos observando a noite de Manhattan transformar-se numa manhã cinzenta, e então tomamos um banho rápido e saímos.

A gente sabia que ainda tínhamos coisas sobre as quais conversar e com as quais lidar, mas estávamos otimistas agora. Nós éramos um time. Quando chegamos ao aeroporto, e eu tive que deixá-lo ir mais uma vez, embora eu estivesse bem mal do estômago, sentia meu espírito renovado. Eu o beijei intensamente no táxi, envolvendo-o com meus braços e dizendo-lhe que o amava repetidamente. Nosso comportamento no elevador do Four Seasons no dia anterior, embora romântico e carinhoso, não era inteligente, e concordamos em voltar a nos comportar o mais discretamente possível. Nós não estávamos nos escondendo, mas também não precisávamos ficar chamando a atenção. Fazia mais sentido sermos discretos.

Além disso, tinha alguma coisa de maravilhosamente boa em saber que ele e eu teríamos algo particular, só meu e dele. O mundo todo clamava para saber mais dele, mas nós teríamos nossa vida pessoal somente para nós dois, pelo máximo de tempo que conseguíssemos mantê-la

assim.

– Me liga quando aterrissar em L.A.? – eu perguntei, cobrindo seu rosto de beijos enquanto ele me apertava entre os braços.

– Claro – ele respondeu, beijando-me com paixão.

– E se comporta lá, me ouviu? Sem mais porres – eu brinquei, mas eu realmente tinha uma pitada de preocupação acerca do seu hábito quando deixado sozinho.

– Sem mais porres – ele respondeu, sorrindo de volta.

– Obrigada, George – eu suspirei em seu pescoço, sentindo as lágrimas se formando.

– Pelo quê, Gracie?

Ele levantou meu queixo para me olhar no rosto.

– Por não desistir de mim – eu respondi, e ele deu meu sorriso predileto.

– Essa é a minha garota sentimental – ele disse, com os olhos cheios de amor.

O barulho alto de uma buzina quebrou o nosso

clima, e nós rimos quando nosso motorista praguejou em três línguas diferentes para o outro motorista.

Jack me beijou mais uma vez, disse que me amava, e se foi. Desapareceu num mar de pessoas dentro do terminal, encapuzado e de óculos escuros.

Eu estava triste, mas não tão triste quanto achei que ficaria. Agora eu sabia que podíamos superar quase qualquer coisa, incluindo o tipo de medo que eu sozinha podia ter. Eu sabia agora como era estar sem ele, e isso nunca mais aconteceria.

Enquanto o táxi retornava para a cidade, meu celular se acendeu. Eu tinha uma mensagem.

*Obrigado por se despedir de mim com um pouco de sentimentalismo.*

Céus, George.

# dezoito

Depois que Jack partiu de Nova York, nosso relacionamento mudou – para melhor. Estávamos mais abertos e honestos um com o outro. Eu não escondia nada dele. Conte-i-lhe meus pensamentos e medos e, encorajado por minhas confissões, ele também compartilhava comigo. Conversávamos toda noite até muito tarde da noite, e embora eu não achasse que isso fosse possível, estávamos ainda mais apaixonados.

Ele andava viajando para vários lugares e dificilmente parava em L.A. desde que veio me visitar, e ainda estava ocupado com mais compromissos relacionados ao filme. A venda nas bilheterias das duas primeiras semanas já tinha transformado o filme numa franquia, e o estúdio deu sinal verde para uma sequência. O roteiro estava



sendo escrito, e disseram a ele que as filmagens poderiam começar já em fevereiro. Ele também andava negociando com diversos outros estúdios, cujas propostas Holly examinava atenta como um falcão. Ambos estavam exaustos, mas muito felizes com o rumo que tomava a carreira dele.

Com o passar do tempo, os boatos que vieram da foto dele com a loira morreram e, surpreendentemente, *nada* surgiu dos nossos amassos no elevador do Four Seasons. Fosse por não terem conseguido o dinheiro que gostariam pelas fotos, ou por terem decidido gentilmente, do fundo de seus corações, guardarem a foto para sua própria coleção, as fotos que aquelas mulheres tiraram não chegaram aos jornais. Ou ao TMZ. Ou ao *Access Hollywood*. Enfim, a lugar algum.

Eu me espreguicei sonolenta em meu assento, retirei o tapa ouvidos e os guardei na bolsa. Era dia 17 de dezembro, e eu estava chegando em casa. Era hora de guardar meus pertences e dobrar a mesinha de volta junto à poltrona da frente e trancá-la. Eu

olhei pela janela para o cenário familiar e lembrei-me da última vez que estive num avião com destino à Califórnia. Que desastre.

Eu comi o último dos cookies de chocolate quentinhos oferecidos gentilmente aos passageiros de primeira classe e beberiquei o resto do vinho que o acompanhava. Jamais saberia por que sempre cedia às tentações do álcool de graça, mas eu me sentia prazerosamente aquecida. E feliz.

Enquanto a inconfundível natureza californiana, o avião manobrou para a esquerda, e eu vi o oceano pela primeira vez. Eu pensei no último mês, e no que me levava de volta à L.A. agora.

O show? Bem, correu tudo... bem.

Quando as críticas apareceram, eu fiquei empolgada por ver que ele tinha sido bem recebido. Eles também disseram que botei para quebrar! Ainda não sabíamos se o show seria selecionado ou não, mas isso era encorajador de qualquer maneira. Durante as três semanas inteiras, os ingressos esgotaram-se toda noite, e o show estava

começando a gerar um burburinho. O Village Voice até mesmo escreveu um pequeno artigo, que enfatizava o talento de Michael como escritor e a mim mesma como uma nova voz no mundo do teatro musical. Ficamos nas alturas.

Então quando recebemos a notícia de que o show não seria escolhido para uma produção completa – pelo menos não agora –, ficamos todos um pouco surpresos. Embora, como Michael tinha explicado pacientemente durante uma reunião de um elenco chateado, às vezes até mesmo os melhores shows não veem a luz do dia fora de uma oficina de teatro. Mas isso era um osso duro de roer. Tínhamos trabalhado tanto, e eu tinha colocado nisso tudo o que eu tinha – e outras coisas que eu não sabia que tinha – para tornar Mabel real.

Ainda assim, todos do elenco despediram-se com olhos cheios de lágrimas, e Michael e eu nos separamos deixando as coisas num estado muito melhor do que tinham ficado quando nos separamos anos atrás. Ele já tinha outro projeto engatado, e

estava de partida para Connecticut para passar os feriados com sua família, incluindo o novo bebê de Keili. Prometemos manter contato, e ele me disse que se qualquer novidade aparecer ele me diria. Dessa vez eu sabia que continuaríamos nos falando.

E tudo isso me trouxe para cá, aqui e agora, de volta num avião para L.A. Eu tinha alguns projetos de escrita como *freelancer* que poderia retomar, e Holly já começava a agendar testes para mim para o ano que viria. A vida de artista – sempre tão perto e ainda assim tão distante.

Na verdade, parte de mim estava muito contente por estar voltando para L.A. Minha aventura em Nova York tinha sido grandiosa e excitante, mas eu sentia falta de casa, dos meus amigos, e do meu inglês. Logo ele estaria de volta a L.A. assim que acabasse mais uma rápida turnê pelo Reino Unido promovendo *Tempo* (claramente, Londres também sentia falta do seu inglês). Eu mal podia esperar para ficar a sós com ele, em minha casa, na nossa cama.

Eu sabia que seria difícil encontrar outro papel tão

perfeito como o de Mabel, mas eu me adaptaria. E embora fosse um pouco assustador não saber o que aconteceria a partir de agora, depois de tantos dias sabendo *exatamente* o que o próximo dia traria, eu até que estava gostando de não saber. Além do mais, uma vez que eu tinha botado pra quebrar com Mabel, eu sabia que poderia fazer praticamente tudo.

O avião começou a descer para aterrissar, e enquanto eu bocejava para que meus ouvidos não entupissem, eu comecei a sonhar acordada com meu George.

Desde que eu tinha aberto a torneira, nós conversamos muito nas semanas que se passaram sobre algumas de minhas, e portanto *nossas*, questões. Eu até mesmo tive a coragem de trazer à tona de novo o assunto de ter filhos, numa conversa ao telefone tarde da noite. Tentando ser a emocionalmente mais madura, acabou que ele estava esperando por mim.

– Fiquei imaginando quanto tempo ia demorar para que você falasse disso de novo, Doidinha.

Vamos lá, desembucha – eu podia ouvi-lo sorrindo do outro lado da linha.

– Puta merda, você me conhece mesmo – eu ri, sentindo meu rosto queimar um pouco ao saber que ele estava sempre – e, aparentemente, sempre estaria – um passo à minha frente.

– Eu conheço você melhor que qualquer pessoa, mas não posso ler sua mente – ele disse. – Então me diz o que você está pensando. O que você está *realmente* pensando, Grace.

– Hmm, bom, o negócio é o seguinte, não é que eu de repente quero ter filhos ou algo assim. Ainda estou bem certa de que não quero... – eu disse, a voz morrendo, tentando consolidar meus *próprios* pensamentos antes de jogá-los para cima dele.

– Mas – ele sugeriu.

– Sem “mas” pra cima de mim, mocinho. Acho que percebi recentemente que, apesar de estar bem certa de que não quero filhos, minhas chances de ter um estão ficando cada vez menores.

– É verdade, quer dizer, ter quarenta e oito anos

não ajuda muito – ele disse, o sorriso evidente em sua voz.

– Não, quarenta e oito anos é muito para começar uma família. E não é que eu esteja contando o tempo do meu relógio, mas quando você percebe que a idade de ter bebê está passando, é um pouco assustador. Só porque eu sei que as opções são meio limitadas, acho. Mas, sério, e se você decidir daqui a dez anos que quer filhos? Se você mudar de ideia. A essa altura, para mim, não vai ser tão possível. Você pode estar abrindo mão de muita coisa ficando comigo, sabe?

Eu me remexi afundando-me mais na cama. Ele estava em São Francisco fazendo divulgação, e eu estava em Nova York, tentando encontrar conforto em um edredom enquanto conversávamos sobre esse assunto muito delicado.

– Bom, em primeiro lugar, eu estou lisonjeado por você ficar comigo por mais dez anos, então obrigado – ele riu, e eu sorri sob as cobertas. – E é claro que eu posso mudar de ideia sobre isso. Não dá pra

saber. Nessa minha idade tão jovem, pode ser que não tenha certeza de muitas coisas. Mas de uma eu tenho muita certeza.

– Do quê?

– De você. Eu tenho muita certeza da minha ruiva.

– Bem, bom saber disso. Eu tenho muita certeza do meu inglês.

Nós finalmente tínhamos chegado a um estágio em que éramos totalmente honestos um com o outro, mesmo que não tivéssemos todas as respostas. Era isso o que eu queria dizer por estar cada vez mais e mais apaixonada.

O avião tocou o chão, e senti meu coração palpitar. Natal em L.A. era diferente do Natal em qualquer outro lugar, e eu mal podia esperar.



Holly tinha uma janela na sua agenda naquela tarde (milagre!), então foi ela quem me buscou no aeroporto. Enquanto andava entre outras malas, depois de ter pegado a minha, eu lhe mandei uma



mensagem para que soubesse que eu estava pronta. Ela me respondeu quase imediatamente:

*Graças a Deus você está em casa. Ninguém cozinha para mim há séculos! Chego em cinco minutos.*

*Sua vadia preferida.*

Eu sorri para mim mesma e juntei minhas bolsas. Eu tinha mandado a maioria das minhas coisas de volta, então elas chegariam em um ou dois dias. Eu estava tão feliz por voltar à vida em L.A. e poder fazer da minha casa um lar que saí do aeroporto com um sorriso de orelha a orelha.

Lá fora, sob a luz do sol californiano, eu respirei fundo: fumaça e laranjas e ansiedade. Que delícia. Eu senti a brisa e os raios de sol no rosto, e estava em casa. Holly me esperava estacionada em cima da guia, gesticulando impaciente para as pessoas buzinando para ela. Eu quase não a reconheci. Ela se inclinava no capô de um carro novinho em folha, parecendo irritada. Quando me aproximei, vi que ela estava falando no celular.

– Não, meu querido, você não está me entendendo – ela disse. – Ele não pode ter uma reunião amanhã... Não. Ele não vai se encontrar com ninguém até depois dos feriados... Nananinã. Sem chances... Certo, nos falamos então depois do ano novo. Ótimo. Beijos – ela disse, revirando os olhos e fechando o celular.

Ele finalmente me viu e sorriu.

– Cabeçuda!

– Bobona! – eu respondi, acenando. Eu pus minhas malas no chão, e nós nos abraçamos.

– Caramba, como estou feliz por você estar em casa – ele riu enquanto nos abraçávamos.

– Eu também – eu ri, então pulei de susto quando ouvimos outra rodada de buzinas começando.

– Ai, se acalmem! Já estamos de saída, já estamos de saída! – ela gritou enquanto empilhávamos minhas coisas no porta-malas do seu novo carro.

Quando me recostei no assento de couro forrado de pelúcia do seu Mercedes, inspirei profundamente. Eu adorava cheiro de carro novo.

– E aí, o que manda, Hollywood? – eu perguntei, alisando a textura da madeira de fibra no painel, admirando as linhas do seu carro chique.

– Fica na sua aí. Já era hora de evoluir, e eu mereço – ela disse, abrindo espaço entre o tráfego até a autoestrada.

– Sim, você merece. Pra ser sincera, estou surpresa por você ter demorado tanto. Desde a faculdade você sempre quis um desses – eu disse, pegando meu celular e digitando uma mensagem de texto para que meu inglês soubesse que eu tinha aterrissado.

– Você está mandando uma mensagem pro Jack?

– A-ham, eu falei para ele que ia mandar uma quando chegasse. Por quê?

– Ele tem algumas entrevistas nessa tarde. Está tão feliz pela turnê de imprensa estar quase no fim. Falei com ele quando ele estava voando bem cedo para Madrid, e ele deve chegar aqui em algum momento da tarde de amanhã.

– Foi o que ele me disse. Estou tão feliz por

termos esses dias aqui só pra gente, antes que ele vá para Londres – eu disse, enquanto enviava a mensagem.

*Doidinho,*

*Acabei de chegar, a caminho de CASA! Que porra de horas são onde você está? Deixa pra lá – me liga antes de ir dormir. Amo você, e sinto falta do seu corpo.*

*Dorothy Zbornak*

– Ele vai no dia vinte e três, né? – ela perguntou, driblando o tráfego com os reflexos de uma Danica Patrick. Dirigir em L.A. poderia preparar qualquer uma para um circuito profissional.

– É – eu suspirei. Eu estava feliz por ele estar indo para casa passar um tempo com a família. Ele precisava disso. Quando o vi em entrevistas recentes, meu inglês parecia totalmente esgotado. Mas ainda assim bonito... ah, sim, ainda bonito.

– Mas você tem essa semana toda com ele ainda. Quais os planos? – ela perguntou, passando de raspão num Bentley na altura do 405.

– Nenhum ainda, só nossa ceia de natal no dia vinte e um.

Já que a maioria de nossos amigos estava em L.A. para os feriados, eu ofereci minha casa para ser a Central do Feriado. Nós teríamos uma festa com jantar para celebrarmos juntos, e todo mundo tinha ficado encarregado de alguma coisa. Jack e eu iríamos cozinhar, e Holly levaria o vinho. Nick ia tomar conta do entretenimento (o que me deixava um pouco apreensiva), e talvez mais alguns amigos passassem por lá também.

Nós conversamos e rimos e gargalhamos e praguejamos enquanto percorríamos o caminho pelas colinas de Beverly Hills subindo até minha casa. Quando viramos para Laurel Canyon e as árvores se fecharam ao nosso redor, fui lembrada por que amava tanto essa rua. Tendo crescido no centro-oeste, era fácil pensar em L.A. como um lugar muito enjoado, plástico, brilhante demais. E era mesmo, em alguns aspectos. Com certeza havia muita frescura nessa cidade. Mas eu realmente acredito que só se

vê o que se quer ver. E se você ignorasse esse ponto, L.A. era linda. As pequenas vizinhanças, a arquitetura mista, as ruas ladeadas por palmeiras. E ainda havia os *canyons*: Coldwater, Topanga, Benedict e, por fim, Laurel. Havia algo de místico em Laurel Canyon: como se abria em torno da montanha numa cavidade, as casas encravadas na paisagem, as árvores ancestrais e a calada da noite.

E havia meu bangalô. Aconchegante e quente. Quando estacionamos, soltei um suspiro de satisfação.

– Feliz? – Holly perguntou, desligando o motor.

Eu ouvi passarinhos cantando. Inspirei fundo e senti cheiro de... limões.

– Muito – eu respondi.

Ela me ajudou a levar as coisas para dentro, então parou quando ela viu o Post-it na porta do meu freezer, próximo à foto de Jack e eu em Santa Barbara.

– Você deixou um recado de boas-vindas para si mesma? – ela perguntou, rindo.

– Claro que deixei. Eu sabia que eu ia voltar – eu disse, lançando um olhar para a minha foto ao lado de Johnny Mordidinha.

– Beleza, frutinha. Tenho que voltar para o escritório. Está acontecendo uma guerra lá pra ver quem vai ter o papel principal num remake. Dá pra acreditar nessa cidade? Adios, cabeçuda! – ela disparou por cima do ombro enquanto rumava para a porta de entrada.

– Adios, bobona! – eu disparei de volta, e então comecei a pensar em qual mala desfazer primeiro.

– Ei, Grace? – ela disse.

Levantei o olhar para ela.

– Feliz por você estar de volta.

– Eu também, minha querida.

Eu sorri, e ela mostrou o dedo do meio enquanto saía.

Olhei ao meu redor, e meu olhar foi parar mais uma vez no Post-it.

– Bem-vinda ao lar, Grace – eu disse em voz alta com um sorriso, e então comecei a trabalhar.

Bom, na verdade, antes eu só dei uma voltinha em torno da minha casa por um tempo, paralisada pela quantidade de coisas que eu tinha para fazer. Mas então eu parti para a ação. Felizmente, o serviço de limpeza que eu tinha contratado antes de ir embora tinha se adiantado à sujeira, e minha casa estava praticamente limpa. Mas como nunca morei de verdade nela, faltavam alguns itens essenciais. Eu deixei minhas roupas de lado e fiz uma lista. A lista para finalizar todas as listas.

Após idas até o Target, The Container Store e até o Ralph's, eu passei o resto dia e a maior parte da noite guardando as coisas e arrumando. Minhas coisas chegariam no dia seguinte, e eu estava ansiosa para pendurar retratos e personalizar o ambiente. Mas mesmo agora, minha casa estava finalmente começando a ficar com cara de casa. Roupas penduradas no closet. Havia sopa no fogão e manteiga de amendoim na despensa.

Às dez e meia daquela noite eu estava sob o chuveiro de olhos fechados apoiando-me com as



mãos na parede. Eu estava esgotada. O esforço e cansaço daquele dia cobravam seu preço, e meu cérebro ainda estava parcialmente no horário da costa leste. Fiquei sob a água, deixando-a escorrer e levar ralo abaixo os nós na minha nuca. Eu planejei mentalmente tudo o que eu ainda tinha que fazer, tudo que eu queria terminar antes que Jack viesse amanhã. Quando pus meu traseiro cansado na cama, comecei outra lista. Nas caixas que viriam amanhã estavam todas as minhas decorações de Natal, que seriam espalhadas pela casa. Tinha feito algumas compras de Natal em Nova York, mas eu ainda tinha muito que fazer. Antes que apagasse a luz, revisei a lista que tinha feito mais cedo, riscando o que já tinha feito e acrescentando mais uma coisa ou outra. Eu ainda precisava conseguir minha árvore de Natal e enfeitar os galhos com azevinho.

Enquanto me ajeitava sob as cobertas, ouvi o bipe do meu celular. Uma mensagem!

*Dorothy,*

*Acabei de acordar. Não faço ideia de que horas*

*são ou onde eu estou. França, eu acho? Vou fazer escala em Chicago, chego lá pelo final da tarde. Quando eu aterrissar ligo para você. Posso ir direto para a sua casa? Te amo, e sinto falta do seu corpo também. Por favor, diga que você vai me deixar ficar em cima dele em breve...*

*Stanley Zbornak*

Pronto, eu o tinha feito assistir a *Golden Girls* demais, a ponto de ele saber o nome de Stanley. Mal podia esperar por amanhã.

# dezenove

Na manhã seguinte eu acordei e levantei da cama antes das oito. Passei rapidinho na Starbucks para pegar um Venti Caramel Macchiato com três pedras de açúcar (um drink que Leslie me apresentou, realmente eu iria sentir falta disso) e corri o dia todo. Resolvi umas burocracias e até consegui comprar uma árvore de natal fantástica. Se você comprar uma árvore do lado certo de Doheny (o que eu fiz), eles a entregam! Também comprei um novo iPod para o Nick. Ele havia esquecido o dele na academia há um mês e lamentava sua perda em todos os e-mails que recebi desde então. Comprei até uma capinha da Hello Kitty porque eu sou esse tipo de cretina. E eu sabia que ele secretamente a amaria.

Cheguei em casa bem na hora de assinar todas as caixas que foram entregues do depósito, e comecei a

trabalhar imediatamente. No começo da tarde tudo já estava com a minha cara, as fotos estavam em seu lugar, apesar de ainda não estarem penduradas. Os livros estavam de volta às prateleiras, os pratos estavam nos armários e eu, bem, eu estava uma bagunça. Ao receber a mensagem de Jack dizendo que estava quase pronto para deixar Chicago eu sabia que tinha apenas algumas horas, então acelerei o processo.

Arrumei toda a decoração de Natal, eu provavelmente tinha mais decoração de natal do que qualquer outra coisa, mais da metade das caixas do depósito tinham a etiqueta NATAL. Corri para todos os lados como uma louca com a bunda pegando fogo; finalmente coloquei a última caneca de Papai Noel na cozinha e pendurei a última meia na chaminé com muito cuidado. Acrescentei mais uma meia nesse ano, para o inglesinho.

Passei o olho pelo relógio e percebi que o avião do Jack chegaria a qualquer momento. Preparei o jantar rapidamente, cortando vegetais para a salada e

arrumando a mesa. Queria testar meu novo grill e que Jack brincasse de churrasqueiro comigo. Tirei os bifês da geladeira e estava cortando cebolas freneticamente para a salada quando o telefone tocou, era o meu inglesinho.

– Oi – eu disse, correndo pela cozinha como uma louca. Ainda tinha que cortar as batatas e os aspargos. Estava pirando.

– Oi você, acabou de chegar de uma corrida? – ele perguntou.

– Não, estou terminando de arrumar umas coisas, onde você está? – perguntei, tentando diminuir a respiração.

– Acabei de entrar no carro e estou indo te encontrar. Mal posso esperar para te ver, Grace. – ele disse, sua voz estava baixa e cheia de intenções.

Meu coração acelerou, por causa de sua voz e da percepção de que ele estava muito próximo e eu ainda não tinha nem tomado banho. Por que diabos eu decidi cozinhar hoje à noite? Eu deveria ter pedido *delivery*.

– Mmmm, mal posso esperar para te ver, estou me preparando para correr para o chuveiro.

– Hmmm, um banho não seria nada mal para mim também. Tem certeza de que não quer me esperar?

Meu Deus, que tentação. Rapidamente cheirei minha axila.

– Ahh, não, eu vou na frente, mas quando você chegar encontrará toalhas fresquinhas e limpas para você – sorri, depois de pensar nele nu no chuveiro. Onde era o seu lugar.

– Ok, até daqui a pouco. E Grace?

– Oi? – respondi, lutando para tirar meus sapatos e ficar em pé ao mesmo tempo. Estava indo direto para o chuveiro.

– Eu estou com fome – ele grunhiu, e desligou o telefone antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

Mais uma vez, Jack me fez perder a fala.



Vinte minutos depois eu estava no banheiro, com o cabelo molhado e a axila sangrando. O que havia de

errado com as laminas de barbear e os meus poros? Limpei com um remédio e refleti se teria tempo para secar meu cabelo, quando olhei para o relógio e, não, o cabelo vai ficar molhado, escovei-o. Passei um hidratante e minhas pernas arderam muito, pois estavam recém-depiladas. Pulei para fora do banheiro procurando algo para vestir, coloquei a camiseta com a qual havia dormido na noite passada, minha polo branca, enquanto não decidia o que usar.

Fui até a cozinha e me servi uma taça de vinho para acalmar. Enquanto servia percebi que ainda não tinha acendido as velas na mesa, então as acendi rapidamente. Queria que tudo estivesse perfeito. Olhei ao redor e tudo parecia estar no lugar certo.

Mesa arrumada? *Check.*

Salada pronta? *Check.*

Batatas preparadas? *Check.*

Do que estava esquecendo?

*Porra, de colocar uma roupa, Grace.*

Certo!

Joguei o guardanapo no balcão e me direcionei

para o quarto. Mas calculei errado e o guardanapo caiu em cima de uma das velas, que pegou fogo rapidamente. Corri para pegar água na pia mas tropecei em um banquinho que ainda não estava em seu lugar e caí.

– Grrrr – grunhi enquanto não conseguia respirar. Estava lutando para ficar de pé quando vi um borrão passar por mim e jogar uma garrafa de água em cima da mesa. Enquanto eu estava caída no chão com a minha camiseta polo, toda torta e com a bunda de fora, tirei meu cabelo do rosto para conseguir ver.

Lá estava meu louquinho, jogando o resto de água na toalha queimada e cuidando da situação. Ele olhou para mim, deixando a mochila cair no chão.

Levantou a cabeça e sorriu curioso:

– O que você estava fazendo no chão se a casa estava pegando fogo?

– Ah, cala a boca, Hamilton – suspirei, batendo minha cabeça no chão. Ai.

– Você sabe que estou vendo tudo daqui, certo? – ele perguntou, abaixando e oferecendo uma mão



para me ajudar.

– Eu sei disso. Talvez essa seja a surpresa que eu estava preparando.

Ele me levantou do chão e deu um tapa em minha bunda.

– Aí sim, é assim que se mantém sua mulher: descalça e praticamente nua na cozinha – ele riu.

– Idiota – eu disse, envolvendo-o com meus braços. Ele cheirava a aeroporto e *maravilhoso*.

Abraçamos-nos por um momento, balançando gentilmente na cozinha enquanto o cheiro de molhado e algodão queimado florescia ao nosso redor.

– Estou tão feliz por você estar aqui – sussurrei em seu peito.

– Eu também, ou então tudo estaria torrado nessa cozinha – ele beijou o topo da minha cabeça.

Eu olhei para ele, virando os olhos.

– Ei, eu preciso de um beijo de verdade, por favor – reclamei, fazendo biquinho.

– Ah, eu ainda nem cheguei perto de um beijo de verdade – ele disse com uma voz suave, trazendo o

meu rosto para perto e esfregando seus lábios nos meus. Suspirei em sua boca e suas mãos apertaram a minha cintura. As coisas estavam ficando mais intensas quando ouvi alguém bater à porta.

– Merda, se for um bando de mulheres à procura de Joshua, eu não estou – ele grunhiu, e então levantou as sobrancelhas ao ver meu bumbum nu andando em direção à porta. – Você não acha que deveria vestir algumas roupas antes de abrir?

– Humm, você pode estar certo. Se for o homem com a árvore de natal diga a ele que estarei bem aqui. Se for um bando de mulheres você está sozinho nessa, querido – eu ri e fui para o quarto colocar um short.

Era mesmo o homem com a árvore de natal. Enquanto eu supervisionava o posicionamento da árvore, encorajei Jack a tomar um banho e ficar confortável. Eu iria fazer tudo que pudesse para envolvê-lo no espírito do natal. Inclusive colocar as meias na chaminé...

Assim que a árvore estava em seu canto, linda e

exalando o cheiro de pinheiro, dei uma gorjeta ao rapaz e fechei a porta. Com um sorriso no rosto fui até o quarto, tinha ouvido o chuveiro ser desligado e estava esperando encontrá-lo antes que ele tivesse chance de vestir aquele corpo maravilhoso. Arrastei-me até o quarto e lá estava ele. Esparramado na cama de cueca, cabelos em pé e com as mãos na cintura.

Escutava-o dormir.

Eu sorri ao observá-lo, seu peitoral subindo e descendo. Ele parecia tão doce e vulnerável. Mergulhei na cama ao seu lado, e ele rolou para cima de mim ainda dormindo, estendeu seus braços e murmurou: “seios, por favor...”

Suspirei e caí em seus braços, me aconcheguei com suas mãos sempre presentes em meus seios, e deixei meu inglesinho dormir.



Também caí no sono, quando abri meus olhos já estava tudo escuro. Eu esqueci onde estava por um

momento, ficando tensa, percebi que tinha alguém na cama comigo. Quando tentei sentar ouvi:

– Shh, amor, sou eu.

Senti seu hálito quente em meu ouvido, e lembrei onde estava, e quem estava comigo. Voltei para os seus braços, sua boca estava próxima de meu ouvido.

– Hmm, eu murmurei, e então suspirei ao me esticar para cima dele. Minhas pernas envolveram as dele e apertei suas mãos em meus seios. Sua boca beijou meu pescoço e vagarosamente desceu até meus ombros. Afastou um pouco a camiseta para beijar minha pele, e senti meus dedos dos pés se curvarem.

– Humm, que gostoso – suspirei novamente satisfeita, minha barriga vibrava com o seu toque.

– Muito bom saber disso – ele sussurrou em meu ouvido, lambendo meu pescoço.

– Nossa, isso também é muito bom – curvei-me, pressionando meus seios em suas mãos. Seus dedos passavam por mim, desabotoando minha camiseta

devagar. Ele murmurava em meu ouvido enquanto suas mãos, quentes e suaves, tocavam minha pele. Curvei-me novamente e pressionei minha bunda em seu corpo, ele sussurrou com o meu contato em uma parte muito específica.

– Isso? Isso é delicioso – ele disse, me puxando para mais perto, ele mal continha-se dentro da cueca.

Suas mãos encontraram meus seios nus, e ele, muito devagar, começou a me provocar, passando levemente os seus dedos em minha pele, arrastando-os para cima e para baixo, em volta e finalmente capturando meus mamilos em suas mãos enquanto sussurrava em meu ouvido novamente.

Oh, Deus, esse homem era talentoso.

Passei meu braço por trás dele, segurando sua bunda e o puxando para perto. Sua mão direita deixou meus seios e seus dedos escorregaram para o meu quadril, estilo páginas amarelas. Ri enquanto elas desciam meu shorts e apertavam minhas curvas. Ele me agarrou de repente, e nós dois gememos com o contato.

– Gracie – disse, com aquele sotaque, em meu ouvido, e senti cada molécula do meu corpo indo em direção a ele.

Jack tirou meus shorts rapidamente e pressionou suas mãos entre as minhas pernas. Sentia intensamente seus dedos movendo-se dentro de mim. Tentava tirar sua cueca, precisando sentir sua pele na minha. Suas mãos me deixaram por alguns segundos e quando voltavam eu podia sentir sua pele quente, era o paraíso. Nós dois tiramos minha camiseta rapidamente e a jogamos no chão. Ele permaneceu atrás de mim, e enquanto ele trabalhava com seus dedos dentro de mim, eu mexia meu quadril para perto dele.

– Quero sentir você dentro de mim, por favor – implorei.

Ele obedeceu, pressionou-se para dentro de mim, escorregando e me invadindo completamente. Segurou meus quadris com suas mãos e enquanto eu me movia em sua direção ele parou seus movimentos, e depois entrava novamente, deixando-nos loucos.

– Nossa, como eu senti falta disso – ele disse suavemente, e eu balancei a cabeça em resposta.

Não conseguia falar, a sensação de ele estar novamente dentro do meu corpo era maravilhosa, eu estava atordoada.

Mantivemos um ritmo lento; juntos movíamos nossos quadris, nossas mãos se cruzavam enquanto ele beijava meu pescoço, meus ombros, minhas costas, meu rosto. Movi minha cabeça para sentir sua língua dentro de minha boca, olhando em seus olhos enquanto ele venerava meu corpo com o seu. Fazendo-me sua novamente, nos movíamos, escorregávamos, deslizávamos, dançávamos, o que era meu era dele.

Suas mãos agarraram meus seios mais uma vez, seus dedos circulavam, apertava, provocavam e atormentavam-me com seu amor.

Minhas mãos estavam perdidas em seus cabelos. Mantive o fluxo do meu corpo sobre o seu e me perdi em ondas de prazer, puras e intensas que começavam nas pontas dos dedos dos pés até o

centro do meu ser.

– Eu te amo, te amo, te amo – sussurrei e comecei a vibrar em seus braços, em seu abraço, com ele dentro de mim. Ele mergulhou em mim, cantando meu nome em meus ouvidos enquanto sentia-me envolta dele, submissa. Eu estava em silêncio e meu pequeno universo se abriu e flutuei. Eu estava consciente de seu amor, seu toque, e a sensação dele em meu corpo, mente e coração.

Ele desmoronou sobre mim, embalando-me o mais próximo que nossos corpos permitiam. Ele falou sobre o quanto me amava muitas vezes, e eu sorria em meu travesseiro enquanto sentia seu beijo. Êxtase.

Momentos depois ele rolou para o lado e sentou. Esticou-se e bagunçou seu cabelo com os dedos. Enquanto coçava a própria cabeça eu podia notar o quão longos seus cachos se tornaram. Ele espiou ao redor, parando o olhar em meus olhos.

– Ei.

– Ei você – respondi, sorrindo.

– Arruinei completamente o seu jantar? –



perguntou timidamente, olhando para o relógio ao lado da cama. Seu lado da cama.

– Sim, você me deve trinta reais pelos bifês, ricaço – ri, cutucando-o com meus dedos do pé.

– Grace, o que é isso no criado-mudo? – ele perguntou, eu sorri e nem precisei olhar para saber do que ele estava falando. Eu tinha colocado lá.

– O que parece?

– Um pote de doces.

– Você é genial. É exatamente isso – eu ri, sentando perto dele e espiando acima dos seus ombros. Lá, na cabeceira, estava um pote de cristal com doces embrulhados individualmente.

– Você está compartilhando doces, louquinha? – perguntou, incrédulo.

– Sim, estou. Estou cansada de ser a desequilibrada emocionalmente do relacionamento. Sou adulta, e posso compartilhar. Além do mais eu tenho os meus, do meu lado – disse, apontando para o pote idêntico em meu criado-mudo.

– Uau, isso é um progresso – ele disse, rindo de

mim.

– Eu sei! – joguei-me pra cima dele e roubei um doce de seu pote.

– Ei!! – exclamou, enquanto eu abria o pacote.

– Shhh – respondi, colocando o chocolate em meus lábios. – Não diga que nunca te dei nada – sorri. Ele tinha gosto de *S'mores*.



Na manhã seguinte, discutimos nossos planos sobre os próximos dias enquanto tomávamos banho.

– Então, eu tenho uma entrevista hoje à tarde, e depois tenho que ir para uma festa em algum restaurante, mas eu posso escapar disso se você quiser, a festa, e não a entrevista. Girando. – Jack disse.

Virei para que ele pudesse lavar meu cabelo. E assim que estava limpo eu peguei um pouco de shampoo e comecei a lavar o seu.

– Não, tudo bem. Eu vou jantar com a Holly hoje à noite, nos vemos aqui quando você voltar. Em

algum momento teremos que escolher o cardápio para as festas de fim de ano. Você quer algo em particular? Ok, enxágue, por favor – instruí, tentando não perceber que ele estava acariciando meus mamilos de maneira persistente.

– Não, eu quero um jantar de natal tradicional, pode fazer o que você faz normalmente – ele respondeu, soltando-me para que ele pudesse ficar embaixo da água.

Comecei a me ensaboar e ofereci um pouco de sabonete para ele.

– Tudo bem, então tenho que ir ao mercado hoje e começar a comprar as coisas. Temos só dois dias.

– Diga-me se você precisar de ajuda, e eu posso pegar algumas coisas no caminho para casa.

– O que você vai dirigir? Seu carro já era e eu vou usar o meu hoje.

Ele sorriu timidamente e ficou sob a água novamente. Não respondeu.

– O que está havendo? – o cutuquei para sair do caminho, queria me enxaguar. Ele encolheu. – O que

você fez, George?

– Bem, eu posso ter comprado um carro novo, que vai ser entregue hoje. Espero que você não se importe, eles o entregarão aqui – disse ele, desligando o chuveiro. Pegou duas toalhas e as entregou para mim, enquanto começava a se secar.

– O que você comprou? – perguntei, enrolando-me no roupão e prendendo meu cabelo em um turbante com a toalha.

– Aah, algo esportivo – ele parecia envergonhado, e um pouco culpado também.

– Como você é fofo – disse, deixando o hidratante de lado para poder observá-lo. A toalha estava caída em seus quadris e ele passava as mãos em seus cabelos e os lindos cachos pulavam e se enrolavam da maneira que eu adorava.

– Por que fofo? – perguntou, me olhando no espelho.

– Você se sente culpado por querer dirigir algo novo, não é?

Ele olhou para baixo e se encolheu.

– Sim, um pouco – admitiu, e suas bochechas coraram.

Virei-o para que ele olhasse para mim, e envolvi meus braços ao redor de sua cintura. Suas mãos encontraram minhas costas e lá ficaram.

– Você merece tudo o que tem e tudo que chega até você. Aproveite isso, amor. Se você quer um carro divertido, compre um carro divertido. Tudo bem se divertir com isso, sabe – dei um beijo em seu peito e descansei minha cabeça.

Sua bochecha descansou no topo do meu turbante. E disse:

– Estou me divertindo.

– Que bom! – respondi, e o abracei.

Logo estávamos em frente à casa admirando um Porsche conversível prata, lindo e brilhante. Ele abriu um enorme sorriso.

– Uau, isso é divertido – disse, enquanto andava em volta do carro, admirando-o.

– Mhh-hmm – Jack confirmou, escorrendo para dentro dele e girando a chave em suas mãos –, quer

dar uma volta? – perguntou, piscando para mim.

– Claro que sim! – gritei ao pular para dentro do carro. Ele colocou o Ray-ban e saímos. Dirigimos por Mulholland por um tempo e então voltamos para os Canyons. Estávamos pertinho de seu apartamento.

– Quando foi a última vez que você esteve em seu apartamento? – perguntei, enquanto estacionávamos em um posto de gasolina. Nós precisamos puxar a cobertura do carro agora que estávamos de volta à cidade, e parando em semáforos. Uma ruiva no banco da frente estaria só pedindo por uma manchete no TMZ.

– Huumm, em que mês estamos? – ele sorriu quando finalmente conseguimos fazer a cobertura funcionar. – Na verdade, logo depois que o filme estreou algumas fãs colocaram meu endereço na internet, então sempre havia algumas garotas ao lado de fora me esperando enquanto eu estava por lá – continuou. – Elas eram bem legais, só queriam dizer oi quando eu saía de manhã para pegar o jornal. Algumas vezes eu conversava um pouco com elas,

não saiu muito do controle e eu passei a maior parte do tempo viajando mesmo.

– Ah, isso é tão estranho – estremeci dramaticamente.

– Com a cobertura no lugar nós voltamos para o carro, sua mão voltou para meu joelho, sorriu e partimos novamente.

– Elas não eram tão invasivas, desconsiderando que elas estavam na porta do meu apartamento, mas seria bom voltar para casa e não ter que lidar com isso – disse com a voz baixa.

Eu sabia melhor do que ninguém o quanto ele era grato ao apoio de suas fãs, mas ele também precisava de um pouco de anonimato.

– Não se preocupe, querida, eu consigo lidar com isso – disse, beijando minha mão de maneira firme, conforme dirigíamos pelas ruas de Beverly Hills.

Assim que cheguei em casa comecei a fazer uma lista das coisas que precisava comprar no supermercado, ele sentou no sofá. Dentro de segundos ouvi a TV ligando, sorri ao pensar em

como nós dois nos sentíamos em casa. Fui perguntar se ele queria ir comigo até o mercado e ele me puxou para seu colo. Dei-lhe um beijo muito sonoro e disse que estava saindo.

– Você quer ir comigo? – perguntei, acariciando seu ouvido até ele não aguentar mais. – Nós poderíamos te disfarçar com um chapéu e óculos. Talvez eu tenha uma cortina por aqui.

– Não, obrigado, vou ficar por aqui. Eu te ajudo quando você voltar – ele sorriu e me fez um cafuné.

– Vou fazer uma torta! – disse, apertando-o em meus braços.

– Tá bom, parece gostoso – ele respondeu.

– Você quer me ajudar a fazer a torta? – disse revirando os olhos.

– Claro, por que não?! – perguntou, revirando os olhos também.

– Eu me sinto mal, tem algum lugar que você quer ir, ou amigos que quer visitar? Você não vai ficar entediado fazendo torta?

– Você tá brincando, né?! Pela primeira vez em



semanas o telefone não está tocando, ninguém está me dizendo para onde tenho que ir, ninguém está batendo na minha porta, pedindo um autógrafo, e eu posso cutucar meu nariz se quiser, sem me preocupar se vou aparecer em um site de fofocas. Fazer torta parece absolutamente perfeito! – ele riu e deitou no sofá.

– Então tá. Faremos a torta. Você quer que eu compre alguns hambúrgueres no caminho? – perguntei, levantando para pegar minha bolsa, e o ouvi resmungar atrás de mim. Quando me virei encontrei um enorme sorriso.

– Grace, eu estava certa em querer te ter por perto – e piscou para mim.

– Sim, sim, eu sei – pisquei de volta enquanto ele jogava uma almofada em mim. Parei quando cheguei na porta e olhei para ele. – Sou eu, ou nós acabamos de dizer a palavra torta umas setenta vezes?

– Nós dissemos torta muitas vezes, torta, torta, torta... – ele respondeu, repetindo a palavra com diferentes entonações.

Eu o deixei resmungando sozinho. Com um sorriso enorme no rosto, fui até o meu carro, que parecia um pouco sem graça perto de seu Porsche. Liguei o som e percebi que a vida não podia ficar muito melhor do que estava.

# vinte

Quatro horas, cinco massas de torta e seis orgasmos depois, coloquei o inglesinho em seu novo carro e o mandei para sua entrevista. Segui para pegar Holly, íamos ao nosso restaurante japonês favorito subindo as colinas de Beverly Glen, para uma noite das garotas.

Ao chegar pedimos martinis caprichados e rolinhos de atum, e pedimos ao garçom que mandassem mais.

Brindamos, bebericamos e suspiramos ao mesmo tempo. Nada era tão bom como um martini bem caprichado.

– Então está tudo bem com o inglesinho, é isso? – ela perguntou enquanto comia.

– As coisas estão fantásticas, estou muito feliz que nos acertamos – disse, também enquanto comia.

– Você quer dizer que você se resolveu – bebeu

um enorme gole de seu *drink*.

– Sim, exatamente – sorri. – Quer dizer, eu ainda tenho um monte de coisa para resolver...

– Você acha, senhorita crise? – ela interrompeu, e joguei um grão de soja em seu peito.

– Eu ainda tenho um monte de coisas para resolver, muito obrigada. Mas sinto-me muito bem, acho que ser sincera com o Jack sobre tudo, apesar de não ter lidado da melhor maneira e ter sido um pouco dramática demais, foi a melhor coisa que poderia ter acontecido entre nós. Quer dizer, nós conversamos muito mais agora e sobre todas as coisas. É muito bom para nós dois.

– Imagine só, conversando em um relacionamento. Que evoluída! – Ela virou os olhos e eu me preparava para jogar outro grão quando ela me chutou por baixo da mesa.

– Olha só quem é a evoluída agora! – eu disse, rindo. – Então, agora que eu me resolvi, quando é que vamos te arranjar um homem, hein? – Chutei ela de volta por baixo da mesa.

– Eu estou bem. Não banque o cupido comigo, idiota – avisou, dando uma gole em seu coquetel e acenando para o garçom, indicando que estávamos prontas para uma segunda rodada.

– Só acho uma vergonha que uma gostosa dessa esteja sendo desperdiçada. Você precisa arranjar alguma coisa, garota! – eu ri e dei um gole no meu drinque, tentando afastar a azeitona. Ela ficou meio vermelha e tentou me distrair, apontando para Randy Quaid em um canto.

– Não me venha com essa de Quaid. Que negócio é esse de ficar vermelha, senhorita Holly? – cutuquei, enquanto pousava meu drinque com certo floreio.

– Quê? Não estou ficando vermelha. É o rolinho de atum apimentado – disse ela, olhando para a mesa.

– Idiota, eles ainda nem trouxeram o rolinho de atum. Você está... calma aí, você está saindo com alguém?

O rubor aumentou. Agora ela tentava chamar a atenção de Randy Quaid.

– Não ouse chamar o Primo Eddie aqui enquanto estou te interrogando. Você está saindo com alguém? Merda, está sim! Com quem? – perguntei, mirando um grão de soja em sua direção.

– Sabe, você faz muito isso de mirar comida para as pessoas. Só estou dizendo. E não estou saindo com ninguém, tá?

Encostei-me de volta no banco e olhei para ela. – Você esteve com um cara, não esteve? – perguntei, me dissolvendo em risadas.

Ela me encarou e chupou a soja com força.

– Ah, cara, com quem você está transando? – ri mais ainda, quase me engasgando com a pimenta.

– Ok, olha só, não estou transando com ninguém. Tem sim uma pessoa com quem eu... bem... com quem eu transei algumas vezes, mas não é nada. Por Deus, tenho 34 anos! Às vezes tenho necessidades. Fica quieta! – ela bufou e sentou novamente.

– Ei, garota, eu entendo. Estou feliz por você. Sei que já faz um tempo. Só não acredito que você não me contou. Por que não contou? A não ser que...

espere aí... eu o conheço? – perguntei, com os olhos arregalados.

Ela afundou mais na cadeira e escondeu o rosto com as mãos.

– Por acaso esse homem tem olhos azuis matadores e um jeito bem doce? – perguntei, arqueando a sobrancelha.

Ela fez que sim com a cabeça, ainda cobrindo o rosto com as mãos.

– E por acaso ele tem barriga tanquinho?

Novamente ela fez que sim com a cabeça.

– Eu sabia! Soube quando vi vocês dois no lançamento. Você anda trepando com o Lane, não é? – eu disse com um gritinho estridente, e então ela finalmente tirou as mãos do rosto.

– Cala a boca, Grace – ela chiou.

O garçom trouxe nossa segunda rodada e eu imediatamente dei um gole no meu coquetel.

– Lane, Lane, Lane. Bem, estou impressionada. Muito bem, amiga! – Balancei a cabeça em aprovação e ergui o copo.

– Você acha que tudo bem? – perguntou ela com cara de culpada.

– *Você* acha que tudo bem? – perguntei logo de volta.

– É mais que tudo bem. É incrível – ela deu uma risadinha, e congelou em um grande sorriso.

Ergui meu copo de novo e dei uma batidinha no dela. – Às mulheres de 34 anos mais gostosas dessa cidade que estão mandando ver com dois dos mais gostosos atores jovens! Isso aí! – eu disse.

Ela deu um sorrisinho. – Na verdade, Grace, você tem 33. Eu que tenho 34 – corrigiu ela enquanto bebericava.

– Ah, eu sei, só queria te fazer falar isso – eu disse. Ela atirou o guardanapo em mim.

Durante as horas seguintes ela me deixou por dentro do que tinha acontecido entre ela e Lane. Aparentemente, quando ela se reuniu com ele pela primeira vez (logo depois de eu ter ido para Nova York) rolou um clima, mas ela estava preocupada com o fato de representar dois atores em um mesmo



filme, especialmente quando um deles tinha tanta marca. Mas ela gostou tanto do encontro que, quando ele perguntou se ela gostaria de sair depois para beber alguma coisa, ela ficou surpresa ao se ouvir dizendo que sim. Ela jamais sairia com um cliente, mas já que ambos concordavam que ele ser representado por ela não era uma opção viável, ela não se incomodou.

Mais tarde naquela noite, ela não estava nem um pouco incomodada. Revelou que aquela havia sido a noite mais poderosamente obscena e explosiva de sexo incrível que ela já havia tido. Mas ela rapidamente concluíra que era apenas aquilo, e tentou fingir que nada havia acontecido. O pobre Lane não entendia os sinais e tentou por semanas fazer com que ela saísse com ele de novo. Ela recusou repetidamente, o que explicava a tensão que eu havia notado no lançamento. Finalmente ele a encostou na parede depois de um evento e ela acabou confessando.

Naquela noite eles fizeram uma espécie de acordo

“apenas sexo” – afinal, Lane também não estava à procura de sua alma gêmea – e desde então estavam curtindo de vez em quando. Fiquei feliz por Holly, pois fazia tempo que ela precisava transar, e com alguém que soubesse o que estava fazendo. Como agora os dois sabiam que ninguém estava querendo algo mais além do aspecto físico, a coisa parecia estar funcionando para eles.

Ela estava preocupada sobre algo a respeito desse caso vazar na imprensa, então estava relutante para contar até mesmo para mim. Eu, é claro, prometi que não ia contar a absolutamente ninguém, principalmente porque eu era uma das poucas que entendia seu dilema.



Ficamos no restaurante até eu estar bem para dirigir e então, depois que deixei a vadia, desci a montanha de volta ao meu Canyon.

O Porsche não estava lá quando cheguei em casa, então, quando estacionei, garanti que houvesse

espaço suficiente para ele na entrada da garagem. Entrei e fui até a cozinha. Ainda não estava querendo ir para a cama, então me servi um pouco de vinho tinto e fui até o terraço. Afundei em uma daquelas espreguiçadeiras confortáveis e liguei o som. Eu havia roubado a ideia da casa da Holly quando reformei, e fiz questão de instalar alto-falantes por todo o lugar. Selecionei minha playlist de “momentos bem sexy” no iPod e me instalei. O Canyon era bem silencioso à noite, por mais que minha casa estivesse em uma rua bem trafegada.

Senti o cheiro das madressilvas e dos limões e relaxei naquela solidão. Se eu sentia falta do rebuliço de Nova York? Bem, um pouco, mas não o suficiente para desistir disto. Eu estava calma no escuro, na quietude, na maravilha. Eu absorvia a lua e as poucas estrelas que perfuravam o céu apesar das luzes da cidade ali perto. Distraidamente, me perguntei por que minhas bochechas doíam, até que percebi que era porque eu sorria havia horas. Ouvi o carro novo de Jack roncar suavemente na entrada da garagem e

o sorriso ficou ainda maior.

Eu o acompanhei pela casa, ouvindo o barulhinho de suas chaves na mesa da entrada, a porta sendo trancada para a noite, sua jaqueta de couro escorregando dos ombros e o leve tapa de seus sapatos no chão.

Conforto.

Ele viu a porta aberta e veio até a entrada, apertando os olhos na escuridão. – Gracie? – perguntou quietamente.

– Oi – respondi, me esticando na espreguiçadeira enquanto ele vinha até mim.

– Olá você – disse ele, instalando-se na cadeira à minha frente. Coloquei meus pés em seu colo, ele tirou meus chinelos sem nem pensar. Começou a esfregar meus pés, e meus dedos se encolheram.

– Como foi a entrevista? – perguntei.

Ele sorriu e disse: – Foi boa. Mas a Holly vai me matar.

– Sem filtros? – perguntei, arqueando a sobrancelha.

– Sem filtros – confirmou ele, piscando como o próprio diabo para mim.

– Festa boa? – perguntei, me levantando um pouco, mas com meus pés ainda em seu colo.

– É, foi tudo bem. Essas festas de Los Angeles não têm a ver comigo, mas foi bem legal, acho. Como foi o jantar com a Holly?

– Foi divertido. Sei de um segredo... – eu disse numa voz provocativa, oferecendo minha taça de vinho a ele.

Ele deu um grande gole e me devolveu. – Sobre a Holly? Um segredo? Que ela e Lane estão transando? – perguntou ele, piscando novamente.

– Você sabia? E não me contou? – dei um grito, dando-lhe um tapinha de leve. Ele aumentou a pressão em meus pés e começou a se dirigir às minhas panturrilhas. Seus dedos longos escorregavam por baixo das minhas pernas, esfregando em círculos e pressionando meus músculos.

– Sabia, mas não era um segredo para eu contar – respondeu ele, baixando o olhar e me encarando por

baixo dos cílios. Eu podia sentir meu coração acelerar enquanto o verde escurecia de forma quase imperceptível.

– Bem, ela parece estar curtindo – eu disse, esfregando levemente minhas pernas uma na outra enquanto ele continuava com a massagem, agora movendo as mãos para trás dos meus joelhos. Minha pele formigava e esquentava sob seus dedos, e ele sabia disso.

– Imagino que sim. Lane diz que eles estão se divertindo bastante. Ele se pergunta por que não começou a sair com mulheres mais velhas antes.

Suas mãos escorregavam mais para cima de minhas pernas. Suas palmas se esfregavam entre meus joelhos, separando-os levemente. Ele enrolou suas mãos debaixo das minhas coxas e de repente me puxou para mais perto, me guiando até a beirada da cadeira.

– Vocês dois são bem engraçados, sabia? Nós adoramos pegar filhotinhos e treiná-los. Você é muito mais moldável quando é jovem e está maduro para

colher. E o tempo de recuperação é razão suficiente... – provoqueei de volta, tentando não gemer quando ele afastava minhas pernas ainda mais.

– Você disse tempo de recuperação? – ele riu, mantendo seus olhos nos meus enquanto levantava mais minha saia, seus dedos agora a centímetros da minha calcinha. Ele continuava a me olhar, enquanto me agarrava por baixo e me deitava na cadeira reclinável. Com precisão, levantou minha saia e tirou minha calcinha devagar. Sua respiração aumentava enquanto se esfregava em mim e sentia como ele já havia me afetado, como sempre me afetava. Meu corpo jamais falhava em responder a ele.

– Jack – respirei, abrindo minhas pernas para ele e arqueando minhas costas para trás, num convite. Ele sorriu aquele maldito meio sorriso que era só meu e, sem mais nenhuma palavra, se levantou e abriu o zíper do jeans. A visão dele vindo em minha direção, só de cueca, era insanamente estimulante. Inclinei-me para frente e o empurrei de volta na cadeira. Imaginei ele me comendo mentalmente desde o momento em

que ouvi o carro parando na entrada da garagem. Ele deu um suspiro pesado ao me ver, arranquei minha camisa e montei nele, ainda de saia, mas sem nada por baixo.

Não havia som algum a não ser pelos grilos, por um ou outro carro, pela música e pela nossa respiração enquanto eu me afundava nele, levando-o para dentro de mim. Não importava quantas vezes eu sentia isso, minha respiração sempre parava enquanto eu o sentia dentro de mim, perfeitamente. Nós dois expiramos quando me levantei, meus pés contra as pedras do chão, tendo total controle. Me ergui, depois descí novamente, aumentando a doce fricção entre nós. Seu quadril se movia para dentro de mim, posicionando-o unicamente para atingir aquele ponto, dentro e fora, sempre que eu me movia para baixo em sua direção. Sua boca encontrou a minha, beijos frenéticos enquanto eu sentia o gosto de vinho em sua língua. Ele abriu meu sutiã, suas mãos e sua boca encontravam meus seios e se dirigiam igualmente a eles. Ele fazia chover beijos na minha pele enquanto



minhas mãos agarravam firmemente os seus ombros.

– Você é incrível... como pode ser tão... bom... toda... vez... meu Deus... – eu lutava para falar e continuava a me mover sobre ele, minhas pernas tremendo de esforço enquanto eu dava a ele tudo o que tinha.

Ele via meu movimento acima dele, os dentes mordendo o lábio inferior enquanto ele gemia e fechava os olhos ao ouvir minhas palavras. Respirei em seu ouvido, mordiscando sua orelha e beijando o espaço logo abaixo, do jeito que eu sabia que o enlouquecia.

– Adoro sentir você em mim, Grace. Tão quente... quente pra caramba... – gemeu ele, seu quadril aumentando a velocidade e a pressão, e eu podia sentir meu corpo se apertando, minha barriga contraindo, os dedos do pé encolhendo, as mãos se fechando e os dedos se tornando pequenos punhais enquanto eu os enterrava em suas costas.

– Tão bom... por favor... por favor... por favor... – gritei, e gritei seu nome enquanto tremia e

me arrepiava em cima dele. Ele foi para dentro de mim, me segurando forte contra ele, agarrando minhas pernas para empurrar mais fundo. Entreguei-me a ele. Ele me fez gozar uma segunda vez, a primeira emendando na segunda enquanto ele jorrava dentro de mim, afundando no meu peito e falando meu nome.

– Meu Deus, Grace – suspirou ele. Deitei sua cabeça em mim, passando meus dedos por seus cabelos e coçando a cabeça. Ficamos assim por alguns momentos, e então eu ri. Rir nessa posição era meio desconfortável, então ele me levantou e, enquanto nos vestíamos, me olhou com um ar curioso.

– Por que está rindo, Doidinha?

– Só estava pensando que, se algum *paparazzo* te seguiu até aqui, amanhã isso vai estar rolando pelo mundo todo.

– Não tem graça – disse ele, me dando um tapinha na bunda enquanto eu tentava vestir novamente a calcinha.

– E agora essa? Com um clique disso eles diriam que você curte sexo selvagem, seu depravado! – eu ri, me esquivando de mais um golpe dele.

Corri para dentro e me virei para vê-lo subindo as calças. – Agora parece que você teve que se dar um pouco de amor sozinho. Pobre e solitário inglesinho – falei cantarolando e ainda rindo.

Ele se virou para mim, com os olhos cintilando. – O que foi que você disse sobre tempo de recuperação, amor? – perguntou ele, vindo na minha direção.

– Ai, ai... – eu ri e corri para dentro, com Jack logo atrás de mim.



Na manhã seguinte, acordamos e logo fomos lidar com nossas obrigações. Jack tinha uma sessão de fotos e eu ainda tinha muito a fazer para nosso jantar no dia seguinte. Jack convidou Rebecca e Lane, e eu estava bem curiosa para saber o que aconteceria com esse lance do Lane e da Holly, mas não tinha

certeza do que Rebecca acharia disso.

Aparentemente, a Rebbeca ainda estava brava comigo pelo que eu tinha feito ao Jack na estreia. E, honestamente, não podia culpá-la. Sabia o quanto eram próximos e sabia como Holly se sentiria se alguém tivesse feito aquilo para mim, especialmente numa noite tão importante. Mas se Jack e eu podíamos superar isso, ela teria de fazer o mesmo. Eu estava contente que ela viria até minha casa para o jantar. Eu torcia para isso ser um recomeço para nós. Eu estava na vida do Jack para ficar, assim como ela, então precisamos deixar isso para trás.

Jack saiu cedo para a sessão e eu fiquei o restante do dia encarregada dos preparativos da festa e dos embrulhos dos presentes. Nós trocaríamos presentes como parte da comemoração. Assei tortas, descasquei vegetais e deixei o máximo que pude já pronto para que eu pudesse aproveitar esse tempo com meus amigos sem precisar ficar presa na cozinha a noite toda. Antes que eu percebesse, já eram quase quatro da tarde, e eu nem tinha tomado banho ainda.

Fui direto para o banheiro, despi-me e fiquei debaixo do chuveiro por uma hora inteira até parecer uma ameixa seca. Eu tinha algo que queria perguntar ao inglesinho, mas não tinha certeza de como fazê-lo...



Mais tarde naquela noite já estava faminta, e fomos ao Pink's. Eu desejava um cachorro-quente e o único que iria me satisfazer era o do Pink's. Não tinha jeito nenhum de Jack ficar num fila e não ser reconhecido, então ele estacionou a uma quadra de distância e eu saí do carro e fui para a fila toda contente. Este foi um dos primeiros lugares que comecei a frequentar quando me mudei para Los Angeles pela primeira vez, e encontrei uma celebridade todas as vezes que entrei aqui. Todos amavam o Pink's.

Depois de esperar por quase uma hora e tendo um pequeno ataque de tietagem quando vi Jim Carrey comprando um dog, levei nossos lanches (um Mulholland Drive Dog para ele e um Martha Stewart

Dog para mim) de volta para o carro e os devoramos – teto fechado, pois não queríamos arriscar. Os *paparazzi* costumam circular no Pink's durante a noite. Nunca se sabe quem pode aparecer por lá. Entre as mordidas do cachorro-quente (crocante a cada mordida), rimos, brincamos e conversamos. Ele me contou sobre a sessão de fotos daquele dia e depois sobre os fãs na frente de seu apartamento quando foi até lá à tarde.

– Percebi que mesmo sendo minha casa há pouco mais de um ano, estou pronto para vendê-la – ele disse. – Estou cansado do constante assédio das fãs.

Engoli com dificuldade, pensando no que eu estava querendo perguntar para ele.

– Quer dizer, vou voltar para Londres e sabe-se lá onde estarei em janeiro. Então, vou gravar em alguma locação para o próximo filme. Nunca vou estar por aqui – ele continuou, sua voz sumindo.

Eu limpei a água dos pickles que escorria pelos meus dedos e me virei para encará-lo. Ele bebeu seu refrigerante e então seus olhos encontraram os meus.

Eles estavam sérios. Cada um tomou fôlego e começou a falar ao mesmo tempo.

– Então, eu estava pensando... – ambos disseram, o que nos fez rir.

– Você primeiro – eu disse.

– Não, pode falar primeiro.

– Na-não, você.

– As damas primeiro.

– Não há damas nesse carro – eu disse, comprovando meu argumento com um arroteo bem alto.

Ele torceu o nariz e balançou a cabeça fingindo estar enojado.

– Idade antes da beleza, Grace – censurou-me.

– Você acaba de declarar que você é belo e que eu sou velha? – perguntei.

– É, foi isso aí.

– Bem, não posso argumentar contra essa lógica. Sem problemas, eu tenho coragem de dizer primeiro. Por que você não se muda para minha casa? – eu disse rapidamente, não me dando chance de

amarelar.

Ele me encarou e começou a falar.

Eu levantei um dedo e o impedi.

– Espera, deixa eu falar algo antes. Você viaja tanto e sabe-se lá o que eu estarei fazendo. Sempre que estamos na mesma cidade, qual foi a última vez que passamos a noite separados?

Ele pensou por um segundo.

– Não consigo me lembrar. Não desde que nós começamos... Bem...

– A transar? – perguntei dando uma gargalhada.

– É, isso mesmo. Transar. Você é tão direta, querida – ele me disse sorrindo.

Eu sabia o quanto ele me amava quando eu era direta.

– Então, faz sentido, não? Você gosta de onde mora? – perguntei.

– Não, não mais. Quero dizer, era só um lugar para dormir mesmo, nunca foi um lar. E agora com os paparazzi sabendo onde moro e todos os fãs em volta do local, acredito que faça sentido... Você tem



certeza, Doidinha? – perguntou, penteando meu cabelo com a ponta de seus dedos.

– Sim, certeza – respondi, beijando seus dedos assim que se moveram na direção de meus lábios.

– Não posso garantir que a mídia não vá descobrir. Você está pronta para o caso deles ficarem acampados do lado de fora da sua casa?

– Que diferença faz? Você já está lá mesmo. Quem se importa se você trouxe suas merdas junto? – sorri.

Ele se recostou em seu banco e passou as mãos em seus cabelos. Olhei para a janela, depois de volta para mim. Sua expressão era penetrante.

– O que você está pensando, George?

– Estou pensando que eu ia pedir a mesma coisa, se podíamos morar juntos – disse.

– Ficou maluco? – perguntei-lhe.

– Total e completamente – ele respondeu, inclinando-se para me beijar. Sua boca estava quente e doce, com gosto de molho e mostarda, e eu queria mais e mais. Nós nos beijamos devagar e de modo

romântico, o brilho da placa de neon do Pink's a distância.

E quando fomos para casa e entramos, a sensação foi boa. Dormimos abraçados na nossa cama.

# vinte e um

No dia de nosso jantar de Natal o clima estava quente e ensolarado, mas com uma corrente de ar levemente fria para não esquecermos da época do ano. E se vocês ainda não tinham certeza de qual era essa época, havia sempre renas amarradas por toda a Rodeo para recordar.

Jack dormia enquanto eu me ocupava por toda a casa. Quando ele finalmente acordou, me ajudou como pôde. Eu o designei para me ajudar a cortar as couves-de-bruxelas, mas, em vez disso, ele ficava tentando jogá-las fora quando achava que eu não estava olhando.

— Couve-de-bruxelas, Grace, mesmo? Estes são os nossos amigos. Por que está fazendo isso para eles?

Mas eu faço uma couve-de-bruxelas tão boa que

mesmo as pessoas que nunca gostaram me perguntam como eu faço para que fiquem com o gosto tão bom. Eu tinha habilidades inigualáveis para Bruxelas. O inglesinho não estava convencido. Finalmente, fiz com que sentasse no balcão e o encarreguei de cortar aipo para o recheio. Ele prestou atenção aos detalhes, certificando-se de que cada cubo tivesse o mesmo tamanho do que eu havia cortado de exemplo para ele. Com ele bem ocupado, tive tempo para terminar tudo.

Quando achei que já tinha feito o suficiente, relaxamos um pouco, aconchegamo-nos no sofá e assistimos a especiais retrôs, começando com Charlie Brown e terminando com Rudolph. Encolhemo-nos no sofá e nos transformamos num burrito de cobertor. O rico aroma de peru flutuava no ar e foi incrivelmente acolhedor.

Quando faltavam duas horas para começar o jantar, eu finalmente me levantei para tomar banho. Recusei, repetidamente, suas tentativas de entrar no chuveiro comigo, porque sabia que nos atrasaríamos.

Eu precisava de um banho funcional hoje. Banhos com Jack sempre se tornavam recreativos.

Uma hora depois, eu estava na cozinha, começando o molho e deixando o peru esfriar. Legumes e recheio foram para dentro, o chantilly foi feito e nós estávamos indo bem. Inclinei-me para pegar o prato de peru e ouvi um assobio atrás de mim. Eu me endireitei e virei. Jack se inclinou sobre o balcão, admirando meu vestido. Era verde-escuro com a saia rodada. Estava usando sapatos de salto dourados e um colar de pérolas. Sobre o vestido? Um avental de estilo retrô.

Isso o deixaria enlouquecido a noite toda.

– Puta merda, Grace. O que você está vestindo? – ele perguntou, enquanto seus olhos absorviam tudo.

– Eu queria estar bem vestida hoje, só isso – respondi com afetação, girando para que meu vestido rodopiasse.

Ele cerrou os punhos e mordeu o lábio inferior enquanto me observava. Ele chegou mais perto, e eu apontei meu descanso de panela para ele.

– Não, não, docinho, depois do jantar. Ainda tenho muito a fazer. Controle-se, por favor – eu ordenei e isso fez com que ele finalmente desistisse. Enquanto eu me ocupava dos pormenores de última hora, ele colocou o iPod no *shuffle* e foi pegar algumas bebidas. Heineken para ele, *dirty martini* para mim. Ele esteve praticando nos últimos meses, e já estava preparando coquetel incrível. Cantarolei um pouco enquanto terminava tudo, e logo a campainha tocou. Jack foi atender, e eu podia ouvir vozes de Holly e Nick na entrada.

– Vem pra cá, lesada. Preciso de ajuda! – gritei.

– Mas eu não sei fazer porra nenhuma, não é? – ela disse quando entrou. – Sou uma deficiente na cozinha – e caminhou até o batedor de martines.

– Sim, eu sei. Mas você é capaz de abrir latas. Já vi você fazer. Tem azeitonas ali e molho de cranberry que precisam ir para a mesa. Começa a trabalhar, mocinha. Jack vai preparar um drinque para você – orientei.

Ela revirou os olhos, mas foi pegar as latas. Jack

voltou para a cozinha com Nick na sua cola. Seus braços estavam em volta de Jack, e o olhava com adoração. Eu ri quando os vi, e Jack sorriu para Nick.

– Quer parar de agarrar meu namorado, e traga seu traseiro aqui para que eu possa abraçá-lo direito! – eu gritei. Ele, relutante, soltou o inglesinho e jogou-se em cima de mim.

– Garota, senti tanto a sua falta! – ele disse e me levantou para girar em torno da cozinha. Em seguida, deu um passo para trás para admirar o meu vestido enquanto eu ria. – Que bonito. Total dona de casa dos anos cinquenta estilo pornô. Caiu bem em você – disse, roubando uma azeitona do prato com o qual Holly estava tendo dificuldades.

– Sem dúvidas – Jack sussurrou em meu ouvido ao me dar um abraço sorrateiro. Suspirei enquanto ele beijava a minha nuca, soltou-me, depois de um abraço mais forte para fazer bebidas para os convidados.

Eu ouvi o telefone tocar e, como estava suja de

molho até os cotovelos, pedi para Holly atender. Ouvi a excitação em sua voz e olhei, curiosamente, para ela. Ela deu o meu endereço, e Jack e eu compartilhamos um olhar por cima do ombro de Nick. Nick estava comendo azeitonas sem se importar se alguém queria alguma. Jack finalmente levou-as para longe dele, como se tomasse algo de uma criança.

Holly desligou o telefone e se virou para mim. – Tudo bem se mais alguém vier para o jantar? – perguntou.

– Eu acho que sim, já que parece que você acaba de convidar alguém. Quem vem?

– É... Michael – ela respondeu, e olhou para Jack. Ele endureceu por um momento, mas depois relaxou. Olhei para Holly, depois de volta para Jack.

– Michael? Por que ele está na cidade? – eu perguntei enquanto Jack entregava o martini para Holly. Ele esfregou os ombros de um jeito tranquilizador. Eu olhei para ele e ele concordou com a cabeça, não tinha problemas com isso.



– Não tenho certeza. Ele não disse – respondeu bebericando sua bebida. – Nossa, Jack, isso está ótimo. Existe alguma coisa com a qual você não é bom?

– Não – respondi, piscando diabolicamente para ele.

Ele levantou as sobrancelhas, e Nick suspirou feliz.

Quando terminei o meu molho, Rebecca, seguida rapidamente por Lane, tinha chegado. Rebecca me cumprimentou friamente, mas pareceu suavizar enquanto caminhava ao redor da casa, elogiando as decorações festivas. Lane me agarrou num abraço forte e me beijou na bochecha.

– Que bom que você voltou. Estava com saudade desse decote maravilhoso – disse, descendo abertamente os olhos pelo meu vestido. Vi Lane dar uma piscadinha para Holly e, em seguida, vi o rubor em seu rosto. Ela foi se ocupar com as batatas-doces, mas Jack percebeu também. Eu ri quando Lane pegou seus cigarros e Jack, imediatamente, arrastou-o para fora. Jack sabia as regras: não fumar

dentro da casa. Ele já estava afirmando-se como o homem da casa; que adorável.

Comecei a levar os pratos para a mesa, e Rebecca se juntou a mim.

– Então, vocês estão de volta pra valer? – perguntou, colocando as couves-de-Bruxelas na mesa, que ficaram ótimas. Olhou-me com cuidado enquanto eu alisava a minha saia e a olhava também.

– Sim, de volta pra valer... Eu sei que você ainda está chateada comigo, Rebecca, mas estou feliz por você estar aqui esta noite – eu disse, voltando para a cozinha.

– Grace – ela me chamou, e eu olhei por cima do meu ombro.

– Sim?

– Ele te ama tanto. Estou feliz que você percebeu isso. Mas se você o machucar de novo no futuro... – ela começou.

– Então você tem minha permissão para chutar meu traseiro – terminei.

Ela me olhou firme, então sua expressão se

suavizou.

– Puta merda, garota, como se eu precisasse de sua permissão – ela riu, depois foi pegar os últimos pratos.

Eu vi Jack sorrindo através da porta da área externa, e balancei meus seios para ele. Ele fechou os olhos e jogou sua cabeça para trás. Eu ri e ainda estava rindo quando ouvi a campainha. Eu respondi e lá estava meu amigo. Michael. Com flores.

– Oi! – eu gritei e o abracei.

– Oi, Grace – respondeu, também me abraçando. Ele me soltou rapidamente e me entregou o buquê.

– Obrigado pelo convite. Eu não sabia que eu estaria aqui até o último minuto, e já vou voltar amanhã. Nossa, que casa incrível! – exclamou enquanto entrávamos.

– Obrigada. Por que você está em LA, afinal? – abaixei as flores e fui em direção à sala de jantar com ele.

– Na verdade, é uma história interessante. Eu te conto sobre isso amanhã, pode ser? – ele disse,

tirando o seu casaco.

– Bem, você é o Sr. Misterioso, não é? Sim, conte-me amanhã. Agora, vamos comer – disse, indo para a porta dos fundos.

– Ei, docinho, hora de comer – eu avisei, e Jack e Lane entraram.

– Talvez eu deva compartilhar esse apelido com o resto do elenco, você não acha, Bec? – perguntou Lane, dando uma cotovelada nas costelas de Jack enquanto todos escolhiam um lugar à mesa.

– De jeito nenhum. Ninguém o chama de docinho a não ser eu. – olhei para Lane, que se sentou em frente a Holly. Sentei-me em uma das extremidades da mesa, e Jack sentou na outra.

Apresentações foram rapidamente feitas e logo todo mundo já tinha um copo de vinho.

– Antes de começar, gostaria de dizer uma coisinha – eu disse, ficando em pé.

Todo mundo olhou para mim com expectativa. Limpei a garganta porque ficou difícil de engolir de repente.

– Este tem sido um ano incrível para mim, pessoal e profissionalmente. E cada um de vocês desempenhou um papel nisso – durante meu discurso, eu olhava de rosto em rosto, concentrando-me em cada um deles. – Eu fiz novos amigos e renovei antigas amizades que eu pensei que nunca teria de novo. Realizei um sonho que tinha desde que era muito jovem. E tive a sorte de ficar loucamente apaixonada. Este tem sido um ano fantástico. Espero que eu tenha sorte o suficiente para estar, no próximo ano, com essas pessoas tão incríveis – senti meus olhos arderem quando meu olhar repousou no doce rosto de Jack. – Vocês são minha família. Feliz Natal – sussurrei, e sentei-me rapidamente, antes que eu me fizesse de idiota.

Todos ficamos em silêncio por um momento, olhando uns para os outros.

– E um puta de um Feliz Chanucá! – Nick gritou com lágrimas nos olhos, tirando um *dreidel*<sup>4</sup> do bolso e girando-o em sua mão. Nós rimos, e Holly se inclinou para beijar Nick na boca. O clima era de

feita quando passamos os pratos e as travessas enchendo nossos pratos. Todo mundo contou histórias sobre essa época de festas de quando eram mais jovens e, enquanto ríamos e conversávamos, eu olhei em volta mais uma vez para o rosto de cada um. Eles, realmente, eram minha família. Cada um representava algo diferente que eu amava: Lane por ser uma comédia e por seu coração bondoso, Rebecca por sua força e lealdade, Nick por sua paixão e energia, Michael por seu apoio e consolo, Holly por sua força e amor, e Jack por tudo. Ele era tudo o que eu sempre quis e tudo o que eu nem sabia que eu precisava.

Por que eu estava preocupada? Eu tinha a minha família.



Depois que o jantar terminou e a louça foi lavada, nós fomos para a sala, nos reunimos em torno da árvore e trocamos os presentes. Holly e eu demos uma para a outra a mesma coisa: dois dias em um spa

em Palm Springs; e Nick ganhou um iPod de Holly e um de mim. Ele amava os dois igualmente.

Bebemos mais, comemos sobremesa, e nos divertimos com alguns jogos. A música ficava cada vez mais alta, e consumimos, cada vez mais, infinitas garrafas de vinho. Ficamos descontrolados. Michael e Jack, de alguma forma, acabaram no mesmo time de Imagem e Ação, e eles se saíram surpreendentemente bem. Eu estava tão feliz que eles estavam se dando bem.

Finalmente, Rebecca foi a primeira a se levantar para ir embora. Com abraços nossos desejando-lhe Feliz Natal, ela se mandou. Nick foi logo a seguir, demoramos num abraço bem forte já na porta de saída.

– Que bom que você está de volta, minha querida – disse. – Estava ficando terrivelmente chato sem você aqui – e me beijou na bochecha.

– Ah, por favor. Você só me queria de volta para que você pudesse secá-lo bem de perto – eu provoquei.

Ele olhou por cima do meu ombro para Jack, que estava conversando com Lane e Holly junto à lareira. – Sim, sim, é verdade. Ele realmente é muito bonito – ele suspirou e me abraçou novamente. Em seguida, ele se afastou para olhar para mim, os olhos subitamente sérios. – Grace, deixe que ele cuide de você, ok? – disse sorrindo docemente.

– Deixo, Nick. Obrigada. – balancei a cabeça e o beije novamente.

Ele apertou minha bunda, gritou para Lane e Jack que ele estava pronto para um *ménage à trois*, não importava quando, e foi embora.

Michael foi o próximo a ir.

– Então você vai me dizer amanhã o que está fazendo por aqui, certo? – eu perguntei enquanto o levava para fora.

– Sim, eu te ligo de manhã – disse.

Ficamos em silêncio, absorvendo a escuridão à nossa volta e a tranquilidade. Houve um grito nas proximidades que o fez dar um salto.

– Que diabos foi isso? – ele perguntou nervoso.



Dei uma risada.

– Coiote – respondi, prestando atenção para escutar mais algum.

– Tem coiotes por aqui? – ele sussurrou.

– Às vezes podemos ouvi-los. Eu mesmo os vejo de vez em quando, quando estou dirigindo pelos *canyons* à noite.

– Coiotes bem no meio de Los Angeles. Que lugar maravilhoso para se viver – disse com espanto.

– Eu sei. Você entende por que eu amo isso aqui agora?

Ele olhou de novo para o céu noturno e para os limoeiros. Uma brisa suave soprou seu cabelo, e ele concordou:

– Eu, definitivamente, vejo o apelo.

Ficamos em silêncio por mais um momento, e então eu disse:

– Obrigada por ter vindo esta noite. Foi bom reunir todos.

– Obrigado por me receber. Eu te ligo amanhã?

– Sim. Boa noite, Michael – eu o abracei. Desta

vez, o cheiro de lã, sálvia e limões, dele e das árvores próximas, eram perfeitos e doces.

– Boa noite, Grace – e se foi.

Holly e Lane saíram juntos depois que Jack e eu tiramos um sarro dos dois. Agora que o segredo foi revelado, ou pelo menos para nós quatro, era a vez deles serem provocados.

Lane me agarrou num abraço de urso, mais uma vez me tirando do chão. – Festa de arrasar, Sheridan. Eu lhe disse que ainda faríamos uma das boas aqui.

– Com certeza! Ainda bem que você pôde vir. Vamos vê-lo em breve?

– Sem dúvidas – ele piscou, dando uma última olhada no decote do meu vestido.

– Pare com isso – advertiu Jack enquanto ele e Holly se aproximavam.

– Impossível. Eles são fantásticos – Lane respondeu com outra piscadinha e aquele sorriso enorme.

Eu juro, eu poderia viver naquelas covinhas.

– Eu vou te mostrar uma coisa fantástica – disse

Holly, puxando o vestido para baixo um pouco na frente e mostrando para Lane e Jack a parte de cima de seu sutiã rendado preto.

Eu ri quando seus olhos se arregalaram. Você balança um peito na frente de um cara, e ele confirma que tem perpetuamente treze anos.

Guardando as meninas, Holly se virou para mim.

– Grande festa, cabeção. Almoço amanhã?

– Sim, ligue pra mim de manhã... Só não muito cedo – Jack colocou seu braço em volta da minha cintura e me puxou para seu lado.

– Combinado – ela disse e me deu um abraço.

Ela e Lane foram pegar os seus carros, e ele abriu a porta do dela para ela.

– Te adoro, Holly! – eu a chamei quando ela deu partida em seu carro.

Ela se inclinou para fora da janela.

– Te adoro também, sua frutinha!

Os dois carros deixaram a calçada, e eu percebi que eles foram na mesma direção, mesmo eu tendo certeza que o Lane morava na outra direção...

Jack e eu voltamos para a casa e examinamos o estrago: jogos de tabuleiro por todo o lugar, copos de vinho e uma torta meio comida cobrindo a mesa de café. Eu bocejei encostada nele quando ele começou a apagar as luzes.

– Você quer fazer isso agora ou amanhã de manhã, doidinha? – ele me perguntou, voltando para o meu lado e deslizando os braços em volta da minha cintura.

– Nós deveríamos fazer isso agora, mas eu não quero – admiti, inclinando-me em sua direção e relaxando minha cabeça contra seu peito. Nós olhamos para a árvore. O brilho das luzes e os padrões que elas formavam por causa dos enfeites que balançavam deixavam o quarto muito acolhedor. Lane e Jack (com muita ajuda de Michael) tinham conseguido acender o fogo da lareira, que estalava alegremente em segundo plano.

Eu tinha mudado de músicas, e as minhas canções favoritas de Natal estavam tocando agora.

– Ei, nós ainda precisamos dar nossos presentes!

– exclamei, deslizando para fora de seu abraço e em direção ao armário de casacos no corredor onde eu tinha escondido o dele.

– Você quer fazer isso agora? O Natal é daqui alguns dias, Gracie.

– Sim, mas estou com o espírito de Natal nesse momento. Vamos, George. Você não vai me dar nada? – provoquei.

– Ah, vou sim, e quando você vir o que é vai me deixar fazer aquela coisa que você disse que eu poderia nunca, jamais fazer – ele desapareceu em direção ao quarto.

– Supere isso, George. Nunca significa nunca. Eu não me importo com o que você me der. Não vai acontecer – disse rindo.

Ele voltou para a sala de estar. Se ele tinha pegado algo, não dava para ver.

Meu presente para ele era grande, por isso fiz com que ele se sentasse no sofá e fechasse os olhos. Tirei do armário e o coloquei em sua frente.

– Ok, pode abrir – ele obedeceu e então seus

olhos se arregalaram de surpresa. Levou alguns minutos para perceber o que era.

– Grace, você realmente não deveria ter feito isso!  
– exclamou, olhando para o meu presente.

Em sua frente, estava um novo violão Breedlove Revival OM-M. Ele o pegou como um pai pega um bebê recém-nascido: com suavidade e reverência. Suas mãos exploraram as linhas suaves, as curvaturas e, com destreza requintada, ele dedilhou as cordas. Um belo tom ressonou pela madeira, e um sorriso maravilhoso se espalhou por seu rosto.

– Ah, meu amor. Isso é demais – ele sorriu e não fez nenhum movimento para deixá-lo de lado.

Sentei-me em silêncio ao lado dele no sofá e o ouvi tocar por alguns minutos, perdendo-me na música.

– Isso é extraordinário. Muito obrigado – sussurrou, colocando o violão, cuidadosamente ao seu lado e virando-se para mim. Ele colocou as mãos em cada lado do meu rosto, com o mesmo cuidado com que segurou o presente, e olhou nos meus olhos

pelo que pareceram horas. Ele se inclinou e me beijou suavemente, apenas pressionando seus lábios nos meus.

Nós nos beijamos suave e docemente, minhas mãos chegando para cobrir as dele enquanto seguravam meu rosto.

Ele encostou a testa na minha.

– Eu te amo tanto – ele sussurrou.

Eu sorri para ele.

– Eu também te amo.

Ele se afastou e colocou as mãos atrás das costas.

– Ok, seus presentes. Escolha uma mão – ele instruiu.

– Presentes? Você vai me dar dois? Não é justo – eu disse, franzindo o nariz.

– Gracie, cala a boca e desfruta o momento.

Agora, escolhe um lado, por favor – disse com os olhos dançando.

Sentei-me e olhei para ele, aquele homem lindo na minha frente. Eu apontei para sua mão esquerda e, em seguida, olhei para ele com expectativa.

– Ok, feche os olhos.

Levantei uma sobrancelha, mas fiz como me foi dito.

– Abre a sua mão, amor.

Estendi minha mão com a palma para cima, na qual foi colocada o que parecia ser uma caixinha de veludo.

O quê?

Meus olhos se abriram e viram uma caixa de Harry Winston.

O quê? E eu digo novamente: o quê?

– George, o que você fez? – eu perguntei, meu coração batendo no meu peito.

– É só abrir, doidinha – ele disse, me cutucando com seu joelho.

Cuidadosamente, eu abri a caixa e fiquei com o olhar fixo. Levei cerca de trinta segundos para compreender plenamente o que estava lá dentro, e então eu me joguei em seu colo. As lágrimas começaram imediatamente.

– Meu Deus, George, eu te amo tanto! –



engasguei através das minhas lágrimas e risada histérica. Eu estava tendo um colapso total.

Ele riu comigo, nós dois caindo para trás no sofá. Beije-o, repetidamente, meus beijos misturados com as lágrimas enquanto eu beijava-lhe os olhos, as têmporas, as bochechas, o queixo e, finalmente, sua boca. Na verdade, eu tentei beijar sua boca, mas ele estava sorrindo muito grande para me deixar, então acabei beijando seus dentes.

– Você sabe que é totalmente louca, né? – ele me perguntou, arrumando meu cabelo para trás para que pudesse olhar para mim.

– Bem, você não me chama de Doidinha à toa. Você queria uma doida, e você, com certeza, conseguiu uma.

– Tenho certeza que sim, e quão sortudo eu sou? – ele disse, ainda sorrindo.

– Ninguém vai entender isso. Você sabe disso, né? – eu disse, ainda tentando beijá-lo.

– Eles não têm que entender. Isto é sobre você e eu – ele me beijou profundamente, e eu derreti. Na

verdade, eu derreti em seus braços enquanto comecei a chorar de novo.

– Eu não queria te fazer chorar – ele riu.

– O que diabos você acha que aconteceria, Hamilton? – eu gritei, olhando para ele de novo.

Olhamos juntos, ambos sorrindo enormemente.

– Bem, eu acho que é uma coisa boa eu ter lhe pedido para se mudar pra cá, não é? – eu provoquei, então me lembrei de algo. – Ei, onde está o meu outro presente? – perguntei.

Ele revirou os olhos.

– Veja, agora, para a maioria das mulheres, isso seria o suficiente – ele respondeu, sentando-nos de volta com um olhar severo.

– Eu não sou a maioria das mulheres – expliquei sentada na beirada do sofá, admirando meu primeiro presente.

– Você está coberta de razão quanto a isso – zombou e me disse para fechar os olhos novamente.

– Pelo amor de Deus, George, mostra logo isso aí.

– E foi isso que ela disse – ele disse, rindo, um riso

estridente que reservava para quando não conseguia se controlar. O que era muitas vezes.

Rolei e, depois, fechei meus olhos mais uma vez.

– Estique sua mão – ele instruiu.

Desta vez, quando eu o fiz, eu senti algo feito de papel.

– O que é isso? – perguntei.

– Abra, por favor – disse.

Eu olhei para minha mão.

Era uma passagem de avião. Uma passagem de avião!

– Uma passagem de avião? O que foi? Vou viajar? Para onde vou? – gritei, minha voz subindo tão alto que ele protegeu os ouvidos com as mãos.

– Minha nossa, Sheridan, basta olhar para a porcaria do bilhete – ele suspirou, mas estava sorrindo.

Eu o rasguei para abrir e ler o destino.

– Não acredito – inspirei e olhei para ele, incrédula.

Ele sorriu.

– Eu vou para este lugar? Este? Você está me zoando? – perguntei, as lágrimas começando novamente.

– Sim, você e eu. O que acha de uma viagem? – ele perguntou, levantando as sobrancelhas diabolicamente.

Levantei-me e tirei tudo da mesa de centro. Montei em seu colo e passei meus braços em torno dele. Suas mãos foram para a parte baixa de minhas costas e me puxou ao seu encontro.

– George, você está com sorte, pois vai se dar muito bem hoje – eu disse, colocando minha cabeça em seu ombro e deixando ele me segurar.

– Eu já sou sortudo, docinho – ele sussurrou em meu ouvido.

Nós nos agarramos um ao outro, à luz da árvore de Natal e da lareira, com a música envolvendo-nos, na minha casa. Em nossa casa.

Mais tarde naquela noite, quando ele deslizou para dentro de mim, estávamos abraçados tão firmemente quanto duas pessoas poderiam conseguir. Eu podia

sentir seu coração batendo contra o meu e foi perfeito.

Nós tínhamos ido ao inferno e voltado, e ele ficou comigo. Minha vida era uma soma de todas as partes. Tudo o que eu passei, tudo o que eu fiz, trouxe-me a este lugar com Jack.

Nós éramos uma certeza. Nós éramos fortes. E estávamos indo em frente juntos.



Ele se mexeu durante o sono, tentando me puxar mais para perto. Eu cocei seu couro cabeludo, sentindo os fios sedosos de seu cabelo deslizando entre meus dedos. Eu senti o peso de seu corpo contra o meu. Esfreguei meu presente várias vezes entre meus dedos, sentindo-o contra a minha pele.

Ele despertou momentaneamente e me rolou para o lado, aconchegando-se atrás de mim.

– Eu te amo, Grace – ele murmurou e voltou a dormir.

– Eu também te amo – eu sussurrei.

E suas mãos?

Por favor. Onde mais poderiam estar?

---

Um pião de 4 lados jogado durante o feriado judaico de Chanucá. Cada lado do dreidel possui uma letra do alfabeto hebraico que formam um acrônimo que significa: “um grande milagre aconteceu lá”. (N.T.)

# **vinte e dois**

Fechei os olhos e deixei o sol me banhar. Era tão forte que, mesmo com os olhos fechados, o mundo era brilhante.

Eu sentia a areia entre os dedos dos pés, quente, através da esteira de bambu fino em que estava deitada. Senti o cheiro do salgado do oceano, só a alguns metros de distância. Provei o sal no ar e o calor da tarde, seu gosto era forte e preguiçoso na minha língua. Eu ouvi as ondas quebrando contra a areia e som de uma gaivota perto da minha cabeça – não tão perto, pássaro.

Então eu ouvi o balanço de uma porta sendo fechada, me virei e vi.

Eu vi o homem mais bonito do mundo. Ele desceu os degraus da varanda dois de cada vez, segurando duas cervejas e veio em minha direção. Ele estava

usando uma calça jeans larga com as barras enroladas, sem sapatos, e, meu Deus, sem camisa.

– E aí – ele disse, atravessando aquela areia fofa.

Debrucei-me em meus cotovelos, expondo-me a ele. Qual é a graça de uma praia privada, se você não pode tomar sol sem a parte de cima do biquini?

– E aí – respondi, revirando um punhado de areia entre meus dedos. Ele arregalou os olhos quando viu que eu estava de topless, e sua boca se esticou naquele sorriso que eu amava pra caramba.

Ele se sentou na esteira ao meu lado e me entregou uma cerveja.

– Você não estava verificando o seu correio de voz lá dentro, estava? – perguntei, arqueando minha sobrancelha para ele enquanto bebia. Frio e delicioso.

– Não. Eu prometi. Sem e-mail, sem celular, sem mensagens. Holly tem o telefone da casa, mas ela sabe que é só para emergências.

Suspirei feliz e me sentei. Me aproximei e me enfiei ao seu lado para que pudéssemos olhar, juntos, para



o oceano. Fingi não notar que ele, sorrateiramente, olhava para meus seios. Nós sorrimos, bebemos e aproveitamos a vista.

Quando eu abri o bilhete de avião no Natal, eu não podia acreditar no que estava lendo. Tive de olhar no mapa para me certificar de que eu sabia onde eu estava indo. Seychelles é uma pequena cadeia de ilhas no meio do Oceano Índico. Ficava a pouco mais de 300 quilômetros da costa da África, e duzentos milhões de quilômetros de distância de qualquer coisa ligada a Hollywood. Quando percebi o que ele tinha planejado e como passaríamos o ano novo, fiquei chocada. E as novidades não pararam por aí.

No dia seguinte à nossa festa de Natal, encontrei-me com Michael para o café como planejado, e ele me disse por que ele veio para LA.

– Então, é uma história interessante – ele disse, tomando seu café com leite. – Quando o espetáculo estava em cartaz em Nova York, um amigo que é produtor viu e gostou muito! Quando ele soube que

não tinha pegado, ele me ligou. Disse que achava que era um grande conceito para a TV, e perguntou se eu estava interessado em adaptá-lo para a telinha.

– Está brincando comigo? Isso é uma notícia fantástica, Michael! – eu gritei, jogando meus braços ao redor de seu pescoço.

Ele riu e me abraçou também.

– Então eu voei para cá, reuni-me com alguns dos outros produtores e trabalhamos em algumas ideias diferentes. Eles querem filmar um piloto e oferecê-lo para a TV a cabo.

– Tipo a TNT? Ou o USA? – perguntei.

– Tipo a HBO – ele disse, piscando para mim.

– Puta merda – inspirei.

– E, claro, a novidade é que... Eles querem você também, Grace.

Então, minha vida estava prestes a se tornar surreal.

Eu passei o Natal em Los Angeles com a Holly, enquanto o Jack voltou para casa em Londres. Ele precisava passar algum tempo com sua família, e

depois da explosão na estreia, não era realmente o melhor momento para eu ir junto. Haveria tempo de sobra para isso, e eu queria que ele tivesse algum tempo com eles sozinho.

Então, depois do Natal, eu voei através do Atlântico e me reuni com ele em Paris. Passamos quase 24 horas mudando voos e voando em aviões cada vez menores, sem mencionar que assistimos a três filmes relacionados à época de festas, e falamos sobre todos os tipos de coisas, até que, finalmente, estávamos sobrevoando o oceano Índico.

Conforme o arquipélago começou a aparecer, e pequenas ilhas e recifes de corais começaram a pontilhar a água, eu segurava a mão de Jack em excitação, assustando-o enquanto ainda lia seu livro. Ele estava interessado em produzir um dia, e ainda estava trabalhando um pouquinho, lendo livros para adaptar filmes. No entanto, ele prometeu estar no modo de relaxamento completo no momento em que desembarcou em nosso destino. Nós dois estávamos exaustos, mas prontos para um período de férias.

Mudamos de avião uma última vez, pegando um barco até nossa última parada. Quando pousamos no aeroporto minúsculo, Jack tinha agendado um carro para nos buscar. Já estávamos praticamente nos arrastando a essa altura, mas muito animados. O sol estava apenas começando a se pôr conforme passávamos de carro ao longo das estradas tranquilas. A ilha que Jack tinha escolhido era quase desabitada, apenas algumas casas de férias, uma loja pequena e quilômetros e quilômetros de paz.

Chegamos à casa, e suspiramos. Ele tinha visto as fotos. Eu não tinha. Mas, aparentemente, as fotos não fazem jus ao lugar porque nós dois ficamos ali, boquiabertos.

Casa de praia pura. Era enorme e isolada e privada e linda.

Conforme explorávamos, descobrimos que o zelador já havia trazido um suprimento de comida, vinho, cerveja, e tudo que seria necessário. Enquanto caminhávamos pela casa, a brisa do oceano levantava as cortinas brancas quase transparentes

que cobriam todas as janelas. A parte de trás da casa se abria completamente para um deck enorme, e lá estava o oceano. No nosso quintal.

Exaustos demais para fazer qualquer coisa, nos aconchegamos na cama gigante, puxamos as cobertas, apagamos as luzes e deixamos o mar nos acalantar até dormir.

Jack me cutucou e eu saí do meu devaneio. Nós estávamos aqui há três dias e ainda tínhamos quase mais duas semanas para aproveitar. Eu estava conseguindo um agradável tom de bronzeado. Jack tinha se queimado um pouco, mas agora estava mais bronzeado e ficando ainda mais lindo.

Então, enquanto eu bronzeava meus melões bem no meio do oceano, Michael estava trabalhando duro em LA, escrevendo o piloto. As filmagens começariam em março.

Como diabos minha vida mudou dessa maneira?

Na véspera de Ano Novo nós nos sentamos em nossa plataforma, tomando vinho e assistindo os fogos de artifício que alguém estava estourando do

outro lado da ilha. Realmente, não dá para ficar melhor do que isso.

E meu outro presente? Eu sorri enquanto bebia a minha cerveja, sentindo a mão de Jack passando suavemente pelas minhas costas. Eu estava usando nada além de um sarongue e a parte de cima de um biquini (às vezes, nem mesmo isso) nos últimos dias, além da minha mais nova joia.

Antes que eu abrisse a caixa de Harry Winston, é claro que, por um segundo, eu achei que fosse... Bem... Um anel. Eu sou uma mulher e é assim que nossas mentes funcionam às vezes. Mas ele tem vinte e quatro anos, e nenhum de nós está pronto para casar. Mal estávamos juntos há seis meses e era muito cedo para pensar nisso. Nós nem sequer conseguimos mudar todas as coisas dele para a minha casa ainda. Se eu gostaria de casar um dia? Sim, absolutamente. E espero que com esse homem. Mas nós dois precisamos amadurecer um pouco, e as coisas já estavam sensacionalmente maravilhosas do jeito que estavam. Então, um anel? Não.

Era muito melhor.

Na caixa, estava não só a prova de que Jack me amava, mas de que ele me pegou de jeito. Ele me pegou e entendeu tudo que eu precisava.

Numa corrente de platina tinha um pequeno pingente circular de platina, um pouco maior que uma moeda de dez centavos, mas menor do que uma de cinco. Fino. Com uma gravação em um dos lados, o lado que fica do lado do meu coração, em que estavam escritas as palavras: GEORGE AMA GRACIE. E gravado no lado que todos podiam ver? SCHMALTZ

Ninguém entenderia, e isso é o que o tornou perfeito. Era apenas sobre ele e eu, nossa pequena piada interna de platina.

Eu senti o peso dele contra a minha pele e meus dedos deslizaram para cima em direção a minha clavícula, viajando ao longo da corrente e parando no pingente. Eu podia sentir a gravação, esfregava ela o tempo todo. Cada vez que Jack me via fazendo isso, ele sorria.

Enquanto nós nos sentamos e assistimos ao final de mais um dia, eu me aconcheguei mais perto dele. Aqui estávamos, apenas mais um casal relaxando na praia.

– Está ficando com fome, Doidinha? – Perguntou-me, beijando o topo da minha cabeça.

– Sim, um pouco. Nós ainda temos um pouco de camarão da noite passada. Pode ser?

– Parece ótimo – respondeu, levantando-se e bebendo o restante da sua cerveja. Ele ficou afundando os pés na areia um pouco, sem realmente ir embora, apenas arrastando os pés.

Eu assisti as últimas luzes solares, conforme o sol se punha no horizonte, fazendo com que tudo brilhasse amarelo, vermelho e laranja. As luzes da casa me convidavam para seu interior aquecido, e eu me levantei devagar, amarrando a parte de cima do meu biquini novamente. Ele franziu a testa quando eu cobri as meninas, mas pegou a minha mão quando a estendi para ele. Enquanto caminhávamos de volta para a casa, ele puxou meu braço, virando-me de



frente para ele. Seus olhos brilhavam maliciosamente.

– O que foi, George? – perguntei, sorrindo. Ele estava tramando algo. Ele acenou com a cabeça em direção à praia.

Lá, na areia, ele me escreveu uma pequena mensagem com os pés:

## UM GESTO GRANDIOSO

– Mas que diabos? – perguntei, rindo enquanto ele agarrou para um abraço.

– Eu sei que você não gosta de gestos grandiosos, mas eu achei que esse seria na medida exata – ele riu enquanto beijava meu pescoço.

– Você me conhece bem demais, Hamilton. É até um pouco assustador às vezes – comecei a dar uns gritinhos conforme seus beijos se tornaram mais e mais persistentes. Cheguei até a metade das escadas antes de sentir suas mãos agarrarem minha cintura novamente e começarem a desatar o nó do meu sarongue.



## **Da revista *People*, impressão em 31 de dezembro:**

Os rumores continuam a circular sobre o paradeiro do famoso ator de *Tempo*, Jack Hamilton. Visto pela última vez no aeroporto Heathrow de Londres, pouco antes das férias, ele está completamente fora do radar. As fãs querem saber onde ele está, e estão ficando desesperadas.

As histórias estão rolando desde o fim do verão sobre a possibilidade de Jack estar envolvido com uma mulher mais velha – uma ruiva que ele foi flagrada junto com ele em LA, em várias ocasiões. Essa mulher, eventualmente, revelou ser a atriz de teatro Grace Sheridan, 33 anos, que tem a mesma empresária de Jack, Holly Newman. Apesar de toda a equipe administrativa negar as alegações de Jack estar envolvido romanticamente com ela – nove anos mais velha! – a Internet está inundada com fotos deles juntos. Após Sheridan assistir à estreia de *Tempo* em Los Angeles, o boato ressurgiu,

juntamente com fotos do casal em Nova York, onde os dois pareciam bem confortáveis enquanto caminhavam no Central Park.

Quando perguntada sobre o assunto, Newman disse: “Eles são grandes amigos. Eles se conheceram numa festa que dou para vários de meus clientes, meses atrás. Eles acabam se encontrando muitas vezes. Eles não são um casal.”

No entanto, para muitos fãs, se ele está desaparecido com Grace ou não, a questão ainda permanece: onde você está, Jack Hamilton?

## **EM BREVE: LIVRO TRÊS DA SÉRIE REDHEAD**

Sentei-me na minha cadeira, respirando pelo nariz e expirando pela boca, como sempre nos dizem para fazer. Meu coração estava batendo forte, meu pulso acelerado e as palmas das minhas mãos estavam mais úmidas do que uma tigela de sopa.

Para me acalmar e desviar a atenção dos meus nervos, eu me permiti olhar em volta por toda a sala, vendo novamente os balões de parabéns no canto, o buquê de petônias de bom gosto, rosas como um doce em cima da mesa na frente do sofá, e as tigelas de balinhas estrategicamente espalhadas pelo lugar. Conforme eu olhava e passava para o próximo item, ele retornou ao espelho na minha frente. Estudei o meu rosto enquanto continuei a trabalhar na minha respiração.

Ei, frutinha, você consegue. Sem suor.

Eu consigo. Sem erro.

Olhei para a pilha de revistas ao meu lado,

sorrindo quando vi meu garoto na capa, finalmente consagrado *The Sexiest Man Alive*. Ah, bem, é óbvio! Eu sabia disso já fazia um tempo. Seu rosto estampava várias capas mais abaixo na pilha, bem sorridente displicentemente para a câmera, lançando essa vibe de puro sexo por todo o país. Mas eu mantive a *People* no topo porque era minha favorita. Os *paparazzi* tinham sido implacáveis nos últimos meses, clicando-o em todas as horas, dia e noite, e nem sempre no seu melhor, embora esse seja um conceito relativo. Ele sempre estava muito bem.

Como de costume, quando meus pensamentos vagaram para Jack, um pouco de agitação percorreu minha barriga no seu caminho para se estabelecer em algum lugar decididamente ao sul. Antes que minha mente pudesse vagar mais, ouvi uma batida forte na porta e meu coração voltou a bater. Minha maldita respiração de ioga já era.

— Srta. Sheridan, você está sendo requisitada no set — a segunda assistente de diretor me chamou através da porta.

Primeiro dia no set da minha nova série. Não é uma grande coisa.

Realmente grande coisa.

Foi isso que ela disse.

Peguei meu script, dei uma última amassada nos meus cachos, e desci os degraus do meu trailer.

Eu tinha um trailer!

Eu dei um grande sorriso para a mulher que bateu na porta.

– Não, nada de Srta. Sheridan. Por favor, me chame de Grace – disse a ela assim que saí para encontrar Michael.